

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE



DRIVEN

A DJINN WARS NOVEL



SINOPSE

Para vencer esta corrida, ele terá que fazer mais do que apenas abraçar as curvas ...

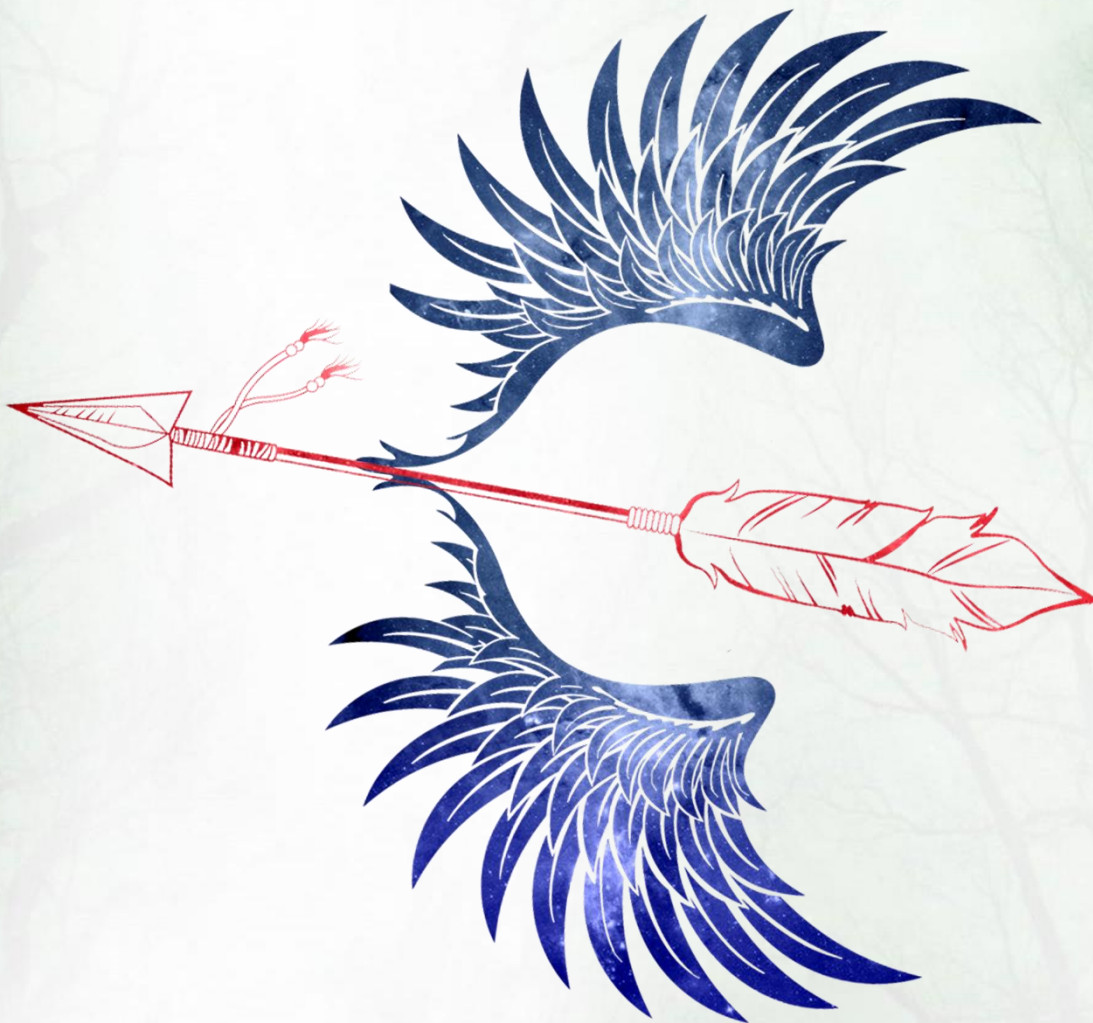
Mais de seis meses depois que o calor acabou com a maior parte da humanidade, Bailey O'Keefe mantém sua mochila embalada e seu Porsche 911 "recuperado" pronto para superar os djinn saqueadores. Ela acha que, eventualmente, acabará morta. Até então? A nuvem de poeira de seu carro é um dedo médio gigante para os novos senhores da Terra.

Até que um dia uma Ferrari vermelha aparece em seu espelho retrovisor, dirigida por um djinn que se recusa a desistir e procurar uma presa mais fácil.

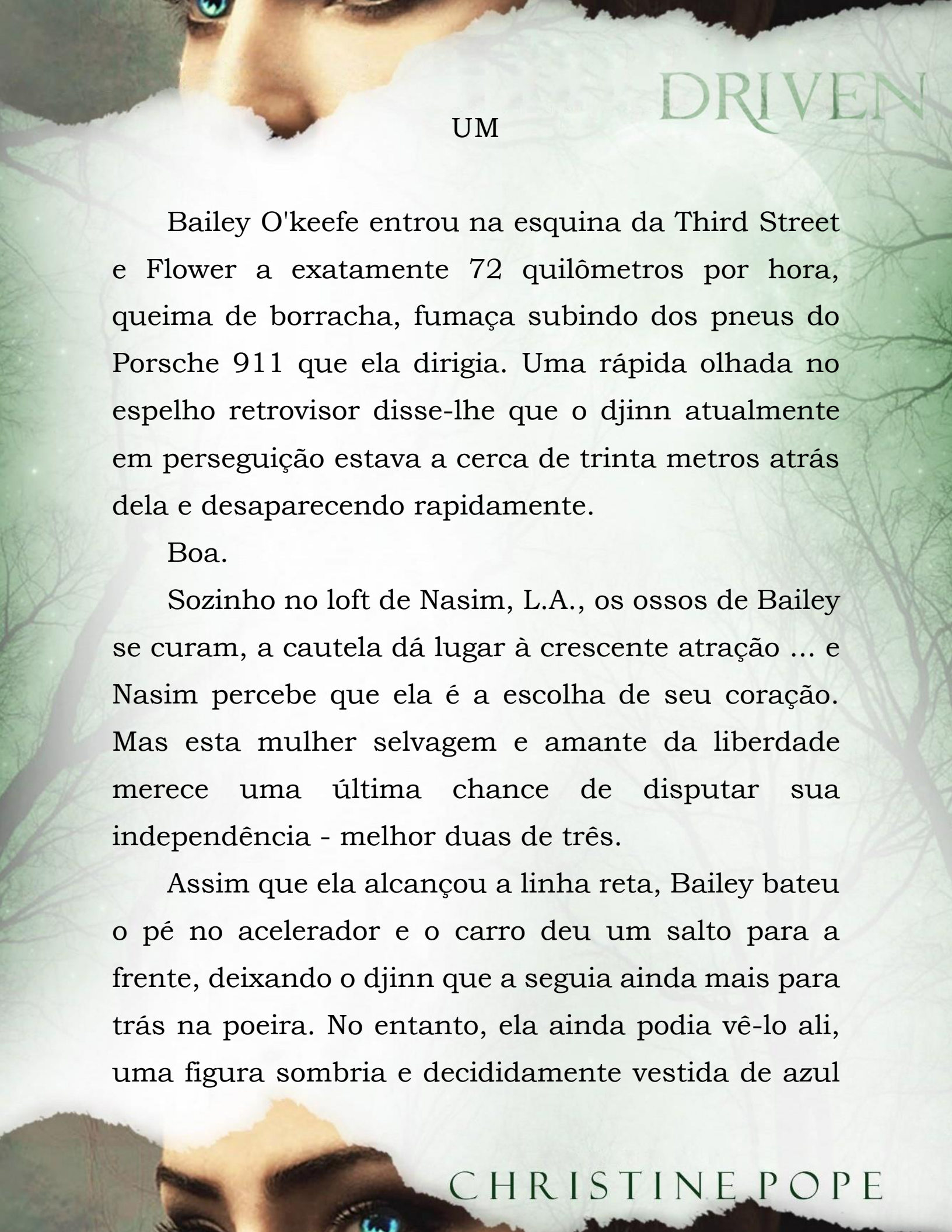
Nasim al-Jibril não quer o sangue de ninguém. A emoção da perseguição o atraiu de seus vinhedos muito tranquilos em Napa Valley para os desfiladeiros de concreto vazios de Los Angeles. Mas não é a vitória inundando suas veias quando Bailey gira seu Porsche enquanto tenta se livrar de sua perseguição - é a culpa por causar-lhe mal.

DRIVEN

*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*



CHRISTINE POPE



UM

DRIVEN

Bailey O'keefe entrou na esquina da Third Street e Flower a exatamente 72 quilômetros por hora, queima de borracha, fumaça subindo dos pneus do Porsche 911 que ela dirigia. Uma rápida olhada no espelho retrovisor disse-lhe que o djinn atualmente em perseguição estava a cerca de trinta metros atrás dela e desaparecendo rapidamente.

Boa.

Sozinho no loft de Nasim, L.A., os ossos de Bailey se curam, a cautela dá lugar à crescente atração ... e Nasim percebe que ela é a escolha de seu coração. Mas esta mulher selvagem e amante da liberdade merece uma última chance de disputar sua independência - melhor duas de três.

Assim que ela alcançou a linha reta, Bailey bateu o pé no acelerador e o carro deu um salto para a frente, deixando o djinn que a seguia ainda mais para trás na poeira. No entanto, ela ainda podia vê-lo ali, uma figura sombria e decididamente vestida de azul

CHRISTINE POPE

escuro, disparando como uma flecha na rua Flower. Em qualquer outro momento da história do mundo, isso pode ter sido uma visão incongruente, na melhor das hipóteses, já que em geral você não vê alguém com roupas vagamente do Oriente Médio voando pelo centro de Los Angeles - a menos que uma equipe de filmagem esteja gravando um filme. próximo. A essa altura, no entanto, mais de seis meses depois que o Heat exterminou a humanidade e o djinn assumiu o controle, esses elementais no ar eram quase comuns.

O cruzamento com a Sexta Rua estava chegando. Bailey virou à esquerda, ainda acima de quarenta quilômetros por hora, e arriscou outro olhar no espelho retrovisor. Nenhum sinal do djinn, e um sorriso sombrio tocou seus lábios.

Hora de ir para o chão.

O arranha-céu à sua esquerda escondia um de seus inúmeros esconderijos. Ela virou a calçada íngreme, diminuindo a velocidade para não raspar os efeitos do solo no cimento e desapareceu na garagem. Durante os meses em que estivera usando o centro de

Los Angeles como sua base, ela criou uma rede desses esconderijos, garagens subterrâneas onde ela ergueu os portões de entrada ou puxou as barreiras para que ela pudesse entrar. Pena que a energia estava esgotada, porque teria sido muito mais fácil se ela pudesse obter os controles remotos para esses vários portões de veículos abandonados na área e depois deixar os portões fecharem atrás dela, oferecendo outra camada de proteção. Infelizmente, a vida raramente era fácil neste mundo pós-Heat.

Até agora, nenhum dos djinn havia rastreado Bailey para nenhum de seus esconderijos. Ela sempre se certificou de que seus perseguidores sobrenaturais estavam fora de vista antes de entrar em uma garagem, e meticulosamente foi ao redor do centro da cidade e abriu o maior número possível dessas barreiras para esconder os lugares que realmente usava em uma base regular. Cada esconderijo continha uma sacola cheia de água engarrafada, comida seca congelada, uma muda de roupa íntima e um saco de dormir. As acomodações podem não ter

sido as mais luxuosas, mas a mantiveram segura e viva durante os últimos sete meses, apesar de seus perseguidores sobrenaturais.

Esse djinn em particular, porém - ele era tenaz. Até que ele apareceu em cena, ela notou que todos os djinn que a perseguiam desistiram depois de alguns dias. Eles estavam interessados em uma caçada fácil, e ela determinou que capturá-la seria tudo menos fácil para os bastardos. Mas este ... ele a perseguiu há quase uma semana e não mostrava sinais de desistir. Ainda bem que ela conhecia esse território como as costas da mão. Ele poderia persegui-la o quanto quisesse, mas nunca seria capaz de pegá-la.

Bailey estacionou o Porsche em um canto distante do nível mais baixo da garagem, certificando-se de que ele estava escondido atrás de um pilar de apoio. Talvez houvesse carros mais velozes em Los Angeles, mas o Porsche combinava com ela muito bem, já que ficava nas esquinas como se fosse da conta de ninguém e não era demais. Sua cor turquesa brilhante não era exatamente discreta, mas como o

911 era o único carro atualmente operando no centro de Los Angeles - ou provavelmente em qualquer outro lugar do mundo - a cor não importava. Atraiu a atenção simplesmente por causa do que era.

Se ela ainda estivesse com o grupo de sobreviventes que estavam escondidos nos túneis de vapor embaixo do campus de Caltech logo após o calor, um deles poderia apontar o dedo para ela e dizer: — Eu te disse, — desde eles estavam convencidos de que tentar dirigir em vez de ir a qualquer lugar a pé era a maneira mais rápida de atrair a atenção dos djinns. Mas todos naquele grupo estavam agora mortos, ou pelo menos, Bailey supôs que estavam. Ninguém mais parecia morar e se mudar em Los Angeles, e embora o grupo tenha se saído muito bem durante aquelas primeiras semanas terríveis após o Heat ter destruído a maior parte da humanidade, ela pensou que eles estavam cometendo um erro fatal ao se recusarem a usar carros abandonados. para transportá-los do esconderijo para o esconderijo. É verdade que os carros podiam

ser barulhentos, e o djinn certamente notaria qualquer tipo de tráfego de veículos quando a maioria do mundo estivesse morta. No entanto, depois de observar alguns ataques de djinn, observando como eles funcionavam, ela fez uma descoberta significativa.

Mesmo os djinn que podiam voar pelo ar - em vez de piscarem de um lugar para outro - não pareciam capazes de ir mais rápido do que quarenta quilômetros por hora. Ela os registrou, marcando quanto tempo levaram para passar de um cruzamento para outro, uma habilidade que ela havia aprendido em seus velhos tempos de corrida de rua. No começo, ela não queria acreditar, porque parecia uma fraqueza tão óbvia, mas novas observações provaram que sua hipótese era verdadeira.

E bem, quarenta milhas por hora era um número bastante intrigante, especialmente no tipo de carro que Bailey estava acostumado a dirigir.

Depois de deixar o grupo Caltech, ela caminhou a maior parte do caminho de Pasadena até o centro de

Los Angeles, principalmente porque as ruas intermediárias - e a curva da 110 Freeway - estavam cheias de veículos abandonados onde quer que estivessem quando seus motoristas sucumbiam. a febre mortal que matou a maior parte da população do mundo. Quando chegou aos arredores do centro da cidade, porém, viu que a maioria dos carros fora afastada, que haviam desaparecido completamente ou foram cuidadosamente montados ao longo da calçada para que as ruas ficassem limpas.

O djinn devia ter esvaziado as ruas. Por que, ela não tinha ideia, mas ela não estava prestes a olhar um cavalo presente na boca. Ela pegou um Camaro novinho em folha, limpou a poeira do carro antigo do banco do motorista e seguiu para o labirinto de ruas no centro da cidade, imaginando que seria o melhor lugar para se esconder, com toda a miríade de pessoas. buracos horríveis oferecidos no centro.

Bailey não estava lá por mais de vinte minutos antes do primeiro djinn aparecer, forçando-a a colocar sua hipótese à prova. Com certeza, ele não

conseguia acompanhá-la, embora ela logo percebesse que o Camaro, embora chamativo, não se agachava o suficiente nas curvas para satisfazer seus requisitos. Alguns dias de mar agitado pelas garagens de estacionamento do centro de Los Angeles haviam transformado o Porsche, que era tão novo que ainda possuía placas de revendedores de papel e menos de 160 quilômetros no hodômetro. Não há necessidade de conectá-lo com fio quente, porque o chaveiro foi guardado com segurança na estação de manobrista do Baltimore Hotel.

Deus, ela amava aquele carro.

Às vezes, ela se perguntava se era errado ter tanto prazer em dirigir o 911 e fugir de seus perseguidores de djinn quando tantas pessoas haviam morrido. Por outro lado, nada do que ela fizesse agora traria essas pessoas de volta. Talvez um dia um daqueles djinn a alcançasse, e então ela estaria tão morta quanto todos os outros. Enquanto isso, ela também pode se entregar, dando-lhes o dedo do meio sempre que puder.

Tirou uma lanterna de camping do porta-malas do Porsche e levou-a para onde estava localizada sua bolsa, depois espalhou o saco de dormir no chão e sentou-se. Estava muito escuro aqui, exceto pelo pequeno círculo de luz que a lanterna fornecia, mas Bailey se recusou a se assustar com a escuridão, do jeito que parecia pressioná-la. Não havia nada a temer nesses abrigos subterrâneos, exceto talvez alguns ratos. Mesmo eles não pareciam muito interessados nela nas poucas vezes que ela os encontrou. Eles eram gordos e atrevidos, lustrosos e saudáveis, e ela se perguntou onde eles estavam conseguindo comida para comer. Afinal, este não era o tipo de apocalipse confuso que deixava muitos cadáveres para os ratos se alimentarem. Não, todos os mortos haviam desaparecido em pilhas agradáveis e arrumadas, sem necessidade de limpeza. Meio útil, na verdade.

Quando Bailey tirou uma barra de proteína de sua bolsa, pensou no djinn que mais uma vez a perseguira hoje. Mesmo que ela tivesse conseguido lhe dar uma folga esta tarde, sua persistência a

preocupou um pouco. Ele havia entrado em cena pela primeira vez cerca de uma semana atrás, assustou-a quando surgiu do nada enquanto ela saqueava o conteúdo de uma bodega perto de alguns lofts chiques no distrito de artes do centro da cidade. O instinto tomou conta, e ela correu para o Porsche, atirou sua presa no banco do passageiro e saiu dali a quase 160 quilômetros por hora. Ele havia perseguido, mas não havia como ele voar rápido o suficiente para acompanhar, e ela o perdeu em breve.

Mas ele não desistiu. Parecia que quase toda vez que ela aparecia em um dos esconderijos subterrâneos, ele estava esperando por ela, embora nunca estivesse perto o suficiente para fazê-la se preocupar que ele realmente soubesse onde ela estava se escondendo. Não, ele era apenas um filho da puta de sorte.

Não teve sorte o suficiente, considerando que ela acabara de lhe dar o recado novamente.

Ela mastigou sua barra de proteínas, considerando seu perseguidor sem nome. Ao

contrário dos outros djinn que perseguiram nos últimos seis meses, que pareciam escuros e de aparência um tanto mediterrânea, esse djinn tinha cabelos arenosos e pele clara bronzeada até um marrom dourado claro. Ele nunca havia chegado perto o suficiente para ela ver de que cor eram os olhos dele - graças a Deus - mas ela teve a sensação de que provavelmente eram azuis. Como todos os djinn, ele parecia fisicamente perfeito na aparência, com o tipo de abdômen que um rato de academia mataria e bíceps protuberante revelados pelo manto aberto e sem mangas que ele usava. Se ela o visse em um clube ou em uma corrida de rua, provavelmente teria subido e flertado com ele. O problema era que esse djinn não estava procurando por uma conexão.

Não, ele só queria ter certeza de que ela estava morta, assim como qualquer outro ser humano na face do planeta.

Que pena. Se ele fosse bem sucedido, teria que fazer muito melhor do que hoje. E isso não parecia

muito provável, considerando que ela tinha as leis da física do seu lado.

Sorrindo, ela pegou a garrafa de água, tomou um gole e começou a planejar mentalmente outro dia de perseguição.

Nasim al-Jibril abaixou-se na calçada e parou no meio da rua, braços cruzados, uma carranca franzindo a testa. Não havia nenhuma razão real para ele acreditar que melhoraria a mulher hoje, não quando ela já o derrotou cinco vezes nesta semana, mas a esperança, ao que parecia, surgiu eternamente.

O veículo que ela dirigia era tão incrivelmente rápido.

Ainda franzindo a testa, ele andou alguns passos e depois parou para poder olhar em volta para os edifícios que se elevavam acima dele. Muitas dessas estruturas tinham estacionamento subterrâneo; ele assumiu que era onde ela conseguia se esconder. Talvez ele devesse realizar uma inspeção organizada deles para ver se ele poderia encontrar algum vestígio

dela, mas o problema era que havia tantos que ela provavelmente teria ido para a próxima quando ele a alcançasse. Tanto quanto ele podia dizer, ela não tinha nenhum plano de ação quando dirigia, exceto para evitá-lo, e por isso seus movimentos erráticos tornaram duplamente difícil determinar onde ela poderia ter aterrado.

Demorou um pouco para os rumores sobre esse fantasma de um homem que assombrava as ruas do centro de Los Angeles para alcançar os ouvidos de Nasim. As terras que ele havia sido dado por ele mesmo ficavam muito ao norte daqui, em um lugar que os homens chamavam de Napa, e tantos meses se passaram antes que ele soubesse dela, em histórias negociadas por aqueles que tinham o dever de livrar o mundo dos últimos remanescentes da humanidade, aqueles miseráveis sobreviventes que de alguma forma estavam imunes à febre que o djinn criara. Mas assim que soube dela, a mulher de cabelos louros em um carro da cor do céu, ele havia tentado ir a Los Angeles e ver se teria alguma sorte

melhor do que aqueles que a perseguiram na cidade.
passado.

Não que ele tivesse estômago verdadeiro para matar. Ele não estava entre os djinns que se alegraram em erradicar a humanidade deste mundo. No entanto, essa mulher apresentava um desafio, e Nasim sentiu que ele poderia enfrentar um grande desafio. O lugar que ele havia se instalado era muito bonito, é verdade, mas não havia muito o que ocupar ali, principalmente porque as videiras haviam acabado de ser colhidas quando ele chegou para inspecionar sua nova casa. Antes de receber suas terras, ele pensava apenas no vinho em termos de quanto gostava de beber, mas agora percebeu que precisaria cuidar das videiras para sobreviver. Ele leu livros sobre o assunto e podou aqui e ali, conforme necessário, afastou a geada e garantiu que nenhum inseto prejudicial atacasse as plantas frágeis, mas não havia muito mais o que fazer até que a fruta aparecesse nas videiras. Parecia o momento perfeito

para viajar até aqui e ver se ele podia pegar aquela mulher que escapara de tantas outras da sua espécie.

O que ele não esperava era a beleza dela. Ela parecia bem jovem, não mais que vinte e cinco anos humanos, no máximo. Nasim não conseguia entender por que ninguém da sua classe a havia escolhido como escolhida, pois ela certamente era adorável o suficiente. Talvez o espírito dela fosse tão feroz que os djinn que haviam decidido salvar um humano para seu eterno parceiro haviam determinado que seria mais seguro reivindicar alguém um pouco mais licencioso.

Seja qual for o motivo, ela certamente parecia estar sozinha. O boato era que ela estivera com um grupo de sobreviventes fugindo não muito longe daqui, mas que o restante deles havia sido pego e morto. Se isso era verdade ou não, não fazia muita diferença para ele. Só importava que ela o tivesse dado um propósito, algo para ocupar seu tempo. Mais cedo ou mais tarde, esse jogo teria que terminar, ele

supunha, mas, enquanto isso, ele também poderia se divertir.

No entanto, parecia que ele teria que mudar de tática. Com um gesto impaciente, ele piscou de volta para o loft que ele havia usado para seu uso enquanto caçava sua pedreira. O centro de Los Angeles era uma terra de ninguém em termos de população djinn; ninguém morava aqui permanentemente, pois todos os djinn que receberam terras no sul da Califórnia estão mais no interior, em áreas menos desenvolvidas. Havia uma comunidade de djinn e seus Escolhidos não muito longe, em um lugar chamado Bel-Air, mas, novamente, eles não tinham motivos para vir ao centro morto da cidade de Los Angeles.

O loft certamente não era o maior nem o mais luxuoso da região, mas era confortável e oferecia vistas deslumbrantes da cidade. Havia também um deck na cobertura e piscina. Embora ele ainda não tivesse se incomodado com a piscina, tinha que admitir que era bastante agradável sentar no convés,

beber vinho e observar a cidade, os olhos sempre procurando nas ruas abaixo por algum sinal de movimento. Várias vezes ele viu o carro azul brilhante da mulher desse ponto de vista, mas nunca esteve perto o suficiente para que ele pudesse alcançá-la antes que ela desaparecesse novamente. Seu talento inato de se piscar de um lugar para outro não era realmente útil aqui, pois ela era astuta o suficiente para que ele ainda não tivesse sido capaz de antecipar seus movimentos e se colocar onde esperava que ela estivesse. Claramente, ela conhecia as ruas e os becos do centro da cidade muito melhores do que ele.

Ainda com o cenho franzido, Nasim estalou os dedos e chamou um copo de vinho branco para si. Parecia um copo frio de Viognier, perfeito para saciar sua sede depois de mais uma infrutífera perseguição em um dia quente.

O pensamento de que a mulher era tão hábil em fugir da captura o incomodava. O que o irritava ainda mais era que ele, um djinn, deveria ter sido capaz de pegá-la facilmente. Ele não comandou o poder do ar?

Ele não podia voar mais rápido que o pássaro mais rápido?

Bem, isso não parecia importar muito, porque o carro dela era muito, muito mais rápido.

O carro dela era muito mais rápido....

Claro. Nasim tomou um gole grande de vinho e quis balançar a cabeça para si mesmo. Por que diabos ele não tinha pensado nisso antes dele? A solução era realmente tão simples que deveria ter ocorrido a ele pela primeira vez que ele viu aquele veículo elegante e com tons de céu desaparecer em uma esquina e deixá-lo na poeira proverbial.

Se ele queria que a situação mudasse, então ele deveria mudar. E isso significava esquecer o que sabia e aprender algo que não sabia. Ele sorriu ao pensar na surpresa que tocaria seu rosto, no choque quando ela percebeu que ele havia trazido a luta para ela.

Enquanto bebia o vinho, ele se perguntou quanto tempo levaria para aprender a dirigir um carro.

Um dos itens que Bailey pegara durante suas expedições de forrageamento era um pequeno calendário de parede, o tipo de coisa que os fabricantes de autopeças costumavam distribuir gratuitamente. Graças a Deus que este só tinha imagens inócuas de locais emblemáticos de Los Angeles, em vez de meninas de biquíni, já que tinha visto o suficiente daqueles pendurados nas paredes das garagens onde trabalhou para durar a vida toda. Mas ela teria aceitado o calendário, mesmo que tivesse incluído T&A gratuitos, porque queria ter certeza de manter um registro preciso da passagem do tempo. Agora era início de maio e ela havia deixado o grupo Caltech apenas alguns dias até outubro.

Por qualquer tipo de estimativa, demorou muito tempo para ficar sozinha, ela supôs, mas Bela teve a sensação de que sua solidão era parte do que a salvara. De qualquer forma, não era a data em si que a perturbava agora, mas a constatação de que o novo

djinn havia entrado em cena dez dias atrás, e fazia quatro dias desde que o vira pela última vez. Ele também desistiu?

Quem sabia que Djinn poderia ser tão preguiçoso? ela pensou enquanto bebia a última água da garrafa e cuidadosamente guardava o lixo no porta-malas do Porsche. A princípio, parecia quase criminoso usar seu amado 911 para esse fim, mas ela fez questão de guardar tudo antes de descartá-lo em outro lugar. Havia muitas lixeiras no centro da cidade, e ela achou que era mais inteligente não deixar lixo para trás nos lugares onde ela caiu. Pelo menos assim, o djinn não podia rastreá-la simplesmente pelo lixo que ela criou.

Bem, se o último djinn dele tivesse escapado, por qualquer motivo, ela poderia ter certeza de que outro apareceria em breve para ocupar o lugar dele. Que pena, porque ele era malditamente fofo.

Não que isso importasse de um jeito ou de outro, é claro, mas sempre era bom ter algo bonito de se olhar no espelho retrovisor.

Uma vez arrumado o lugar onde ela dormiu, ela foi em frente, entrou no Porsche e ligou. O medidor de combustível dizia que o tanque estava três quartos vazio. Ela carregava uma lata de gasolina no porta-malas, mas isso era para emergências terríveis.

Hora de sair sifonado. Era muito mais fácil do que ir a um posto de gasolina e colocar as bombas no manual. Bailey sabia como fazer isso, mas não havia muitos postos de gasolina no centro da cidade, e sentia-se insegura por estar muito longe de qualquer um de seus buracos ocultos. Melhor pegar o que ela precisava de um dos veículos abandonados do centro da cidade. Só Deus sabia que parecia haver um suprimento interminável deles. Na bolsa, ela carregava um pequeno caderno para acompanhar os carros que já havia drenado; deixar qualquer tipo de marca física nesses carros poderia ter dado ao djinn uma pista sobre seu paradeiro. Ter seu próprio diário particular parecia mais seguro. No fundo de sua mente espreitava a preocupação constante com o que ela faria quando o gás contido naqueles carros

abandonados finalmente começou a ficar ruim, mas ela disse a si mesma que tinha problemas muito maiores para lidar agora. Afinal, embora ela naturalmente preferisse dirigir, ela sabia que sempre poderia fugir de Los Angeles a pé, se necessário.

Ela conduziu o carro pela rampa da garagem e parou por um segundo para olhar em volta e se orientar. Como sempre, as ruas estavam vazias. Hoje, porém, a manhã parecia sombria e quase assustadora, graças a uma névoa espessa que havia se movido durante a noite. Típico para esta época do ano - — maio Cinza— geralmente dava lugar a — junho sombrio, — graças à camada marinha que tendia a espreitar na costa do sul da Califórnia - mas ela odiava o mesmo. Quando o tempo estava assim, ele sempre despertou pensamentos de apocalipse zumbi e hordas de mortos-vivos que se aglomeram nas ruas, embora intelectualmente Bailey soubesse que esse não era o tipo de fim do mundo.

A névoa era espessa o suficiente para que ela não pudesse ver mais do que alguns quarteirões.

Contornou os arranha-céus, transformou o sol em um disco pálido e ineficaz. Por mais que ela gostasse de ligar os faróis baixos, sabia que não era uma boa ideia. Não, ela só teria que se arrastar até chegar a uma área que ainda não havia drenado.

Felizmente, ela não precisou dirigir mais do que alguns quarteirões. Distinguir uma grande Mercedes S-Class. estacionado em frente ao US Bank Tower, Bailey parou e saiu do Porsche, então de volta correu para o tronco para sair da mangueira que ela usou para sifão de gás, juntamente com o gás pode que viajou por toda parte com ela. Enquanto o 911 podia rodar com combustível de baixa octanagem, era sempre melhor conseguir o material premium, se podia, e foi por isso que ela fez do Mercedes seu alvo.

A classe S não estava trancada. Ela viu o porquê logo - uma pilha limpa de poeira cinza no banco do motorista, presumivelmente o ex-proprietário do carro. Ignorando a poeira, ela voltou e abriu a pequena porta na parte traseira direita do veículo, depois removeu a tampa do acelerador.

Era difícil encontrar algo que tivesse um gosto mais sujo que gasolina, mas ela estava tão acostumada a desviar as coisas que, a essa altura, ela mal percebia. O líquido começou a derramar na lata de gás, batendo contra o plástico. Em uma manhã nublada e nebulosa como esta, todos os sons pareciam amplificados, e ela estremeceu com o barulho que estava fazendo. Então, novamente, quem estava por perto para ouvir? Até seu último perseguidor parecia ter se recuperado, cansado de persegui-la, assim como todos os outros djinn que cruzaram seu caminho.

Mas então um ruído baixo e rosnado chegou aos seus ouvidos, um que parecia ficar mais alto a cada segundo que passava. Bailey olhou em volta, mas não viu nada, apenas mechas de neblina serpenteando pelos cantos dos edifícios, encobrindo o topo dos arranha-céus na penumbra.

Um par de faróis atravessou a neblina. Ela se assustou, tão chocada com a visão inesperada que deixou cair a mangueira do sifão no chão. O gás

começou a derramar na calçada, mas ela percebeu que o combustível que vazava era a menor das suas preocupações, pois da neblina surgiu um flash de vermelho brilhante, um carro tão absurdamente absurdo que levou um momento para seu cérebro chocado se registrar. o que era.

Uma maldita Ferrari?!

O instinto entrou em ação, e ela correu para o Porsche e pulou para dentro, batendo o pé no acelerador enquanto batia a porta, a lata de combustível abandonada e a mangueira de sifão ainda caídas na rua. Ela não parou para pensar que possivelmente o motorista da Ferrari poderia ser outro sobrevivente. De alguma forma, ela sabia que não poderia ser, não quando não via outro ser humano há mais de seis meses.

Os faróis estavam no espelho retrovisor, aproximando-se. Bailey lutou com o cinto de segurança enquanto dirigia, ouvindo-o finalmente se encaixar no lugar enquanto passava pela esquina na Third e na Los Angeles Street, indo para o norte e

leste. O nevoeiro havia umedecido a superfície da estrada apenas o suficiente para que estivesse levemente escorregadio, e ela podia sentir os pneus traseiros começarem a escorregar. Felizmente, o controle de tração travou, mas seus dedos apertaram o volante, no entanto. A essas velocidades, não demorou muito para acabar em um mundo de mágoas se você não tivesse cuidado.

Apenas dirija, ela disse a si mesma, forçando os olhos para longe do retrovisor. Dirigir pelo espelho era uma maneira fácil de estragar. Ela precisava manter o foco para a frente, na estrada à frente. Ficar obcecado com o que seu perseguidor estava fazendo apenas a atrasaria.

Ainda assim, ela não pôde deixar de se perguntar onde diabos ele havia conseguido uma Ferrari. Se seu perseguidor sem rosto era mesmo o — ele — que ela estava pensando. Pelo que ela sabia, esse realmente era outro sobrevivente vindo atrás dela, e ela se sentiria uma completa idiota quando a verdade surgisse.

Seus instintos estavam lhe dizendo o contrário, no entanto.

Agora, gritando para Grand, dando uma volta pelo complexo de centros musicais que incluía o Ahmanson, o Pavilhão Dorothy Chandler e o Mark Taper Fórum. Bailey conhecia esses locais apenas como nomes, já que ela nunca teve dinheiro ou disposição para assistir aos tipos de apresentações que costumavam ser realizadas lá. A neblina parecia mais fina nesta parte da cidade, e ela arriscou um rápido olhar de volta para a Ferrari, agora apenas a alguns metros de distância do seu traseiro. Estava perto o suficiente para que ela pudesse ver através do para-brisa, podia ver as características afiadas e bonitas do djinn que tinha sido seu perseguidor até alguns dias atrás.

Merda.

Desde quando djinn poderia *dirigir*?

Desde agora, aparentemente. Bailey queria acreditar que seus olhos a estavam enganando, mas ela sempre teve uma visão 20/20, então sabia o que

tinha visto era real. Aquele era um djinn ao volante da Ferrari vermelha, e a única coisa a fazer era rezar como o inferno para que suas habilidades de condução fossem melhores que as dele.

Ao virar a Hope Street, viu uma abertura à esquerda, que provavelmente já havia sido usada para estacionamento com manobrista no Music Center. Agora estava desocupado, restando apenas alguns carros abandonados para marcar seu objetivo anterior. No entanto, além de um amplo espaço aberto, ainda havia alguns quiosques e mesas de piquenique de concreto, os guarda-chuvas no alto agora desbotavam e rasgavam depois de passar meses e meses no vento e no tempo. Bailey não se importava com os guarda-chuvas, no entanto. O que ela se importava era a rota óbvia que a expansão aberta lhe oferecia. Ela poderia atravessar por lá e voltar para Grand, perder-se nas ruas que conhecia tão bem. O djinn que a perseguia nunca esperaria esse tipo de manobra maluca.

Sem parar para pensar, ela tirou o pé do acelerador, reduziu manualmente para a terceira e depois virou à esquerda, empurrando o Porsche sobre as calçadas que separavam a área de manobrista da Hope Street. O carro ricocheteou, mas seguiu em frente, seu controle de tração certificando-se de que ela experimentasse apenas o pouquinho antes de o 911 se endireitar e continuar.

Atrás dela, ela ouviu um barulho de freios quando a Ferrari se virou para segui-lo. Droga. Outro rápido olhar no retrovisor, que dizia a ela que o djinn não tinha escrúpulos em empurrar um quarto de milhão de dólares em engenharia italiana sobre os mesmos meios-fios. É verdade que ela abusara do Porsche, mas pelo menos sabia como consertá-lo se algo acontecesse.

Não há tempo para se preocupar com isso agora. Ela percorreu o que costumava ser a famosa fonte subterrânea do Music Center, os dentes cerrados contra o movimento adicional causado pela superfície

irregular, os dedos cerrados no volante. A Grand Avenue estava chegando rapidamente.

Somente -

Merda. *Merda.*

Escadas.

Escadas íngremes e íngremes, descendo do nível do Music Center até a Grand Avenue abaixo. Ela tinha esquecido o estacionamento subterrâneo do complexo, a maneira como ele foi esculpido na encosta.

Pise no acelerador, pisando no freio, engatando freneticamente na segunda marcha. O Porsche diminuiu a velocidade, mas não o suficiente. Os pneus atingiram o degrau superior, escorregaram, o controle de tração não encontrou nada para prender. Inclinando-se agora, a extremidade traseira se aproximando do cimento úmido. Bailey mordeu o lábio, mordeu com tanta força que podia sentir o sabor metálico do seu próprio sangue. Uma sensação doentia atingiu seu estômago quando o Porsche começou a rolar, triturando as escadas.

Depois de colidir com uma das paredes de retenção de ambos os lados da escada, a parte da frente amassada como o punho de um gigante havia acabado de esmagar o metal, a escuridão desceu e a levou para longe.

Nasim viu o carro azul brilhante subir as escadas, os pneus cantando. Horrorizado, ele o viu começar a virar e descer a escada íngreme que levava à rua no lado sul do complexo do Music Center. Ele poderia ter sofrido o mesmo destino - havia aprendido a dirigir, mas não podia se considerar um especialista - se não usasse seus poderes de djinn para reunir o ar e usá-lo como uma almofada para desacelerar o veículo ele dirigiu, ajudando os freios a fazerem o trabalho deles. Por causa disso, o carro parou a alguns centímetros dos degraus que haviam provado ser a queda da jovem.

Sem hesitar, ele piscou para fora da Ferrari e desceu até o nível da rua, onde o Porsche havia pousado de lado. O metal elegante agora estava

pontilhado e amassado, mas o centro do veículo parecia mais ou menos intacto.

Graças a Deus.

Ele correu para o carro, agarrou a porta do motorista e a abriu. A jovem ainda estava em seu assento, mantida no lugar pelo cinto de segurança que ela estava. Os olhos dela estavam fechados e o sangue obscurecia metade do rosto.

Mas ele poderia dizer que ela ainda respirava.

Imediatamente seus dedos estavam no cinto de segurança, desatando-o para que ele pudesse tirá-la dos destroços do Porsche. Seu corpo estava tão mole que ele temia o pior, mas depois que a deitou no asfalto e colocou uma mão trêmula em sua garganta para sentir seu pulso, ele poderia dizer que ela ainda estava viva. Quão gravemente ferido, ele não sabia ao certo. Ela poderia ter ossos quebrados, sangramento interno ... nesse caso, não havia muito o que ele pudesse fazer por ela. Seu povo, abençoado com saúde sem fim e juventude eterna, tinha muita pouca necessidade de curadores.

Ainda assim, ele teria que tentar.

Ele a abraçou. Ela não se mexeu, não fez nenhum protesto, o que lhe disse que devia estar perdida em profunda inconsciência. E embora ele entendesse por que ela fugira, ele não pôde deixar de sentir um lampejo de raiva irracional por fazer isso consigo mesma. Se ela não tivesse tentado tanto fugir ...

Não, isso estava sendo injusto. Ela não tinha motivos para acreditar que não teria sofrido o mesmo destino que todo o seu povo, se ele tivesse conseguido alcançá-la.

Um piscar de olhos, e eles estavam em seu apartamento. Nasim levou-a para o quarto e afastou as roupas de cama e depois a deitou gentilmente. Ele não queria machucá-la, lutando para remover a jaqueta de couro que ela usava, ou suas botas pesadas, e então ele estalou os dedos e levou esses itens problemáticos para o armário. Outro estalo, e uma tigela de água morna e um pano macio apareceram.

Ele se inclinou e limpou cuidadosamente o sangue do rosto dela. Houve um corte na testa, provavelmente causado pelo vidro voador do para-brisa do Porsche. Poderia ter sido muito pior, embora o ferimento sangrasse livremente, como costumavam acontecer. Ele o enxugou até que o fluxo de sangue diminuiu e depois pareceu parar. Boa. Isso foi melhor.

Agora que a jaqueta havia sumido, ele podia ver que a carne em volta da clavícula já estava começando a ficar em tons alarmantes de roxo e azul. Com muito cuidado, ele colocou os dedos contra o osso sob a pele, podia sentir as bordas quebradas rangerem sob as pontas dos dedos.

Não é à toa que ela desmaiou. Provavelmente tinha sido uma defesa contra a dor.

Nasim ficou contente por ela estar inconsciente em segurança, porque ele duvidava que ela gostasse do que ele faria em seguida. Assim como ele tirou a jaqueta e as botas dela, ele fez o mesmo com a camiseta e o jeans encharcado de sangue, para poder ver que outros ferimentos ela havia sofrido.

No entanto, enquanto passava as mãos pelos braços dela e depois pelas pernas e pelo esterno, ele não encontrou outros sinais de algo quebrado. Solavancos e contusões, é claro, mas esses se curariam com rapidez suficiente. Foi a clavícula quebrada que lhe causou maior preocupação.

Tinha fraturado no lado esquerdo, o que significava que ele deveria manter o braço esquerdo dela imóvel. Mais de uma vez em suas viagens pela cidade, ele notou o hospital nos arredores do centro da cidade. Foram necessários apenas alguns segundos para piscar a si mesmo, mais alguns para ler o diretório e localizar a enfermaria ortopédica. Um pouco de remexer na sala de suprimentos forneceu a funda que ele procurava. Para estar seguro, ele pegou várias, junto com algumas roupas de hospital, depois voltou ao seu loft.

A mulher ainda estava inconsciente. Mesmo assim, ele teve cuidado ao se aproximar da cama. Ele imaginou que ela não ficaria feliz com ele por tirar a roupa e, então, colocou um dos vestidos nela e depois

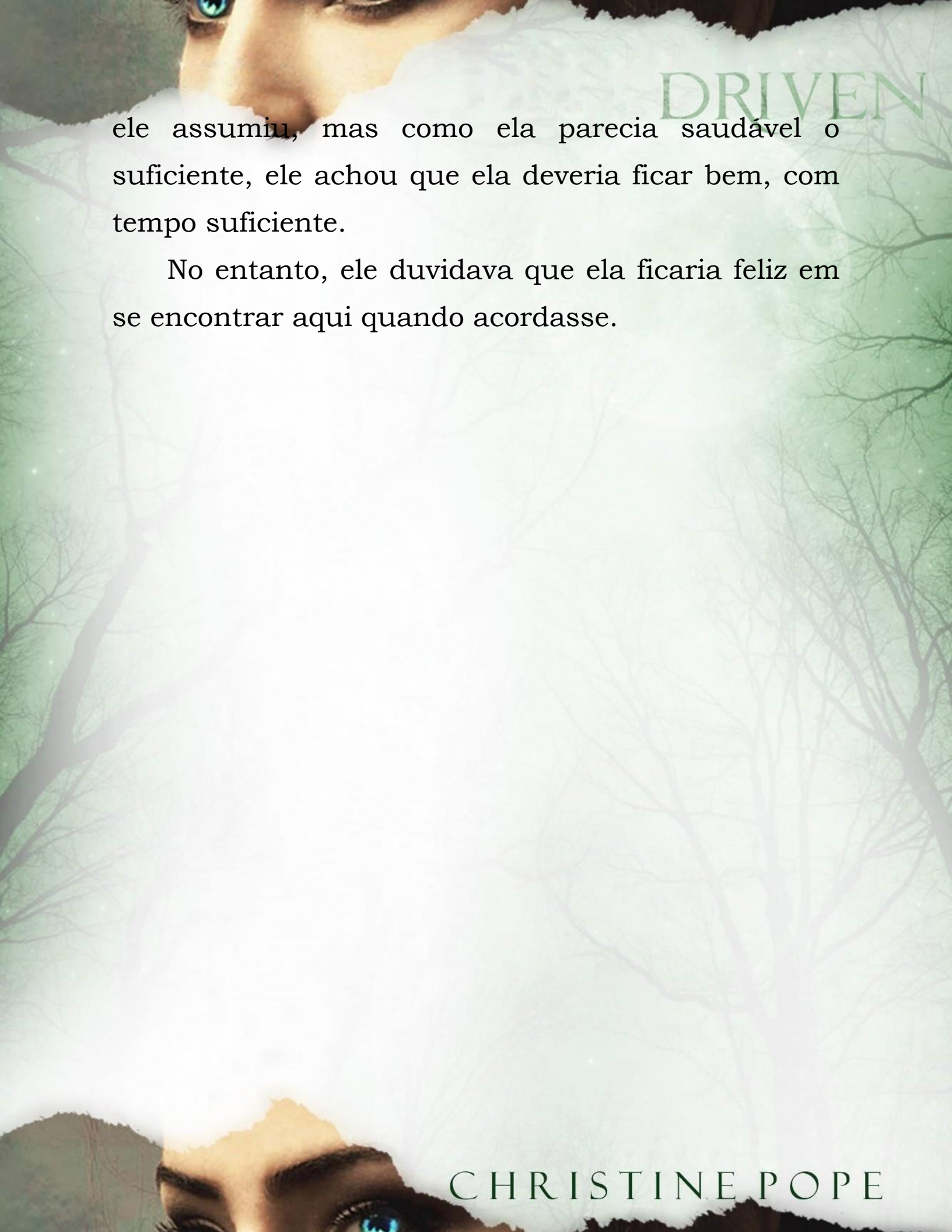
enfiou o braço esquerdo na funda. Enquanto ele trabalhava, ela emitiu alguns sons chorosos, mas esses devem ter nascido do reflexo e nada mais, já que ela não mostrava sinais de acordar.

Então ele terminou, seu braço esquerdo imobilizado em segurança, seu corpo esbelto agora modestamente coberto mais uma vez. Nasim tentou não pensar muito no quão bonito era aquele corpo, até machucado e agredido pelo acidente. Suas pernas eram longas, sua cintura esbelta, seus seios - o que ele podia ver deles no sutiã branco liso que ela usava - arredondados e cheios.

E o rosto dela ...

Nasim esteve em Florença durante o Renascimento, viu a arte magnífica criada lá. Se Botticelli tivesse vislumbrado essa adorável jovem, ele certamente desejaria pintá-la.

Mas havia poucos mortais para pintar agora, e Nasim sabia que ele não possuía essa habilidade em particular. Ele só podia ficar aliviado por a jovem ter sobrevivido ao acidente. Sua recuperação seria lenta,



DRIVEN

ele assumiu, mas como ela parecia saudável o suficiente, ele achou que ela deveria ficar bem, com tempo suficiente.

No entanto, ele duvidava que ela ficaria feliz em se encontrar aqui quando acordasse.

CHRISTINE POPE

TRÊS

Todos os músculos do corpo dela doem. Sua cabeça latejava, e havia uma dor maçante especialmente alarmante em sua clavícula, que dizia que ela havia sido ferida e provavelmente muito grave.

Muito mais alarmante do que isso, no entanto, era o homem que estava sentado ao lado da cama e a olhou com muito mais preocupação nos olhos do que ela esperava.

Azul. Eles eram de um azul puro e penetrante, como ela pensou que eles seriam.

— O que?— A palavra saiu em um coaxar, e ela imediatamente começou a tossir.

— Aqui, — disse ele, segurando um copo de água. — Você pode beber?

Ela poderia? Provavelmente. Ele sentou-se no lado direito, no lado não lesionado.

Não, arranhe isso. Seu lado *menos* ferido. Seu ombro palpitava e ela podia ver hematomas e

arranhões no braço enquanto o levantava para tirar a água dele. Assim, ela foi capaz de se mover, mesmo tendo que cerrar os dentes contra a dor. Deus, ela teria matado por alguns Percocet naquele momento.

No entanto, como não parecia haver pílulas, ela bebeu a água e tentou não estremecer. Embora ele devesse saber a extensão de seus ferimentos - ela não tinha ilusões sobre quem a colocara nessa camisola do hospital ou enfiara o braço na tipoia - Bailey ainda não queria que ele soubesse o quanto tudo doía. Melhor se concentrar no que diabos ela estava fazendo aqui. Esse devia ser o lugar dele, ou pelo menos o lugar que ele estava usando como base enquanto tentava caçá-la. Parecia caro, de uma maneira industrial. Um loft, provavelmente, um daqueles pequenos empregos no centro de Los Angeles que custariam cerca de um milhão de dólares por algo menos do que mil e quinhentos metros quadrados.

Não que um djinn tivesse que se preocupar com o preço dos imóveis. Não era como se o dono original desse lugar precisasse mais dele.

Era mais fácil pensar sobre isso, ou sobre como o djinn parecia falar inglês perfeito, do que sobre o quanto ela tinha estragado tudo ... ou o quão assustada ela estava.

Olhando para ele, ela perguntou: — Por que não estou morta?

Ele disse: — O cinto de segurança impedia que você fosse ejetada do veículo. E suponho que ela tivesse uma infraestrutura tão restrita que impedisse que o compartimento de passageiros fosse esmagado, embora eu não saiba muito sobre engenharia de segurança veicular.

O que na verdade era uma avaliação bastante precisa de por que ela não era um ponto úmido no meio da Grand Avenue. No entanto, essa não era a resposta verdadeira.

Ainda segurando o olhar dele, ela disse: — Você sabe que não foi o que eu perguntei.

Nem mesmo um piscar de olhos. Tão perto, ela podia ver os cílios castanhos grossos que franjavam seus olhos azuis, as linhas fortes de seu queixo esculpido. Quase bonito como modelo, mas havia uma vantagem nele que ela duvidava que a maioria dos modelos masculinos já possuísse. E então havia aquele corpo assassino, mal escondido pela túnica aberta sem mangas que ele usava - uma que agora estava manchada de sangue.

O sangue dela.

Com o mais leve suspiro de uma sobrancelha, ele disse: — Você quer dizer, por que eu não matei você?

Ela apertou os lábios e assentiu.

— Eu não queria.

— Por que não?— Bailey tomou outro gole de água e perguntou, seu tom deliberadamente duro. — Não é isso que vocês estão fazendo?. —

— Então, você sabe o que eu sou.

— Sim.— No começo, ela não queria acreditar. Ela queria pensar que o homem louco no rádio, aquele dos laboratórios de Los Alamos, com quem o

grupo Caltech havia entrado em contato brevemente, estava balbuciando, enlouquecido por toda a morte ao seu redor. Não tinha sido muito difícil acreditar que aquele cientista louco em particular havia inventado sua teoria sobre criaturas sobrenaturais criando a doença que destruiu o mundo.

Ao contrário de alguns dos outros, Bailey ainda não tinha visto um djinn assassinar ninguém. Quando o mundo desmoronou, pessoas caindo como moscas em todos os lugares e se transformando em pó, ela pegou um carro na loja onde trabalhava em El Monte e seguiu para o norte, tendo a vaga ideia de que talvez se escondesse no alto. o deserto ao redor de Lancaster ou Palmdale estaria seguro. Foi então que Tyrell Johnson a sinalizou enquanto ela dirigia pela Lake Avenue, esquivando-se de carros abandonados. Ele disse a ela que não era seguro dirigir, que ela seria pega se não tomasse cuidado.

Não muito tempo depois disso, ela ouviu pela primeira vez sobre o djinn do homem no rádio. Miles Odekirk. Claro, o verdadeiro problema era que,

embora o que ele estava dizendo parecesse louco, *ele* não parecia particularmente louco, era muito calmo, se é que alguma coisa. E Bailey não havia descoberto o que fazer sobre isso.

De qualquer forma, ela sabia o que eram os djinn, como eles se certificaram de matar todos os seres humanos que não haviam sido derrubados pelo calor.

— Ah, — disse o djinn após uma longa pausa, aparentemente decidindo como ele deveria abordar isso. — Eu não sou um exterminador como aqueles que você já viu no trabalho desde a morte. Não desejo matar você. —

— Então por que você estava me perseguindo?

— Porque....— A palavra parou quando ele pareceu reunir seus pensamentos. — Porque eu ouvi falar de você, sobre uma mulher ilusória no centro de Los Angeles que ninguém parecia capaz de capturar. Eu pensei que viria aqui e tentaria por mim mesmo.

—

Ele fez parecer que ela era um tigre branco raro que ele estava caçando. Na verdade, isso pode ser

exatamente como ele a viu. Pior, algo para ocupar seu tempo. Ela deveria ficar lisonjeada com a avaliação dele? Ela não sabia. Seu cérebro doía, e ela não queria pensar nessa possibilidade.

Outra pergunta surgiu em seu cérebro, no entanto. O que djinn fez quando eles não estavam matando humanos?

— Bem, você conseguiu, — disse ela. — Você me pegou. O que agora?

— Não tenho certeza, — respondeu ele. — Essa última perseguição, nos carros. Foi muito ... emocionante. —

Essa não era a palavra que ela teria usado para isso. Mais como aterrorizante. Então, novamente, ela tinha certeza de que ele a mataria no segundo em que a alcançou, mas esse não parecia ser o plano dele ... a menos que ele estivesse tentando fazê-la pensar que era inofensivo, para que o choque dele a atacasse. mais tarde ela seria muito mais intensa.

É tão desagradável como o tipo de merda doentia que um djinn pode pegar.

— Que bom que você se divertiu, — comentou ela, mudando um pouco, com os dentes cerrados. Ela estivera em alguns pequenos para-lamas, mas nunca havia batido um carro antes disso. Agora ela sabia o porquê. Ele *sugou*.

— Você está sentindo dor, — disse ele, obviamente percebendo como ela estremeceu, mesmo que tivesse feito o possível para esconder o quanto o menor movimento enviou novas ondas de agonia movendo-se por seu corpo desgastado.

— Não brinca, Sherlock, — ela respondeu. Naquele momento, ela realmente não estava se ofendendo. Afinal, se ele a matasse, ela não machucaria mais.

Em vez de parecer irritado, ele parecia mais preocupado com sua condição atual do que qualquer outra coisa. — O que posso fazer para você?

— Drogas, — disse Bailey prontamente. — Você tinha que ter comprado este estilingue e este vestido de hospital de algum lugar, para poder voltar para

tomar algumas drogas. Eu preciso de analgésicos. Percocet, ou algum Oxy. —

— 'Oxy'?— ele repetiu, expressão confusa.

— Ox-y-contin, — disse ela lentamente. — Uma dose de Demerol seria legal, mas eu posso sobreviver sem isso. E algum Betadine ou algum tipo de antisséptico tópico para todos esses cortes e arranhões.

O djinn assentiu, franzindo a testa como se estivesse cuidadosamente guardando todos os pedidos dela na memória. — Eu sei onde consegui-los. Você não tentará escapar enquanto eu estiver fora?. —

Ela deu um sorriso zombador. — Eu estou com uma clavícula quebrada, solavancos e contusões no yin-yang, e estou em um vestido de hospital com a minha bunda pendurada. Exatamente onde você acha que eu iria?. —

A expressão séria e atenta que ele usava não mudou. — Entendo o seu ponto.— Ele se levantou da

cadeira onde estava sentado e acrescentou: — Não demorarei.

E depois disso, ele simplesmente ... desapareceu. Poof - direto no ar. Bailey vira djinn surgindo e desaparecendo durante todos aqueles momentos em que a perseguiam, mas era ainda mais desconcertante que isso acontecesse bem na sua frente. Ela pensou ter ouvido um *estalo* fraco! como se o ar tivesse corrido para preencher o vazio que ele deixara para trás. Mas ela não podia ter certeza disso. Tudo doía tanto que ela não podia ter certeza de nada naquele momento.

Só que, de alguma forma, milagrosamente, ela ainda estava viva.

Nasim voltou ao hospital e foi procurar os itens solicitados pela jovem. Havia uma farmácia no térreo, e esse médico considerava o local mais lógico para procurar os medicamentos que Bailey havia pedido. Percocet, e aquele com o nome ainda mais estranho.

Oxycontin.

Ele achou que não gostava muito do som daquele, mas supunha que dependia muito do que encontrou. A farmácia havia sido claramente saqueada quando o Heat invadiu a cidade, e muitas das prateleiras estavam vazias ou completamente desarrumadas. No entanto, ele obedientemente procurou a bagunça e finalmente encontrou uma garrafa do Percocet que ela havia pedido.

Felizmente, os suprimentos de primeiros socorros estavam em melhor forma. Ele encontrou uma grande garrafa marcada com — Betadine— e a pegou, junto com gazes, fita adesiva e qualquer outra coisa que parecesse útil. Havia sacos de plástico escondidos atrás do balcão, e ele puxou um e o encheu com o seu saque, depois piscou de volta para o sótão.

Apesar de seus protestos em contrário, ele meio que esperava que a jovem fosse embora. No entanto, quando ele entrou no quarto, viu que ela ainda estava lá, olhos fechados, dedos apertados nos lençóis, como se ela os segurasse na tentativa de neutralizar a dor

que ela devia estar sentindo, já que ela não tinha mais nada.

— Estou de volta, — ele disse suavemente.

Imediatamente seus olhos se abriram. Grande e azul, como o céu. Apesar de sua dor óbvia, um pouco de cor voltou às suas bochechas, e ele assumiu que isso deveria ser um bom sinal. — Você encontrou as coisas que eu pedi?

— Sim.— Ele aproximou-se da cama dela e colocou a bolsa sobre a mesa, depois pegou a garrafa de Percocet e bateu uma das tábuas em seu filme. — Aqui.

Ela pegou e engoliu em seco, depois deitou-se nos travesseiros, os olhos semicerrados.

— Melhor?

A cabeça dela virou um pouco. Um canto da boca dela se curvou. — Não funciona tão rápido assim.

— Oh.— Nasim supôs que deveria ter percebido isso, mas sua experiência com medicamentos humanos estava longe de ser extensa. Mesmo que ela já tivesse tomado a pílula, ele foi em frente e estendeu

o copo meio bêbado de água. — Você deveria ter um pouco disso.

Sem responder, ela pegou o copo e bebeu a maior parte do conteúdo, depois devolveu a ele.

Ele colocou na mesa de cabeceira. — Deixe-me limpar suas feridas. Você não quer que elas sejam infectadas. —

— Em um minuto.— Com os olhos fechados, ela inspirou e expirou. — Provavelmente é melhor deixar a droga entrar em vigor antes de nos empenharmos nisso.

Talvez ela estivesse certa. A clavícula quebrada foi a lesão mais séria, mas ela tinha hematomas e lacerações por toda parte. Dar tempo ao Percocet para aliviar a dor tornaria a provação um pouco menos onerosa.

— Se você quiser, — disse ele. — Qual é o seu nome?

— Isso importa?

— Sim.

Um olho azul se abriu e o olhou de soslaio. — Por quê?

— Porque se eu vou cuidar de você, sinto que devo saber seu nome.

Um leve suspiro escapou de seus lábios. Nasim percebeu que não se importava muito com o fato de se lembrar de seu estado atual de desamparo e desamparo. Mas então ela disse: — Bailey. Bailey O'Keefe.

Não era o nome mais eufônico, mas, de certa forma, combinava com ela. — E eu sou Nasim al-Jibril.

Sua boca se contraiu um pouco. — Você parece um rapper.

Ele franziu o cenho para ela, sem saber o que ela queria dizer. Possivelmente a droga que ela tomara já começara a mexer um pouco seu cérebro. Decidindo deixar o assunto de lado, ele perguntou: — Como você se sente?

— Melhor....— A palavra sumiu e seus olhos se fecharam. No entanto, ela não estava dormindo,

porque disse: — Vá em frente, doutor. No momento, não estou sentindo dor ... ou talvez esteja sentindo, mas simplesmente não me importo de qualquer maneira. —

Nasim supôs que essa era sua maneira de dizer que o Percocet havia começado a se estabelecer. Ele foi em frente e pegou a garrafa de Betadine da bolsa que levara do hospital, depois derramou um pouco em uma das compressas de gaze e começou a trabalhar nas piores feridas, no corte no couro cabeludo. Ela estremeceu um pouco quando o líquido antisséptico tocou sua pele, mas ela não tentou se afastar, apenas manteve os olhos fechados enquanto ele trabalhava.

Sua jaqueta de couro protegera os braços de cortes e lacerações, mas ela tinha arranhões nas articulações das duas mãos e várias no pescoço também. Com muito cuidado, ele empurrou sua longa trança loira para fora do caminho para que ele pudesse passar os cortes em sua garganta. Ele esperava que eles se curassem sem deixar uma

cicatriz; sua pele era lisa e pálida, com uma textura de pétala de rosa que o fez querer ficar ali.

Ou possivelmente se abaixar e tocar seus lábios em sua carne macia.

Apenas o simples pensamento foi suficiente para fazer seu corpo começar a responder, e ele resolutamente o afastou. Esta mulher foi ferida ... e humana, ambas boas razões para não a tocar, exceto quando necessário para ajudá-la a se recuperar de seus ferimentos. Muitos anos atrás, quando ele ainda se considerava jovem, ele adotara uma mulher mortal como amante, mas isso não dera certo. Ela não o conhecia pelo que ele era, e pensou que ele se tornaria seu marido. É claro que tal resultado era impossível, e ele foi forçado a sair. Mesmo agora, a memória não era aquela que ele queria visitar, apesar de ter dito a si mesmo que deveria, mesmo que não por outra razão senão lembrar a si mesmo que as mulheres humanas deveriam estar fora dos limites. Ele havia decidido que não queria escolher um escolhido, mas não tinha nada contra aqueles que haviam

determinado que era o destino deles salvar pelo menos um humano. Seu destino havia percorrido um caminho diferente.

Embora ele estivesse condenado se sabia o que era.

O restante dos ferimentos de Bailey eram solavancos e contusões, e havia pouco que ele pudesse fazer sobre isso, exceto permitir tempo para curá-los, como fazia a maioria dos ferimentos. Suas roupas a protegiam de ferimentos muito piores, pois ele vira o vidro espalhado por toda parte, sabia que teria cortado em seus braços e pernas se ela não estivesse usando aquela jaqueta de couro, jeans e botas grossas.

— Tudo pronto, — disse ele, colocando a Betadine de volta no chão. — Você se sente melhor?

Ela sorriu, um sorriso lento e preguiçoso que imediatamente provocou um calor em seus lombos, mesmo sabendo que aquele sorriso provavelmente tinha muito pouco a ver com a presença dele. — Eu me sinto ótima. Eu provavelmente deveria estar

preocupada em ficar sozinha aqui com um djinn, mas agora eu simplesmente não me importo. —

— Você não tem com o que se preocupar, Bailey, — disse ele, fazendo o possível para tornar o tom o mais suave possível. — Talvez você deva tentar dormir um pouco. Se você estiver com fome quando acordar, verei algumas coisas para você. —

— Sim, doutor, — ela respondeu timidamente, depois riu um pouco. A mão direita foi para a boca, como se pensasse que deveria se silenciar. — Não use drogas, crianças.

E então ela riu novamente.

Embora Nasim não pudesse dizer que a conhecia muito bem - ou realmente, ele imaginou que esse comportamento era um pouco estranho para ela. Parecia que ela estava certa sobre os efeitos deletérios de tomar drogas.

Mas agora que ela os tinha em seu sistema, provavelmente é melhor deixá-la dormir ... e espero que ela possa ser mais ela mesma quando acordar.

Bailey abriu os olhos. A dor recuou para uma pulsação maçante. Ela sabia que estava lá, mas o Percocet estava permitindo que ela o ignorasse. Mesmo assim, ela fez um rápido inventário - arranhões nas articulações dos dedos, uma picada na ponta do couro cabeludo para lembrá-la do corte que sofrera ali, cotovelos e joelhos machucados. O pior de tudo era aquele maldito esqueleto, mas ela supôs que tinha sorte de ter saído com leviandade. O djinn - Nasim, lembrou a si mesma - a havia retirado dos destroços do Porsche, mas supôs que poderia ter se afastado sozinha, depois de recuperar a consciência.

Por um momento, ficou ali, com os olhos fixos no teto alto, que parecia ser feito de tábuas pintadas. Alguns tubos expostos eram visíveis. Não é muito, apenas o suficiente para lembrá-lo de que esse era um edifício industrial, mesmo que agora tivesse sido transformado em um monte de lofts muito caros. Não parecia um lugar muito djinn, mas Bailey teve que admitir que não sabia muito sobre as criaturas do outro mundo que aparentemente decidiram assumir

agora que a humanidade estava principalmente fora do caminho.

O que ela realmente não conseguia entender era por que Nasim não a matara. Ele fez parecer que a emoção de a perseguir era seu único objetivo, mas isso não parecia muito certo. Mesmo que pudesse ter sido em um ponto, agora ela com certeza não era o adversário digno que ele procurava, não depois de bater o carro assim. Qual era o sentido de mantê-la por perto se ela não podia nem dirigir? Talvez esse pensamento a deixasse ansiosa, mas naquele momento ela estava flutuando no alto de um Percocet, e nada parecia incomodá-la muito.

Passos suaves a fizeram olhar para a porta, que nem sequer era uma porta verdadeira, mas sim uma abertura em alguns painéis deslizantes de madeira e vidro fosco para dar a impressão de uma parede. Nasim estava do lado de fora, sua expressão ilegível. Para sua surpresa, ele trocou o que ela supôs ser suas roupas de djinn e vestiu uma camiseta preta de mangas compridas e um jeans. Mais uma vez, ela foi

atingida pela impressão de que ele poderia ter sido um cara que conheceu em uma corrida de rua e, com o cérebro tão cheio de emoções pelo Percocet como agora, teve dificuldade em lembrar-se de que ele não estava. realmente não é um homem.

— Você está acordada, — disse ele. — Fui à biblioteca central e peguei um livro sobre primeiros socorros. Disse que eu deveria colocar um pouco de gelo na fratura para evitar o inchaço. —

Isso parecia bastante senso comum, embora naquele momento Bailey estivesse se sentindo quente, aconchegante e meio que à deriva. A ideia de colocar uma bolsa de gelo gelada na clavícula não parecia tão atraente. Ainda assim, ela sabia que precisava fazer o que pudesse para curar-se, embora não estivesse ansiosa pelo processo. Mesmo para alguém na casa dos vinte e com saúde perfeita, esse tipo de cura levaria semanas. Nasim estava realmente planejando mantê-la aqui e bancando babá por esse tempo?

— Tudo bem, — disse ela, já que não fazia muito sentido recusar sua oferta.

— Eu vou pegar o gelo, então.

Ele desapareceu, mas da maneira normal, caminhando em direção ao que ela supunha ser a cozinha do loft, embora ela não pudesse ver muito de onde estava. Cautelosamente, ela se sentou, usando o braço direito não lesionado como alavanca. Do outro lado dela havia mais daquele vidro fosco, desta vez instalado em painéis que escondiam um armário que se estendia de parede a parede, um que era realmente instalado no lado oposto do corredor. Um monte de roupas ainda estava pendurado naquele armário, e nada disso parecia coisa de djinn. Nasim deve ter deixado as roupas do proprietário anterior por algum motivo.

Um momento depois, ele voltou, segurando uma bolsa de gelo e não apenas um saquinho cheio de cubos de gelo. Bailey ficou um pouco aliviada com isso, já que os ferimentos passados haviam lhe dito que um único bloco de gelo era muito mais fácil de

gerenciar. Nasim aproximou-se dela, depois empurrou a trança para fora do caminho e enfiou a bolsa de gelo sob a alça da tipoia que ela usava.

Era estranho tê-lo tão perto, olhar para baixo e ver seus dedos hábeis e bronzeados, tão perto de sua pele, respirar o aroma quente e sedutor que flutuava em seus longos cabelos. Por mais que ela quisesse se afastar, ela se forçou a ficar quieta e olhar para longe enquanto ele trabalhava.

Quando terminou, ele se endireitou e deu um passo para longe da cama. — Melhor?

Na verdade, não era, porque agora que ela estava com o bloco de gelo tocando sua pele, parecia despertar todas as terminações nervosas da carne inchada ao redor da fratura. No entanto, ela achou que seria muito rude apontar isso, então ela apenas respondeu: — Definitivamente reduzirá o inchaço, e isso é bom, porque você não quer empurrar o osso fraturado para fora do lugar. Caso contrário, talvez não se encaixe direito. —

— Você parece que sabe alguma coisa sobre isso.

Ela queria dar de ombros, mas decidiu contra, já que provavelmente doeria muito. — Caí da bicicleta e quebrei o braço aos doze anos. Realmente irritou os adotivos. —

— 'Os Foster'?— ele repetiu. — Esse é o nome das pessoas que criaram você?

Apesar da situação, ela não pôde deixar de rir de sua óbvia confusão. — Não, eles eram meus pais adotivos. Você sabe o que isso significa?. —

— Você foi criado por pessoas que não eram sua família biológica?. —

Essa foi uma maneira educada de colocar isso. Ela tinha sido cerimoniosamente despejado numa estação de fogo em Pasadena, cordão umbilical ainda ligado, com apenas uma nota impressa-bloco que disse, seu nome é *Bailey*. Ah, ela fora adotada rapidamente, porque as pessoas sempre queriam bebês loiros de olhos azuis, e a família que a havia acolhido começou o processo de adoção quase imediatamente. Infelizmente, a adoção nunca foi finalizada, porque, quando ela tinha pouco mais de

um ano, Madeline, sua primeira mãe adotiva, ficou grávida depois de tudo, e eles não podiam pagar dois filhos. Foi quando Bailey voltou ao sistema e não voltou a aparecer até os dezoito anos e a mandou sozinha com apenas as roupas que possuía e mil dólares para começar sua nova vida.

Na verdade, depois de lidar com tudo isso, sobreviver ao fim do mundo não parecia tão difícil.

— Não, — disse ela, seu tom deliberadamente duro. — Eu não sei quem eram meus pais. —

Nasim apenas assentiu, o que poderia significar que ele havia entendido o significado dela, ou que estava intrigado com a coisa toda, mas não queria parecer ignorante. De qualquer maneira, isso realmente não importava tanto. Sua próxima pergunta a surpreendeu, no entanto. — Por que seus pais adotivos ficariam bravos com você por quebrar seu braço? Eu pensaria que eles estariam preocupados que você se machucasse. —

— Porque armas quebradas custam dinheiro, mesmo quando o estado os reembolsa, — respondeu

Bailey. — Não mencionar a perda de tempo no trabalho por ter que levar uma criança para a sala de emergência e depois o médico para retirar o gesso. —

— Eles não estavam preocupados com o seu bem-estar?

Houve uma piada. Ela engoliu em seco, afastando memórias que passara anos trabalhando para manter enterrada em segurança. — Não, — disse ela descuidadamente, — eles só queriam ter certeza de que continuariam recebendo os cheques do meu quarto e pensão todos os meses.

Mais uma vez, Nasim pareceu confuso. Para seu alívio, no entanto, ele parecia contente em deixar o assunto ir, porque perguntou a seguir: — Você poderia comer alguma coisa?

A simples menção de comida fez o estômago de Bailey roncar. Ela tomara uma barra de proteínas no café da manhã, mas isso fora horas atrás, e agora o Percocet parecia ácido em sua barriga vazia. — Eu poderia, — disse ela, embora tentasse não parecer muito entusiasmada. — Depende do que, eu acho.

Dessa vez ele sorriu. Ele tinha dentes muito brancos, perfeitos como se tivesse passado anos no aparelho, embora ela tenha adivinhado que ele veio por aquele sorriso piscante naturalmente. — O que você quiser. Comida é algo que podemos gerenciar com facilidade.

Como piscar dentro e fora da existência como se não fosse nada. Diante de um mundo de possibilidades, Bailey não tinha certeza do que queria. Fazia tanto tempo que ela não tinha comido nada decente para comer, algo que realmente encheu seu estômago, em vez de fornecer combustível suficiente para que ela não morresse de fome.

— Um sanduíche de queijo grelhado e sopa de tomate, — ela disse, e acrescentou: — por favor. —

Se Nasim percebeu o quanto esse — por favor— tinha sido, ele não mostrou nenhum sinal disso. — Não é um problema.

E então, sem nenhuma cerimônia, lá estava, sentado em uma bandeja que de repente apareceu em seu colo - um queijo grelhado, perfeitamente dourado

e com conteúdo suficiente escorrendo entre as duas fatias de pão que ela viu que tinham vários tipos diferentes de queijo por dentro e uma pequena tigela de sopa de tomate com uma ilha de queijo ralado flutuando no centro.

Oh meu Deus.

Talvez se o Percocet não estivesse embotando as bordas de suas sinapses, ela poderia ter sido mais curiosa sobre como ele foi capaz de fazer uma refeição completa parecer do nada. No entanto, naquele momento ela estava com muita fome para se importar. Ela pegou metade do sanduíche e o mordeu.

Céu. Sim, esse era o paraíso ali, no queijo jack e cheddar e no fermento torrado, tudo fundido em perfeita harmonia derretida. Ela deu outra mordida, e outra, e só parou quando percebeu que Nasim a observava com o que parecia uma mistura de diversão e curiosidade, uma sobrancelha inclinada levemente para cima.

— Bom?

— Sim, — ela disse. — É realmente bom. Obrigado. Desculpe, eu entrei no modo lobo lá. Faz muito tempo desde que eu tinha algo decente para comer. —

A diversão desapareceu de sua expressão, substituída por algo que parecia quase pena. Ela não gostava disso. Ela não queria ter pena. Sua existência não tinha sido exatamente luxuosa ultimamente, mas ela conseguiu sobreviver. Então ele disse aquelas duas palavras que ela odiava ouvir.

— Eu sinto Muito.

— Não fique.— Bailey pousou o queijo grelhado e pegou a colher que descansava na bandeja. Ao mergulhá-lo na sopa de tomate, acrescentou: — Não é sua culpa. — Ou na verdade — Bem, eu acho que meio que é, não é? De qualquer forma, obrigado pela comida. —

— De nada.— Seu tom era rígido, e ela teve a impressão de que o ofendeu com esse último comentário. Felizmente, o Percocet a impediu de se

importar muito. — Eu voltarei para a bandeja mais tarde.— Então ele se virou e saiu da sala.

Sim, ela definitivamente o ofendeu. Bem, ou ele iria superar isso ou não. No momento, ela só queria comer e aproveitar a sensação de estar realmente cheia. Ela estava segura, não estava? Se Nasim realmente queria machucá-la, ela duvidava que ele estivesse lhe dando analgésicos, compressas de gelo e bandejas de comida quente.

Pelo menos, foi o que ela disse a si mesma enquanto continuava a comer. Ela realmente não queria contemplar a alternativa.

Nasim não sabia por que as palavras de Bailey o irritaram tanto. Afinal, na superfície, eles eram verdadeiros o suficiente. Se não fosse o djinn e o caos que eles causaram neste mundo, ela não teria sido forçada a passar mais de meio ano fugindo, pegando a comida que podia, nunca tendo o suficiente.

Por outro lado, a julgar pelos poucos detalhes que ela acabara de contar sobre sua infância, não parecia que ela já tivesse tido muito.

Apesar de sua irritação, a pena passou por ele. Ele não pretendia saber tudo sobre os meandros da civilização humana, mas parecia que Bailey era uma daquelas crianças esquecidas que nunca tiveram um lar verdadeiro ou uma família que se importava com ela. Não é à toa que ela era tão espinhosa, mesmo com a droga potente que tomara de tudo para arquivar algumas de suas bordas mais afiadas. Sua infância distante tinha sido feliz o suficiente, com pais que permaneceram juntos por muito tempo depois que ele

alcançou um ducado em sua segunda década e, portanto, ele não conseguia entender tudo o que Bailey havia sofrido durante a própria juventude. O que quer que tenha sido, foi o suficiente para fortalecê-la, ou ela nunca seria capaz de sobreviver neste mundo muito alterado por tanto tempo.

Ele se perguntou onde ela havia aprendido a dirigir. Suas habilidades estavam muito acima das de um viajante normal, apesar da maneira como ela bateu o veículo enquanto tentava escapar dele. Ela estava desesperada, assustada, ou o acidente nunca teria acontecido.

Já havia passado tempo suficiente e ele achou melhor ir embora e levar a bandeja de comida dela. Sua última troca foi um pouco acentuada, mas nada que não pudesse ser amenizado. Ele sabia que precisava se dar bem com ela, pois a convalescença levaria um tempo, mesmo que ela fosse jovem e de outra forma parecesse saudável o suficiente.

Quando ele chegou à entrada do único quarto do loft, viu que ela estava dormindo de novo, a bandeja

ainda cobrindo seu colo. De fato, a colher que ele havia fornecido ainda estava em sua mão direita, pendendo contra as cobertas.

Algo tenso e controlado sobre sua expressão desapareceu no sono. Ela parecia mais jovem e mais suave, mesmo que ele soubesse que ela devia ser bem jovem, já que os humanos contavam essas coisas. Ainda assim, ele teve a impressão de que ela já tinha visto demais em sua curta vida.

Movendo-se com cuidado, ele foi para o lado dela e pegou a colher dos dedos moles. Ela se mexeu, mas não o suficiente para acordar todo o caminho. Nasim colocou a colher na bandeja e a tirou do colo, depois começou a se dirigir para a porta. A voz dela o deteve antes que ele chegasse ao corredor.

— Desculpe.

Assustado, ele se virou para vê-la olhando para ele, olhos azuis embaçados pelo sono, mas ainda conscientes. — Desculpe pelo quê?

— Eu estava sendo uma vadia. Você não mereceu.

—

— Eu acho que você está sendo muito dura consigo mesmo. Você está com dor. —

— E com drogas.— Ela sorriu um pouco, mas era um sorriso depreciativo voltado para dentro, não especialmente voltado para ele. — Acho que simplesmente não entendo.

— Entender o quê?

— Por que você está cuidando de mim.

Bailey pode não ter entendido, mas Nasim achou que sim. Ou pelo menos, ele imaginou que ela não estava acostumada a alguém que a incomodasse, pois parecia claro o suficiente que seus pais adotivos não haviam feito isso. — Foi por minha causa que você bateu seu carro. O mínimo que posso fazer é garantir que você se recupere de seus ferimentos. —

— Oh.— Ela pareceu refletir sobre essas palavras por um momento, seu sorriso desapareceu, a boca caída. — Era um bom carro. Não merecia terminar assim. —

Sua tristeza era tão palpável que Nasim teve que lutar contra o desejo de pousar a bandeja que ele

carregava, passar por cima e levá-la nos braços para confortá-la. No entanto, ele pensou que ela não apreciaria muito esse gesto, mesmo que ele pudesse realizar esse tipo de manobra sem empurrar seu ombro ferido.

— É lamentável, — disse ele com cuidado, mesmo quando lhe ocorreu uma ideia. Talvez demorasse um pouco para a clavícula fraturada se curar, mas havia uma coisa que ele sabia que poderia consertar. — Mas o importante é que você tenha sobrevivido e que irá se curar. Era apenas um carro. —

— Eu acho que sim, — ele respondeu, seu tom duvidoso.

— Descanse agora, — Nasim disse a ela. — É disso que você precisa mais do que qualquer outra coisa.

Ela assentiu, mas sua expressão ainda era melancólica. No entanto, ela fechou os olhos e se mexeu levemente nos travesseiros, obviamente tentando encontrar uma posição que não pressionasse seu osso quebrado.

Nasim tomou isso como seu sinal para sair. Ele foi pelo corredor até a área aberta que continha a cozinha e as áreas de estar e colocou a bandeja no balcão. Então ele foi até a janela e olhou para o horizonte da cidade. Como aconteceu várias vezes durante a semana passada, a névoa que envolvia os prédios altos nas primeiras horas da manhã já havia desaparecido e o sol brilhava no céu azul brilhante. Dali, ele podia olhar para o norte e oeste em direção ao centro, em direção às ruas úmidas e nebulosas onde perseguira Bailey apenas algumas horas antes. Agora, porém, tudo parecia muito diferente.

Ainda assim, ele conseguia se lembrar da Grand Avenue com bastante clareza e do Porsche surrado que estava de lado, vazando fluidos do compartimento do motor. Olhando para ele, qualquer observador humano teria dito que estava além do reparo. No entanto, essa avaliação não pode levar em consideração os poderes dos djinn.

Ele imaginou o carro como o vira pelas ruas vazias de Los Angeles, elegante e quase o mesmo céu

azul que os olhos de Bailey. O grunhido do motor, o brilho da luz do sol nas rodas cromadas. Então ele imaginou aquele carro estacionado no meio-fio na rua estreita do lado de fora do prédio, o mesmo sol brilhando em sua superfície restaurada.

Sim ali. Sorrindo, Nasim olhou para a rua abaixo, viu o Porsche estacionado atrás de um SUV compacto e empoeirado que estava ali desde que o Heat transformou o mundo. Seu esplendor azul brilhante apenas fez o veículo abandonado na frente dele parecer muito mais surrado, e ele acenou com a mão, movendo o SUV para a próxima rua, para não precisar olhar para ele.

Satisfeito consigo mesmo, foi à cozinha se servir de uma taça de vinho. O dono do loft havia deixado para trás uma coleção bastante decente e, por isso, Nasim não viu necessidade de convocar outras safras para complementar o que já estava à mão. Ele bebeu profundamente o shiraz em seu copo, respirou fundo e se perguntou quando Bailey acordaria em seguida.

Ele teve a surpresa de mostrar a ela.

Desta vez, parecia que ela estava dormindo por um tempo. Quando ela abriu os olhos, Bailey viu que a luz que entrava do lado de fora estava abafada e fraca. Era o crepúsculo, ou aquela suave hora roxa logo antes do amanhecer, quando o mundo parecia prender a respiração em uma dissipação do dia vindouro?

Ela não podia ter certeza. Tudo o que ela sabia era que sua boca estava macia e desagradável, graças a comer e adormecer quase imediatamente depois, e a dor em seu ombro era mais intensa do que na última vez em que estava acordada.

Bem, não é de admirar. Ela teve que se esforçar para ver na escuridão, mas se o grande relógio pendurado na parede à esquerda estava correto, então era um pouco antes das seis da manhã. E isso significava que o Percocet, Nasim havia lhe dado algumas horas antes.

Felizmente, parecia que ele chegara algum dia enquanto ela estava morta para o mundo e colocara o

frasco de comprimidos e um copo de água na mesa de cabeceira à sua direita. Mais uma vez, ela se perguntou a bondade dele. Ele ignorou dizendo que se sentia responsável pelos ferimentos dela, mas parecia estranho que um djinn estivesse tão preocupado com o bem-estar de um ser humano.

Ela teria que deixar esse quebra-cabeça de lado por um tempo em que se sentisse melhor. Segurando um gemido, ela se sentou, tirou a bolsa de gelo agora descongelada do ombro e colocou-a sobre a mesa um pouco depois da água e da garrafa de Percocet. Sua mão tremia quando ela tirou a tampa e jogou um comprimido na palma da mão esquerda, depois pegou o copo de água. Era bom ter o líquido escorrendo pela garganta seca, e ela tomou mais alguns goles antes de se recostar nos travesseiros mais uma vez.

Ao mesmo tempo, ela podia se sentir carrancuda. Se ela estava deitada aqui em esplendor nessa grande cama king size, onde Nasim estava dormindo? Ela achava que era possível que o loft tivesse dois

quartos, mas se fosse esse o caso, ele não a colocaria em uma sala secundária menor, em vez do mestre?

Porque estava claro o suficiente que aquele devia ser o quarto principal, não apenas por causa do armário amplo do outro lado, mas também por causa do banheiro à sua direita, apenas vagamente visível através de mais daquele vidro fosco. Parecia muito grande, quase tão grande quanto o quarto.

Falando no banheiro....

Toda a água estava começando a chegar nela. Embora odiasse a ideia de sair de sua cama confortável - ou a cama confortável de Nasim, mais precisamente -, ela sabia que tinha que ir.

Ela cerrou os dentes e empurrou cuidadosamente as cobertas, depois se levantou. O quarto parecia girar ao seu redor, e ela se abaixou para segurar a mesa de cabeceira até que o ataque de vertigem tivesse passado. Droga, *tudo* doeu. Não apenas no ombro, mas em todos os membros e articulações do corpo.

No entanto, agora que ela estava fora da cama, ela precisava ver isso. Mancando como uma criança de noventa anos com artrite, ela conseguiu entrar no banheiro e fechou a porta atrás de si. Não demorou muito para que ela voltasse novamente, muito feliz por Nasim não ter decidido que era hora de fazer xixi da manhã também.

Djinn ainda tinha que fazer xixi? Eles pareciam tão divinos, talvez estivessem acima de todas as funções corporais.

Bailey decidiu que não tinha energia para contemplar essa pergunta em particular. Mancando, ela voltou para a cama e se arrastou para debaixo das cobertas novamente, feliz por não terem perdido todo o calor durante sua breve ausência. O Percocet estava começando a entrar em ação também, suavizando os pequenos picos de dor que ela havia sofrido durante sua viagem ao banheiro. Boa. Ela já deveria ter dormido por doze horas, mas seu corpo parecia que queria dormir por mais doze ...

— Bailey.

Ela abriu uma pálpebra e viu que o sol brilhante se filtrava pelo corredor. Claramente, não seria outro dia nublado, e ela ficou irracionalmente animada com isso. Então ela se concentrou no homem de pé ao lado da cama. Mais uma vez, ele usava jeans e uma camiseta - uma de manga curta desta vez, provavelmente um aceno para o dia ensolarado. Ela também percebeu que o cabelo dele estava úmido e a pele recém lavada e avermelhada.

O que significava que ele de alguma forma conseguiu passar por ela e tomar um banho enquanto ela estava apagada. Isso parecia indicar que o loft só tinha o banheiro. Ela deve estar realmente morta para o mundo por ter dormido com tudo isso. Se estivesse acordada, poderia vê-lo através do vidro fosco? Nem tudo, mas pelo menos os contornos de seu corpo ridiculamente musculoso?

Uma pequena e estranha emoção a percorreu. Ela não deveria estar pensando nele assim, nem quando ele era um djinn, nem quando ela estava deitada aqui com uma clavícula quebrada e múltiplas contusões, o

cabelo uma bagunça e a boca com o gosto da pior respiração matinal de todos os tempos.

— Que horas são?— ela perguntou, a melhor coisa que ela conseguia pensar para esconder sua confusão.

O olhar de Nasim se voltou para o relógio na parede. — São quase dez da manhã. Eu sei que você precisava dormir, mas achei que você poderia querer um pouco de comida e caféx.

Oh, caro senhor. Café. Bailey bebia lattes da Starbucks em latas até não poder mais se esconder, mas não tomava café de verdade há meses e meses. Se conseguisse uma dose decente de cafeína circulando na corrente sanguínea, ela pensou que realmente poderia começar a se sentir quase humana novamente, apesar dos ferimentos.

— O café seria bom, — disse ela, seu tom neutro. Ela não queria que ele soubesse o quanto ela ansiava pela cafeína, ainda mais do que comida. Afinal, ela havia tomado a sopa grelhada de queijo e tomate na noite anterior, por isso não era como se ela estivesse

com tanta fome como poderia estar. Quando ela começou a lutar para se sentar e empurrar as pernas sobre a beira da cama, ele deu um passo à frente, oferecendo-lhe uma mão.

— Aqui.

Estava em seus lábios dizer não, mas ela percebeu que só faria isso para ser teimosa, não porque ela realmente não precisava da ajuda dele. Em silêncio, ela estendeu a mão e deixou que ele passasse os dedos pelos dela, levantando-a da cama.

De pé, porém, ela percebeu o quanto as costas daquela maldita camisola do hospital deixavam entrar. Soltando-o, ela voltou a segurar a coisa estúpida. Um pequeno sorriso tocou os lábios de Nasim.

— Eu posso cuidar disso, — disse ele, e no instante seguinte, a bata do hospital se foi substituída por uma camiseta cinza e calça preta de ioga. Tudo era de algodão macio e confortável, reconfortante contra a pele, exatamente o tipo de coisa que ela poderia escolher para uma manhã de lazer ... não que

ela tivesse muitas delas em sua vida, desde que ela trabalhava pelo menos duas empregos desde que ela estava sozinha.

Quanto há como ele conseguira trocar de roupa sem empurrar o braço machucado, Bailey não fazia ideia. A tipóia ainda estava em segurança, garantindo que sua clavícula fraturada não fosse atingida. Poderes djinn, ela supôs, exatamente como os que tinham convocado a comida que ela havia comido na noite anterior. Ele deve ter feito a mesma coisa para colocá-la na camisola do hospital que ela usava alguns minutos antes. A realização a fez relaxar um pouco, já que agora ela sabia que não havia necessidade de ele tirar suas roupas manualmente.

— Por aqui, — disse ele sem esperar que ela comentasse, e a levou para fora do quarto e para a área da cozinha do loft.

Era maior do que ela imaginara, embora ainda compacta o suficiente. Sentada na bancada de mármore havia uma cafeteira de aço inoxidável de aparência muito cara; Nasim ergueu a jarra de onde

estava sobre o prato de aquecimento e derramou a bebida escura em uma caneca branca, depois entregou a ela.

— Obrigado, — disse ela. Apenas o aroma por si só era suficiente para fazê-la se sentir melhor, embora soubesse que precisaria engolir algumas boas goles para que pudesse realmente apreciar a cafeína.

— Creme ou açúcar?

— Não, eu tomo preto.

Essa resposta provocou um ligeiro levantamento de sobrancelha, mas ele não comentou, apenas derramou café em uma caneca que já estava no balcão. — Você está se sentindo melhor esta manhã?

— Melhor, — ela permitiu. Tudo bem, ela ainda doía por todo o corpo, mas aquelas quatro horas extras de sono realmente haviam ajudado a aliviar o ... bem, isso e o Percocet que ela tomara. — Tudo ainda dói, mas não tanto quanto ontem.

— Isso é bom. O que você gostaria para o café da manhã?

Boa pergunta. Antes do calor, ela nem tomava o café da manhã metade do tempo e, ultimamente, as refeições da manhã eram apenas mais uma barra de proteínas, possivelmente complementada com algumas frutas secas, se ela pudesse encontrá-la. Mas se ela pudesse ter o que quisesse?

— Ovos mexidos e torradas, — ela respondeu. — Fruta fresca?.

— Simples o suficiente. Por que você não se senta?.

Havia uma mesa comprida que servia como área de alimentação e como uma espécie de divisor de quarto de frente para a cozinha. Bailey pegou uma cadeira - o lado oposto da mesa tinha um banco comprido, e ela não queria se mexer com isso com uma mão - e sentou-se, observando Nasim tirar alguns pratos do armário. Antes que ela pudesse piscar, esses pratos estavam cheios de ovos mexidos dourados, fatias de torradas com manteiga e uma pilha de frutas frescas que incluía morangos fatiados, kiwi e mirtilos.

Só de olhar a comida era suficiente para lhe dar água na boca. Naquele momento, ela não tinha certeza se ela se importava por que Nasim a estava mantendo por perto, desde que isso significasse que ela poderia comer assim todos os dias. Talvez em algum momento ela tivesse que começar a se preocupar com todas as calorias envolvidas, mas ela sabia que estava muito magra agora, graças à dieta limitada com a qual estava presa desde que o mundo acabou.

Ele se aproximou da mesa e largou os pratos, um na frente dela e outro diretamente em frente à onde ela estava sentada. Guardanapos, facas e garfos apareceram do nada, e Bailey teve que se impedir de surpreender. Talvez em algum momento ela se acostumasse com a maneira como ele poderia convocar itens à vontade, mas naquele momento ainda era um pouco desconcertante.

O banco não apresentava nenhum problema para ele; ele afastou-o um pouco da mesa e sentou-se diante dela. Ele parecia entender que ela ainda estava

tentando se adaptar ao ambiente, porque ele não disse nada, apenas pegou o garfo e colocou os ovos mexidos como se fosse a coisa mais comum do mundo para eles. compartilhando uma refeição como esta.

Para ele, talvez fosse. Bailey hesitou por alguns segundos, depois se abaixou e pegou um pedaço de torrada, depois deu uma mordida. Sourdough, apenas a crocância correta, com a quantidade certa de manteiga derretendo. Sim, ela pensou que poderia se acostumar com esse tipo de coisa.

Eles comeram em silêncio. Nasim não parecia tão interessado em olhar para ela enquanto comia, o que foi ótimo para ela. Pelo menos o cabelo dela ainda estava preso em uma trança e, portanto, não era um desastre completo e absoluto, mas ela odiava pensar em como era o resto dela. Como se isso importasse, no entanto. Ele era um djinn, e ela era humana. Por alguma razão, ele decidiu que matá-la não estava na agenda de hoje, mas ela não tinha motivos para acreditar que ele teria qualquer outro tipo de interesse nela.

Por que ele iria? ela pensou, lançando um olhar furtivo para ele por baixo dos cílios. *Alguém que se parece com isso poderia fazer muito melhor que você, mesmo que ele não fosse um djinn.*

Ela não estava acostumada a ter pensamentos assim sobre si mesma. Na maioria das vezes, ela se saía muito bem quando se tratava de atenção masculina. Na verdade, poderia ser uma verdadeira dor de cabeça, embora ela não estivesse acima de usar sua aparência para fornecer uma alavancagem extra quando necessário. Afinal, eram suas longas pernas e longos cabelos loiros que a levaram ao primeiro show de modelo no salão do automóvel. Sim, apenas uma coisa local, nada extravagante como o salão do automóvel internacional que eles realizavam todos os anos no LA Convention Center, mas se ela não tivesse trabalhado naquele show, nunca teria conhecido Oscar, dono de uma loja de carros personalizados em El Monte e que, depois de conversar com ela por alguns minutos, percebeu que um cérebro automotivo aguçado espreitava por trás

daqueles grandes olhos azuis e que lhe ofereceu um emprego no local.

No começo, ela pensou que era apenas um truque para entrar em suas calças. E daí que ele era trinta anos mais velho que ela, corpulento e não tão atraente? Os homens tendiam a ter uma visão inflada de sua aparência, enquanto a maioria das garotas que Bailey conhecia parecia ter a intenção de dissecar todas as falhas que possuíam, se fossem peitos pequenos demais ou cabelos não grossos o suficiente ou olhos que não eram exatamente o tom certo de azul, ou o que quer. Mas seu corpo não era o que Oscar queria. Ele queria ver o que ela poderia fazer com um conjunto de chaves e, depois que ela habilmente ligou novamente o radiador em um Chevelle de 68 que ele estava restaurando, ele sabia que ela não estava falando dos dois lados da boca. Ela foi trabalhar para ele, meio período no início, e provavelmente ainda estaria lá quando o Heat varreu o mundo ... se não fosse por Diego.

Ela abaixou a boca e imediatamente Nasim perguntou: — Há algo de errado com a comida?

— Não— disse Bailey apressadamente, voltando aos ovos negligenciados. De alguma forma, eles ainda eram agradáveis e quentes, apesar de os ovos serem notórios por esfriarem, se você os olhasse da maneira errada. Mais magia djinn, ela supôs. — Eu só estava pensando.

— Sobre?

De jeito nenhum ela iria contar a ele sobre Diego, sobre o relacionamento que acabou azedando Oscar e o levou a demiti-la, mesmo sabendo que ela tinha feito um ótimo trabalho. Ela poderia ter sido boa o suficiente para reconstruir um carburador, mas definitivamente não era boa o suficiente para o único filho de Oscar.

— Carros, — disse ela, a primeira coisa que surgiu em sua cabeça. Bem, isso nem era tecnicamente uma mentira.

Para sua surpresa, Nasim sorriu. — Eu tenho algo para lhe mostrar, assim que terminar o café da manhã.

Isso foi uma promessa ou uma ameaça? Era difícil dizer, apesar de o djinn parecer alegre o suficiente. Mais uma vez, ela se perguntou se o ato legal seria apenas um truque elaborado para fazê-la manter a guarda baixa, para que ele pudesse atacá-la quando ela menos esperasse. Com a forma que ela estava, não era como se ela pudesse lutar de forma muito eficaz.

Isso não significava que ela não tentaria, no entanto.

— Tudo bem, — disse ela, largou o garfo e pegou o café. Alguns goles grandes a fizeram se sentir um pouco melhor com a vida. Não completamente melhor, mas o suficiente para que ela pudesse terminar o resto da comida no prato, grata pelo menos por um estômago cheio. Quando terminou, afastou o prato vazio e dobrou o guardanapo - pano, não papel - sobre a mesa. — Então, o que você quer me mostrar?

Nasim pôs de lado o guardanapo e levantou-se do banco. — Venha para a janela.

Esse pedido não parecia muito assustador - a menos que ele pretendesse empurrá-la para fora da mesma janela. Dizendo a si mesma que djinn tinha maneiras muito mais eficientes de matar seres humanos, Bailey se levantou e o seguiu até a janela em questão, que proporcionava uma vista deslumbrante do centro de Los Angeles. Sua estimativa do custo provável do loft subiu alguns degraus. Você não teve opiniões assim sem gastar muito dinheiro.

Ainda assim, não havia muito mais para ela ver. Ela se virou para Nasim. — E?

— Olhar para baixo.

Boca apertada, ela se aproximou um pouco da janela e olhou para a rua abaixo. Um flash de familiar azul imediatamente chamou sua atenção.

Não, não poderia ser -

— É aquele -?

— Sim, — Nasim disse suavemente. — Eu recuperei o seu veículo, consertei e trouxe aqui.

— Eu.... — Bailey não sabia o que diabos ela deveria dizer em resposta. Sim, o djinn já havia mostrado a ela que ele tinha todo tipo de poderes surpreendentes, mas nunca em alguns anos ela teria imaginado que ele poderia simplesmente estalar os dedos e consertar seu Porsche total. Aquele carro tinha sido creme. Deveria ter sido rebocado em um caminhão de mesa ... se restasse alguém para prestar esse tipo de serviço. — Hum ... obrigado.—

— De nada.— Ele olhou para o carro por mais alguns segundos e depois se mexeu para encará-la. — Você não parece tão feliz com isso. Pareceu-me que o carro era importante para você, e foi por isso que o consertei.

— Estou feliz, — ela protestou. — Eu só.... — Bailey teve que parar por lá, porque não tinha certeza do que queria dizer. — Acho que é difícil olhar quando sei que não vou conseguir dirigir por muito tempo.—

— Então você precisa se concentrar na cura o mais rápido possível, — disse ele.

Bem, ela não podia argumentar com essa sugestão. Ela olhou para ele, tentando ver se havia algum tipo de subtexto em suas palavras. Tanto quanto ela podia dizer, não havia, mas ela mal o conhecia. No momento, ele parecia pensativo, como se também estivesse tentando descobrir.

Boa sorte com isso, ela pensou. Eu vivi comigo todos esses anos e não tive muito sucesso nisso.

O silêncio foi estranho, mas Bailey não sabia o que dizer para preenchê-lo. Em vez disso, voltou sua atenção para a janela mais uma vez, para o carro azul reluzente estacionado na rua abaixo. Ela ansiava por voltar ao volante, mesmo sabendo que não podia dirigir. Ela não podia fazer nada com essa maldita clavícula quebrada.

Uma ideia repentina ocorreu a ela, uma tão louca que ela não tinha certeza de que deveria expressar isso em voz alta. Por outro lado, Nasim havia acabado

de provar que não parecia haver muito fora do escopo de suas habilidades.

Sem olhar para ele, ela disse. — Você curou meu carro. Por que você não pode me curar?. —

Silêncio mortal. Dessa vez, ela teve que arriscar um rápido olhar para Nasim, só para ver como sua sugestão havia sido recebida. Suas sobrancelhas estavam juntas, e ele sacudiu rapidamente a cabeça.

— Isso não é possível.

— Por que não?

— Meu povo não precisa de curandeiros. Nossos ferimentos cicatrizam rapidamente e nunca ficamos doentes.

— Não foi isso que perguntei.

Mais uma vez ele ficou quieto. Parecia que ele estava pensando no que ela havia dito, tentando encontrar alguma falha nisso.

— Qual é o pior que poderia acontecer?— Bailey perguntou. — Quero dizer, sério?

— Eu poderia machucá-la.

— Eu já estou machucada, — ela apontou.

Ele soltou um suspiro. — Duvido que funcione.

— Mas talvez isso aconteça.

Por um segundo, ele não respondeu. Então seus ombros se levantaram. — Muito bem. Eu vou tentar. Fique parada. —

Ela assentiu e esperou, ficando o mais silenciosamente possível. Nasim estendeu a mão para ela. Ele hesitou, estreitou os olhos, depois assentiu para si mesmo. Com muito cuidado, seus dedos deslizaram sob a alça da tipoia que ela usava, sob o decote de sua camiseta.

Seus dedos estavam muito quentes. Bailey não esperava isso, provavelmente porque estivera tão distraída na última vez que ele a tocou, ela não conseguia se lembrar de muita da experiência. Foi uma sensação estranha, manter-se completamente imóvel quando a palma da mão dele se achatou contra o seu colo. Outra daquelas pequenas emoções estranhas percorreu seu corpo. Este djinn estava tocando-a, o calor de sua carne parecendo a almofada mais íntima do mundo.

Era íntimo demais, mas ela o persuadira a fazer isso, então agora não tinha escolha a não ser permanecer onde estava e torcer para que a mágica dele ou o que fosse realmente pudesse fazer mais do que apenas reunir comida e consertar carros esportivos. Bailey respirou fundo, certificando-se de que seu olhar nunca encontrasse o dele. Naquele momento, ela não tinha muita certeza do que faria se se permitisse cair nessas profundidades azuis.

E então, tão gentilmente que ela mal notou o que estava acontecendo a princípio, a dor retrocedeu, as águas do oceano se afastando de uma costa dura e rochosa. Nem toda a dor, é verdade; ela ainda podia sentir a pontada do corte na testa, as várias dores e palpitações dos inchaços e contusões por todo o corpo. Mas a pior dor, a dor maçante em seu ombro, desapareceu.

Embora tivesse dito a si mesma para não fazer contato visual, não pôde deixar de olhar para o rosto dele. Aqueles olhos azuis profundos pegaram os dela,

e ela respirou fundo. — Você conseguiu, — ela sussurrou.

Ele não afastou a mão. — Você tem certeza?

— Sim. Você consertou meu braço. Eu posso sentir isso.

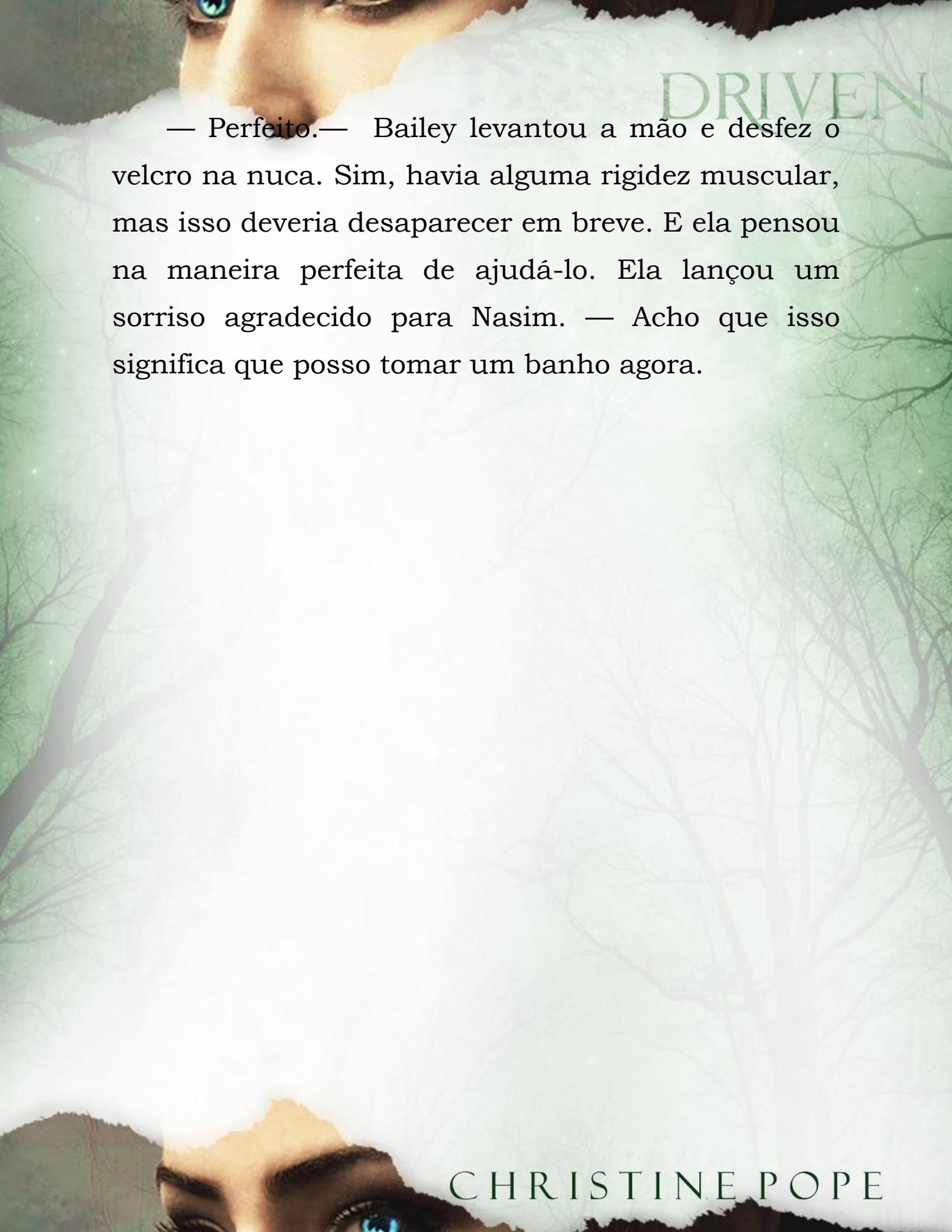
Muito gentilmente, ele empurrou a clavícula dela. Se a fratura ainda estivesse lá, mesmo essa leve pressão provavelmente seria suficiente para fazê-la ofegar em agonia. Mas, embora a carne ao redor do intervalo ainda estivesse tenra, o problema subjacente se foi. — Isso doeu?

— Não.

A expressão de Nasim era quase tão surpreendente quanto a dela. — Eu não fazia ideia. Eu nunca... bem, nunca pensei em tentar uma coisa dessas.

— Você provavelmente não tinha motivos para curar um humano antes.

— Verdade.— Ele hesitou por um momento e depois disse: — Bem, se você está curada, não precisa dessa tipóia.



DRIVEN

— Perfeito.— Bailey levantou a mão e desfez o velcro na nuca. Sim, havia alguma rigidez muscular, mas isso deveria desaparecer em breve. E ela pensou na maneira perfeita de ajudá-lo. Ela lançou um sorriso agradecido para Nasim. — Acho que isso significa que posso tomar um banho agora.

CHRISTINE POPE

Embora ele permanecesse na sala de estar, Nasim imaginou poder ouvir o som da água correndo no chuveiro. Era um espaço bastante amplo, com espaço mais do que suficiente para duas pessoas ficarem sob os enormes chuveiros e deixar a água chover, mas ele sabia que não deveria sugerir esse tipo de atividade a Bailey. Ela nunca permitiria tal liberdade.

Além disso, ele já havia tomado banho.

Ele se sentou no sofá e observou a luz do sol atravessar a janela da sala e tocar sua mão, que estava com a palma da mão na coxa. Era difícil acreditar que a mesma mão tivesse acabado de tocar Bailey, de alguma forma havia enviado seu poder para curar o osso fraturado sob sua pele lisa.

Mas tinha. Ou melhor, ele tinha.

O processo não tinha sido muito diferente do que ele havia feito para consertar o carro dela. Ele visualizou a fratura dentro do osso, imaginou seu

poder cercando a pequena fratura e suavizando-a. Não tinha sido impossível, nem mesmo difícil.

E agora Bailey estava livre da tipoia e no chuveiro. Francamente, ela precisava de uma boa limpeza; embora ela não estivesse completamente suja, provavelmente usara água engarrafada para se manter o mais limpa possível, seu cabelo estava um pouco oleoso e o desodorizante que ela usara não fora suficiente para impedir que ele percebesse que provavelmente fazia meses desde que ela tomara um banho ou ducha adequada.

Banho, ele adivinhou. Ela não parecia muito com uma pessoa de banho.

Era difícil não pensar nela no chuveiro, na água correndo sobre seu corpo esbelto e encharcando seus cabelos dourados. De fato, quanto mais ele tentava não pensar nisso, mais seus pensamentos se concentravam em como ela era adorável, e então seu corpo começou a responder.

Não. Ela não tinha dado absolutamente nenhuma indicação de que tinha algum interesse nele, a não ser

como a pessoa que a havia curado milagrosamente. Agora que estava melhor - apesar dos outros ferimentos muito menores - ela entraria no carro e iria embora?

Ele não queria que isso acontecesse. Por um lado, ele descobriu que gostava de conversar com Bailey, apesar das respostas muitas vezes frágeis a suas perguntas. Embora procurar companheirismo certamente não tivesse sido sua intenção quando ele decidiu caçá-la, ele percebeu que sua existência anterior havia sido bastante solitária, e ela de alguma forma preencheu uma lacuna que ele nem sabia que era o problema. Ele ainda não sabia muito sobre ela, mas tinha a impressão de que o mundo não a tratara muito bem. Estranhamente - porque ele nunca se consideraria um homem terno, de maneira alguma - ele descobriu que queria cuidar dela. Ele realmente estava ansioso para cuidar dela de volta à saúde, mas parecia que uma convalescença longa não estava mais em ordem.

O que significava que ele precisava pensar em algum outro motivo para mantê-la por perto.

Um jogo perigoso, com certeza. Ele sabia tão bem quanto o resto de sua espécie que não era permitido confraternizar com humanos neste novo mundo. Eles foram escolhidos ou eram presas; não havia no meio. Ele esteve aqui neste loft emprestado por mais de uma semana, e até agora os anciãos o ignoraram, não apareceram à sua porta para informá-lo que ele precisava voltar para Napa. Eles devem ter sido ocupados em outro lugar, o que lhe convinha muito bem. Felizmente, eles não eram deuses, não eram onipotentes. O que quer que os anciãos estejam aprontando no momento, parece que ele foi deixado por conta própria, no Leste por enquanto.

Este território não era dele.

Bailey não era dele.

Mas ele queria os dois.

Ele a perseguiu pela primeira vez nas ruas de Los Angeles porque queria o desafio, queria ter sucesso onde tantos outros de sua espécie haviam falhado.

Agora ele percebeu que Bailey ainda apresentava o mesmo desafio, se de um tipo diferente.

Ele estava preparado para esse desafio?

Ele supôs que teria que descobrir.

O som da água no banheiro parou. Nasim se forçou a permanecer onde estava, por mais que quisesse ver Bailey quando ela saiu do chuveiro. Estranho como ele queria se entregar a algo que sabia ser completamente impróprio. Ela deve estar tendo mais efeito sobre ele do que ele pensava, e isso não faria. Ele precisava ficar no controle.

Embora ele não conhecesse muitas mulheres humanas e suas necessidades quando se tratava de artigos de toalete e coisas do tipo - o dono anterior desse loft era claramente masculino - Nasim conseguiu reunir o que esperava ser uma seleção de itens que Bailey poderia usar quando se preparando, loções e produtos para o cabelo, maquiagem e pincéis e outros enfeites. Parecia que ele tinha escolhido bem, porque ela estava sorrindo quando finalmente saiu do

quarto, completamente vestida e penteando os cabelos longos e úmidos.

Ou, aparentemente, ela estava feliz porque tomara banho quente e o ombro não estava mais machucado.

Ela entrou na sala e sentou-se em uma das cadeiras que davam para o sofá onde Nasim a esperava. Agora ela parecia realmente bonita, limpa e brilhante, usando apenas uma pitada de maquiagem. O corte na testa fora coberto por um curativo, mas não podia estragar sua beleza recém-lavada.

Como ele sabia que ela não era uma mulher dada a babados, as roupas que ele fornecia eram bastante simples - jeans justos, uma blusa sem mangas em um azul claro para complementar seus olhos, sapatos baixos. Embora as roupas fossem lisas, ela ainda estava linda, possivelmente porque não havia nada para desviar a atenção da simetria de seus traços ou da esbelta graciosidade de seu corpo.

— Como você faz isso?— ela perguntou.

— Fazer o que?

— Tudo isso. — Uma mão acenou na direção geral da suíte master, mas talvez ela quis dizer o loft como um todo. — Eletricidade e água corrente. Água corrente *quente*.

— É simples o suficiente, — respondeu Nasim. — Uso uma pequena fração dos meus poderes para manter essas necessidades em operação. Nem mesmo um djinn quer um banho frio.

Bailey olhou para ele por um segundo, e então ela riu. — Não, acho que querer água morna é meio universal. O que fez você escolher esse lugar, afinal?.

— Você, — ele disse honestamente, e seus olhos se arregalaram.

— O que você quer dizer?

— Eu vim aqui para persegui-la, para ver se eu poderia fazer melhor do que os outros djinn que tentaram encontrá-la. Fazia mais sentido morar em algum lugar perto da área onde você foi flagrado. —

— Existem muitos outros lofts e apartamentos no centro da cidade.

— Verdade.— Ele deu de ombros e estalou os dedos, e um par de copos cheios de água gelada apareceu na mesa de café de madeira em dificuldades. — Eu não queria estar em um arranha-céu.

— Medo de alturas?— ela perguntou, e ele percebeu que ela estava brincando com ele, porque é claro que ela deve tê-lo visto perseguindo-a do ar antes que ele percebesse que precisava encontrá-la nos seus próprios termos.

— Não exatamente. Eu senti que me ajudaria mais a estar mais perto do nível da rua. Encontrei esses lofts, e este me serviu. Então aqui estamos nós.

Esse comentário pareceu perturbá-la, porque ela mudou para onde estava sentada e olhou para ele, para a janela que emoldurava os edifícios altos do centro de Los Angeles. Então ela respirou, cruzou os braços e encontrou os olhos dele diretamente. — Sim, aqui estamos nós. Mas o que isso significa exatamente?. —

Nasim não tinha certeza se estava intimidado com a franqueza dela... ou impressionado com isso. — Suponho que significa o que você quer que signifique.

Um lado da boca dela se contorceu um pouco, mas ele pensou que era mais por irritação do que por diversão. — Isso não é uma resposta.

— É mesmo que você não queira ouvir.

Uma lufada de ar escapou de seus lábios, e ela se levantou de onde estava sentada e foi até a janela. Desta vez, ela olhou para a rua, possivelmente para se assegurar de que o Porsche ainda estava estacionado lá. De costas para ele, ela disse: — Você me deixa ir?

Ele supôs que deveria ter antecipado tal pedido, mas ainda o surpreendeu... e o decepcionou também. Quase desde que a conhecera, ele estava lutando com sua atração por Bailey, e uma parte dele claramente esperava que o sentimento fosse mútuo. Por outro lado, ela não tinha ideia de que humanos e djinn poderiam ser íntimos. Se ele deve ter acreditado que ele via como um adversário capturado, e nada mais.

Tanto quanto ele podia dizer, ela não tinha ido mais a oeste do que as margens do centro da cidade, e por isso não tinha ideia de que uma comunidade de djinn e sua Escolhida humana havia sido estabelecida na área conhecida como Bel-Air.

No entanto, ele sabia que deveria ter cuidado em sua resposta, pois não queria assustá-la - se isso fosse possível. Ela lidara com ele quase como igual, apesar de sua posição como algo em algum lugar entre um hóspede e um cativo. Mais uma vez, ele teve a sensação de tragédias enterradas e esquecidas, exceto onde elas poderiam ajudar a torná-la mais forte.

— Se eu fizesse, — ele disse, — o que então?

Agora ela se voltou para ele, claramente um tanto assustada por ele não ter descartado sua pergunta imediatamente. Suponho que voltaria ao que estava fazendo antes. Sobrevivendo.

— Isso é tudo que você quer da sua vida?

Sua linda boca se curvou em um sorriso irônico.
— O que mais está lá?

Nasim levantou-se do sofá e veio em sua direção. A julgar pela forma como o corpo dela ficou imóvel, ele poderia dizer que ela estava pronta para fugir, mesmo que soubesse no fundo que não seria capaz de ir muito longe. — Eu poderia lhe dar muito mais do que isso.

Mais uma vez, seus braços cruzaram. Todo o seu corpo esguio parecia irradiar uma mensagem clara de *fique longe*, e ele fez questão de parar antes de chegar muito perto. Chin levantou e estreitou os olhos, ela disse: — Como o quê?

Se ele pudesse mostrá-la, poderia se abaixar e pressionar seus lábios contra os dela. No entanto, ele sentiu que seria exatamente a coisa errada a fazer. A única maneira de se aproximar dela seria gradualmente afastar a parede que ela construía ao redor de si mesma ... se tal coisa era possível. Por enquanto, ele achava que provavelmente era melhor abrir um pouco a mente dela.

— Praticamente tudo o que você queria, — ele replicou. — Você gostou da Ferrari que eu estava dirigindo?

Ela não gostou exatamente, mas ele percebeu que Bailey não estava impressionado com a pergunta. — Eu gosto do meu Porsche. Nós nos conhecemos.

Bem, pelo menos ele tinha feito uma coisa certa. Claramente, ela estava presa ao carro, mesmo que pudesse escolher os veículos mais extravagantes que o mundo anterior já havia oferecido. — O que mais você queria, algo que você sabia que provavelmente sempre estaria fora de alcance para você?

Em vez de seus olhos azuis se iluminarem em antecipação, ela se fecha ainda mais, se é que isso é possível. — Nada.

Nasim achou isso difícil de acreditar. — Nada mesmo?

— Eu disse nada, e eu quis dizer isso, — afirmou ela sem rodeios. — E eu realmente não gosto de jogos. Ou você vai me deixar ir, ou não. Qual é? Eu quero saber onde estamos. —

A irritação rodou dentro dele, mas ele fez o possível para afastá-lo. Afinal, ele queria um desafio, algo para envolver sua mente e seu espírito, e Bailey era definitivamente isso. Ocorreu-lhe uma súbita noção e ele fez o possível para reprimir um sorriso. Ele não queria que ela visse o quanto ele estava satisfeito consigo mesmo. — Eu vou deixar você ir, se...

— E se?— ela interrompeu, os braços ainda cruzados.

— Se você correr comigo. Você vence e eu deixo você ir. Mais do que isso, assegurarei que você esteja abastecido com suprimentos e cuide de você até Los Alamos... ou posso levá-la até o estilo djinn. O que você quiser. Ele sabia que Los Alamos era o único assentamento de humanos não escolhidos que restavam no mundo. Era também o único lugar onde Bailey poderia estar a salvo. Se ela não ficasse aqui com ele, pelo menos deveria ter algum tipo de santuário. —

Ele esperava que ela perguntasse por que a guiaria para algum lugar no Novo México, mas ela permaneceu calada, obviamente contemplando sua oferta. Talvez ela tivesse tanto conhecimento dos sobreviventes em Los Alamos. Como, ele não tinha certeza, mas possivelmente alguém do grupo havia conseguido enviar uma mensagem antes que o mundo escurecesse.

Por fim, ela disse: — E se eu perder?

— Então você vai ficar aqui comigo.

Ela não piscou. — O que isso significa exatamente?

— O que você acha que isto significa?

Um longo silêncio. Os olhos dela examinaram o rosto dele, enfim se alargando com uma espécie de choque cauteloso. — Você quer dizer humanos e djinn ...? — E ela parou ali, parecendo estranha pela primeira vez desde que ele a conheceu.

— Sim, — ele respondeu simplesmente.

— Jesus.— Outra pausa, e então ela perguntou:
— Então por que nos matar?

Uma boa pergunta, uma que ele não tinha certeza de que poderia responder adequadamente. Djinn tinha opiniões muito variadas sobre a raça humana, embora muitos deles acreditassem que os mortos eram um flagelo no planeta que deveria ser eliminado, uma crença que levou ao desenvolvimento da febre mortal que matou muitos deles. Ele não havia concordado com essa crença, mas, infelizmente, a minoria à qual ele pertencia era pequena o suficiente para que eles nunca pudessem dissuadir o resto de seu povo de executar seus planos mortais. Levantando os ombros, ele disse: — Suponho que alguém possa perguntar por que os humanos poderiam escravizar outros humanos, assassiná-los, abusá-los..., mas também mentir com eles e ter filhos com eles. Essas coisas nem sempre são tão simples.

Os lábios dela pressionaram juntos. Obviamente, ela não se importava muito com a resposta dele. — Eu sei que fizemos coisas terríveis um com o outro. Mas não é o mesmo. Djinn são diferentes dos humanos. Não somos a mesma raça.

— Não, não somos, — ele concordou. — Mas estamos muito perto. Perto o suficiente para ser íntimo, perto o suficiente para criar vida juntos.

Obviamente, isso era algo que ela não queria ouvir. Agora seus braços cruzados pareciam mais se abraçar, tentando impedir que verdades indesejadas penetrassem na armadura que criara para si mesma a maior parte de sua vida. Quando ela falou, porém, sua voz estava dura, quase quebradiça. — Espero que você não esteja dizendo que quer ter bebezinhos meio djinn comigo.

Seus devaneios não haviam progredido tão longe, embora Nasim pensasse que ele e Bailey teriam lindos filhos juntos, se a situação permitisse. Ainda assim, as primeiras coisas primeiro. — Não exatamente. Ou melhor, eu estava pensando mais nas atividades que precedem a concepção.

Ela engoliu em seco. — Deixe-me ver se entendi, então. Nós corremos. Eu ganho, vou livre e você me leva em segurança na comunidade humana no Novo

México. Você vence, eu tenho que ficar aqui como seu brinquedo sexual.

— Eu não teria dito isso de maneira tão careca,
— respondeu ele, — mas basicamente sim.

Mais uma vez, ela ficou quieta por um momento. Então ela disse: — Melhores duas de três.

Ele piscou para ela. — O que?

— Nós corremos três vezes, — respondeu ela, falando devagar, como se fosse uma criança ou alguém com inteligência. — A pessoa que vencer duas das três corridas vence a aposta. Não quero algo assim andando em uma única corrida.

— Justo.

— OK.— Ela respirou fundo antes de estender a mão para ele. Ele pegou, sentiu como seus dedos eram frios e finos. Um leve tremor a atravessou e ela disse: — Você tem uma aposta, Nasim al-Jibril.

Isso foi loucura. Se ela realmente tivesse concordado em competir por ela ... bem, — virtude—

era um pouco forte, considerando que ela havia desistido de sua virgindade anos atrás, mas ...

O corpo dela. Era o que Nasim queria, doido que lhe parecesse. Por mais de meio ano, ela disse a si mesma que djinn tinha que ser totalmente separado da humanidade, não importa quão parecidas as duas raças parecessem. Mas agora ele havia dito a ela que humanos e djinn aparentemente faziam o mal de vez em quando, mesmo que não parecesse que tais acoplamentos fossem exatamente uma ocorrência comum.

Bem, pelo menos agora ela não tinha que se sentir tão estranha com aqueles pensamentos aleatórios que tinha tido sobre ele. Ele deve ter pensado basicamente a mesma coisa sobre ela. Porém, ele não havia tentado nada, e só Deus sabia que ele poderia ter.

Nasim estava sorrindo para ela agora. Ele pensou que ia ganhar, só porque conseguiu fazê-la entrar em pânico e bater no carro? Ela estava na moda com o jogo dele agora; isso não iria acontecer novamente.

— Alguma regra?— ele perguntou.

Pensando furiosamente, ela respondeu: — Três cursos diferentes. Vou escolher o primeiro e o terceiro, e você pode escolher o segundo.

Ele assentiu, esfregando o queixo de uma maneira abstrata. — Algo mais?

— Dirigimos os mesmos carros. Eles podem ser Ferraris ou Porsches ou o que você quiser, mas precisamos correr em veículos idênticos para que ninguém tenha uma vantagem injusta.

— Isso é fácil o suficiente. Vou escolher a primeira e a terceira corrida, e você pode escolher a segunda.

Astuto dele. Dessa forma, eles selecionariam os veículos para o curso da outra pessoa e, portanto, não poderiam selecionar algo projetado especificamente para a aceleração imediata, ou que seria melhor para fazer curvas em velocidade. — Não tem problema, — disse ela. — Caso contrário, as regras padrão das corridas de rua - não colidir deliberadamente com o veículo da outra pessoa, nenhum equipamento de pós-venda com o qual não concordamos primeiro.

— O que é equipamento de pós-venda?

Era meio bom saber que havia lacunas no conhecimento de Nasim sobre a cultura e a tecnologia humanas. — Qualquer coisa que você instalar depois de comprar o carro de um revendedor. Sopradores, nitrosos, escape atualizado, pastilhas de freio premium -

O djinn levantou a mão. — Compreendo. Veículos de estoque, como o que eu levaria de uma concessionária.

— Certo.— E com a escolha de todos os veículos abandonados em todas as concessionárias de carros de luxo da região de Los Angeles, Bailey só conseguia imaginar o que poderia inventar. — E....— Ela deixou a palavra sumir, sem ter certeza da melhor maneira de declarar seu pedido final. Nasim parecia bastante agradável até agora - provavelmente porque todas as estipulações dela o divertiam de certa forma, já que ele sempre tinha vantagem quando lidava com um humano - mas ela também não queria pressioná-lo.

— E?— ele perguntou, uma sobrancelha levantando um pouco.

— Eu preciso ficar em outro lugar. Um dos outros lofts do prédio.

— Por quê?— Ele parecia genuinamente curioso.

— Porque é estranho dormir na sua cama. Onde você dormiu ontem à noite? No sofá?.

— Sim, — ele respondeu.

Bem, sua resposta disse a ela que Djinn realmente dormiu. Nasim não pareceu irritado com o pedido dela, apenas um pouco confuso. Sentindo-se encorajado, Bailey continuou. — Só acho que é melhor se você tiver seu lugar de volta. Este prédio está cheio de lofts vazios, certo? Eu posso pegar a porta ao lado. Não vou tentar fugir.

— Eu sei que você não vai, — ele disse, — porque já concordamos com uma aposta e sei que você não voltaria atrás em sua palavra assim. Ter você ao lado seria mais fácil em termos de garantir energia e água quente.

Suas palavras quase a fizeram se sentir culpada, como se ele a considerasse uma pessoa honrada quando ela não lhe deu absolutamente nenhuma razão para acreditar em algo assim. Tudo bem, ela certamente nunca se propusera a enganar ou machucar alguém de propósito, mas, ao mesmo tempo, não estava certa de que merecia uma opinião tão alta.

Em vez de argumentar, ela apenas assentiu. — Parece bom. Por que não vamos dar uma olhada? —
— Muito bem.

Ele parecia resignado. Ela machucou os sentimentos dele pedindo para ficar no apartamento ao lado? Bailey tentou dizer a si mesma que não deveria se preocupar com os sentimentos dele, não quando eles basicamente fizeram uma aposta que envolvia se ele acabaria dormindo com ela, mas era difícil não se sentir um pouco culpado quando ele ' Eu curei suas feridas e a alimentei e a deixei tomar aquele banho azul ... e consertei seu Porsche para ela.

Endurecer, querida, ela disse a si mesma enquanto seguia Nasim até o loft que seria seu novo espaço para acidentes - por um tempo, pelo menos. Caso contrário, você pode desistir agora e deixá-lo te foder.

De jeito nenhum. Eles foram destinos provavelmente pior ... um *monte* destinos piores, considerando o quão lindo ele era ..., mas o seu orgulho estava envolvido agora. Se ela acabasse indo para a cama com ele, seria porque ele a espancara.

Supondo que ele não trapaceou, é claro. De alguma forma, porém, Bailey achou que não. Suas ações já haviam provado que ele tinha seu próprio senso pessoal de honra, mesmo que nem sempre correspondesse ao dela.

— Aqui está, — disse ele, colocando os dedos na maçaneta da porta e deixando a porta entrar. Ela não o viu usar nenhum tipo de chave, mas como ele foi capaz de curar ossos quebrados com um toque e estalar os dedos para convocar sua comida, ela

percebeu que ele provavelmente não precisava de uma chave para entrar.

Esse loft parecia maior do que o que Nasim havia tomado por si próprio e provavelmente era mais caro quando essas coisas importavam, mas Bailey gostava mais dele. Lá, o designer usava um pouco de calor e capricho para escolher os móveis, enquanto esse local era frio e industrial, paredes e teto brancos, piso de concreto polido. Os sofás eram cinza, assim como o tapete da área embaixo deles. Ainda assim, ela não estava aqui para ficar toda quente e confusa. Ela estava fazendo isso porque achava que provavelmente era melhor colocar uma pequena distância entre ela e Nasim.

— Ótimo, — disse ela, esperando parecer pelo menos um pouco entusiasmada. — Isso vai ficar bem. Eu só preciso voltar e pegar as coisas no banheiro que você comprou para mim -

— Não precisa, — ele interrompeu, suas palavras agora um pouco curtas, como se finalmente estivesse

começando a perder a paciência com ela. — Tudo já está aqui, juntamente com algumas mudas de roupa.

— Oh, bem... obrigado, eu acho.— Sentindo-se confuso, Bailey acrescentou: — Acho que vou sair e escolher o percurso para a corrida de amanhã. Se estiver tudo bem.

— Está tudo bem, — disse Nasim. — Não há outros djinn na área, então deve ser seguro o suficiente. Precisa de mais alguma coisa?.

— Cones de trânsito, — ela respondeu prontamente. — Eu posso usá-los para marcar o curso - a menos que você ache isso muito visível.

— Como eu disse, não há outro djinn por perto para ver o que estamos fazendo. Vá em frente e use-os para definir o curso. A que horas você quer correr amanhã?.

— Um ... meio-dia?— Bailey respondeu, um pouco surpreso com a pergunta. Claro, ela pediu acomodações separadas, mas supôs que ainda passaria algum tempo com Nasim entre agora e a corrida. Por um lado, o que ela deveria comer no

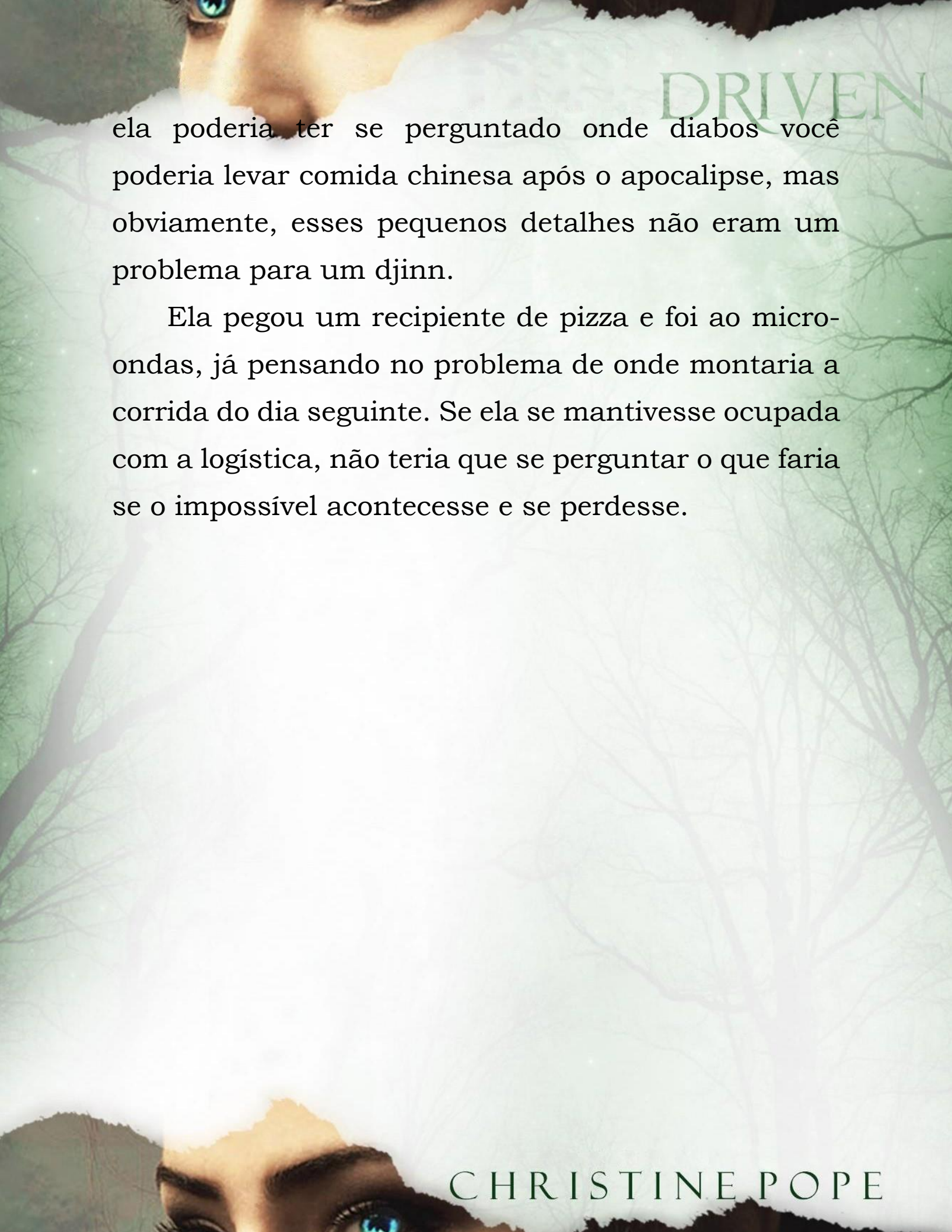
jantar? Não seria a primeira vez que ela iria dormir com fome, mas com a corrida chegando ...

— Eu irei buscá-la ao meio-dia, então, — disse Nasim. — Eu também coloquei comida na geladeira para você. Tenham uma boa tarde e noite. —

Ele meio que acenou para ela, depois foi até a porta e saiu. Não era tão rude quanto se afastar um pouco, mas Bailey se viu encarando a porta fechada, imaginando o quanto o havia irritado ao solicitar um lugar separado para dormir.

Bem, não poderia ser ajudado agora. Ela com certeza não iria caminhar até o sótão de Nasim e implorar seu perdão, não quando ela não tinha feito nada de errado em primeiro lugar. Ele poderia apenas sugar.

Franzindo a testa, ela foi até a geladeira. Pelo menos Nasim não tinha intenção de passá-la de fome - ela encontrou uma pizza congelada, um daqueles tipos que você só tinha que enfiar no forno para aquecer, recipientes cuidadosamente ordenados de comida chinesa, meio carrinho de ovos. Era uma vez,



DRIVEN

ela poderia ter se perguntado onde diabos você poderia levar comida chinesa após o apocalipse, mas obviamente, esses pequenos detalhes não eram um problema para um djinn.

Ela pegou um recipiente de pizza e foi ao micro-ondas, já pensando no problema de onde montaria a corrida do dia seguinte. Se ela se mantivesse ocupada com a logística, não teria que se perguntar o que faria se o impossível acontecesse e se perdesse.

CHRISTINE POPE

Nasim olhou para a parede que separava seu loft daquele onde Bailey estava hospedado e tentou não fazer uma careta. Na verdade, o pedido dela era perfeitamente razoável. Seu lugar tinha apenas um quarto, e estava claro que a única maneira que os dois acabariam dividindo a cama era se ele conseguisse vencer duas das três corridas que planejava. Mesmo assim, ele não conseguiu afastar sua irritação. Ele sabia que havia desaparecido durante sua última conversa com Bailey, e tinha certeza de que ela devia ter notado.

Ela se foi agora, levando o Porsche para que pudesse explorar locais para a corrida de amanhã. Embora tivesse sido fácil o suficiente segui-la, espioná-la enquanto ela preparava o curso, ele não se permitiria fazer isso. Se ele vencesse, ele queria que isso acontecesse porque suas habilidades de condução superavam as dela, e não porque ele usara

seus poderes de djinn para obter uma vantagem injusta.

No entanto, só porque ele prometeu não a seguir, isso não significava que ele não poderia subir ao convés da cobertura e garantir que a costa ainda estivesse limpa. Era um espaço simples, mas luxuoso, com uma piscina retangular, várias fileiras de espreguiçadeiras e um pátio coberto com grupos de poltronas e mesas, perfeito para sentar-se em uma noite quente e observar as estrelas. Uma vez, observar as estrelas seria difícil aqui, graças a todas as luzes de Los Angeles que superavam tudo, exceto as constelações mais brilhantes, mas a interferência delas não era mais uma preocupação, obviamente.

Nasim pensou que ele poderia trazer Bailey para cá, mas essa atividade em particular teria que esperar até que eles acertassem essa aposta. Ele não tinha dúvida de que venceria, que seria capaz de desfrutar muitas noites estreladas aqui com ela. Sim, ela era uma motorista habilidosa, mas seus reflexos humanos não podiam coincidir com os dele. Djinn

eram mais rápidos, mais fortes, tiveram reações mais rápidas. Ela fez muito bem em sobreviver sozinha por tanto tempo, e ainda assim ele pensou que ela entenderia logo que perder para um djinn não era uma coisa vergonhosa.

Os céus acima de LA permaneceram claros, não uma nuvem para estragar aquela serena extensão azul. Ele não podia sentir nenhum outro djinn por perto - não que ele esperasse. Havia quem morasse em Bel-Air e alguns que recebiam terras a leste daqui, mas nenhum desses djinn tinha motivos para chegar perto do centro da cidade. Agora era terra de ninguém, que se encaixava perfeitamente nos planos de Nasim.

Mesmo assim, ele olhou fixamente para os arranha-céus, armazéns e edifícios de escritórios da cidade, examinando o complexo de música em direção ao nordeste, onde Bailey havia batido o Porsche, até as estruturas quase abandonadas que ladeavam o que costumava ser Skid Row. Se qualquer um dos infelizes daquela área tivesse sobrevivido ao Heat, eles

não teriam chance contra os djinn exterminadores que vieram depois.

Tudo foi até lá. Ele não conseguiu vislumbrar o Porsche azul celeste de Bailey, que também era bom. Dessa forma, ele poderia honestamente afirmar que não tinha conhecimento prévio do curso que ela escolhera. No entanto, ele poderia adivinhar o suficiente. Ela se destacou em andar pelas ruas vazias da cidade, empurrando seu veículo até o limite, enquanto fazia curvas fechadas em velocidades que teriam feito um motorista menos habilidoso certamente bater. Ele não tinha dúvida de que ela escolheria um curso desse tipo, porque mostraria seus talentos e o colocaria em desvantagem.

O que significava que ele precisava selecionar veículos que funcionassem bem nesse tipo de pista. O Porsche era uma escolha óbvia, mas Bailey já estava familiarizada demais com o veículo, e isso lhe daria uma vantagem adicional.

Ela zombou da Ferrari, mas Nasim se viu reconsiderando o veículo. Ele tinha se saído muito

bem, além de ter um motor tão brutalmente eficiente que até ele, um djinn, sorriu enquanto levava a coisa pela Grand Avenue em busca do Porsche de Bailey. Sim, ele pensou que o Ferrari 488 faria muito bem.

Ele havia tirado o carro do estacionamento de uma concessionária em Beverly Hills, mas isso estava muito perto da comunidade de djinn e Escolhidos de Bel-Air, para seu conforto. Ter outro veículo exatamente da mesma marca e modelo desaparecer dentro de um curto período de tempo pode chamar sua atenção.

Felizmente, havia uma concessionária em Newport Beach, a menos de 160 quilômetros de distância. E aquela concessionária tinha o mesmo veículo que Nasim havia comprado no estacionamento de Beverly Hills, apenas em um lindo azul metálico esverdeado e profundo que ele pensou que Bailey gostaria, considerando a cor do céu do Porsche que ela tanto amava. Ele ligou para a Ferrari, estacionando-a no complexo do loft ao lado de seu carro esportivo de cor preta. Até onde ele sabia, Bailey

não fazia ideia da garagem subterrânea, então ele pensou que o carro continuaria sendo uma surpresa até que ele fosse lançado no dia seguinte.

Com a tarefa concluída, ele desceu as escadas para o loft, que já parecia estranhamente vazio, agora que sabia que Bailey não voltaria aqui. Não importa; em alguns dias, ela seria dele. Então a única decisão real seria aproveitar o encontro ilícito aqui em Los Angeles por mais algum tempo, ou se ele a levaria de volta a Napa. O lugar que ele havia recebido lá era muito bonito, e talvez ela gostasse disso como uma mudança dos corredores de cimento do centro de LA

Pegou uma taça de vinho e entrou no quarto, depois arrastou a mão pela cama, agora bem arrumada, sem deixar vestígios de que Bailey dormira ali na noite anterior.

Logo, ele pensou.

Ela dirigiu pelas ruas vazias de Los Angeles, tensa, apesar de Nasim ter assegurado a ela que não havia outro djinn por perto e que ela estaria a salvo

da perseguição. Infelizmente, velhos hábitos morreram muito.

Tantas escolhas. O caminho entre Los Angeles Street e Hope Street era insanamente confuso; esse pode ser um bom lugar para obter uma vantagem, porque mesmo um djinn pode ter dificuldade em analisar a direção da viagem enquanto se move em velocidade máxima. Eles podiam ir à escola antiga e seguir para o leste fora do centro da cidade através do túnel da Second Street, imortalizado com muitos filmes para contar.

Ou....

Nasim esperava que ela seguisse um rumo sinuoso, porque era boa nesse tipo de direção. Não seria melhor fazer algo completamente diferente, desequilibrá-lo? Ele provavelmente escolheria carros que eram bons em se agachar nas curvas, em vez de puxar o rabo em uma linha reta, o que significava que, se ela escolhesse um lugar para fazer corridas em vez de slalom, seria realmente o reflexo deles e a rapidez com que pode estar fora da linha.

Hmm.

Ela desceu para a Eighth Street e a seguiu para oeste até chegar à rampa para a 110 Freeway. Aqui, assim como nas ruas da cidade, os carros abandonados foram empurrados para o lado. Pelo djinn, obviamente, embora Bailey não soubesse com certeza por que eles haviam limpado a estrada. Eles pensaram que ela poderia usar esse caminho para tentar escapar deles, e o limparam, para que fosse mais fácil identificar de cima? Talvez.

Realmente não importava. O que importava era que todas as quatro pistas para o norte estavam abertas, seguindo em linha reta em direção ao trevo com a 101 Freeway, no lado nordeste do centro da cidade. E não foi tão longe assim, cerca de um quilômetro e meio. É claro que quando você estava preso no pior tráfego do mundo naquela parte da rodovia, aquela milha e meia parecia mais quinhentos quilômetros, mas os congestionamentos eram coisa do passado agora, assim como muitas outras relíquias do mundo antes do djinn chegar.

Eles poderiam começar por aqui, logo após a rampa despejá-los na estrada. O ponto final seria onde o 110 cortaria sob o 101. Não haveria linhas de chegada ou bandeiras quadriculadas, mas ela encontrou um pequeno cone de trânsito lotados no porta-malas do Porsche - colocado ali por Nasim, ela adivinhou - e eles serviriam bem o suficiente para marcar o ponto final da corrida. Ela não os colocaria através do asfalto, mas em dois grupos de três de cada lado da rodovia. Essa deve ser uma linha de chegada visível o suficiente.

Confiante em ter escolhido um bom local, Bailey continuou ao longo da estrada vazia, depois parou onde a 101 cruzava em cima da 110. Um olhar cauteloso para o céu - que permaneceu vazio, como Nasim m havia prometido a ela - e então ela saiu do Porsche, pegou os cones de trânsito do porta-malas e os colocou onde a sombra do viaduto traçava seu caminho através do chão. Depois de concluir a tarefa, voltou ao carro e seguiu um pouco mais longe, esperando até poder sair um pouco ao norte de

Chinatown, depois voltar e seguir para o sul. Talvez fosse estúpido seguir aquelas entradas e saídas pré-ordenadas quando tudo o que ela realmente tinha que fazer era virar o Porsche e voltar pelo caminho que havia vindo, mas algo parecia estranho em seguir o caminho errado na estrada, mesmo que não havia mais ninguém por perto para compartilhar a estrada.

No total, suas explorações levaram cerca de uma hora. Quando voltou ao loft do lado leste da cidade de Downtown e estacionou na rua em frente, não viu nenhum sinal de Nasim. Então, novamente, por que ela faria? Se ele estivesse parado na entrada do saguão, esperando por ela, ela teria pensado que esse tipo de comportamento era pegajoso e um pouco estranho.

Ainda assim, parecia que íamos entrar no prédio, passar pelo banco de caixas de correio no saguão e subir as escadas para o segundo andar, onde estavam localizados os dois lofts emprestados. Havia um elevador, mas ela duvidava que ele se desse ao trabalho de gastar a energia extra para mantê-la

funcionando. Além disso, depois de dirigir por uma hora, era bom esticar as pernas subindo as escadas.

A porta do seu loft estava destrancada. Ainda bem que Nasim não havia lhe dado uma chave. Quando fechou a porta atrás de si, Bailey se perguntou se deveria se preocupar com a trava. Provavelmente não; o djinn ao lado já havia lhe mostrado que as fechaduras não eram um tipo de impedimento.

Ela colocou o chaveiro do Porsche sobre a mesa de jantar e foi para a pequena, mas funcional área da cozinha. Havia um pouco de água fria na geladeira, então ela serviu um pouco para si mesma. Desde que ela comeu antes de sair, ela não precisou comer nada por um tempo.

O que significava que ela tinha muitas horas vazias à tarde e à noite para preencher. Não havia um relógio em lugar nenhum que ela pudesse ver, então ela não sabia exatamente que horas eram. A julgar pelo ângulo do sol no alto, porém, ela imaginou que não poderia ser muito mais tarde do que uma hora.

Os meses que ela passou correndo não deixaram muito espaço para o tédio. Agora, porém, Bailey percebeu que não tinha muito a ver com ela mesma até sua corrida com Nasim, daqui a quase vinte e quatro horas. Pareceria completamente desesperado se ela se aproximasse e batesse na porta dele?

Provavelmente.

Havia uma estante baixa na sala de estar. Ela caminhou até ele e examinou seu conteúdo, mesmo que nunca tivesse sido muito leitora. O que ela achou também não era exatamente interessante - uma série primitiva de revistas da *Architectural Digest* que pareciam nunca ter sido lidas, alguns livros de capa dura de aparência pretensiosa, com imagens abstratas nas capas e sinopse ainda mais abstrata nas capas de poeira, alguns livros de referência.

Ótimo. Naquele momento, ela teria matado por acesso à internet. Pelo menos então ela poderia ter pesquisado carros, tentado adivinhar que tipo de veículo Nasim havia escolhido para o confronto amanhã.

Falhando na Internet ou em qualquer tipo de material de leitura decente, ela pegou seu copo de água e decidiu ir explorar. Do lado de fora, o prédio parecia ter cinco andares. Como ela já estava no segundo andar, não era muita escalada.

Bailey foi até a escada e subiu, estimulada pela promessa oferecida pelas placas postadas ali que anunciavam uma piscina e acesso ao telhado. Com certeza, quando saiu da escada, viu uma piscina retangular limpa brilhando ao sol, várias fileiras de espreguiçadeiras convidativas e um pequeno pátio coberto ao lado.

Claro, o que ela também viu foi Nasim, deitado em uma daquelas espreguiçadeiras, óculos escuros cobrindo os olhos, tronco nu ao sol brilhante no alto.

Droga.

Era difícil não olhar. Ele não tinha colocado óleo bronzeador ou qualquer coisa que ela pudesse dizer, mas sua pele ainda parecia brilhar à luz do sol. Talvez isso fosse apenas suor.

Desde que a última coisa que ela esperou foi que ele pensasse que estava ali e olhando para ele, ela limpou a garganta quando se aproximou e disse: — Ei.

Nasim sentou-se, apesar de não ter tirado os óculos escuros. — Olá, Bailey. Lindo dia, não é?. —

Ele parecia tão relaxado, onde ela se sentia como um feixe de nervos. Estúpido, porque não era como se ela não tivesse visto muitos caras seminus durante sua carreira, mesmo aqueles cujos corpos eram quase tão bons quanto os de Nasim.

A palavra-chave é — quase.

Ela se sentou na espreguiçadeira ao lado dele. — Sim, é legal.— E caramba, isso não parecia estúpido também. Não era uma festa no jardim ou algo onde ela precisava conversar. — Eu escolhi o local para a nossa corrida amanhã.

— Boa.

Seu tom era tão neutro que ela não sabia dizer se ele ainda estava irritado por ela ter deixado seu apartamento. Odiando o pequeno silêncio

constrangedor que caiu depois que ele pronunciou essa palavra, ela continuou. — Como você queria trabalhar exatamente? Siga-me até o ponto de partida?.

— Você pode me encontrar no lobby ao meio-dia, — ele sai. — Vou levá-la para o seu carro, e então você pode dirigir para onde vamos correr.

— Parece bom. Acho que vou te ver então. —

Bailey começou a se virar para que ela pudesse sair, e ficou surpresa ao senti-lo estender a mão e agarrar sua mão, impedindo-a, embora ele largasse quase imediatamente quando ela fez uma pausa. — Por que se apressar?— ele perguntou. — É um lindo dia. Fique aqui e aproveite a luz do sol.

Seu calor parecia bom. Durante os meses em que corria e se escondia, ela não teve a oportunidade de aproveitar o famoso sol do sul da Califórnia. Ainda assim, ela sentiu que deveria fazer pelo menos um protesto simbólico. — Eu vou fritar neste sol.

Antes que ela pudesse piscar, uma garrafa de protetor solar caiu em sua mão. Ela agarrou o

recipiente de plástico, envolvendo os dedos em volta dele antes que pudesse cair no concreto. Na outra mão, havia um maço de tecido preto. Confusa, ela enfiou o protetor solar debaixo de um braço para poder desembaraçar o tecido e ver o que era.

Não que houvesse muito o que desembaraçar, como se viu. O que ela segurava era um biquíni acanhado e uma blusa ainda mais escassa.

— Você espera que eu use isso?— ela perguntou.

Ele deu de ombros, mesmo quando os jeans que ele usava desapareceram, substituídos por um par de sunga azul escura. Foi muito rápido, graças a Deus, mas ainda assim. Agora ela podia ver que as pernas dele eram tão musculosas quanto seus ombros e braços ... não que ela esperasse mais alguma coisa. Ele colocou os óculos escuros no nariz. — Parece uma pena desperdiçar essa piscina.

— Não há lugar para mudar, — apontou Bailey, já que ele sentia como se estivesse tentando intimidá-la, e ela não estava prestes a rolar para ele.

Mesmo que Nasim tivesse acabado de ajustar seus óculos de sol, ele ainda os removia para poder dar-lhe um olhar irônico. — Isso realmente não é um problema, você sabe.

Oh, merda. Desde que ele trocou magicamente seu jeans por sunga e fez novas roupas aparecerem no dia anterior, ela sabia que tudo o que ele precisava fazer era estalar os dedos para remover o jeans e a blusa que ela usava agora e substituí-los pelo bikini. De jeito nenhum ela permitiria que ele fizesse isso. Era muito ... íntimo.

— Vou me trocar na escada— - disse ela friamente, e deu as costas para ele, a fim de procurar abrigo na relativa segurança daquele espaço fechado.

Uma vez dentro, ela pensou em descer as escadas para não ter que vestir a roupa de banho, mas se recusou a deixá-lo chegar até ela daquele jeito. Se ele queria vê-la de biquíni, tudo bem. Não seria a primeira vez que ela se exibisse.

Com a mandíbula cerrada, ela tirou o jeans e a blusa, dobrou-os e depois tirou a calcinha e o sutiã,

colocando-os entre as outras peças de roupa para que pelo menos eles não estivessem sentados no topo da pilha. Era mais do que estranho estar nu aqui nesta escada de aparência industrial, com suas escadas de chapa de aço com diamantes e paredes pintadas de cinza, e não muito melhor mesmo quando ela estava de biquíni. Mas pelo menos agora ela estava parcialmente coberta... Se apenas *muito* parcialmente. Aquele biquíni era ainda mais escasso do que parecia antes de vesti-lo.

Para ajudar a encobrir um pouco as coisas, Bailey puxou o elástico da ponta da trança e soltou o cabelo, deixando-o cair sobre os ombros. Isso foi um pouco melhor. Ela não prestou muita atenção ao cabelo nos últimos seis meses, exceto para trançá-lo metodicamente todos os dias para mantê-lo fora do caminho, mas ela poderia dizer que tinha crescido muito, talvez porque ela basicamente o deixou sozinho. Agora caía mais da metade da cintura, os fios finos fazendo cócegas em suas costas, abaixo da faixa inferior da parte superior do biquíni. Trabalhando

rapidamente, ela alisou o protetor solar nos braços, pernas e ombros, e o máximo de costas possível.

Tudo certo. Ela respirou fundo, ergueu os ombros e saiu. A luz do sol quente era boa em sua pele nua, quase reconfortante - especialmente agora que ela não precisava se preocupar em se queimar. O olhar dela mudou-se para onde Nasim estava sentado na espreguiçadeira, mas ele não estava lá.

No entanto, ele não tinha ido muito longe. A água da piscina ondulou quando ele nadou de um lado para o outro, seus cabelos na altura dos ombros agora grudados na nuca. Ele não parecia estar olhando para ela ou prestando muita atenção em seus movimentos, e ela não pôde deixar de ficar aliviada por isso. Pelo menos assim, ela não se sentia tanto como se tivesse que andar uma luva.

Movendo-se rapidamente, ela foi até a beira da piscina e pulou para dentro. A água também estava quente, muito mais quente do que deveria estar se estivesse apenas sendo aquecida pela radiação solar.

Mais magia djinn, ela supôs. Nasim se preocupou muito em tornar as coisas confortáveis.

Bem, tudo, exceto a tensão entre eles.

Ele veio à tona e sorriu quando a viu lá, pisando na água. — Parece bom, não é?

— Sim, — ela permitiu. — Você nada aqui muito?

O sorriso dele aumentou. — Primeira vez. Eu pensei que não deveria desperdiçar. Provavelmente já faz muito tempo que você nada na piscina, não é?

Houve um eufemismo. Bailey teve que conscientemente fazer uma pausa e folhear suas memórias para se lembrar da última vez que ela nadou. Foi... há quatro anos, ela pensou, quando ela e Diego ainda estavam juntos. Um de seus amigos fez uma festa do Memorial Day em sua casa e havia uma piscina. Mesmo assim, ela realmente não tinha nadado, nem balançada na água com um braço em volta de Diego e uma margarita na outra mão.

— Já faz um tempo, — ela permitiu, depois estendeu as duas mãos para alisar o cabelo molhado

do rosto antes de remar em direção à extremidade rasa para que ela pudesse se levantar. — E você?

— Não me lembro exatamente.— Nasim nadou até o lado da piscina e apoiou um braço no concreto. — Provavelmente mais que você. Os elementais do ar não são atraídos imediatamente para a água, mas devo dizer que um mergulho pode ser refrescante.

— 'Elementais do ar'?— Bailey ecoou. — É isso que você é?

— Sim.— Ele fez uma pausa e levantou o rosto para a brisa fresca que soprava pelo pátio da cobertura. — Nós djinn temos quatro elementos - terra, ar, fogo e água.

Pelo jeito que ele sorriu para ela enquanto falava, ela adivinhou que ele estava brincando com ela um pouco. Bem, desculpe se ela não sabia que havia diferentes tipos de djinn. Ela passou muito tempo tentando iludi-los a parar e descobrir se eles diferiam um do outro de alguma maneira.

— Teria sido principalmente elementais do ar que a perseguiram , — continuou Nasim. — Enquanto

todos nós podemos piscar de um lugar para outro, são apenas os que nascem no ar que conseguem voar. É por isso que fazemos bons olheiros.

— Ou exterminadores, — disse Bailey.

Ele franziu a testa. — Eu disse que não era como eles.

— Sim, eu entendi essa parte.

Sua expressão clareou e ele nadou em sua direção, levantando-se um pouco da água quando seus pés tocaram o fundo da piscina. Tão perto, ele foi ainda mais impressionante, especialmente com a água escorrendo pelos contornos impressionantes do peito e do estômago.

Bailey fez o possível para manter os olhos fixos no rosto dele. Não que essa parte dele não fosse tão perturbadora.

— Você precisa relaxar, — disse ele. Um copo de margarita apareceu em cada mão, e ele estendeu um para ela.

Relaxe, quando ela ficou presa aqui com um dos djinn que ajudou a destruir o mundo? Tudo bem, o

mundo em si não estava exatamente destruído, mas eles certamente fizeram um bom trabalho em acabar com a humanidade.

Mas cara, ela era uma otária por uma boa margarita.

Sua mão estendeu quase por vontade própria. Nasim permitiu que ela segurasse o copo de margarita, mas não antes de deixar um dos dedos roçar nos dela. Resumidamente, um toque tão rápido que ela quase não sentiu nada.

Mas ela fez. Um desses calafrios percorreu seu caminho pela espinha, apesar do calor do sol batendo neles. Por apenas um segundo, Bailey se perguntou exatamente por que ela estava fazendo todo esse trabalho para ter essas corridas com Nasim, quando lhe pareceu suficientemente claro que ela estaria muito disposta a deixar seu relacionamento se tornar físico. Ela já reagiu a alguém assim antes? Normalmente, ela era a rainha do gelo, porque era mais fácil assim. Agora, porém ... agora ela sabia que o calor que despertava em seu corpo não tinha muito

a ver com o sol brilhante que brilhava sobre eles, ou a água quase à temperatura do sangue que a sustentava agora.

Ela tomou um gole de margarita tão apressado que quase imediatamente sentiu a temida dor do — freezie— se espalhando por suas têmporas. Droga.

— Você está bem?— Nasim perguntou, depois de tomar um gole mais medido de sua própria bebida.

— Tudo bem, — Bailey conseguiu. — Eu apenas bebi muito rápido.

— Ah

A melhor maneira de vencer um freezie era ter um pouco mais do que a afligia. Ela bebeu novamente, um pequeno gole, que deslizava muito mais facilmente pela garganta. Isso foi melhor.

— Então, — ela disse, — existem quatro tipos de djinn? Você parece diferente um do outro? Quero dizer, todos os elementais do fogo são ruivos ou algo assim?.

Os olhos azuis de Nasim enrugaram de diversão.
— Não. Você não pode dizer, olhando para nós, quais

são nossas naturezas. Alguns elementais do fogo têm chamas aparecendo em torno deles se estiverem com raiva o suficiente, mas, caso contrário, não há realmente nenhuma pista externa.

Bem, Bailey supôs que essa era uma maneira de saber se alguém estava chateado sem precisar perguntar a eles. A ideia de um ser que controlava o fogo era um pouco assustadora para ela, mas isso só poderia ser porque ela era uma californiana nativa e sabia muito bem o quão devastador o fogo poderia ser quando saiu do controle. Por outro lado, depois de passar por alguns terremotos, ela não tinha certeza se um elementar da terra seria muito melhor. Os elementais do ar pareciam um pouco menos ameaçadores, apesar de serem olheiros.

Ou talvez fosse apenas porque o único djinn que ela conhecia era um espírito do ar.

Bailey tomou um gole de margarita. Os efeitos desse primeiro gole agora haviam desaparecido principalmente, para que ela pudesse desfrutar de

sua bebida. Era muito bom, forte, mas não tão forte que a tequila dominava todos os outros ingredientes.

Sim, e forte o suficiente para que alguns deles possam te bater na bunda, se você não tomar cuidado, ela pensou. Você tem um. Apenas um.

— Mas vocês podem se diferenciar, — disse ela.

— Sim, nós podemos. É algo que djinn podemos sentir um sobre o outro.

Como cães, ela pensou, mas não disse nada em voz alta. Ela tinha a sensação de que Nasim poderia não se importar com esse comentário em particular. Ah.

Outro gole, e então ela foi para o lado da piscina para poder colocar a margarita no chão. Desde que ela estava se permitindo apenas um, parecia mais inteligente espaçar os goles de sua bebida. Uma vez que suas mãos estavam livres, ela nadou para o centro da piscina e flutuou de costas, aproveitando o calor do sol acima e a água abaixo.

Além disso, dessa maneira, ela havia colocado alguma distância necessária entre ela e Nasim.

Isso não durou muito tempo, no entanto. Ela ouviu alguns salpicos fracos, e então ele estava lá perto dela, flutuando também. Embora seus olhos estivessem mais fechados contra o brilho do sol, ela pensou que ainda podia ver o brilho da água no peito dele e no estômago, deslizando sobre os contornos duros de seu corpo.

— Você parece mais relaxada agora.

— Eu sou, — disse ela. Bem, principalmente de qualquer maneira. Contanto que ela não estivesse olhando para ele e pensando como seria ter aqueles músculos molhados pressionados contra ela ... para que ele alcançasse os laços em seu biquíni e os desfizesse, suas mãos segurando seus seios ...

Merda. Um pouco de água, margarita ou algo pareceu ficar preso no fundo da garganta, e Bailey tossiu, perdendo o equilíbrio e afundando na água. Nasim estendeu a mão e a segurou pelo braço antes que ela pudesse submergir completamente.

— Você está bem?

— Tudo bem, — ela saiu, e depois tossiu novamente. Ela lhe enviou um sorriso triste. — Acho que devo sair da água por um tempo.

Ele não estava flutuando agora, também, mas pegando água a cerca de um pé dela. — Sim, talvez você deva se sentar em um dos salões.

Era difícil sair da piscina, sabendo que ele a observava a cada passo, mas Bailey se forçou a sair de qualquer maneira, parando para pegar sua margarita de onde a deixara na beira do concreto perto do fundo. Enquanto caminhava em direção aos salões, uma toalha brilhante estampada em azul e laranja apareceu em uma delas, e a alcançou enquanto colocava a bebida em uma das mesinhas que estavam entre as espreguiçadeiras.

Depois que a toalha a envolveu, ela se sentiu um pouco melhor. Ela também ficou feliz ao ver que Nasim não parecia inclinado a segui-la, mas agora estava nadando ao longo da piscina, dando voltas. Exibindo-se, ou apenas contente com a oportunidade de se exercitar um pouco?

De qualquer maneira, ele estava dando a ela um pouco de espaço, e ela tinha que ficar feliz com isso. Ela se secou, depois estendeu a toalha na espreguiçadeira e se recostou. Mais uma vez, o copo de margarita estava em sua mão e ela tomou outro gole. Sim, isso tinha um gosto bom. Difícil de acreditar que ela poderia passar por tantos meses de vida caçada e de alguma forma acabar aqui em um deck na cobertura, tomando uma margarita e vendo um espécime particularmente bem escolhido de um homem finalmente terminar de nadar e puxá-lo para a beira da piscina, água pingando por toda parte.

Não é um homem, no entanto. Ele parecia um, mas não era.

Djinn ... humano ... tanto faz. A vista ainda era bem agradável, e ela não estava falando sobre o horizonte de Los Angeles, dura e brilhante contra o céu azul claro.

Nasim pegou sua própria margarita e sentou-se ao lado dela. Ele tomou alguns goles e perguntou: — Ansiosa para amanhã?

Bailey se mexeu apenas o suficiente para poder virar a cabeça e dar-lhe um olhar penetrante. — Eu não tive o suficiente para beber e não estou prestes a revelar qualquer um dos meus segredos.

Ele colocou uma mão no peito, fingindo consternação. — Eu não sei por que você pensaria isso de mim.

— Porque é o tipo de truque que eu faria.

Essa observação provocou uma risada. Nasim afastou os cabelos molhados da testa e olhou através do telhado em direção ao horizonte que ela estava observando apenas um momento antes. — Então você é do tipo que joga sujo.

— Eu não disse isso. Há uma diferença entre tirar vantagem de uma fraqueza e jogar sujo.

— Entendo.— Ele ficou em silêncio por um momento, bebendo sua margarita. — Você gosta de ganhar, não gosta?

Bailey encolheu os ombros. — Todo mundo não?

— Isso importa mais para algumas pessoas do que para outras.

— Vamos apenas dizer que não gosto de perder.

A expressão divertida deixou seu rosto. Ele se virou para ela, seu olhar avaliando. Não olhando para o corpo dela, apesar de quanto o biquíni expôs. Não, ele estava olhando nos olhos dela, aparentemente tentando encontrar alguma verdade lá. — Nem eu. Mas prometo que, quando vencer a nossa aposta, serei gentil.

— Você quer dizer quando perder e me dá uma escolta de primeira classe para Los Alamos?

Ele não piscou. — Quanto a isso... no improvável evento em que você vence, você pode achar que não gosta tanto quanto imaginava.

Bailey não respondeu ... porque ela temia que ele estivesse certo.

NASIM garantiu que ele estivesse no saguão do prédio aos cinco minutos até o meio dia, principalmente porque ele queria ser o primeiro em cena. Nenhuma razão real, exceto que ele pensou que isso poderia desequilibrar Bailey se ele chegasse lá antes dela. Ela havia saído da cena rápido o suficiente na tarde anterior, possivelmente porque não queria responder à observação dele sobre sua reação, se conseguisse ganhar a aposta. Ele não a viu depois disso, o que não foi uma surpresa, mas o decepcionou. Teria sido muito melhor para eles passarem a noite juntos, compartilhar um pouco de vinho e comida, mesmo que nada mais acontecesse. Claramente, porém, ela parecia determinada a manter a maior distância possível entre eles.

Quando ela saiu da escada alguns minutos depois que ele chegou ao saguão na manhã seguinte, ela não pareceu tão surpresa ao vê-lo. Ela assentiu e perguntou: — Pronta?

— Sim, — ele respondeu. — Os carros estão na garagem.

— Lidere.

Ele a levou para as escadas que levavam à área de estacionamento subterrâneo do edifício, enviando um pouco de energia para as luzes do teto, para que não caíssem na escuridão total. Embora ele não olhasse para trás, Nasim podia ouvir o som de suas botas ecoando na escada de metal. Esta manhã, ela estava completamente coberta da cabeça aos pés, de jeans, camiseta e jaqueta de couro que usava quando ele a puxou dos destroços de seu veículo. Ele curou todos os rasgos e arranhões da jaqueta, e esperava que ela pudesse comentar sobre isso. Mas parecia que hoje ela era toda profissional, focada na disputa pela frente. Enquanto ele estava aliviado por vê-la saudável e completa, ele desejava que ela não fosse tão rápida, tão independente.

O par de Ferraris estava estacionado não muito longe da escada. Nasim estendeu a mão na direção deles. — O verde azulado é seu.

Bailey levantou uma sobrancelha irônica. — Você foi com Ferrari?

— Sim, eu fiz, — respondeu ele, recusando-se a deixá-la incitar ele. — Eles são excelentes para uma variedade de condições de condução - o carro do ano do *Motor Trend*, 'você sabe.

Esse pronunciamento a fez rir alto. — Onde você viu isso?

— Adquiri vários periódicos da biblioteca central para fazer minha pesquisa.

— Oh, bem, então.— Ela foi até o carro esportivo azul esverdeado e olhou para ele. — Onde você conseguiu isso?

— De uma concessionária em Newport Beach. Eu já tinha o meu, é claro - esse veio de Beverly Hills.

— Figuras. — Bailey ergueu os olhos da Ferrari. — Você acabou de estalar os dedos e fazer este aparecer também?

— Mais ou menos. O porta-chaves já está dentro. Não é necessário trancar o veículo ou tomar outras medidas para mantê-lo seguro - não havia ninguém

por perto para roubar o carro, por mais valioso que fosse. —

— Tudo certo.— Ela pegou a maçaneta e a levantou. — Então vamos em frente, vamos?

— Claro.— Nasim foi até o próprio veículo e entrou, encostou o dedo na ignição. O motor rugiu para a vida, praticamente pulsando com força. Embora ele controlasse energias que a maioria dos humanos mal conseguia compreender, ele tinha que admitir que havia algo de primordial no barulho do motor da Ferrari.

Algo que fez você querer correr.

Bailey deu partida no próprio carro e saiu lentamente do estacionamento, seguindo para a rampa que levava ao nível da rua. Parecia que ela queria ter certeza de que ele não teria dificuldades em segui-la, porque mantinha os limites de velocidade registrados até o destino, mesmo que não houvesse realmente motivo para dirigir com moderação. Ainda assim, ela teve que se agitar um pouco para chegar

aonde estava indo, e Nasim se sentiu feliz por não estar acelerando, pois teria sido difícil acompanhar.

Para sua surpresa, ela o levou a uma estrada que esvaziava na estrada que cortava o centro da cidade. Depois de sair da rampa, ela se moveu para a segunda faixa da esquerda e parou. Nasim estacionou o veículo próximo ao dela e esperou enquanto ela descia do banco do motorista e se aproximava dele.

— Esta é uma corrida de arrancada direta, — ela disse a ele, de pé ao lado da janela que ele havia aberto. — A linha de chegada é o cruzamento com a Autoestrada 101, a cerca de 1,6 km daqui. Quem chegar ao viaduto vence primeiro - eu coloquei os cones lá fora, para que seja fácil saber onde a corrida termina. Entendeu?

— Sim, — ele respondeu, ainda um pouco surpreso por ela escolher esse tipo de corrida, especialmente em um carro que nunca havia dirigido antes. Ele não alegou ser um especialista, mas pelo menos estaria ao volante da Ferrari por alguns dias, muito mais experiência do que Bailey. Ou pelo menos,

ele imaginou que alguém com seu passado nunca teve a chance de dirigir algo tão caro.

— OK. Começaremos quando— - ela se inclinou para ele e apertou os olhos para o painel - nossos relógios dizem que são meio dia e dez. Você pula a arma, perde. Nem um segundo antes. —

— Compreendo.— Nasim podia ver por que ela teve que inventar esses improvisados; não era como se tivessem alguém parado com uma bandeira ou uma pistola de arranque, e certamente não podiam contratar nenhum outro djinn para oferecer sua ajuda.

— Boa.— Com isso, ela voltou ao seu veículo. Hoje ela estava de jaqueta de couro que ele havia consertado para ela e com ela foi puxada para uma trança severa, mas ainda assim ela era linda.

Além disso, ele conseguia se lembrar de como ela estava naquele biquíni.

Mas ele não podia deixar-se distrair. Ele se afastou dela e olhou para a estrada aberta à sua frente. Estava sem veículos, e a calçada parecia lisa o

suficiente, mesmo que ninguém estivesse por perto para mantê-la nos últimos seis meses. Essa corrida seria direta e contaria com velocidade bruta e nada mais.

Embora o dia estivesse quente, ele desligou o ar condicionado do veículo. Ele não queria perder nem uma única grama de potência por esse tipo de indulgência, porque isso apenas o atrasaria.

Seu olhar mudou-se para o relógio digital no painel. Nove minutos depois das doze. Quase lá. O carro roncou embaixo dele, obviamente impaciente com essa marcha lenta prolongada. Queria ser desencadeado.

Os dígitos no relógio mudaram. Doze dez.

Sem parar para pensar. Seu pé bateu no acelerador, esmagando-o na tábua do piso, e o Ferrari saltou para a frente como um cavalo assustado. A seu lado, o veículo de Bailey também avançava, o nariz nivelado com o dele.

Droga.

O acelerador já estava no chão, mas ele passou para o segundo e rapidamente para o terceiro, vendo que já estava percorrendo oitenta quilômetros por hora. Noventa. Cem. Do lado de fora das janelas, pilares de concreto sustentando viadutos passavam em um borrão, mas ele não podia se deixar distrair.

Passando para a quarta, passando por cento e dez milhas por hora.

E a Ferrari azulada de Bailey estava à frente pelo nariz.

Como isso foi possível? Talvez ela conhecesse alguma forma misteriosa de mudança de velocidade que lhe dera uma vantagem. Ou talvez o carro dela fosse um pouco mais novo, um pouco mais poderoso.

As mãos de Nasim apertaram o volante enquanto ele mantinha o acelerador pressionado em direção ao chão. E, no entanto, ela avançou novamente, não muito, mas certamente o suficiente para fazer a distância entre eles parecer um ano-luz.

O viaduto estava chegando. Ele podia ver, tinha que ignorar todas as pistas que iam para a direita,

para que pudessem se conectar com a outra rodovia, aquela cujo viaduto marcaria o ponto final da corrida. Agora eles estavam em três faixas - não que isso importasse, já que não havia ninguém para compartilhar a estrada com eles.

— Vamos lá, vamos lá, — ele murmurou vermelho, embora a Ferrari realmente não pudesse fazer muito mais do que já era. Eles haviam deixado 160 quilômetros por hora na poeira alguns metros atrás, e o velocímetro continuava se movendo para a direita.

Mas não importava, porque no segundo seguinte o carro de Bailey havia disparado sob o viaduto, com Nasim a seguindo quase um pé. Assim que saiu do viaduto, diminuiu a velocidade, parando perto de uma saída que anunciava que levava a Chinatown. Ele diminuiu a velocidade também, suas terminações nervosas fervilhando de adrenalina. Como ela conseguiu? Veículos idênticos sem modificações. Não havia nenhuma razão para ele ter perdido ... exceto que ela era a melhor motorista.

Ele estacionou a Ferrari e saiu. Bailey também saiu do veículo, sorrindo.

Claro que ela estava sorrindo. Ela acabara de vencê-lo.

— Parabéns, — disse ele, estendendo a mão. Embora ele estivesse decepcionado e irritado consigo mesmo, ele certamente não queria que ela visse que ele era um perdedor ruim.

— Obrigado, — ela respondeu. Pelo menos ela pegou a mão dele e a apertou. Seus dedos estavam quentes, mais fortes do que ele imaginara. — Os Ferraris foram uma boa escolha, — acrescentou ela, puxando a mão da dele - mas gentilmente, de uma maneira que parecia sinalizar que ela estava fazendo isso porque seria muito bobo continuar apertando as mãos depois de fazerem o gesto inicial.

— Estou feliz que você pensa assim.— Ele olhou para a rampa de acesso, aquela com a placa que direcionava os que saíam para Chinatown. — Posso comprar seu almoço?

Este anúncio foi comido? Ela achou que não. Era apenas o almoço, e Nasim estava brincando sobre — comprá-la— a refeição do meio-dia, pois é claro que não restava ninguém para cobrar pela comida.

Ainda assim, era meio surreal sentar aqui em um estande de um dos restaurantes mais chiques de Chinatown, com papel de parede escuro que parecia estar presente desde a década de 1970 e tanques ainda cheios de peixes flutuando sem rumo, destacados por lugares estrategicamente posicionados. luzes coloridas. Como aqueles peixes ainda estavam vivos, Bailey não fazia ideia. Depois de seis meses de negligência, sem água fresca e sem comida, todos deveriam ter sido pequenos cadáveres dessecados, deitados na areia, no fundo de seus tanques. Mas lá estavam eles.

Não fazia muito sentido. Então, novamente, havia muito sobre esse novo mundo que não fazia nenhum sentido.

Nasim a levava a uma cabine escondida nos fundos do restaurante. Ela se perguntava se ele a

levara a esse local sombrio para que ele pudesse agir, mas até agora ele estava agindo como um perfeito cavalheiro, perguntando-lhe quais eram seus pratos favoritos, que tipo de bebida ela mais gostava. Até Diego nunca fora tão solícito, e Bailey não tinha certeza de como deveria reagir. Provavelmente, é melhor fingir que tudo isso era perfeitamente normal, mesmo que fosse tudo menos isso. Ela tomou um mai tai com guarda-chuva de papel e se perguntou como tinha chegado aqui.

Um aceno da mão de Nasim, e a mesa estava cheia de uma variedade de pratos - arroz frito com frango, sopa de ovos, frango agri-doce, um prato de dim sum. O aroma misturado era suficiente para dar água na boca a Bailey. Sim, o leite que ela encontrou na geladeira em seu loft emprestado tinha sido bastante decente, mas havia perdido um pouco ao ser reaquecido. Toda a comida à sua frente estava muito quente e, ela adivinhou, provavelmente de maior qualidade do que o que aquele restaurante realmente servira naquele dia.

Nasim serviu um pouco de tudo para ela e depois encheu seu próprio prato. Ela ergueu o copo e ele bateu com o seu - um daiquiri e um mai tai - contra o dela.

— Obrigado pelo banquete, — disse ela.

— Estou feliz por poder fornecer, — respondeu ele. — A localização que sugeri, afinal.

Bailey supôs que sim. — Você é um perdedor muito gentil.

O sorriso que ele estava vestindo não desapareceu. — Ah, bem, eu tenho outro dia para me redimir.

É verdade. Essa foi toda a razão pela qual ela seguiu todo o plano dos — duas melhores de três, — embora agora estivesse se chutando por sugerir isso em primeiro lugar. Se eles tivessem feito uma configuração de — o vencedor leva tudo, — ela já estaria livre e a caminho de Los Alamos.

Por alguma razão, porém, essa perspectiva não parecia tão atraente quanto ela pensava que seria.

Além disso, tudo isso se baseava em se Nasim honraria a aposta que eles fizeram. Até o momento, ele não deu a mínima importância que não daria, mas Bailey sabia que ela estava se enganando se não reconhecesse que era ele quem detinha todas as cartas aqui. Ela podia dirigir como o vento, mas ele era um djinn, e ela era apenas humana. Não foi muito um concurso, uma vez que você se acostumou ao básico. No entanto, ela não se deixou levar pelas desigualdades que existiam entre eles. Talvez ela estivesse sendo ingênua, mas queria acreditar que ele não sairia da aposta deles se as coisas não fossem do seu jeito.

— Alguma ideia sobre a corrida de amanhã?— ela perguntou depois de tomar um gole de seu mai tai.

— Não, — ele disse, e algo sobre a expressão levemente perplexa que ele usava disse a ela que ele provavelmente estava sendo sincero.

— Bem, você tem o resto de hoje e amanhã de manhã para descobrir.— Ela pegou os pauzinhos e

pegou um pedaço de dim sum, depois deu uma mordida.

— Você gostaria de manter nossas corridas marcadas para o meio dia?

— Por que não? É uma boa hora do dia, porque, com o sol diretamente em cima, você não precisa se preocupar em lidar com o brilho que entra pelo parabrisa.

Nasim assentiu. — Suponho que deveria ter pensado nisso. Você está certa, é claro. Bem, sim, suponho que tenho quase um dia para decidir que tipo de corrida teremos e onde. —

— E os carros?— Perguntou Bailey. Ela tomou um gole de mai tai novamente. — É a minha vez de escolher, mas não posso exatamente estalar os dedos e fazê-los aparecer da maneira que você pode.

— Você terá que me dizer, — ele respondeu. Ele também usou os pauzinhos - com muita habilidade - para guiar uma boca cheia de arroz frito de frango até os lábios. — Suponho que, se você tomar sua decisão

às dez da manhã, terei tempo suficiente para localizar os carros em questão.

Ele parecia completamente confiante, e Bailey supôs que estava. Afinal, ela não estava exagerando com o estalar do dedo - isso parecia ser tudo o que ele precisava fazer para conseguir o que ela queria. Talvez se ela ficasse realmente louca e solicitasse um par de Corvettes de janela dividida em números de 1963, seria necessário um pouco mais de esforço do que simplesmente localizar alguns Ferraris abandonados deixados para trás em estacionamentos aqui no sul da Califórnia, mas ela não tinha dúvida de que ele poderia conseguir. Não que ela pedisse algo tão esotérico, principalmente porque, embora os carros clássicos pudessem ser divertidos de dirigir, eles não conseguiam igualar o desempenho de seus colegas modernos.

— Eu vou, — disse ela. — Que tal eu colocar uma nota debaixo da sua porta?

Essa sugestão deu a ela um olhar levemente dolorido, mas Nasim apenas deu de ombros. — Se é assim que você deseja gerenciar as coisas.

— Por que não? Isso adiciona um pouco de mistério ao processo.

Ele riu. — Se você diz.

Eles comeram em silêncio por um momento. A comida era maravilhosa, e tão completamente diferente de tudo o que ela tivera durante os seis meses - ou muito, muito mais que isso, já que ela não comia chinês por um tempo antes do calor chegar - que ela queria para prestar atenção, saboreie todos os sabores individuais.

— Como você sabia conjurar uma comida chinesa tão boa?

— Não se trata de conjurar, — respondeu Nasim, — mas apenas lembrar como é. — Depois de comer um prato, lembro como era o sabor e recriá-lo. — Suponho que seja um talento que todos nós djinn possuímos.

— Prático, — comentou Bailey, — considerando que não posso nem ferver água. —

— O que há de tão difícil em ferver água?— ele perguntou, as sobrancelhas se juntando. — Ele só precisa atingir uma certa temperatura.

Ela encolheu os ombros. — Suponho que seja apenas uma expressão que significa que não sei cozinhar. Como, de todo. São micro-ondas e comida para mim - bem, quando essas coisas ainda existiam, quero dizer.

Algo na expressão de Nasim parecia quase culpado, embora Bailey se perguntasse se isso era apenas um truque da fraca iluminação do restaurante. Ou talvez ele sentisse algum tipo de remorso pelo que seu povo fizera ao mundo, mesmo que ele não estivesse diretamente envolvido. Não era uma pergunta muito pessoal para fazer, então ela deixou de lado por enquanto. Ela não queria ser pessoal. Ela queria falar sobre a logística de suas corridas, ou talvez algo inócuo como a comida que eles estavam comendo, e era isso.

Porque a verdade era que, embora Nasim se sentasse a uma distância suficientemente decorosa dela, ela ainda estava ciente da presença dele. Hoje ele estava de volta em sua camiseta preta e calça jeans, mas ela lembrou como ele era no dia anterior em seu calção de banho, como a água deslizou amorosamente sobre seus lindos músculos, como o sol se destacou luzes douradas em seus cabelos cor de areia.

Mentalmente, ela pode estar correndo para se afastar dele, mas seu corpo aparentemente tinha outras ideias. Droga, ela não tinha tempo para esse tipo de porcaria.

— Ninguém nunca me ensinou, — disse ela rapidamente, afastando seus pensamentos da perfeição física de Nasim. — Para cozinhar, quero dizer.

— Porque você estava em lares adotivos.

— Sim.— Bailey pegou seu mai tai e deu um grande gole, que quase esvaziou o copo. Não é grande coisa, obviamente, porque no segundo seguinte foi

reabastecido a menos de meia polegada da borda. Ela arqueou uma sobrancelha para Nasim. — Você está tentando me embebedar? Vai demorar mais do que alguns mai tais, especialmente com toda a comida.

— Vou me lembrar disso.— Um pequeno sorriso apareceu nos cantos de seus lábios. — Mas não, eu estava apenas tentando garantir que você bebesse o suficiente com a comida restante.

— Você sempre pode me pegar um pouco de água.

— Onde está a diversão nisso?

Foi a vez dela balançar a cabeça. Ela pegou alguns pedaços de frango agri-doce e comeu devagar, saboreando a mistura picante de sabores.

— Você não gosta de falar sobre isso, não é?— Nasim perguntou.

— Sobre o que?

— Estar em uma família adotiva.

A galinha parecia grudar na garganta. Bailey pegou sua bebida e tomou outro gole, um pouco menor que o de um momento antes. Claro, Nasim estava certo; ela não gostava de falar sobre isso. Se

ela pudesse, ela apagaria essa parte de sua vida permanentemente de sua memória. Infelizmente, não funcionou dessa maneira. Ela lembrou demais.

Ela largou o copo. — O que você quer saber? Como andei de casa em casa até os dez anos, finalmente consegui um lugar que parecia estável, apenas para que uma das minhas mães adotivas sofresse câncer de mama alguns anos depois? Como a casa para a qual eles me enviaram depois parecia ótima na superfície - o pai adotivo era um juiz, a mãe adotiva era uma professora - exceto que o pai adotivo gostava de brincar com garotas pubescentes, e é por isso que eles acolhem crianças adotivas?

Nasim ficou em silêncio, olhando para ela. — Sinto muito. Eu não fazia ideia.

— Ah, não se preocupe— - interrompeu Bailey. — Eu era pequena para o seu gosto quando fui morar lá, mas descobri o jogo dele em breve. Dois dias depois do meu décimo terceiro aniversário, ele tentou entrar no meu quarto, mas eu peguei uma faca de um dos garotos da escola e enfiei no intestino gordo do juiz.

Não o matou, mas com certeza o fez pensar duas vezes antes de tentar colocar seu pau em mim. Claro, eles silenciaram a coisa toda, porque o juiz não podia perder sua posição, certo? Eu saí fácil, eles me enviaram para uma casa de grupo. Não foi tão ruim lá, porque as notícias haviam se espalhado sobre o que eu tinha feito e todo mundo praticamente me deixou em paz. Eu me mudei aos dezoito anos porque recebi um cheque mensal do condado se eu continuasse na escola e trabalhasse. E essa é a minha vida em poucas palavras. Satisfeito?.

É claro que ela deixou de lado como conheceu Oscar no salão do automóvel, foi trabalhar com ele - apaixonou-se por seu filho. Mas, por mais que Oscar apreciasse suas habilidades com motores, ele não achava que ela era boa o suficiente para Diego. Uma vez que Oscar descobriu o relacionamento de seu filho com a garota que ele levava sob suas asas, esse foi o fim da história. Ela estava sem emprego e namorado, e aparentemente Diego não estava tão apaixonado por

ela que ele queria arriscar seu futuro nos negócios de seu pai. Bailey estava sozinha ... de novo.

Felizmente, ela sempre foi muito boa em cuidar de si mesma.

Nasim não respondeu imediatamente à sua pergunta. Ele olhou para ela, seu olhar perturbado, como se não tivesse certeza de como escolher a resposta correta.

Nada demais. Bailey honestamente não tinha certeza se havia um. Ela pegou os pauzinhos, se atrapalhando um pouco com eles, porque ter que recitar toda essa porcaria para um djinn, de todas as pessoas, a havia perturbado mais do que ela queria admitir. Olhando para o prato dela, ela disse, seu tom feroz: — Não ouse sentir pena de mim.

— Eu não sinto pena por você, — Nasim disse suavemente. — Eu te admiro.

Ela não esperava essa resposta. Com o olhar fixo na comida, ela disse: — O que há para admirar? Fiz o que tinha que fazer para sobreviver, assim como faço desde que você mudou o mundo. — De repente, ela

pousou os pauzinhos e empurrou o prato para longe.

— Eu acho que estou cheia.

Uma carranca puxou as sobrancelhas de Nasim, mas ele parecia mais perturbado do que bravo por ela ter escapado dele. — Bailey, eu não quis aborrecer você.

— Não estou chateada, — disse ela. Era mentira, é claro, mas ela tinha que esperar que ele não discutisse com ela sobre isso. — Eu já comi o suficiente. A comida é realmente rica. Eu vou voltar para o meu loft.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, fazer algum tipo de tentativa para fazê-la ficar, ela saiu da cabine e se levantou. Felizmente, o chaveiro da Ferrari estava em seu bolso, para que ela pudesse sair sozinha. Bem, a menos que Nasim use um pouco de sua magia djinn para fazer a chave desaparecer ... ou talvez o próprio carro.

Se ele o fizesse, ela apenas voltaria. Ela andou muito mais longe do que isso quando deixou o grupo em Caltech e veio se esconder aqui no centro de LA

Mas, aparentemente, ele imaginou que ela estava muito nervosa e que qualquer interferência da parte dele a irritaria muito mais. Parecendo mais um angustiado do que irritado, ele disse: — Claro. Estarei junto assim que terminar minha comida.

Qual era a maneira dele de dizer que ele estava deixando espaço suficiente para ela sair e ajeitar a cabeça. Engraçado como um djinn parecia ser melhor em lidar com ela do que a maioria - bem, todos - dos homens humanos que ela conhecia.

— Tudo bem, — respondeu ela, depois saiu do restaurante. Estava tão escuro por dentro que a luz do sol que a recebeu a fez piscar e puxar os óculos de sol do bolso do paletó. Ela estava contente com eles, contente com a maneira como escondiam os olhos.

Los Angeles poderia ter sido uma cidade fantasma, mas ela ainda não queria que o mundo visse como começou a soluçar enquanto corria para a Ferrari e saía do estacionamento.

A ferrari azulão de Bailey estava estacionada na rua atrás de seu Porsche quando Nasim voltou ao seu loft. Não é tão surpreendente, ele supôs; ela não tinha um cartão-chave para a garagem subterrânea do prédio, e ele fechou os portões atrás dele quando saiu. Ele nem sabia exatamente por que, exceto que eles estavam fechados quando ele veio morar aqui, e achou melhor manter a ilusão de que o lugar estava desocupado. De certa forma, tolo, já que qualquer um que assistisse teria visto os dois carros esportivos irem embora mais cedo nesta manhã, poderia ter notado os dois nadando na piscina da cobertura ou visto o carro dela estacionado onde não estivera alguns dias antes.

Esse pensamento o fez piscar de volta para o telhado, apenas para se certificar de que não havia ninguém por perto para observar o que ele e Bailey estavam fazendo. O céu continuava limpo e ele podia ver todo o caminho até o Oceano Pacífico, uma fina

linha azul no extremo oeste de sua linha de visão. Em algum lugar entre aqui e ali havia a comunidade de djinn e Escolhidos em Bel-Air, mas certamente nenhum deles havia se aventurado em qualquer lugar perto do coração de Los Angeles.

Downtown ainda era dele ... e de Bailey.

Ele pensou no que ela havia dito durante o almoço, em todas as tragédias de sua vida, tragédias que ela costumava subestimar descrevendo esses eventos em um tom duro e plano, como se eles tivessem acontecido com outra pessoa. Não é à toa que ela fez um bom trabalho em manter-se segura todos esses meses. Ela esteve fazendo a mesma coisa por toda a sua vida. O mundo mudou, mas seu instinto de sobrevivência não.

Mais do que tudo, ele queria ir até o sótão, bater na porta e dizer que entendia o sofrimento dela e não pensava menos nela pelas dificuldades que ela havia sofrido. Não, ele a admirava ainda mais agora, uma admiração ainda misturada com desejo. Ele a queria, é verdade, mas mais do que isso, ele queria provar

que era digno dela. Ser o vencedor neste concurso que eles inventaram era mais importante do que nunca, mas mais porque ele queria que ela o admirasse, para ver que eles poderiam trabalhar juntos como iguais, apesar de ele ser um djinn e ela ser humana. Antes de conhecê-la, ele certamente não consideraria um humano igual, não importando quais qualidades eles pudessem possuir. Agora ele viu que, simplesmente, estava errado.

No entanto, Nasim sabia que precisava desse tempo sozinha. Se abrir para ele tinha sido difícil para ela, e ele sentiu que se intrometer agora só a faria desligar novamente. Melhor deixar para o momento e esperar coisas melhores no futuro.

Além disso, ele precisava descobrir qual seria o curso de amanhã.

Ele voltou ao seu loft e ficou parado na janela, examinando o horizonte de Los Angeles. Não para admirá-lo desta vez, mas para determinar que tipo de desafio ele poderia apresentar a Bailey, um que

permitiria que ela se desse bem, mas ainda lhe daria a oportunidade de emergir o vencedor.

Eles já tiveram uma corrida de arrancada direta, então parecia que deveriam fazer algumas corridas de rua dessa vez. Este era um risco calculado, apenas porque ele a viu dirigir e sabia que ela se destacava em navegar pelas ruas do centro da cidade.

Tudo bem, então ... eles corriam para outro lugar. Nasim sabia que poderia transportá-los basicamente para qualquer lugar da região, para que o local não fosse um problema. Algum lugar onde o terreno apresentaria um desafio, embora ele soubesse que não podia fazer nada tão extremo quanto enviá-los para correr no deserto. Embora a ideia tivesse mérito, só funcionaria se eles dirigissem veículos especializados, e com Bailey fazendo a escolha, isso significava que ela provavelmente apresentaria algo que não seria adequado para correr na areia.

Seu olhar passou dos arranha-céus do centro para as colinas além. Ele passou um tempo suficiente na área que sabia que várias estradas subiam e

subiam as colinas de Hollywood, abrindo caminho por rotas estreitas e pitorescas que antes carregavam muito mais tráfego do que o projetado originalmente. Agora, é claro, não havia mais ninguém para dirigir sobre eles.

Isso não significava que eles estavam vazios, no entanto. Ele teria que percorrer a rota, garantir que todos os veículos abandonados por lá enquanto seus motoristas sucumbissem ao calor fossem empurrados com segurança para o acostamento ou removidos completamente, dependendo da quantidade de obstrução que eles criaram.

Antes mesmo de ele ter pensado neste loft como sua base, ele convocou um mapa da área maior de Los Angeles para ele, sabendo que precisaria utilizá-lo para se locomover com eficiência. Ele o espalhou sobre a mesa da sala de jantar agora, os olhos examinando a massa retorcida de ruas que antes eram uma das áreas mais populosas do mundo. Sim, havia as colinas que ele pensava que apresentariam

um desafio de direção, e havia a rua que serpenteava quase na copa daquelas colinas.

Mulholland Drive.

Ele se estendeu por um longo caminho, provavelmente além do que eles realmente precisavam dirigir durante esse concurso em particular. Seu dedo traçou a rota enquanto ela passava de um lado para o outro. Sim, houve um bom ponto inicial e final. Agora ele só tinha que dar uma olhada por si mesmo.

Um piscar de olhos, e ele ficou no meio da estrada, examinando os arredores. À sua esquerda, havia um portão que dava para o que era sem dúvida uma mansão multimilionária. À direita, havia uma extensão aberta de um pouco de grama seca e esburacada, e uma faixa de saída que dava para o Coldwater Canyon Boulevard.

E à sua frente havia um número angustiante de veículos abandonados. Ele já podia dizer que a estrada era muito estreita para ele simplesmente empurrá-los contra o meio-fio, o que significava que

ele teria que enviar aqueles carros que não poderia desviar para calçadas em algum outro lugar. Mesmo para um djinn, esse tipo de empreendimento exigiria bastante esforço - e tempo.

Por outro lado, com Bailey se retirando para seu loft pelo resto do dia, o que mais ele tinha além de tempo?

Uma varredura primeiro, para realocar os carros que pudesse nas calçadas e nas ruas laterais. Surpreendeu-o o fato de haver tantos veículos quando o calor desceu, pois ele pensou que as pessoas fariam o possível para permanecer em casa enquanto uma doença tão mortal estivesse devastando a cidade. Por outro lado, parecia-lhe que muito poucos daqueles que moravam aqui em Los Angeles moravam em qualquer lugar perto do local de trabalho e, portanto, era mais provável que eles estivessem tentando voltar para casa do trabalho quando sucumbiram a um emprego. a febre.

O pensamento o entristeceu. No início desse empreendimento, ele tinha sido amplamente

indiferente ao destino da humanidade. Eles receberam esse mundo e fizeram o possível para destruí-lo, e ele não pensou que derramaria muitas lágrimas por seus nós. Nenhum deles era indivíduo, apenas uma massa sem rosto que precisava ser varrida para que o djinn pudesse assumir o controle.

Agora, porém ... agora ele olhava para esses veículos abandonados e pensava naqueles que os estavam dirigindo, desesperados para chegar em casa antes que a febre os dominasse completamente, perplexos com a estranha destruição que caíra sobre todos eles. Ninguém sabia o que estava acontecendo com eles. Deve ter parecido um ato de Deus, um destino cruel dado àqueles que pensavam que não poderiam estar desejando tanta calamidade.

Deus tinha muito pouco a ver com isso, no entanto. Nasim supôs que ele poderia ter intervindo, se estivesse tão inclinado, mas nenhum dos djinn tinha visto qualquer sinal de tal intervenção. Não, eles tinham permissão para executar seu plano, e tinha

tido mais bem-sucedido do que seus cérebros esperavam.

Esses idealizadores, no entanto, provavelmente não pararam para pensar em como as consequências seriam confusas. A doença matou de maneira limpa - eles se certificaram disso -, mas ainda havia deixado para trás todas as relíquias da existência da humanidade aqui na terra - carros e caminhões e trens e aviões e arranha-céus e fábricas e tudo mais. Alguns poderiam ser mantidos, mas a grande maioria, como os veículos espalhados na Mulholland Drive, teria que ser descartada de uma maneira ou de outra.

Assim como ele estava fazendo agora.

A primeira varredura concluída, ele voltou por onde tinha vindo, colocando a mão no capô do carro aqui ou na carroceria de um caminhão ali. Ao fazê-lo, imaginou que todos fossem transportados para o estacionamento do Hollywood Bowl, o local mais próximo em que ele poderia pensar para acomodar tantos veículos ao mesmo tempo.

Quando terminou, o sol já havia começado a cair atrás do pico mais ocidental dessas colinas, embora demorasse algum tempo até que se pusesse completamente. Um djinn não podia se cansar fisicamente como um humano, mas Nasim ainda sabia que seus esforços o haviam minado um pouco. Nada que uma boa noite de sono e alguma comida não pudessem reparar, é claro. Mesmo assim, ele teve que se perguntar um pouco sobre si mesmo, que iria trabalhar tanto para um confronto que duraria apenas dez minutos, no máximo, especialmente porque esse era o tipo de condução que Bailey costumava se destacar.

Bem, ele teria que ver como ela foi no dia seguinte.

Foi com um sentimento de realização que ele piscou de volta ao seu loft. Ele acenou com a mão para acender um dos candeeiros de mesa na sala de estar e foi em direção à cozinha, concentrado em uma boa garrafa de Viognier que ele deixara esfriando na geladeira.

Ele havia acabado de remover a rolha quando ouviu uma batida um tanto hesitante na porta. Surpreso, ele foi atender a essa batida e viu Bailey de pé no corredor, sua expressão uma curiosa mistura de hesitação e bravata.

— Eu escolhi os carros para amanhã , — disse ela, e jogou um pedaço de papel nele. — Eu tentei bater mais cedo, mas -

— Eu estava preparando o percurso para a nossa corrida, — respondeu ele, pegando o pedaço de papel que ela ofereceu antes de enfiá-lo em um dos bolsos da calça jeans. — Por que você não entra? Acabei de abrir uma garrafa de vinho.

O olhar dela passou por ele para o Viognier, onde estava sentado no balcão da cozinha. — Não tenho certeza -

— Estamos dirigindo amanhã, não esta noite, — disse ele. — Um copo ou dois não vai doer nada.

Um canto da boca se levantou levemente. — Aprendi a beber com os melhores dos melhores. É claro que um copo de vinho não vai fazer muito. —

— Então entre.

Outra hesitação, e então ele viu os ombros dela se levantarem um pouco, como se ela soubesse que recusar a oferta dele faria parecer que ela não tinha tanta certeza de si mesma quanto fingia estar. — OK.

Nasim se afastou e ela entrou, caminhando em direção à cozinha. — Você estava preparando o percurso, hein? Não deve estar em nenhum lugar por aqui.

Claro que ela estava certa, mas ele ainda perguntou: — O que faz você dizer isso?

Mais uma vez, sua boca se curvou. — Porque eu estava espionando você.

— Espionagem?— Ele deu a volta no bar e pegou alguns copos no armário, depois serviu uma medida de vinho branco para os dois. — Como assim?

Depois que bati na sua porta, fui até o telhado e olhei em volta. Imaginei que, se você não estava aqui, deve estar em algum lugar se preparando para amanhã. Eu não vi nenhum sinal de você, no entanto.

Ele lhe entregou uma taça de vinho e disse: — Não, não está em nenhum lugar por aqui. Mas essa é a única dica que vou lhe dar. — Agora que ele tinha uma mão livre, ele enfiou a mão no bolso e tirou o pedaço de papel ligeiramente amassado que ela o havia dado. — Nissan GT-R, — ele leu em voz alta. Nasim seria o primeiro a dizer que ele não era exatamente um conhecedor de automóveis de última geração, mas ficou surpreso ao ler o nome do fabricante do carro, em vez de vários outros concorrentes.

Bailey deve ter sentido seu ceticismo, porque ela ergueu uma sobrancelha para ele antes de levar a taça de vinho aos lábios e tomou um gole. — Não aja tão surpreso. O GT-R é um artista sério. Você vai ver.

— Suponho que sim, — respondeu ele, imperturbável. Ele não tinha motivos para duvidar da escolha dela e esperava que, por ser um Nissan, não seria terrivelmente difícil de adquirir.

Ela assentiu e passou por ele para ficar em pé junto à janela. As torres de vidro e aço do centro de

LA foram aquecidas pela luz do sol poente, brilhando como pináculos dourados. A luz quente pegou os cabelos louros de Bailey, tornando-os quase dourados também. Sem olhar para ele, ela disse: — Sinto muito por antes. —

— 'Desculpe'?— ele ecoou, sem saber o que ela queria dizer.

— Meu pequeno colapso nervoso no almoço.

Ah. Nasim chegou mais perto, mas fez questão de não chegar muito perto. Às vezes, ela o lembrava de um animal selvagem cauteloso, facilmente assustado e pronto para fugir com o menor movimento abrupto.

— Eu dificilmente chamaria isso de colapso nervoso. Na verdade, eu deveria agradecer sua honestidade. —

Bailey não pareceu amolecida com esse comentário. — Eu imaginei que você deveria saber a verdade, — disse ela, depois tomou um gole de vinho novamente. — Quero dizer, nunca fiz muito para esconder minha educação. Qual seria o objetivo? Mas essa outra coisa ... eu não falei sobre isso.

Ele não teve que perguntar o que ela quis dizer com — aquilo. — Foi certamente nada de que se envergonhar - ela só estava defendendo-se -, mas ele podia ver por que trazê-lo seria difícil, especialmente porque o homem em questão tinha sido alguém com alguma posição social, uma pessoa que poderia tornar sua vida ainda mais difícil do que já era, se ele determinasse que ela não tinha protegido seu segredo, afinal. — Você nunca contou a ninguém?

— Não. Nem mesmo o Diego. —

— Quem era Diego?— Nasim perguntou, esperando que não parecesse um amante ciumento. Verdade seja dita, ele havia experimentado uma pontada de inveja ao ouvir o nome do homem estranho nos lábios de Bailey, embora esse Diego tivesse que ter morrido junto com quase todo mundo quando o Heat dominou o mundo.

Um levantamento de seus ombros, um que parecia um pouco praticado demais. — Ele foi meu namorado por um tempo. Ele sabia muito sobre carros. Mas não me preocupei em dizer nada a ele,

porque sabia que isso o deixaria irritado. Eu não ia me vingar de mim mesma, mas ele poderia ter. Não que ele fosse uma pessoa violenta ou algo assim, mas ele cresceu em uma parte difícil da cidade. Ele conhecia pessoas que conheciam pessoas, se é que você me entende. A última coisa que eu precisava era daquele bastardo gordo na cabeça quando ele estava dirigindo para casa do supermercado, porque com a minha sorte, os policiais teriam tentado fixá-lo em mim. Enfim— ela soltou um suspiro e bebeu mais um pouco de vinho -, — não valeu a pena o risco. —

Não, ele não deveria. Mesmo assim, Nasim, no meio do caminho, desejou que o Heat não tivesse sido tão fatal quanto provou ser. Dessa forma, o atacante de Bailey poderia ter vivido ... e Nasim poderia tê-lo caçado e cortado seu coração negro.

— Eu posso ver isso, — disse ele, seu tom neutro. Em seguida, ele acrescentou, na tentativa de aliviar a conversa: — O que aconteceu ao colocar a nota debaixo da porta?

Ela olhou para ele inexpressivamente por um momento, depois sorriu. Um pequeno sorriso, mas Nasim ficou feliz em ver. — Eu não sabia quanto tempo você levaria para rastrear os carros, então achei que poderia lhe dar o máximo de tempo possível.

— Bem, obrigada por isso. Não é tão difícil localizá-los na maioria das vezes. Se estivéssemos no meio de Nebraska, suponho que haveria mais problemas, mas aqui em Los Angeles, tudo parece estar ao nosso alcance.

Seu comentário a fez sorrir um pouco mais, e ele ficou feliz em vê-lo. — Eu não tinha pensado dessa maneira, mas você provavelmente está certa. Então, você vai estalar os dedos amanhã de manhã e iremos para onde você quiser que a gente corra?. —

— Sim.— Impulsionado por um impulso repentino, ele disse: — Você está com fome? Já se passaram muitas horas desde a nossa alimentação.

De repente, ela estava cautelosa novamente, corpo tenso, sorriso desaparecido. — Na verdade, não. Essa foi uma grande refeição.

— Dos quais você comeu muito pouco.— Ela não respondeu imediatamente, e ele continuou: — Pode pegar o que quiser. Por favor, fique e coma comigo. Parece absurdo para nós tomarmos refeições tão solitárias quando ficarmos próximos um do outro. —

Uma longa pausa, durante a qual ele esperou sem respirar, sem fazer nada que pudesse fazê-la recuar. Por fim, ela empurrou a trança para trás e respondeu: — Suponho que você esteja certo. Mas não me culpe se eu tentar pegar seu cérebro e conseguir algumas pistas sobre a nossa corrida amanhã.

Ele sorriu para ela, aliviado por ela não ter continuado a resistir à noção deles compartilhando uma refeição. — Você certamente é bem-vinda a tentar.

Provavelmente essa era uma ideia estúpida, mas uma vez que ela concordou em ficar e comer, Bailey

sabia que tinha que cumprir sua promessa a Nasim. Ele perguntou o que ela gostaria de jantar, e ela lhe disse que ele poderia sugerir algo que combinasse com o vinho branco que eles já estavam bebendo. De jeito nenhum ela iria deixá-lo enganá-la para compartilhar uma segunda garrafa. Ela conseguia segurar a bebida com os melhores, mas sabia que tomar mais do que alguns copos poderia prejudicar seu julgamento, por si só não afetaria seu desempenho no dia seguinte.

Não importava o que Nasim tivesse na manga, ela estava determinada a vencê-lo duas vezes seguidas.

Por enquanto, porém, ela tinha que sentar aqui e fingir que não estava encarando a maneira como as mangas de sua camiseta preta se alinhavam contra seus bíceps, ou percebendo como a fraca iluminação do loft parecia enfatizar sua forte força. maçãs do rosto e a curva sensual e irônica de sua boca. Realmente, ela precisava se reunir. Desde quando algum colírio para os olhos conseguiu afastá-la de seus passos?

Eles estavam comendo linguine com molho pesto, algo leve e ainda rico em azeite e manjerição. Saladas também e pão também. Muito mais carboidratos do que ela teria comido nos velhos tempos ruins, quando ela nunca soube se teria que arrastar o biquíni velho ou a bermuda curta para brincar de modelo de porta-voz em um show de carro, mas depois de tantos meses de privação, ela percebeu que um pouco de carga de carboidratos provavelmente não poderia causar muito dano.

Ele não tinha dito mais nada sobre aquela velha cabra pervertida de um juiz que tentara estuprá-la. No entanto, Nasim ainda parecia interessado em seu passado, embora pelo menos dessa vez ele tivesse passado para o tópico mais neutro de sua obsessão por carros.

— Quem te ensinou a dirigir?— ele perguntou.

— Maura, — ela respondeu, e acrescentou: — Uma das minhas mães adotivas. Eles eram lésbicas. — *É melhor divulgar isso imediatamente,* pensou Bailey.

Nasim não parecia muito perturbado. —
Mulheres que amam outras mulheres. Nós djinns
também temos homens que preferem a companhia de
homens.

Bem, isso foi um interesse interessante. Ela não
sabia por que continuava pensando no djinn como
um grande bloco monolítico de homens
heterossexuais, quando claramente eles tinham que
ter ambos os sexos. Provavelmente era porque ela só
tinha visto djinns masculinos perseguindo, não
nenhuma de suas mulheres. Aparentemente, as
fêmeas de sua raça não eram tão sedentas de sangue
quanto os homens, ou pelo menos tinham coisas
melhores a fazer com seu tempo do que caçar um
bando de humanos indefesos.

— Entendi, — disse ela. — Eu te disse como uma
das minhas mães adotivas teve câncer de mama,
certo?

Nasim assentiu.

— Por um tempo, Maura e Terre - ela era a única
que teve câncer - realmente tentaram se manter

juntas, tentaram manter seus filhos adotivos. Mas Maura estava impressionada, naturalmente, e mesmo sendo criança, ela me ensinou a dirigir para que eu pudesse ir à loja da esquina e pegar algumas coisas para a casa, se necessário.

— Ninguém notou?— ele perguntou, claramente surpreso.

— Não, — respondeu Bailey. Naquela época, ela tinha certeza de que iria enfrentar todos os tipos de problemas. Mas ela era alta para a idade dela, e se desenvolveu cedo, e se ela usasse alguns óculos escuros e um pouco de brilho labial e agisse como se soubesse o que estava fazendo, ninguém faria perguntas. — E facilitou mais tarde, quando eu estava na casa do grupo, porque eu passei no meu teste de condução na primeira tentativa, mesmo que eu não tivesse ninguém para me ensinar quando eu tinha a idade certa.

Nasim levou uma garfada de lingüine aos lábios e mastigou pensativamente. — Muitas pessoas dirigem,

mas não é a paixão delas. Por que ele se tornou seu?

—

— Porque....— Ela parou ali, sem saber se ele queria lhe contar como se sentia ao volante, como se estivesse finalmente livre e pudesse ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa. Isso não era exatamente verdade, mas a percepção ainda persistia apesar de tudo. — Bem, na casa do grupo, alguém havia deixado uma tonelada de revistas de automóveis - *Motor Trend, Car and Driver, Hot Rod, Car Craft*. Li todos eles e, quando completei dezesseis anos e conseguia um emprego, sempre usava parte do meu dinheiro para comprar novas revistas. Sim, eles estavam todos online, mas havia algo em guardar a revista em minhas mãos, poder voltar e ler as coisas várias vezes. Enfim, é por isso. E então Oscar me deu a chance de trabalhar em sua loja, de puxar carros e dirigir, e aprendi ainda mais. Então aqui estamos nós.

Bailey pegou sua taça de vinho e engoliu em seco, pensando que tinha dito o suficiente. Seu companheiro djinn estava olhando-a com

especulação e compaixão em seu olhar, e ela não tinha certeza do que fazer com isso. Ele tinha sido capaz de ler nas entrelinhas o que ela dissera, adivinhar que ela usava carros como uma maneira de escapar, fingir que o mundo não era tão ruim quanto realmente? Era difícil dizer, e ela com certeza não podia perguntar a ele.

— É uma conquista, considerando, — disse ele.

— Considerando o que?— ela explodiu. — Que eu vim de um fundo de merda?

— Não, — ele disse suavemente. — Para alguém tão jovem quanto você.

— Eu não sou tão jovem. Eu tenho vinte e quatro.

Ele apenas sorriu, e Bailey percebeu que afirmação ridícula tinha sido. Quantos anos tem Nasim? Ele não parecia muito mais velho que ela, mas djinn eram basicamente imortais, não eram? Essa foi a impressão que ela teve das poucas coisas que o cientista em Los Alamos havia dito, embora tivesse se concentrado em assuntos mais importantes, como, como matá-los ou pelo menos como evitá-los.

Certamente não era que ela lia sobre eles em livros de histórias ou algo assim; sua infância foi visivelmente curta em capricho.

Para encobrir seu constrangimento, ela disse: — Você pratica tudo o que faz, fica bom nisso. E tive muita prática nesses últimos sete meses.

O sorriso desapareceu. — Sim, eu suponho que você tenha.

Sua observação atingiu um nervo, ela poderia dizer. Bem, não era como se ele não tivesse participado dessas perseguições, embora ela ainda não tivesse sido capaz de descobrir exatamente por que ele decidiu persegui-la em primeiro lugar. Sua intenção claramente não tinha sido a mesma que a dos outros djinn que a caçavam por todo o centro da cidade. Ele realmente estava apenas procurando ter um caso com um humano? Tinha que haver maneiras mais fáceis de fazer isso do que perder tempo perseguindo carros.

Ou talvez não. O companheiro djinn de Nasim tinha sido cruel quando se tratava de eliminar

sobreviventes humanos. Era perfeitamente possível que ela fosse a única fêmea mortal em um raio de cem milhas.

Bailey não queria pensar nisso, no entanto. Sua infância a tornara muito boa em compartimentar as coisas, então ela fez o possível para esquecer as pessoas com quem se acocorou por um tempo.

— Enfim, — ela disse, — e você? Para um djinn, você parece conhecer o caminho de um carro.

— 'Para um djinn'?— ele ecoou, que peculiaridade divertida retornando à sua boca.

— Bem, vendo como você pode simplesmente entrar e sair da existência sempre que escolher - ou voar pelo ar - não parece que você realmente precisa se preocupar em dirigir carros. —

— É verdade, — ele admitiu, dedos brincando com a haste de seu copo de vinho. — Embora nem todos nós possamos voar, apenas os elementais do ar.

— Ainda.

— Você está correta sobre dirigir. Alguns de nós aprendemos, apenas porque achamos divertido, mas

eu não tinha experiência até alguns dias atrás. Percebi que a única maneira de a alcançar era aprender a dirigir ... assim fui.

Por um momento, tudo o que Bailey pôde fazer foi encarar Nasim enquanto ele engolia um pouco mais de vinho, depois voltou ao seu idioma. Ele estava falando sério? Ele realmente aprendeu a dirigir alguns dias atrás? Não foi um golpe pequeno para o seu orgulho perceber que esse homem - esse djinn - havia se tornado um motorista quase tão bom quanto em tão pouco tempo. Onde estava a justiça nisso?

Bem, ela aprendeu há muito tempo que a vida com certeza não era justa. A proeza quase instantânea de Nasim ao volante era apenas mais uma evidência dessa verdade fundamental. Além disso, ele era um djinn. As mesmas regras não se aplicavam a ele.

— Parabéns, — disse ela secamente. — A maioria das pessoas leva anos para dirigir como você.

— Você está com raiva.

Ele fez a declaração em um tom calmo, sem nada de acusação, mas Bailey podia sentir-se arrepiada. — Não, eu não sou, — respondeu ela. — Irritada, talvez.

— Isso não é quase a mesma coisa?

Foi a vez dela de sorrir. — Acredite, Nasim ... você saberá quando eu estiver com raiva.

Ele riu. — Suponho que sim.

Nada parecia perturbá-lo. Bailey supôs que devia ser porque sabia que tinha vantagem aqui. Ela teve que aceitar a situação, já que não havia muito que pudesse fazer para mudar isso.

Exceto vencer amanhã, é claro. Se ela o vencer pela segunda vez consecutiva, eles estariam prontos.

Para mudar de assunto, ela disse: — Você tem certeza que poderá comprar os carros?

— Eu já te disse que sim. Estes são modelos de veículos antigos, e Los Angeles era uma cidade que amava seus carros. Não será um problema. —

Não, parecia que não havia nenhuma situação que ele encontrasse que ele não pudesse lidar ... o que a irritava.

— Bem, — ela disse, pousando o guardanapo na mesa e empurrando a cadeira para trás, — eu provavelmente deveria ir. Temos um grande dia amanhã e quero descansar por isso.

A sobrancelha dele se enrugou um pouco, mas ela notou como o olhar dele deslizava para o prato dela, que agora estava vazio, e para o copo de vinho que ficava próximo ao prato e que também estava vazio. Isso não era como o almoço, quando ela fugiu antes de terminar a metade da comida. Não havia motivo real para ela permanecer aqui por mais tempo.

— Claro, — ele disse, seu tom formal. Ele também colocou o guardanapo de lado e se levantou. — Estou feliz que você ficou para o jantar.

— Foi ótimo. Obrigado.— O que era apenas a verdade, mas as palavras ainda pareciam forçadas. Porém, não havia muito o que fazer sobre isso, então ela se levantou da cadeira e começou a caminhar até a porta da frente.

Nasim a seguiu. Quando ela estava prestes a colocar a mão na maçaneta, ele falou.

— Você quer muito vencer, não é?

Lentamente, ela se virou para encará-lo. Ele estava a uns trinta centímetros de distância, braços ao lado, sua expressão mostrando apenas uma espécie de curiosidade agradável. — Sim, — respondeu ela, feliz por a única sílaba parecer firme o suficiente, mesmo que no fundo ela soubesse que não estava tão certa sobre a situação como queria.

— Isso é porque você realmente quer se afastar de mim, ou porque você odeia perder?. —

— Eu — Por que ela estava hesitando? Ela queria ficar longe dele, longe daqui. Ela queria estar em um lugar onde sabia que o djinn nunca poderia machucá-la. Não que ela estivesse preocupada com Nasim a machucando, mas....

Ele se aproximou. — Qual é, Bailey?. —

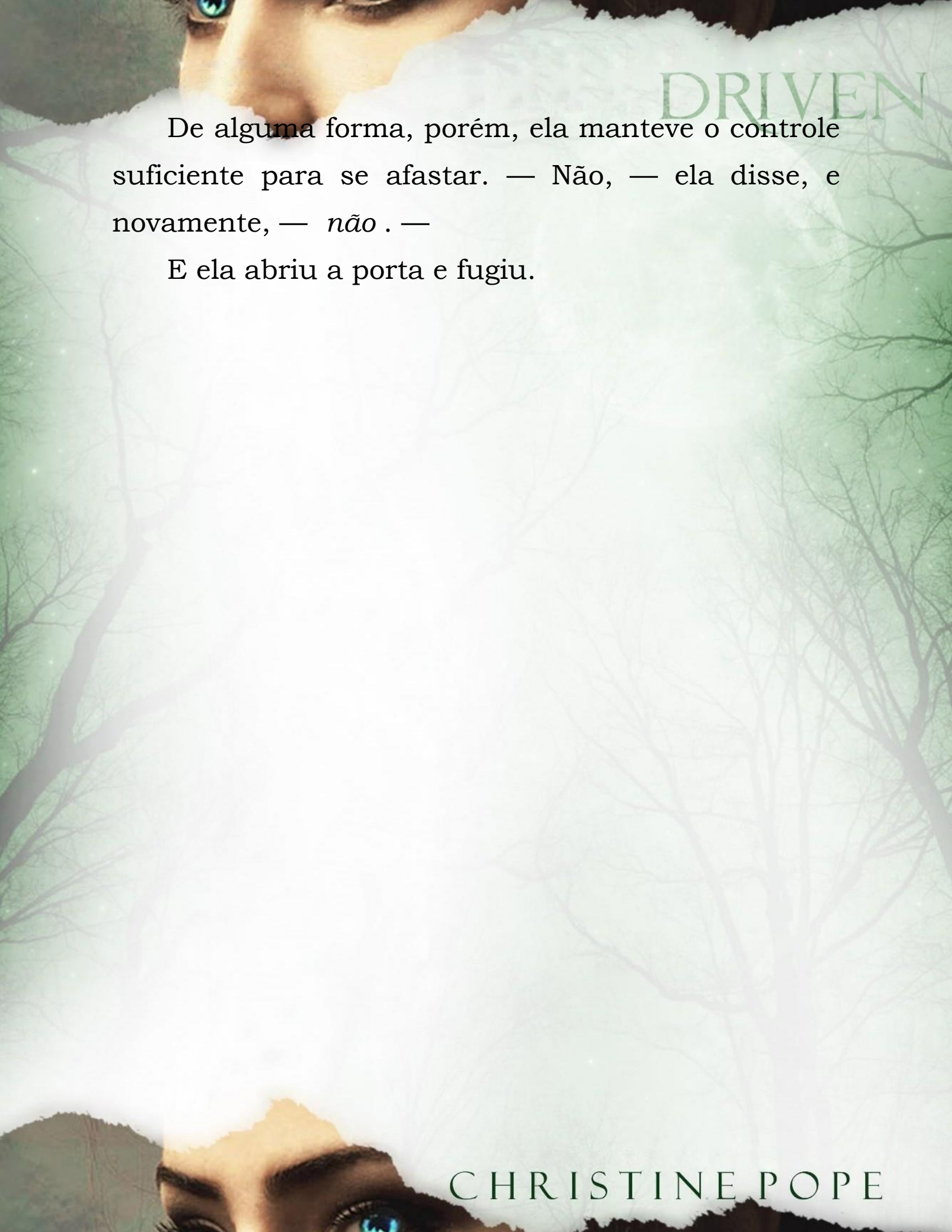
Por que o mundo não saiu? Ela olhou para ele e percebeu que ele estava muito perto agora, tão perto que ela podia sentir o cheiro de pinho e grama seca e aquecida pelo sol em seus cabelos ou talvez em suas roupas, como se ele tivesse passado a tarde inteira ao

ar livre em algum lugar onde ele estivesse. Estaria perto desses tipos de árvores e plantas.

Seus pés pareciam ter sido pregados no chão. Ela sabia que deveria se afastar, estender a mão e girar a maçaneta e voltar correndo para seu próprio loft, e ainda assim permaneceu ali, imóvel, como se ele a tivesse lançado algum tipo de feitiço.

— Ah, — ele disse, e então suas mãos estavam segurando seu rosto, seu toque suave, muito mais gentil do que ela esperava, segurando-a como se ela fosse algum tipo de bolha de sabão frágil que ele temia poder quebrar.

Quando os lábios dele tocaram os dela, ela ficou chocada com o calor que a inundava, a necessidade, o desejo, a dor entre as pernas que lhe diziam que ela queria isso, que tanto desejava que ficaria bem com ele rasgando suas roupas ali, tudo bem com ele carregando-a para o sofá, para que eles consumassem a tensão que vinha crescendo entre eles nos últimos dias.



DRIVEN

De alguma forma, porém, ela manteve o controle suficiente para se afastar. — Não, — ela disse, e novamente, — *não* . —

E ela abriu a porta e fugiu.

CHRISTINE POPE

Nasim sabia que não deveria persegui-la. Tinha sido um risco até roubar aquele beijo, mas sua hesitação havia falado muito - e o mesmo aconteceu com ela, cautelosa, mas com os lábios ligeiramente entreabertos, um brilho quente nos olhos azuis dizendo a ele que não estava tão frustrada como ela queria aparecer. E ele sentiu como ela reagiu... antes que a razão surgisse e ela se afastou da situação antes que qualquer outra coisa pudesse acontecer.

Embora ele quisesse outro beijo - e mais - era melhor deixar as coisas onde estavam por enquanto. Ela precisava de tempo para decidir o que realmente queria. Ele supôs que descobriria no dia seguinte, pois se ela dirigisse como se o diabo estivesse atrás dela, saberia que ela desejava sua liberdade mais do que ela o desejava.

Nesse meio tempo, ele localizou dois dos veículos que ela havia solicitado, um em uma concessionária em Santa Monica e o outro mais ao sul, em

Huntington Beach. Agora eles esperavam na garagem para o julgamento na manhã seguinte. Na verdade, estava começando a parecer o estacionamento mais caro do mundo lá embaixo, como o Porsche de Bailey - que ele havia saído da rua - o par de Ferraris e agora os dois super carros da Nissan.

A imagem o fez sorrir um pouco. Seu corpo doía por Bailey, é verdade, mas ele poderia ignorar sua necessidade, se fosse necessário. Melhor canalizar essa energia para a corrida de amanhã. Por enquanto, ele dormia e descansava e depois a buscava na hora marcada. Depois disso ... bem, ele teria que ver.

Droga, ela precisava dormir. Bailey estava deitada na cama emprestada, os olhos abertos e fixos no teto, embora não houvesse muito o que ver. Nasim pode ter fornecido energia para os dois lofts que ocupavam e outros locais, conforme necessário, mas é claro que ele não havia feito nada para iluminar o resto do centro da cidade. A cidade estava negra como breu sob um céu sem lua, desolada.

Assombrada? Talvez, embora ela nunca acreditasse em fantasmas ou qualquer coisa que envolvesse algum tipo de fé na vida após a morte. Uma vez que você terminou seu tempo neste planeta, acabou para sempre. Mesmo assim, ele teve noites em que ela se escondeu em garagens vazias e podia jurar que ouviu sussurros nas sombras, sussurros que poderiam ter vindo das almas que morreram do calor e depois tiveram o pó de a passagem deles para quem sabe onde está .

Este edifício não foi assombrado, no entanto. Não, o problema era que parecia haver vida demais aqui, todas concentradas na forma magra e musculosa do djinn ao lado.

Quanto mais ela tentava esquecer aquele beijo, o calor requintado dos lábios de Nasim tocando o dela, parecia que mais se tornava indelevelmente queimado em sua mente. A maneira como as mãos dele acariciavam suas bochechas, seu toque era tão terno, tão gentil. Ela não esperava isso dele. Embora ela tivesse feito o possível para não pensar nele de uma

maneira sexual, era impossível não imaginar como seria estar com ele na cama. Por alguma razão - possivelmente por causa de sua suprema autoconfiança - ela pensou que o sexo com ele seria duro e rápido, sem muito tempo desperdiçado em ternura.

Se aquele beijo era algo a julgar, ela estava completamente errada.

Pare de pensar nisso! ela se comandou, mesmo sabendo que a reprimenda interna provavelmente não faria muito bem. Mesmo assim, ela teve que tentar.

Tudo bem, ela pensaria na corrida de amanhã. As roupas de Nasim tinham cheiro de vento, agulhas de pinheiro, zimbro e grama seca e quente, então ela tinha certeza de que não chegariam a lugar nenhum perto do centro. Ainda assim, essas plantas cresceram selvagens em todo o sul da Califórnia. Não era como se ela pudesse usá-los para diminuir exatamente onde ele havia estabelecido seu curso. No entanto, ela podia adivinhar que a viagem provavelmente estaria em algum lugar montanhoso,

possivelmente um bom caminho fora da área central de LA. Havia algumas estradas bastante peludas que levavam ao sopé do vale de San Gabriel - Glendora Mountain Road, por exemplo, e outra acima de La Cañada. Era difícil saber com certeza, já que ela não tinha ideia de quão cuidadoso ele seria em ficar perto de casa.

Os GT-Rs seriam bons para esse tipo de corrida; aqueles carros tinham quase tanto agachamento na traseira quanto o Porsche que ela dirigia todos esses meses. Eles também eram ótimos para retas, e foi por isso que ela os escolheu, em vez de algumas outras alternativas. Verdade seja dita, a verdadeira razão pela qual ela escolheu esse carro em particular foi porque ela estava ansiosa para pôr as mãos em um desde que lera sobre a última versão deles em uma cópia de *Car and Driver*. Isso teria sido um tiro no escuro; pessoas como ela geralmente não tiveram a oportunidade de dirigir um supercarro de cem mil sempre que quisessem.

Mas isso estava no mundo antigo. Agora que Nasim podia estalar os dedos e conjurar basicamente qualquer carro que eles quisessem, ela teve a chance de dirigir veículos que haviam sido apenas sonhos melancólicos no passado.

Talvez ela devesse ter conseguido três em cada cinco ...

Isso é porque você teria dirigido mais carros ou porque passaria mais tempo com Nasim?

Bailey não queria considerar essa pergunta, assim como ela não queria se lembrar do beijo dele, aquelas mãos fortes segurando seu rosto. Era melhor pensar no que ela faria depois que vencesse. Nasim havia dito que o seguiria enquanto ela dirigia para Los Alamos, apenas para garantir que nenhum dos outros djinn a seguisse, ou ele poderia levá-lo para lá do jeito que djinn viajava, com um simples estalar de dedos ou um piscar de olhos. seus olhos ou, no entanto, tudo funcionou. Certamente seria muito mais rápido do que dirigir todas essas milhas.

Mas então ela não teria um carro. É verdade que eles provavelmente teriam muitos carros autônomos em Los Alamos, se o número de veículos abandonados que ela vira em Los Angeles fosse alguma indicação, mas havia carros e *carros*. Ela odiaria ficar presa com o Prius rejeitado por alguém, ou o que quer.

Bem, ela poderia descobrir isso quando chegasse a hora. Agora, ela tinha que se concentrar em vencer Nasim amanhã. Quando ela fez ...

— É aí que você descobre se ele é ou não homem de palavra, — disse ela em voz alta enquanto continuava a olhar para o teto escuro acima dela.

Se acontecesse, ele não estava ... ela realmente não conseguia adivinhar o que faria sobre isso. Mas seu juízo ainda não havia falhado, e ela sabia que não permitiria que a traíssem agora, não importa o que acontecesse.

Na manhã seguinte, Bailey era friamente profissional quando apareceu, com a jaqueta de couro preta de volta, apesar do prometido calor do dia, seus

cabelos claros de linho mais uma vez reunidos em uma trança complicada. — Você os tem?— ela perguntou.

— No estacionamento, — respondeu Nasim. Por mais que ele quisesse que ela fosse até ele e o beijasse, revelasse que ela não queria mais correr, só queria ficar aqui com ele, ele sabia que não era provável que isso acontecesse.

Ela assentiu e seguiu-o enquanto ele a conduzia escada abaixo até o estacionamento escondido do prédio. Os dois GT-Rs estavam estacionados não muito longe da entrada, um branco e um cinza-carvão metálico.

— Eu vou pegar o branco, — disse ela depois de dar uma breve olhada.

— É claro, — ele respondeu, e enfiou a mão no bolso para que ela pudesse pegar o chaveiro do veículo que ela havia solicitado. Ele teve o cuidado de deixá-lo deitado na palma da mão estendida, porque dessa maneira ela não podia acusá-lo de tentar fazê-la tocá-lo de qualquer maneira. Depois daquele beijo

na noite passada, ela parecia mais cautelosa do que nunca, seu olhar não encontrando o dele. Naquele momento, apesar de ter gostado do abraço que compartilharam, desejou ter se contido, demonstrado mais contenção. Seria difícil fazê-la confiar nele novamente.

Todas essas especulações seriam discutidas se ela vencesse, no entanto, e ele sabia que tinha que fazer o que pudesse, além de trapacear, para garantir que ele saísse vencedor hoje. Ele precisava dela perto para provar que não tinha intenção de colocá-la na cama e depois abandoná-la.

Na verdade, ele ainda não tinha certeza de quais eram suas intenções, apenas que queria ter certeza de que não a perderia.

— Você pode me seguir, — disse ele enquanto ela destrancava seu veículo. — São algumas milhas daqui, então esteja preparada.

A cabeça dela inclinou para o lado. — Quão longe?

— Longe o suficiente.

Ainda dando a ele um olhar duvidoso, ela disse: — É melhor você ir em frente e me dizer. Não é como se fosse um segredo de estado, certo?

Bem, isso era verdade. Nasim não sabia ao certo por que estava se segurando, exceto que esperava poder fazer da localização da corrida uma surpresa. No entanto, a última coisa que ele queria era que os dois se separassem, porque então Bailey estaria em perigo se outro djinn avistasse seu carro, o único veículo em movimento em uma cidade vazia.

— Vamos correr pela Mulholland Drive, — ele disse a ela. — Vamos começar no Laurel Canyon e terminar na fusão com o Coldwater Canyon. Você conhece a rota?.

Ela assentiu. — Não muito bem, mas eu sei onde está. Você quer chegar lá por rodovia ou ruas de superfície?.

A rodovia estava muito exposta, então Nasim disse: — Vamos tomar ruas de superfície. Beverly fora do centro, oeste de Crescent Heights. Isso nos levará diretamente a Laurel Canyon.

— OK. Vou segui-lo, mas pelo menos agora sei para onde estamos indo. —

Nasim supôs que deveria ficar aliviado por Bailey não ter planejado sair à frente dele para que ela pudesse chegar ao ponto de partida antes dele. Ele não tinha certeza do que tal estratégia a levaria, mas era melhor não ter que se preocupar com esse cenário. — Vamos então.

Sem responder, ela abriu a porta do veículo e entrou, enquanto ele fazia o mesmo. Ele já havia demorado um pouco para se acostumar com o layout dos controles, que ele supôs que poderia ser interpretado como trapaça. No entanto, mesmo que Bailey não tivesse dirigido um desses carros antes, ela obviamente sabia alguma coisa sobre eles, ou ela não os teria escolhido como seu veículo de escolha para a segunda corrida.

Ela foi rápida em segui-lo pela rampa que dava para a garagem e para a rua, então parecia que ele estava certo sobre a familiaridade dela com o GT-R. Eles não subiram à First Street e saíram do centro da

cidade, onde a estrada se tornou Beverly Boulevard depois que parou de apontar para o norte e correu para o oeste. A partir daí, foi um passeio sem intercorrências pelos distritos principalmente residenciais, com uma breve distração proporcionada por uma excursão pelo que costumava ser um clube de campo; os gramados agora nada mais são do que trechos de grama seca.

Embora Nasim tivesse estudado mapas da área, ele não havia dirigido essas ruas. Enquanto faziam a jornada para o Laurel Canyon, ele se maravilhou com o exagero da cidade, com toda a humanidade que já havia sido acumulada nessas poucas milhas quadradas. Ninguém estava presente para limpar as ruas na maioria desses bairros, e ele e Bailey tiveram que dirigir devagar, para abrir caminho por estradas que não foram desbloqueadas antes. Várias vezes ele teve que acenar com a mão e mover um carro rebelde ou SUV para a calçada. Ele supôs que deveria ter pensado nisso e chegado a esclarecer o caminho que planejava seguir, mas depois de todo o esforço que

dedicara para garantir que Mulholland Drive estivesse aberto, ele não parou para considerar que seu trabalho havia terminado, apenas parcialmente realizado.

Eventualmente, porém, eles estavam terminando no Laurel Canyon, deixando Hollywood e os distritos centrais de Los Angeles para trás. Por alguma razão, essa estrada parecia mais aberta do que aquela que eles haviam acabado de atravessar, e apenas ocasionalmente eles precisavam desacelerar para manobrar em torno de um carro, motocicleta ou SUV. Em ambos os lados havia muitas casas grandes, algumas escondidas atrás de portões ou sebes, outras bastante expostas a quem viaja por esse caminho. Esse também seria um bom lugar para se estabelecer, considerando as vistas que muitas dessas casas devem oferecer. No entanto, se ele tivesse vindo para cá, não teria encontrado Bailey, que era o motivo de sua residência temporária no centro de Los Angeles.

Por tudo isso, ela nunca estava a mais de seis metros atrás do para-choque traseiro, diminuindo a

velocidade quando ele diminuiu a velocidade, guiando o elegante veículo branco que ela dirigia em torno de carros e caminhões abandonados. Ele podia ver o rosto dela no espelho retrovisor, o queixo fixo, os olhos protegidos por um par de óculos escuros. Claramente, ela já estava focada na competição ainda por vir.

Por fim, chegaram ao cruzamento com a Mulholland Drive, cujo lado esquerdo fora cuidadosamente decorado com grossas barras brancas pintadas no asfalto, provavelmente como uma passagem para pedestres. As linhas brancas também constituíram um ponto de partida útil.

Nasim fez a curva e depois parou com o nariz do carro apenas sobre as linhas brancas. Deixando o motor em marcha lenta, ele abriu a porta, saiu e caminhou até o veículo de Bailey. Ela abriu a janela e olhou para ele, olhando indagadora.

— É um pouco menos de duas milhas e meia para o nosso destino, — disse ele. — Há uma grossa linha branca na estrada, depois outra, antes da saída para

Coldwater Canyon. Vamos usar isso como nossa linha de chegada.

— Tudo bem, — ela respondeu. — Alguma outra regra?

— Não, — ele disse. — O mais rápido lá vence. No entanto, se algum de nós tentar se intrometer diretamente no carro, a corrida será cancelada.

Não há carrinhos de choque. — Entendi - não que eu tentasse deliberadamente atrapalhar um desses bons veículos.

Nasim se perguntou se ele deveria se ofender por ela se importar mais com o bem-estar dos carros que dirigiam e com os dele. Por outro lado, Bailey provavelmente presumiu - e com razão - que um djinn não poderia se machucar. Ela estaria se arriscando muito mais se tentasse esse tipo de manobra.

— Estamos começando tarde, — ela continuou. — Devemos começar a corrida quando nossos relógios de corrida chegarem às doze e vinte e cinco?

— Isso vai ficar bem.— Ele fez uma pausa e acrescentou: — Boa sorte.

Um rápido sorriso, que o fez desejar ter a liberdade de se curvar e beijá-la. — Não, boa sorte para *você*. Eu acho que você vai precisar. —

A essa observação, ele só pôde balançar a cabeça antes de voltar para o veículo. Ele entrou, apertou o cinto de segurança e olhou para o relógio digital no painel.

Doze e vinte e três.

Tanque de gasolina cheio, marcha lenta do motor, mas ainda lhe dando a mesma sensação de potência quase que limitada pela Ferrari. De certa forma, porque o som desse mecanismo era um pouco mais sombrio, um pouco mais baixo. Queria se mover, se ressentiu de ter sido feito para esperar assim.

Doze vinte e quatro.

Nasim não se atreveu a olhar para Bailey - não que ele pudesse ver muitos detalhes através das janelas laterais coloridas dos dois veículos. Em vez disso, ele manteve sua atenção fixada no painel, nos numerais brilhantes do relógio ali.

Doze e vinte e cinco.

Ele balançou a cabeça para trás enquanto esmagava o pé no acelerador. O motor rugiu, saltando para a frente com uma velocidade que parecia um tiro no maior canhão do mundo. Ao lado dele, o carro de Bailey estava com um borrão branco, o nariz quase igual ao dele. Ele estava dirigindo na direção errada, na pista que deveria ter sido reservada para o tráfego na direção leste, mas isso pouco importava agora, em um mundo tão vazio quanto este. A linha amarela que separava as pistas fornecia uma espécie de guia, uma pista de como a estrada se curvaria e viraria ao percorrer quase o cume dessas colinas.

Quase antes que ele pudesse piscar, eles chegaram à primeira curva da estrada. Nasim soltou o acelerador e permitiu que a transmissão do carro reduzisse a marcha automaticamente, proporcionando o torque para triturar a curva em sua rota, a extremidade traseira sentando-se firmemente, quase sem levantar. Ainda bem que, ao lado dele, Bailey estava fazendo a mesma coisa, o carro branco

desacelerando apenas o suficiente para não sair da pista.

A estrada se endireitou um pouco depois disso. Nasim aumentou sua velocidade, mas apenas por alguns segundos, porque mais uma vez ela se curvou, desta vez mais superficialmente, mas em uma série de três curvas que não lhe deram tempo para bombear o gás, apenas para se agarrar ao volante como o GT-R abraçou a estrada. Depois, eles chegaram a outro trecho razoavelmente reto, Bailey começando a avançar alguns centímetros.

Nasim rangeu os dentes. Como ele já havia percorrido esse caminho, ele sabia que eles estavam subindo ainda mais uma curva, uma mais acentuada do que as três que eles haviam acabado de atravessar. Mais uma vez, desligou o acelerador e permitiu que o carro reduzisse a marcha, os pneus guinchando com o mínimo de protesto ao dar a volta, a força da desaceleração o empurrando para trás contra o assento.

Ao lado dele, Bailey não teve a mesma sorte. Ela obviamente o viu começar a desacelerar e fez o mesmo, mas uma fração de segundo tarde demais. Pneus guincharam e fumaça subiu do asfalto enquanto ela corrigia e saía da curva - mas agora a uns cinco ou seis pés atrás dele.

Excelente. Agora tudo o que ele precisava fazer era manter essa liderança.

As duas curvas seguintes eram mais rasas, então ele as pegou a velocidade, empurrando o carro até 160 quilômetros por hora e passando por ele, o rugido do motor agora com uma nota de satisfação , como se estivesse feliz por finalmente ter uma chance para mostrar a ele o que poderia fazer.

Pelo espelho retrovisor, o veículo branco de Bailey estava começando a avançar, fechando o espaço entre eles cerca de trinta centímetros. Embora ele não se atrevesse a tirar os olhos da estrada por mais de alguns segundos, Nasim podia ver como suas mãos estavam apertadas no volante, o conjunto

determinado em sua mandíbula. Ela não gostava de estar atrás dele, isso era claro o suficiente.

Bem, ela precisava se acostumar, porque ele não tinha intenção de permitir que ela vencesse uma segunda vez.

Passando pelo cruzamento com a Skyline Drive agora e subindo em outra curva acentuada na estrada. A essa altura, parecia uma segunda natureza desacelerar um pouco, deixar o motor reduzir a marcha para manter a aderência no asfalto enquanto ele disparava na curva. Parecia que Bailey estava pegando as dicas que ele oferecia, ou talvez ela estivesse apenas se acostumando ao ritmo da Mulholland Drive, porque voltou a ganhar na curva, agora estava a poucos metros dele.

Isso não foi bom.

Mais algumas voltas e, em seguida, chegaram a uma seção bastante reta, onde ambos pisaram no acelerador. Agora, Bailey estava quase no ponto cego, o que significava que ele estava à frente por pouco mais do que meio carro. Nasim se viu rangendo os

dentes, o volante envolto em couro úmido sob as palmas das mãos. Ele não podia deixá-la vencer. Se ela o fizesse, ele a perderia para sempre.

Várias outras voltas vieram a seguir. De alguma forma, Nasim conseguiu manter sua liderança, mas ele não sabia quanto tempo isso iria durar. A reta final estava chegando, aquela que os levaria ao cruzamento com o Coldwater Canyon e a linha de chegada. Sua única chance real era esmagar o acelerador no segundo em que ele saísse da última curva e torcer para que Bailey fosse um pouco mais conservadora, pois, ao contrário dele, ela não fazia ideia de que não havia mais voltas à espreita. Os dois carros estavam equipados com sistemas de navegação, mas como os satélites que os guiavam não estavam mais transmitindo, ela não teria condições de procurar a rota com antecedência.

Nasim teve que esperar que fosse o suficiente.

Ele disparou por propriedades cuidadosamente escondidas atrás de bancos de árvores e sebes bem aparadas, o velocímetro agora acima de 250

quilômetros por hora e ainda subindo. Bailey ficou um pouco para trás, mas não muito; se tivesse energia de sobra, poderia se maravilhar com a maneira como ela conseguia acompanhar, apesar de não estar familiarizada com a estrada.

O percurso tinha pouco menos de dois quilômetros e meio de comprimento, mas parecia que eles estavam torcendo e virando a Mulholland Drive por horas. Chegando estava a curva final, aquela que os levaria à linha de chegada. Nasim soltou o acelerador apenas o suficiente para contornar a curva sem deixar muita borracha na estrada, enquanto atrás dele Bailey fazia o mesmo.

Não foi o suficiente, no entanto. O veículo de Nasim cruzou primeiro as grossas linhas brancas, com o nariz do carro de Bailey, mesmo com a maçaneta da porta. Imediatamente ele pisou no freio, diminuindo a velocidade antes de terminar no amplo quintal da casa que dava para o cruzamento.

Bailey fez o mesmo, e os dois carros pararam no meio da estrada, a fumaça ondulando ao redor deles

com seus pneus sobrecarregados. Uma pausa, e então a porta do carro se abriu e ela saiu. Ela estava franzindo a testa, mas de uma maneira abstraída, como se estivesse tentando dissecar sua performance e descobrir onde as coisas tinham dado errado para ela.

Nasim também desceu do veículo, fazendo o possível para não sorrir muito. Sim, essa vitória foi agradável, mas ele não viu razão para se envolver.

— Bons carros, — disse ele, esperando que o comentário fosse neutro o suficiente para que ela não se ofendesse.

— Estou feliz que você gostou, — respondeu ela.
— Pena que a minha não foi rápida o suficiente.

— Foi muito rápido. Você só estava atrás de mim com menos de um carro. —

— Como eu disse, não é rápido o suficiente.

Ela parou então, a cabeça inclinada para o lado como se estivesse tentando captar um som que ela mal podia ouvir.

— O que é isso?— Nasim perguntou. Mesmo quando a pergunta saiu de seus lábios, no entanto, ele detectou a mesma coisa que tinha ... um rosnado baixo.

Não de um animal selvagem, no entanto. Enquanto os dois olhavam para o sul ao longo do Coldwater Canyon, um carro verde-claro com o distintivo da Mercedes preso à grade acelerou na esquina, depois pisou no freio assim que o motorista pareceu ver os dois GT-Rs sentados no meio do cruzamento. O carro parou a poucos metros deles. Alguns segundos depois, as portas se abriram e um homem e uma mulher saíram.

Um homem humano e uma mulher djinn, Nasim se corrigiu. Ele até a reconheceu, embora não a conhecesse bem. Fátima, líder do grupo Bel-Air de djinn e Escolhidos.

— Bem, Nasim al-Jimir, — disse ela. — O que diabos você está fazendo aqui?

Bailey não sabia quem estava mais surpreso ao ver o Mercedes AMG verde-ácido parar e o homem e a mulher subirem - Nasim, ou ela mesma. Ela tinha certeza de que ela e seu companheiro djinn eram os únicos dois seres vivos na área de Los Angeles, mas aparentemente não. Embora nada na expressão ou postura de Nasim indicasse outra coisa senão espanto por ser confrontado por esses recém-chegados, ela não conseguiu conter o tremor de inquietação que a atravessou. Enquanto ela se acostumara um pouco com Nasim, a perspectiva de enfrentar qualquer outro djinn era preocupante, para dizer o mínimo.

Uma coisa era certa - ela e Nasim não eram os únicos em Los Angeles com um doce passeio.

A mulher era tão surpreendentemente bonita que Bailey imaginou que devia ser uma djinn. Por um momento, ela pensou que o homem com a mulher djinn também devia ser um elemento, porque ele era

incrivelmente bonito também. Enquanto ela o encarava, Bailey percebeu que ele devia ser outro mortal como ela, apenas bonito como modelo.

A questão do que uma mulher djinn estaria fazendo com um homem mortal foi empurrada para o fundo de sua mente, porque a mulher estava se dirigindo a Nasim, a ele pelo nome, o que significava que eles deveriam se conhecer de alguma maneira.

— Uma competição amigável, Fátima, — disse ele em resposta à pergunta da mulher sobre o que ele estava fazendo. — Pensei que poderíamos usar essas estradas vazias de alguma forma.

O olhar sombrio de Fátima passou por Nasim para Bailey. — Uma competição com uma mulher humana? Mas ela não é sua Escolhida, é?.

— Não, — respondeu ele, com uma postura muito mais cautelosa do que alguns momentos antes. Somente alguém a quem eu ofereci minha proteção.

A mulher djinn franziu a testa. — Você sabe que isso não é permitido.

Permitido? Bailey sentiu uma carranca franzindo a testa. Esta Fátima estava falando como se existisse um conjunto de regras sobre como os humanos e os djinn deveriam interagir, e, no entanto, até onde Bailey sabia, o único interesse dos elementais pelos mortais parecia estar na rapidez com que eles poderiam matá-los.

Bem, é verdade, Nasim não era assim. Mas havia correntes ocultas até que ela não conseguia decifrar. De qualquer maneira, o que era um escolhido, e por que Fátima usaria — seu — para descrever um, como se de algum modo pertencessem aos djinn? Era disso que se tratava toda essa competição com Nasim? Se ele vencesse, ele a possuiria de algum jeito estranho?

Dane-se, pensou Bailey. *Ninguém vai me possuir.*

Aparentemente, Nasim não estava muito feliz com a linha de questionamento de Fátima, porque quando ele respondeu, havia uma ponta distinta em sua voz. — Você é minha guardiã, Fátima? O que faço com o meu tempo não é da sua conta. —

Em vez de se ofender, ela apenas riu um pouco, um som doce que tinha apenas um toque de Blinda, a Boa Bruxa. — Não, eu não sou sua guardiã. Só pensei em lhe dar um conselho amigável. Você sabe que os anciãos não ficarão felizes quando descobrirem o que você está fazendo.

— Então isso é entre mim e os mais velhos, — disse ele, com a mandíbula apertada. Obviamente, ele não estava muito feliz em receber esse conselho supostamente — amigável. — — Até agora, eles mostraram muito pouca preocupação com o que tenho feito. Parece que eles estão ocupados em outro lugar no momento.

— Duvido que a preocupação deles dure para sempre, — respondeu Fátima. — E nesse momento, você precisará se explicar. Mas não importa. Isso é entre você e os mais velhos. Se você decidir tornar seu companheiro seu escolhido, sempre será bem-vindo se juntar a nós em Bel-Air.

Os olhos azuis de Nasim brilharam. Bailey percebeu que não pensou muito nessa sugestão. — Obrigado pelo convite.

— Você é muito bem-vindo. Mas suponho que Adam - meu escolhido - e eu devamos continuar com o nosso impulso. Gostamos de sair quando podemos.

— Mulholland está clara agora, — disse Bailey, sem saber exatamente por que ela ofereceu essa informação.

— É isso? Então acho que iremos por esse caminho. A vista é tremenda lá de cima.

Ela enviou um sorriso brilhante para os dois, depois voltou ao seu Mercedes verde chamativo e entrou ao volante, seu companheiro mandando Nasim e Bailey um olhar interrogativo antes de ele entrar no carro também. Um milhão de perguntas estavam borbulhando na mente de Bailey, mas ela imaginou que precisavam esperar até que ela e Nasim estivessem em segurança de volta aos seus lofts no centro da cidade.

— Bem, — disse ela, — qual é o caminho mais rápido para casa?

— 'O mais rápido'? — ele repetiu. — Desta forma, eu suponho.

Antes que ela pudesse começar a reagir, ele se aproximou dela e colocou os braços em volta da cintura dela. O mundo parecia girar em todas as direções e, no segundo seguinte, eles estavam em pé na sala de estar do sótão de Nasim.

— O que -? — Bailey balançou a cabeça, tentando entendê-la. O chão ainda não parecia muito estável sob seus pés.

— É assim que viajamos, — disse Nasim, parecendo calmo demais, considerando o turbilhão que aparentemente haviam acabado de montar para voltar ao centro da cidade.

A sala quase parou de girar. Bailey apoiou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça para ele. — E os carros?

— E eles?

— Você não planeja deixá-los lá, não é?

— Claro que não. Eu já os enviei para a garagem no andar de baixo. Claro que ele tinha. Ela nem o viu estalar os dedos, mas aparentemente isso não era um pré-requisito para enviar carros viajando no meio de LA em um piscar de olhos. Toda vez que ela pensava que tinha chegado a um acordo com a enormidade de seus poderes, ele fazia outra coisa para fazê-la avaliar exatamente o quão imensos eles realmente eram.

Ela disse a primeira coisa que lhe veio à mente.
— Eu preciso de uma bebida.

No mesmo instante, duas taças de vinho tinto apareceram nas mãos de Nasim. Ele se aproximou dela e lhe entregou uma. — Olha você aqui.

Na verdade, ela estava pensando em algo um pouco mais forte, como uma boa dose de uísque, mas ela supôs que isso faria por agora. Com a mão tremendo um pouco, ela levou o copo aos lábios e deu um grande gole. Isso foi melhor. Provavelmente desrespeitoso com o vinho, que até onde ela dizia era mais do que decente, mas naquele momento ela não se importava muito.

— Talvez você deva se sentar.

Uma ideia muito boa. Bailey foi até o sofá, enquanto Nasim se sentou em uma das poltronas baixas de couro cinza que ficavam de frente para ele. Com tudo o que tinha acabado de acontecer, ela quase se esqueceu da maneira como ele a atacou na corrida deles. Certo, vencer alguns metros provavelmente não constituiu um ataque para a maioria das pessoas, mas ainda a irritou. Se ela tivesse vencido hoje, não teria que se preocupar com os mais velhos, ou escolhidos - fossem eles quais fossem - ou muito mais, porque ela estaria fora daqui.

Como era....

— Você vai explicar o que era tudo isso?

Ele não se incomodou em perguntar o que ela queria dizer com — tudo isso. — Um gole de vinho, e então ele disse: — Os anciãos não são precisamente nossos governantes, mas garantem que sigamos as regras, como são.

— O que acontece se você não fizer? Você é colocado na prisão de djinn ou algo assim?. —

Essas perguntas suscitaram um sorriso fino sem muito humor. — Não exatamente. Para os piores crimes, há o que chamamos de círculos externos, uma região do outro mundo que faz seu próprio Vale da Morte parecer um paraíso tropical. No entanto, na maioria das vezes, é necessário apenas que você corrija o que quer que tenha feito em primeiro lugar.

— E me receber aqui assim está errado de alguma forma?.

— Sim.

— Por quê?

— Porque quando foi decidido que os djinn recuperariam este mundo, havia apenas dois destinos aceitáveis para os humanos. Morte ou tornar-se escolhido.

Essa palavra novamente. — O que significa exatamente ser escolhido

— Os djinn que não concordavam com o destino que a humanidade estava prestes a sofrer durante o Heat tiveram a chance de salvar um ser humano, um humano que se tornaria o parceiro desse djinn. Para

sempre, — acrescentou Nasim, caso as modificações dessa decisão não fossem totalmente claras.

Bailey não falou por um momento, processando o que Nasim acabara de lhe dizer. Já era bastante óbvio que os djinn haviam causado o Heat de alguma forma, então essa parte não a surpreendeu muito. Ela ficou um pouco chocada com a existência de qualquer djinn que estivesse disposto a se envolver com parceiros humanos por toda a eternidade. Fale sobre seus compromissos.

Isso não parecia ser o que Nasim tinha em mente para ela, no entanto. Tanto quanto ela podia dizer, ele queria o djinn equivalente a um caso, algo do qual ambos pudessem se afastar uma vez que se cansassem um do outro. Tudo bem por ela; ela sempre soube que não era do tipo que se acalmava. Certamente, ela se importava com Diego, ficara magoada e zangada quando Oscar interferiu nessa relação, mas mesmo assim ela percebeu que não era algo que duraria anos. Realmente, tinha sido meio estúpido para Oscar se intrometer, porque se ele

tivesse permitido que as coisas continuassem, o relacionamento dela com o filho provavelmente teria terminado em alguns meses - ou pelo menos não mais do que um ano - de qualquer maneira.

Claro, a única maneira de Nasim acabar com ela - mesmo que temporariamente - era se ele vencesse a última corrida, e ela não ia deixar isso acontecer.

— Então Fátima ficou chateada com você porque você estava andando com um humano que não era seu escolhido?

— 'Chateada' pode ser um pouco forte, mas sim, ela pensou que precisava me lembrar do que todos os djinn concordaram. Não tenho dúvida de que ela pensou que estava tentando ser útil. —

Mais como uma pessoa ocupada. Bailey não viu como eram os negócios de Fátima o que ela e Nasim estavam fazendo. Talvez fosse o assunto dos anciãos - quem quer que fossem -, mas como parecia que eles estavam atualment, eles também não pareciam ser uma grande ameaça.

— Bem, fico feliz que ela não tenha insistido, — disse Bailey. — Nosso pequeno acordo não é da conta dela.

— Concordo.— Nasim olhou para ela por um momento, e ela teve que se forçar a ficar quieta, para não piscar ou fazer qualquer coisa para revelar o quão desconfortável ela se sentia sob aquele olhar fixo. Havia algo em sua expressão que ela não conseguia ler, algo um pouco intenso demais. — Sobre isso. A corrida de hoje foi um pouco cansativa. E se tirarmos amanhã a folga e fizermos nossa última competição no dia seguinte?

— Eu não acho que isso foi cansativo, — ela respondeu imediatamente, embora, se forçada a admitir isso para si mesma, ela pudesse dizer que isso havia tirado algo dela. Os músculos de seus ombros doíam pela maneira como ela pendurava no volante e forçava o carro a contornar todas aquelas curvas perigosas, lembrando-lhe que só porque sua clavícula estava agora curada, isso não significava que o resto dela estava totalmente de volta ao normal.

Mulholland Drive tinha sido uma boa escolha de cursos, mas naquele momento ela se viu desejando que Nasim tivesse escolhido algo um pouco menos desafiador. — Eu estou bem com as corridas amanhã.

— E se eu não estiver?— Seu tom era suave o suficiente, mas Bailey sabia que estava disposto a se dedicar a esse ponto em particular.

Bem. Eles tiravam um dia de folga, nadavam na piscina, descansavam. E ela teria que fazer o que pudesse para evitar estar em uma posição em que ele tentasse beijá-la novamente. Apenas a mera lembrança foi suficiente para enviar um pequeno arrepio pelo corpo, mas ela sabia que precisava estar pensando com o cérebro e não com os hormônios. Pelo menos não havia nenhuma chance de Nasim tentar fazê-la sua Escolhida e mantê-la por aqui para sempre. Mesmo assim, se ele a beijasse, tentasse algo mais do que isso, poderia entrar em seu espaço suficiente para que ela não estivesse mentalmente preparada para derrotá-lo na corrida final. E ela não podia permitir que isso acontecesse.

— Você é um covarde?— ela sugeriu antes de se servir de outro gole de vinho.

Felizmente, ele sorriu com o comentário dela, em vez de se ofender com o epíteto. — Você pode me chamar de covarde, se quiser. Ainda acho que seria uma boa ideia descansar um pouco.

— Ok, vamos descansar.— Ela bebeu mais vinho e pousou o copo na mesa. — Qual é o seu plano, então?

Com o sorriso ainda no lugar, ele respondeu: — Eu estava pensando em um dia na praia.

Bailey se mostrara relutante a princípio, claramente surpreso por querer levá-la a algum lugar tão longe da órbita atual, mas por fim ela cedeu. — Eu poderiater um pouco de areia entre os dedos dos pés, — disse ela.

Uma excursão à praia era um risco calculado, mas Nasim imaginou que, com tantos quilômetros de costa desocupada disponíveis no momento, as chances de encontrar qualquer outro djinn eram

razoavelmente baixas. Ele não fez a escolha óbvia e os levou para Santa Monica, porque era possível que alguns dos djinn de Bel-Air tivessem decidido tirar proveito do bom tempo e seguir para lá eles mesmos.

Não, ele levou Bailey para uma pequena enseada escondida perto de Corona del Mar, um lugar completamente desabitado agora. Mais abaixo, na costa, havia o grupo djinn e Escolhidos em Laguna Beach, mas como eles tinham seu pequeno pedaço de paraíso ali, ele duvidava que eles tivessem algum motivo para subir aqui.

A Pirate's Cave tinha apenas algumas centenas de metros de praia e estava cercada por afloramentos rochosos que a escondiam da vista casual. Chegar aqui da praia vizinha de Corona del Mar foi um pouco de aventura, já que a única maneira de chegar à enseada era escalar essas rochas.

Bem, a menos que você seja um djinn.

Eles surgiram no meio da areia branca, Bailey ainda parecendo um pouco selvagem do modo djinn de viajar. No entanto, ela se afastou de Nasim assim

que seus pés tocaram a areia e ficou ali, observando o ambiente com as mãos nos quadris.

— Bonita, — disse ela. — Onde estamos?

— Enseada do pirata. Corona del Mar está logo acima dessas rochas. — Ele apontou para os grandes pedaços de granito e arenito que formavam uma barreira tão impressionante.

— Oh. Eu nunca estive aqui. Huntington e Newport algumas vezes, mas nunca fui a Corona. —

— Bem, você está aqui agora.

Ela assentiu, ainda olhando ao redor, se orientando. Nasim notou como ela sempre parecia estar em alerta, sempre anotava onde estava, o que estava acontecendo ao seu redor. Provavelmente uma relíquia de tantos meses passados, meses em que ela nunca se permitia relaxar completamente.

Ele esperava que ela pudesse relaxar agora.

Para si mesmo, ele estava fazendo o possível para não a encarar. Ela trocou sua jaqueta de couro, jeans e camiseta escura lisa pelo biquíni que ele havia fornecido no dia anterior, junto com um cachecol

listrado em volta da cintura. As pequenas lantejoulas brilhavam prateadas ao sol, mas não eram tão brilhantes quanto a própria Bailey, seus longos cabelos loiros soltos pela primeira vez, cheios de pequenas ondas da trança que ela usava normalmente.

Ele já a considerava bonita. Agora, porém, ela era de tirar o fôlego.

— Almoçar?— ele perguntou. Enquanto ele falava, uma pequena cabana apareceu na areia atrás dele, com duas cadeiras e uma pequena mesa posta entre eles, e uma jarra de sangria, uma tigela de frutas frescas e um prato de pequenos sanduíches sobre a mesa.

Bailey virou-se para ele e balançou a cabeça. — Tudo é tão fácil para você, djinn, não é?

— Eu não sei 'fácil', — respondeu Nasim, um pouco ferido pela insinuação de que ele nunca teve que trabalhar duro em nada. — Nossos poderes nos permitem executar tarefas que parecem impossíveis

para os seres humanos, mas ainda temos nossas limitações.

— Eu ainda não vi muitos, — comentou ela, depois caminhou até a cabana e sentou-se em uma das cadeiras do lado de dentro.

— Se eu fosse todo-poderoso, teria vencido você em ambas as corridas.— Ele veio e sentou-se também, depois derramou sangria nos copos que os esperavam.

— Talvez você tenha jogado o primeiro às para fazer parecer que eu tinha uma chance.— Ela pegou um copo e tomou um gole, mas seu olhar permaneceu no rosto dele, especulativo.

Nasim não sabia se deveria se ofender com a sugestão dela de trair, ou lisonjeado que ela o considerasse um bom motorista por ele poder ter batido nela duas vezes seguidas. — Garanto-lhe que não fiz isso. Esses foram os dois verdadeiros testes de nossa habilidade de dirigir.

— Se você diz.— Com a mão livre, pegou um dos pequenos sanduíches, este de salada de frango com

uvas e nozes cortadas, e deu uma mordida. Depois de lavá-lo com um pouco de sangria, ela continuou: — Se você deixar de lado essa pequena derrota, parece que você pode fazer praticamente qualquer coisa que quiser.

— Principalmente, — ele admitiu. — Exceto quando se trata daquelas coisas controladas pelos elementos. O meu é o ar e, portanto, posso chamar os ventos para mim, ou voar, mas não posso causar um terremoto ou fazer a maré entrar mais rapidamente. Tudo isso - ele apontou para a cabana onde estavam sentados, e a comida na mesa aposta entre eles - — é apenas uma questão de imaginar as coisas que eu preciso e tê-las de vir até mim. Não é exatamente como fazê-los aparecer do nada.

— Eu acho que você está cortando cabelos nessa Nasim.

Ele sorriu para ela. — Pode parecer assim para você, mas há uma diferença sutil. Essas coisas já existem em algum lugar do mundo - os grãos para o

pão, o vinho, a fruta. Eu só tenho que trazê-los aqui e combiná-los da maneira que eu quiser.

Por um momento, Bailey não respondeu, apenas pareceu considerar suas palavras enquanto mastigava pensativamente. — Acho que posso ver como isso funcionária. Parece principalmente mágica, no entanto.

— Suponho que seja uma palavra tão boa quanto qualquer outra.— Nasim pegou seu copo de sangria e bebeu, contente com o sabor fresco e frutado. Eles estavam protegidos do sol aqui dentro da cabana, mas o próprio dia ainda estava quente e brilhante, prometendo ser realmente quente. A neblina de alguns dias atrás parecia um sonho distante.

Como fez seus dias antes de conhecer Bailey. Eles estavam na vida de cada um por um tempo muito curto, e ainda assim ele se sentia mais à vontade com ela do que com muitas mulheres de sua própria espécie. Ela tinha uma dureza que ele admirava, uma relutância em desistir, não importando o quanto as probabilidades pudessem estar contra ela. Ele

admirava isso tanto quanto admirava sua beleza brilhante, a exuberância de seu corpo.

Embora agora ele tivesse que admitir que a curva de seus seios naquele biquíni escasso era mais do que um pouco perturbadora.

— É bom sair, no entanto, — disse ela, observando a luz do sol dançar nas ondas enquanto elas se aproximavam da costa. Não eram as grandes ondas da praia principal, mas as delicadas miniaturas de seus primos maiores, cobertas com espuma de renda. — Quero dizer, eu sei que saímos antes, mas isso parece diferente.

— Nós ainda estávamos em Los Angeles.— Nasim pegou uma fatia de maçã e deu uma mordida. — Agora deixamos para trás.

Ela ficou em silêncio por um momento, o olhar ainda fixo na água. Sem olhar para ele, ela disse: — Outro dia, você disse que viria a Los Angeles para me caçar.

— Não tenho certeza se diria caçar mas sim.

— Se você veio a Los Angeles por esse motivo, deve ter começado em outro lugar. Onde você mora? Quero dizer, *realmente* vive?. —

Uma boa pergunta Antes do Heat, ele havia habitado um lugar no outro mundo, assim como toda a sua espécie. Mas então a Terra se tornou seu lar, com cada um deles tendo um certo lote de terra para construir. Apesar de ter sido concedida uma propriedade particularmente exuberante em Napa, ainda não parecia particularmente dele., no entanto, ele supôs que era, na frase de Bailey, o lugar onde ele — realmente morava.

— Minhas terras estão ao norte daqui, em um lugar chamado Napa. Para ser específico, no que costumava ser a vinícola Chateau Montelena.

Agora ela se afastou dele, apesar da linha d'água, as sobrancelhas erguidas levemente. — Você mora em um castelo?

— Eles chamavam de castelo. Suponho que se pareça com um, pelo menos de fora. Mas era uma verdadeira adega em funcionamento.

— Se é realmente uma vinícola, você não deveria cuidar de suas uvas em vez de descansar na praia?

A pergunta tinha um tom de provocação, então Nasim não se ofendeu. — As folhas terminaram de brotar, e a fruta ainda não virá por mais algumas semanas. Era um bom momento para deixá-los. No final da temporada, sim, eles precisarão de cuidados.

— Uma vinícola.— Ela balançou a cabeça. — Isso é novo.

— Na verdade, não. Nós, djinn, amamos nosso vinho e, uma vez esgotadas as lojas atuais, precisaremos fazer mais.— Verdadeiramente, e ainda assim Nasim ainda se perguntava por que os anciãos o haviam dado a antiga vinícola como sua casa. Não era como se ele tivesse demonstrado grande interesse pela horticultura em geral ou pela viticultura em particular. Sim, ele possuía jardins cuidadosamente cuidados de plantas e flores terrestres nos pátios de seu palácio no outro mundo, mas o mesmo poderia ser dito para muitos outros djinn. Ele certamente não era tão incomum a esse respeito.

— Acho que você está certo.— Aquele brilho provocador estava de volta aos olhos azuis de Bailey.

— Você sabe alguma coisa sobre vinificação?

— Não. Suponho que terei que aprender por tentativa e erro. — Ele fez uma pausa, notando a peculiaridade divertida em seus lábios. — Será algo a ver com o meu tempo. E, como eu disse antes, é um lugar muito bonito.

O olhar dela voltou para a água. — Então é isso.

Nasim não podia discutir com ela nesse ponto. O céu acima era do mesmo azul brilhante que seus olhos, a água abaixo quase tão clara e cintilante. O vento estava fresco e limpo, coberto com a casca de sal. Gaivotas rodavam e choravam acima deles, um contraponto ao sempre presente murmúrio do mar.

— É por isso que eu queria trazer você aqui, — disse ele. — É sempre bom mudar de cenário de vez em quando.

— Como o que Fátima e seu brinquedo estavam fazendo.

— Seu escolhido , — disse Nasim, tomando o cuidado de manter o tom suave. Na verdade, o epíteto de Bailey para o jovem era suficientemente preciso. Ele certamente era muito bonito, talvez uma das principais razões pelas quais Fátima o tivesse escolhido em primeiro lugar. No entanto, Nasim tinha que esperar que os cérebros mortais possuísem pelo menos uma espécie de correspondência para sua aparência, ou ele temia que Fátima pudesse se ver entediada com o companheiro mais cedo ou mais tarde.

Mas isso realmente não era problema dele. Mesmo assim, ele se viu pensando que provavelmente nunca ficaria entediado com Bailey.

Você não precisará se cansar dela, ele disse a si mesmo. *Pois se você vencer sua próxima corrida e levá-la de volta com você para Napa, você passará tanto tempo com ela quanto concordar.* E depois? Bem, ele ainda lhe devia respeito e admiração, mesmo que não pudesse lhe dar seu amor, e, é claro, garantiria que

ela tivesse uma viagem segura para o Novo México. Seria o mínimo que ele poderia fazer por ela.

— Ele pode ser um brinquedo de menino e seu Escolhido ao mesmo tempo, — destacou Bailey, o que parecia sensato o suficiente para Nasim não se dar ao trabalho de contradizê-la. — De qualquer forma, parecia que eles saíram dirigindo muito. Você acha que outras pessoas na comunidade vão muito à praia?

— Provavelmente. Embora seja necessário morar em Bel-Air, acredito que eles possam se aventurar desde que não tentem se estabelecer em nenhum outro lugar.

— Vida difícil, — comentou Bailey depois de tomar um gole de sua sangria. — Confinado a Bel-Air por toda a eternidade.

Nasim riu. — Suponho que há destinos piores.

Quase imediatamente, a expressão de Bailey escureceu, embora ela não respondesse imediatamente, apenas tomou um gole novamente do seu copo de sangria. Ele pensou que poderia

adivinhar a razão de sua mudança, mas sem dúvida, ela estava pensando em todos aqueles que morreram com o calor, ou sofreram mortes muito mais dolorosas nas mãos dos djinn exterminadores. Todos esses foram destinos muito piores do que ficar confinado em Bel-Air para sempre. Infelizmente, ele não conseguia pensar em nada para dizer que a faria se sentir melhor. Ele não conseguiu mudar o que havia acontecido. Tudo o que ele pôde fazer foi tentar mantê-la segura.

Ele largou o próprio copo. — Acho que vou entrar na água agora.

Bailey levantou uma sobrancelha para ele. — Você não deveria esperar meia hora depois de comer antes de ir nadar? Ou Djinn não precisa se preocupar com esse tipo de coisa?.

— Eu não acho que nenhum de nós tenha comido o suficiente para que seja um problema de uma maneira ou de outra.— Nasim levantou-se da cadeira e caminhou até o lago. Uma pequena onda passou por seu pé. A água estava mais fria do que ele esperava,

muito mais fria do que a água na piscina da cobertura. Ainda assim, ele pensou que deveria se acostumar com isso em breve.

Ele entrou na água clara da enseada, passando pelo local onde as ondas quebravam para poder flutuar de costas em um local onde o movimento da água era um pouco mais sereno. Isso foi melhor; o sol batia nele e dançava em pequenas faíscas brilhantes ao redor.

Um momento depois, ouviu o som de salpicos e percebeu que Bailey havia deixado seu assento na cabana para se juntar a ele aqui na água. Pequenas ondas ondulavam ao redor dele, e lá estava ela, cabelos louros flutuando na correnteza como uma espécie de erva marinha de conto de fadas.

— Droga, está frio, — disse ela, pisando na água a alguns metros de distância. — Eu sempre esqueço isso da praia. Parece que deveria ser muito mais quente, mas não é. —

— Admito que está longe de ser tropical.

— Talvez devêssemos ter ficado em Los Angeles e ido nadar na piscina.

Nasim se mexeu, os pés afundando para não flutuar mais nas costas. Bailey não se mexeu, ainda estava quase, mas não completamente, ao alcance do braço. Ela fez isso para que ele não se sentisse tentado a pegá-la pela mão e puxá-la em sua direção? Nesse caso, ela tinha calculado mal, porque ele poderia estar perto dela com rapidez suficiente, se assim o desejasse.

— Você realmente acha?— ele perguntou, olhando ao redor para a areia branca da praia a alguns metros de distância, as rochas que protegem, aquela qualidade particular de luz que apenas parecia encontrar no oceano, brilhando em merda, lustrosa e brilhante.

Uma pausa, e então ela lhe enviou um sorriso triste. — Eu acho que não. Isso é bom. Quase parece...— E suas palavras sumiram como se ela percebesse que não deveria completar o pensamento.

— Quase parece com o quê?— ele sondou.

— Como se nunca tivesse acontecido. Como se deixássemos essa enseada, o mundo estaria de volta do jeito que estava.— O olhar dela se afastou dele, em direção à pequena praia particular. — Embora no fundo eu saiba que se as coisas realmente estivessem do jeito que estavam, então a praia estaria cheia de gente.

Antes que ele percebesse o que estava fazendo, ele remava com os pés, empurrando-o para mais perto dela. Para seu alívio, ela não se afastou, apenas olhou para ele com uma curiosa mistura de tristeza e confusão em seus grandes olhos azuis. Ele disse: — Eu gostaria de poder fazer as coisas do jeito que eram.

— Você?

— Na maioria das vezes.— Nasim fez uma pausa, procurando as palavras certas, sem saber se elas existiam. — Desde que você e eu também possamos estar juntos nesse mundo.

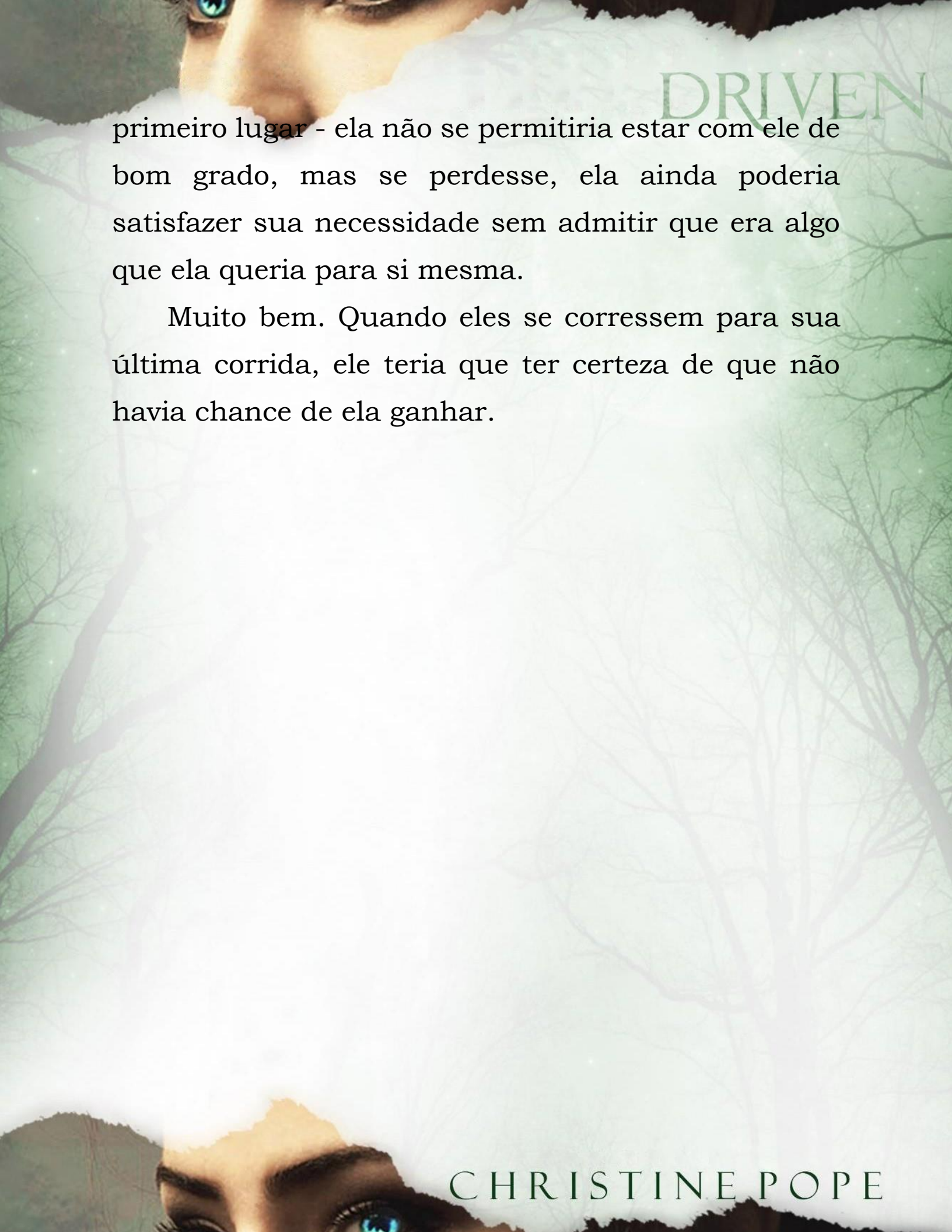
Ele pegou a mão dela, puxou-a para perto. Ela não tentou fugir, veio a ele de bom grado. No momento seguinte, seus lábios estavam se tocando, seus corpos

pressionados juntos. Apesar da água fria, ele sabia que estava começando a endurecer, imaginando se ela podia sentir.

Se sim, ela não parecia se importar, pois não fez nenhum movimento para se afastar. Ela provou água salgada e sangria doce, e Nasim achou que ele nunca havia experimentado algo tão delicioso em sua vida.

O beijo durou muito tempo. Por fim, porém, ela pareceu sacudir a cabeça, emitir um som baixo na garganta que não era um — não, — mas estava perto o suficiente. As mãos dela, que estavam apertando os ombros dele, agora se empurravam contra o peito dele, criando uma distância suficiente entre elas para que ela pudesse continuar nadando, agora indo em direção ao chuveiro.

Ele a deixou ir. Que outra escolha ele tinha? Nunca em sua vida ele forçou uma mulher e certamente não estava prestes a começar agora. Claramente, Bailey o queria, mas não conseguiu chegar a um acordo com seu desejo. Provavelmente foi por isso que ela concordou com a aposta em



DRIVEN

primeiro lugar - ela não se permitiria estar com ele de bom grado, mas se perdesse, ela ainda poderia satisfazer sua necessidade sem admitir que era algo que ela queria para si mesma.

Muito bem. Quando eles se corressem para sua última corrida, ele teria que ter certeza de que não havia chance de ela ganhar.

CHRISTINE POPE

Droga. Jurara que não deixaria Nasim beijá-la de novo, e lá estava ela, de boca aberta com ele no meio de Pirate's Cave, de todos os lugares. Sua boca estava tão quente quanto a água estava fria, e ela sentiu a mesma emoção de calor dentro dela, a que lhe dizia claramente que ela queria muito mais do que apenas um beijo.

Havia uma pequena mesa com uma pilha de toalhas ao lado da cabana. Bailey não tinha notado isso antes, mas imaginou que Nasim o conjurara enquanto caminhava para a praia. Era uma nota pequena e atenciosa ... ou era? Talvez tudo o que ele realmente queria fazer fosse impressioná-la com sua consideração.

Naquele momento, ela não sabia o que pensar.

Com a boca comprimida, ela começou a se esfregar, depois pegou o cachecol de lantejoulas que usava como sarongue e enrolou-o na cintura uma vez que tinha certeza de que estava suficientemente seca

para impedir que a parte de baixo do biquíni úmido danificasse o belo tecido. Enquanto trabalhava, Nasim desembarcou e ficou a alguns passos, a água escorrendo pelo peito e pelo estômago musculosos, pelas pernas fortes.

Não olhe, ela disse a si mesma. Porque ele de pé e parecendo um deus grego não fará nada pela sua cabeça.

— Acho que devemos discutir isso, — disse ele.

— O que há para discutir?— ela perguntou. — Nós dois perdemos o controle. Novamente.

Sem falar, ele passou por ela na cabana e pegou uma toalha para si. Silenciosamente, ele se secou, depois dobrou a toalha e a colocou na beira da mesa. — Está perdendo o controle quando é algo que nós dois claramente queremos?

— Pode ficar claro para você. Não é para mim. —

Para sua surpresa, ele riu. — Quanto mais claro ele precisa ser? Eu mal tenho que estender a mão para você, e você está em meus braços. —

Oh, pelo amor de Deus. — Dane-se, Nasim, — disse ela distintamente, depois marchou para fora da cabana e seguiu em direção às rochas que protegem a enseada do resto da praia. A entrada e a saída eram claras o suficiente, e ela imaginou que deveria ser capaz de lidar com isso, mesmo com os pés descalços.

Tão rapidamente quanto ela andou, no entanto, ele estava bem ao lado dela. — Onde você pensa que está indo?

— Longe de você.

Os dedos dele se fecharam no pulso dela. Não grosseiramente, mas com um aperto firme o suficiente para que ela soubesse que teria dificuldade em fugir. — Você sabe que isso não é seguro, — disse ele. Não havia raiva em seu tom ou expressão; decepção, sim, mas nada além de possivelmente temer seu bem-estar. Você está com os pés descalços. Você não tem um veículo. E não posso garantir que não haja outros djinn na área, outros que não se importarão tanto com sua segurança quanto eu.

— Se você se importasse tanto, estaria me desafiando para corridas como a que acabamos de correr hoje mais cedo?

— É isso?— Ele se aproximou, tão perto que Bailey pôde sentir o cheiro de água salgada subindo de sua pele suavemente bronzeada. Um pequeno arrepio passou por ela e ela engoliu. Realmente não era justo que ele fosse tão completamente avassalador. — Nós dois concordamos com os termos de nossa barganha. Eu pensei que você gostava de correr.

— Eu faço. Eu só...

— Apenas o quê?

Ela não estava prestes a dizer a ele que só gostou quando ganhou, porque essa não era a verdade. A experiência de levar um carro veloz ao limite sempre a excitava, independentemente de ela ter saído vitoriosa. Não, o que ela odiava na corrida de hoje era perceber que havia uma possibilidade real de que ela pudesse perder, talvez tivesse que ficar aqui com Nasim. Ela não queria pertencer a ele, mesmo que

temporariamente. Esse pensamento a assustou mais do que qualquer outra coisa.

Bem, quase qualquer outra coisa. Seu medo mais profundo, o que ela não queria arrastar chutando e gritando para a luz, era que ela gostaria de estar com ele muito, iria perceber que uma existência solitária - apesar das liberdades que oferecia - não era bem um s satisfatório como ela queria que fosse. Sua forte atração por Nasim era diferente de tudo que ela já havia experimentado antes, e ela não sabia o que fazer sobre isso.

Melhor ir embora antes que ela realmente entrasse na cabeça.

— Quero correr amanhã, — disse ela. — Não quero esperar. Quero acabar logo com isso. —

Quase imediatamente seus olhos se fecharam, pesados cílios castanhos escuros escondendo o azul nublado. Ele não queria ouvi-la dizer isso, ela sabia. Ele queria que ela dissesse que não havia problema em tirar outro dia, para que ele pudesse degustá-la e jantar e talvez fazer o possível para levá-la para a

cama. Se isso acontecesse, ela estaria em conflito, não estaria concentrada em vencer ... ou pelo menos, ela imaginou que essa era provavelmente a linha de raciocínio dele.

Bem, isso não iria acontecer.

Ele respirou fundo. — Se é isso que você deseja.

— Isto é.

— Então voltaremos para que você possa se preparar.

Antes que ela pudesse piscar, os braços dele haviam passado pela cintura dela novamente. Não para abraçá-la ou tentar beijá-la, mas para que ele pudesse levá-la para longe da praia e voltar para seu loft no centro de Los Angeles. Foi lá que eles se materializaram novamente, e não no condomínio de Nasim.

O significado dessa escolha não se perdeu nela.

— Obrigado, — disse ela, e ele apenas levantou os ombros.

— Foi o que você pediu. Você escolhe o local, eu escolho os carros. Encontro você no saguão em dez minutos até o meio dia de amanhã. —

Ele levado si mesmo, desaparecendo com isso desconcertante pouco *pop* de ar que parecia acompanhar todas as idas e vindas mágicos dos djinns. No máximo, Bailey desejou poder ter dito algo para amenizar um pouco sua rejeição, porque sabia que ele estava zangado com ela, mas o momento havia chegado e se foi.

Além disso, por que *ela* deveria se desculpar? Ele foi quem se forçou a ela.

Não, isso estava sendo injusto. Ela *queria* o beijo. Esse era o problema todo. Se ela estivesse relutante, então poderia tê-lo chamado por ser um idiota djinn He-Man e se sentir absolutamente livre de culpa por empurrá-lo para longe.

Mas ela queria que ele a beijasse, e agora ela estava se sentindo uma vadia por dar-lhe o empurrão, e no fim das contas, esse era apenas um final

agradável para o dia, mesmo que ainda fosse apenas meio-dia. tarde.

Bailey entrou na cozinha e se serviu de um copo de água. Provavelmente a melhor coisa a fazer era tomar um banho, tirar todo aquele sal marinho dela. Talvez então ela se sentisse um pouco melhor com toda a situação.

Assim resolvida, ela foi ao banheiro, tirou o biquíni úmido e subiu no chuveiro, aumentando a água tão quente quanto ousava. E não, ela não pensaria em ter Nasim lá com ela, porque isso meio que derrotou todo o propósito de fazer o possível para não pensar nele, mas começar a trabalhar em ideias para a corrida deles no dia seguinte.

Infelizmente, quanto mais ela tentava não pensar nele, mais ele invadia seus pensamentos. Tudo isso teria sido muito mais fácil se ela não gostasse tanto dele.

E essa percepção fez Bailey querer sacudir a cabeça para si mesma. Ela nunca pensou que veria o dia em que poderia dizer que realmente gostava de

um djinn. Toda a noção deveria ter sido totalmente repugnante. Afinal, os djinn haviam destruído o mundo, massacrado quase todos os homens, mulheres e crianças. Ela teria sido a primeira a admitir na época que havia alguns espécimes da humanidade que mereciam ser mortos sem piedade, mas mesmo em seu humor mais sombrio, ela nunca teria dito que *toda a* humanidade merecia morrer.

Mas agora aqui estava ela, brincando de cara de beijinho com um dos imortais que estiveram por trás disso, ou pelo menos concordaram com isso, e ela realmente deve estar perdendo a cabeça.

Com os dentes cerrados, ela enxaguou o condicionador do cabelo, lavou o resto e saiu do chuveiro. Uma vez que ela estava vestida de novo com uma calça jeans e uma camiseta, com os cabelos quase secos, ela se sentiu um pouco mais como ela mesma. Hora de pensar.

Ela se serviu de outro copo de água e foi para a janela, não porque estava procurando algo em particular, mas porque esperava que olhar os

contornos do centro de Los Angeles pudesse ajudá-la a descobrir o escopo da terceira e última importância. raça. Eles fizeram corridas de arrancada e de rua, e por isso ela não via muito sentido em visitar qualquer um desses tipos de competições. Sim, é claro que uma nova corrida seria sutilmente diferente, mesmo que fosse do mesmo tipo geral, simplesmente porque eles estariam em um novo local e dirigindo carros diferentes. Ainda assim, isso não parecia suficiente.

Seu olhar mudou para as montanhas a leste do centro da cidade. Não que ela estivesse pensando em dirigir para lá - seria apenas uma revisitação da corrida deles nesta manhã em Mulholland - mas porque uma ideia surgiu em sua mente, uma que provavelmente deveria ter chegado lá mais cedo, considerando o lugar que ela tinha em mente era onde s ele estava trabalhando quando ela conheceu Oscar.

Auto Club International Speedway.

Eles poderiam ter uma partida em círculo, um número definido de voltas. Quem chegasse à linha de

chegada na última volta venceria. Era simples e perfeito. O único problema poderia ser o fato de haver algum dos djinns malignos e reaver na área, mas Bailey supôs que Nasim o verificasse primeiro para garantir que a costa estivesse limpa. Fontana não parecia o tipo de lugar onde qualquer um dos elementais se estabeleceria, considerando que o y parecia terminar em vinícolas ou subúrbios sofisticados, mas, novamente, isso era algo que Nasim podia verificar. Isso significava que ela teria que contar a ele sobre sua escolha antes da hora marcada para a reunião na manhã seguinte. Bem, ela sempre podia recorrer ao bilhete antigo sob o truque da porta. Ela esperaria até cerca das 10 horas da manhã e o avisaria. Isso daria a ele tempo suficiente para descobrir Fontana e seus arredores, e provavelmente seria depois que ele tivesse escolhido seus carros. Era possível que ele mudasse de ideia e conseguisse mais alguma coisa para dirigir uma vez que percebesse o que ela tinha em mente, mas ela apenas teria que correr esse risco.

Com o assunto resolvido, Bailey se sentiu um pouco melhor. Não muito melhor, porque ela não podia deixar de pensar em Nasim e no que ele poderia estar fazendo naquele loft suspeito e silencioso ao lado, mas o suficiente para poder esquentar uma fatia de pizza e comê-la sem sentir como se estivesse indo vomitar de ansiedade.

Um passo de cada vez.

Sozinho em seu loft, Nasim teve que reprimir o desejo de socar o punho contra a parede, em parte porque essa exibição não lhe renderia nada no final, e em parte porque as paredes desse prédio eram feitas de tijolos sólidos e Esse tipo de gesto doeria como um bastardo, mesmo com todos os seus poderes de regeneração djinn .

Em vez disso, convocou a jarra de sangria e os pratos de sanduíches e frutas que haviam deixado na cabana, serviu-se de outra bebida e serviu-se de um sanduíche de salada de frango. Cada grama de seu ser queria ir ao lado e ter isso com Bailey, mas seus

instintos lhe disseram que seria uma ideia espetacularmente ruim. Se ela queria afastá-lo, que assim seja. Ele se concentraria em garantir que vencesse a corrida amanhã. Ela pode ser espinhosa, fechada e difícil, mas nunca voltaria a apostar. Se ela perdesse, ela não tentaria se esquivar do acordo.

Muito bem então. Ele tentou imaginar que tipo de corrida ela sonharia para o confronto final. Algo que ele não estava esperando, provavelmente. Mais uma vez, imagens de bugies correndo pelo deserto de Mojave dançaram com a cabeça, mas ele as afastou. Esse tipo de corrida exigia um veículo especializado demais. Ele supôs que eles pudessem andar de bugies nas ruas, mas o contrário não era verdade; ele não conseguia ver dois Lamborghini tentando atravessar o Vale da Morte.

Não, ele tinha certeza de que, o que quer que ela estivesse sonhando, aconteceria na calçada. Entre os Porsches, os Ferraris e os sofisticados Nissan, eles já haviam coberto uma gama bastante respeitável de veículos poderosos, mas ele imaginou que havia

muito mais de onde eles vieram. O truque era descobrir qual o tipo de corrida que Bailey escolheria.

Para pesquisa, ele conjurou algumas edições anteriores de várias revistas de carros e transmitiu alguns episódios de *Top Gear* e *Grand Tour* para o aparelho de televisão do loft. Isso ajudou a matar algumas horas, mas, mais importante, os artigos de revistas e os programas de TV o ajudaram a determinar que havia um veículo que eles definitivamente precisavam para dirigir o confronto final.

O McLaren P1.

Menos de quatrocentos do último ano modelo foram construídos antes do Heat acabar com qualquer um que pudesse criar outro. Isso significava que os carros eram muito menos espessos no chão do que os Ferraris que ele e Bailey haviam pilotado em sua primeira corrida. Em toda a Califórnia, ele conseguiu localizar apenas um dos veículos que procurava; ele teve que chegar até Scottsdale, no Arizona, para encontrar outro, e trazê-lo aqui exigia

um gasto de energia que ele realmente não havia planejado. Uma vez guardado em segurança na garagem subterrânea, Nasim comeu o resto dos sanduíches no prato e depois bebeu outro copo de vinho.

Depois de reabastecer um pouco as reservas de energia, ele se sentiu um pouco melhor. Ainda bem que ele estaria completamente recuperado quando a corrida final ocorresse, porque ele sabia que precisaria de toda a sua concentração para lutar com a besta de um carro que ele havia chamado. No fundo, ele se perguntou se poderia ter ido longe demais, poderia ter decidido sobre um veículo que não tinha esperança de dominar, mas Nasim disse a si mesmo que Bailey provavelmente enfrentaria o mesmo conjunto de problemas quando se sentasse ao volante do volante. P1 Ela tinha muita experiência em dirigir, é verdade, mas ele duvidava que ela já tivesse dirigido um carro assim. Eles devem ser iguais.

O pensamento passou por sua mente que talvez ele devesse levar a McLaren para um test. drive, e

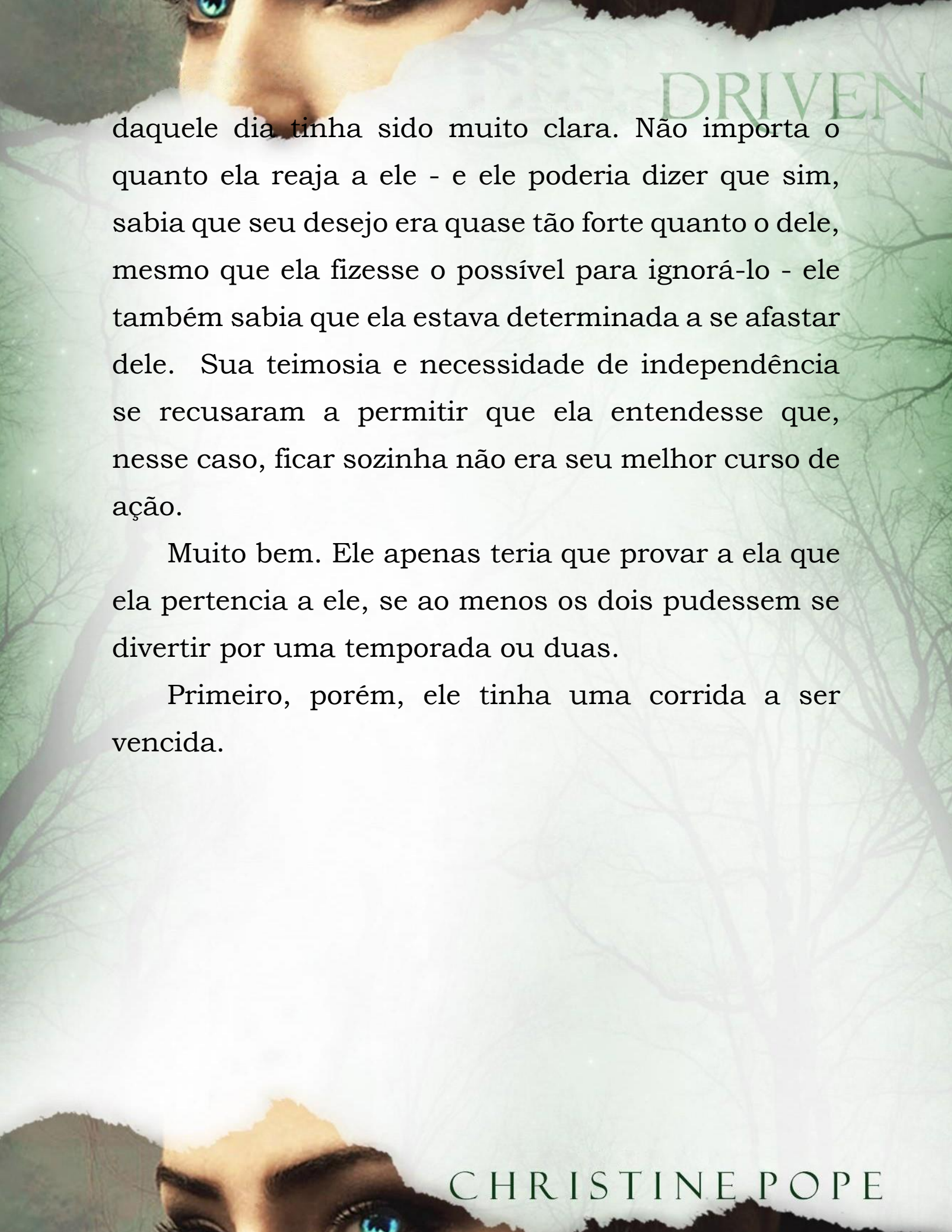
quase tão rapidamente ele rejeitou a ideia. Parecia um pouco trapacear com ele, dando-me uma vantagem quando Bailey não teria a mesma oportunidade. Além disso, ele não podia ter certeza de como ela estava sendo vigilante, e não queria arriscar vê-lo saindo da garagem do P1. Ele não queria estragar a surpresa. É verdade que ela poderia tentar esgueirar-se para dentro da garagem para ver que tipo de carro ele havia chamado, mas ele tinha certeza de que a entrada da escada estava trancada com sua magia djinn, assim como o portão que guardava a rampa que conduzia ao nível da rua. Não era que ele não confiasse nela, exatamente, apenas que ele pensava que era melhor estar seguro.

De qualquer forma, o crepúsculo já caíra na cidade a essa altura e, por mais visível que fosse a McLaren durante o dia, seria duplamente assim que estivesse realmente escuro e ele tivesse que pisar nos faróis. Pelo menos, ele lera relatos escritos por pessoas que dirigiam o carro e assistia ao episódio em que o homem corpulento e corpulento, que parecia

encarregado do show do *Grand Tour*, havia dado algumas voltas na pista. Suas reações já haviam dado a Nasim algumas das informações de que ele precisava - que o P1 era monstruosamente poderoso e incrivelmente rápido, e que ele precisava tratá-lo com o respeito que merecia e nunca baixou a guarda por um momento.

Nasim foi até a parede que separava seu loft do Bailey e ficou lá em silêncio, ouvindo, mas ele não conseguia ouvir nada. Era muito cedo para ela ter ido dormir, e ela não tinha a capacidade de fazer nenhum programa de televisão que quisesse aparecer por seu prazer em assistir. Ele supôs que ela pudesse estar lendo - ele tinha visto livros e revistas no loft que ela estava usando - embora ele tivesse que admitir para si mesmo que ela não parecia o tipo de leitura. Talvez ela estivesse comendo, sentada sozinha na mesa branca e grossa na área de jantar do loft.

Essa imagem o entristeceu. Ele desejou poder se sentar e sentar à mesa com ela, estender a mão e pegar a mão dela. Infelizmente, sua rejeição do início



DRIVEN

daquele dia tinha sido muito clara. Não importa o quanto ela reaja a ele - e ele poderia dizer que sim, sabia que seu desejo era quase tão forte quanto o dele, mesmo que ela fizesse o possível para ignorá-lo - ele também sabia que ela estava determinada a se afastar dele. Sua teimosia e necessidade de independência se recusaram a permitir que ela entendesse que, nesse caso, ficar sozinha não era seu melhor curso de ação.

Muito bem. Ele apenas teria que provar a ela que ela pertencia a ele, se ao menos os dois pudessem se divertir por uma temporada ou duas.

Primeiro, porém, ele tinha uma corrida a ser vencida.

CHRISTINE POPE

De alguma forma, ela conseguiu dormir, provavelmente porque sabia que jogar e virar e reproduzir aquela cena em Pirate's Cave não lhe faria nenhum bem, apenas a deixaria menos preparada para a corrida com Nasim. E naquela manhã ela se levantou, tomou banho e se vestiu calmamente, tomou o café da manhã, tomou café e escovou os dentes, fez todas as coisas que uma pessoa deveria fazer enquanto se preparava para o dia. Por dentro, porém, ela se sentia tão bem esticada quanto uma corda de arco, pronta para agarrar em um momento que não era gelo. Havia muita coisa nisso.

Não ajudou que não houvesse muita coisa no loft para mantê-la ocupada, exceto aquelas cópias inúteis e antigas da *Forbes* e da *Architectural Digest* que ela havia notado anteriormente. Mais de uma vez, ela foi até a janela para verificar o céu lá fora; A chuva de maio em Souther, na Califórnia, era muito rara, mas

uma forte neblina poderia tornar o asfalto úmido e escorregadio.

No entanto, o dia parecia tão ensolarado como o anterior, sem uma única nuvem para romper a extensão do céu azul brilhante. Bailey supôs que isso era um bom sinal, mas, mesmo assim, ela não podia impedir que sua ansiedade aumentasse cada vez mais. Seja como for, ela queria acabar logo com isso. Ela odiava se sentir inquieta, sem ter certeza do que viria a seguir. Provavelmente, um psiquiatra teria dito a ela que isso era apenas uma relíquia de sua infância, quando ela nunca poderia ter certeza de onde iria chamar de lar, com quem iria terminar em seguida. Isso pode até ser verdade, mas saber que era verdade não a ajudou muito aqui e agora.

Às dez horas, ela saiu muitas vezes, checkou o corredor para ter certeza de que estava vazia - embora por que Nasim estivesse ali vagando, ela não fazia ideia - e colocou o pedaço de papel com a localização da próxima corrida escrita em embaixo da porta. Seu coração batia forte e ela se preocupou que ele fosse

abrir a porta e perguntar o que diabos ela estava fazendo, mas conseguiu voltar para dentro de seu próprio lugar sem ser abordada. Talvez ele estivesse no chuveiro.

De qualquer forma, ele não veio fazer perguntas, e finalmente eram quinze para o meio-dia. Bailey saiu do seu loft e desceu as escadas para o saguão, onde Nasim já estava esperando por ela. Ele usava o uniforme habitual de camiseta escura e jeans; ela se perguntava se ele adotou essa roupa porque era confortável, ou porque ele estava tentando deixá-la à vontade, fazê-la pensar que ele realmente não era tão diferente dela.

Um pouco tarde para isso, ela pensou. Eu sei o que você é.

Mas, mesmo quando o pensamento passou por sua mente, ela lembrou a sensação dos lábios dele tocando os dela, aqueles braços fortes segurando-a perto. Ele não se sentiu como uma criatura de outro mundo. Ele se sentiu como um homem.

Ele não estava, no entanto, e ela sabia que teria que continuar se lembrando desse fato até que finalmente fosse perfurado em seu cérebro espesso.

— Bom dia, — disse ele, seu tom rígido, formal, em desacordo com seu traje casual. Parecia bastante óbvio que ele não a perdoou por ter escapado dele ontem.

Bem, isso foi bom para ela. Ela não precisava do perdão dele.

— Bom dia, — ela repetiu.

Ainda com aquela expressão carrancuda, ele disse: — Fui ver esse seu Auto Club Speedway. A área ao redor está vazia. Ninguém deve interferir no que planejamos fazer.

Por alguma razão, Bailey não se sentiu tão aliviada por suas palavras quanto imaginara. Talvez fosse simplesmente o fato de ela ter acreditado na palavra dele de que a área era segura, embora tivesse que admitir para si mesma que ele não havia mentido para ela até agora. — Então, você viu que era uma pista oval, certo?

Ele assentiu.

— Vamos correr um certo número de voltas, e quem cruzar a linha de chegada primeiro vence. Não teremos uma bandeira quadriculada nem nada, mas fizemos tudo bem sem uma até agora. —

— Verdade, — ele disse. — Não precisa ser formal. Bem, então, vamos até a garagem para que você possa ver o que estará dirigindo hoje. —

Sem esperar que ela respondesse, ele se virou e desceu as escadas. Bailey se recusou a se sentir ofendida, principalmente porque estava fazendo o possível para dizer a si mesma que não poderia evitar se ferisse seus sentimentos. Talvez ele pensasse duas vezes antes de ir e patear a nova mulher desavisada.

Tudo bem, ele não tinha exatamente a empolgado. Ela tinha sido uma participante disposta. Mas ele realmente precisava tirar a cabeça da bunda e perceber que ela não iria além dos dois beijos que haviam compartilhado.

Todos os pensamentos sobre o ego de Nasim voaram pela janela assim que Bailey saiu da escada e

viu os dois veículos reluzentes e baixos, esperando por eles lá. Um era preto puro, escuro como a noite, e o outro era amarelo-cromo com detalhes em preto. Ambos pareciam mortais como o inferno, e isso não era uma mera fachada - manuseado incorretamente, esses carros poderiam enviar você para a próxima vida enquanto você ainda estivesse piscando e tentando descobrir o que havia dado errado.

— McLaren P1s, — ela respirou.

— Você gosta deles?

— Eles estão ...— Ela parou de falar lá, bastante certa de que seu vocabulário não possuía as palavras necessárias para expressar como se sentia sobre os super carros estacionados a apenas alguns metros de onde ela estava. — Onde diabos você os pegou?—

— Uma concessionária em Newport Beach, outra na Scottsdale.

— Você tem alguma ideia de quanto esses carros valem?

Nasim encolheu os ombros. — Sim, cinco milhões de dólares cada. Não que isso realmente importe agora, importa?.

Não, provavelmente não. O dinheiro não valia mais nada, não quando você podia andar muito e dirigir com o carro que quisesse, ou furar um complexo de dez milhões de dólares em Malibu. Claro, esse abrigo provavelmente não duraria muito tempo depois que o djinn soubesse de você, mas ainda assim. Bailey nunca se importou muito com as armadilhas da riqueza - provavelmente porque nunca a tinha -, mas sabia que havia uma ampla oportunidade para ela saquear as joalherias do distrito de Diamond, em Los Angeles, se isso fosse coisa dela. Ela poderia ter corrido pelo centro da cidade em seu carro esportivo enquanto usava um milhão de dólares em gelo, se quisesse.

Porque ela não se importava, todas as joias sofisticadas permaneciam onde estavam. A única coisa que ela se importava era ter um carro veloz que

a manteria segura à frente de qualquer djinn perseguidor.

Bem, ela estava olhando para um carro extremamente rápido agora. Ainda não se sabia se isso a manteria longe de Nasim.

— Você está certo - não importa, — disse ela. — Ainda assim, esses são carros que você precisa tratar com respeito. Novecentos cavalos de potência ... 660 lb-ft de torque... não é exatamente como dirigir a minivan de sua mãe. —

Uma das sobrancelhas de Nasim assumiu uma inclinação irônica. — Tenho certeza de que minha mãe nunca dirigiu uma minivan.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Ele lhe deu um sorriso, do tipo que fez seus joelhos parecerem um pouquinho vacilantes. De alguma forma, Bailey sabia que ele tinha implantado aquele sorriso como uma arma, não porque ele estava realmente divertido. Ele queria que ela se sentisse desequilibrada quando eles começaram a corrida.

Boa tentativa, ela pensou. Eu tive pessoas jogando jogos de cabeça comigo desde antes de poder jogar. Mas melhor sorte da próxima vez.

— Usei alguns mapas para me guiar para a pista,
— disse ele. — Eu já sei para onde estamos indo.

— Mas você não sabe dirigir até lá, — protestou Bailey. Ela fez uma pausa, lembrando como eles serpentearam pelas ruas vazias de Los Angeles para chegar à Mulholland Drive. — Esses carros serão bem visíveis, dirigindo todo o caminho em uma rodovia sem mais ninguém. Se houver algum djinn na área, não atrairemos a atenção deles?

— Oh, não vamos dirigir lá, — disse ele calmamente. — Vou mandar os carros e depois vou levá-la comigo da maneira djinn normal.

Isso fazia algum sentido, embora a última coisa que Bailey desejasse fosse dar a Nasim a oportunidade de abraçá-la o mais próximo possível, enquanto viajava no estilo djinn. Ainda assim, seria muito mais seguro do que dirigir por todo o caminho.

Ela realmente não queria pensar na enorme quantidade de energia necessária para enviar dois carros do centro de Los Angeles para Fontana em um piscar de olhos. Sim, ele fez o mesmo em distâncias maiores apenas para conseguir os carros aqui, mas ela imaginou que ele deveria ter transportado cada um separadamente, em vez de convocá-los aqui em conjunto. E isso nem contava a energia que ele teria que gastar para levar ele e Bailey à pista.

— Tudo bem, — disse ela, esperando parecer firme e não preocupada. — Parece que seria mais seguro.

Ele assentiu, encarando os carros por um momento. Seus olhos se fecharam por um momento, e primeiro o McLaren todo preto, e depois o amarelo cromo, piscaram de existência. Eles fizeram o mesmo ruído que o próprio Nasim fez quando desapareceu, apenas muito mais alto, provavelmente porque mais ar estava sendo deslocado.

Quando ele reabriu os olhos, ele disse: — Está feito.

— Bem desse jeito?— Bailey perguntou, apesar de ter visto por si mesma a maneira como os carros haviam desaparecido no nada. Então, novamente, não era como se ela tivesse visto para onde eles *foram*.

— Bem desse jeito. Agora é a nossa vez. —

Tentando não parecer muito relutante, Bailey deu um passo em sua direção, mantendo-se imóvel enquanto ele colocava os braços em volta da cintura dela. Ele cheirava fresco e limpo do banho que ele deve ter tomado mais cedo naquela manhã, e ela teve que se forçar a se concentrar em algo que não fosse a proximidade dele, qualquer coisa, menos a sensação daqueles braços estendidos a segurando, o calor de sua carne.

Ela não podia se distrair agora.

Um desses pisca-olhos e a garagem subterrânea se foi substituída pelo campo interno da estrada. Estava parcialmente cheio de veículos abandonados, e ela teve que se lembrar de que o estacionamento havia sido permitido lá durante determinados eventos. Mas as montanhas ao fundo ainda eram as

mesmas, assim como a linha de palmeiras que ainda crescia para um lado. Eles sobreviveram à morte da humanidade, provavelmente porque não precisavam de cuidados regulares.

No entanto, as preocupações com as palmeiras evaporaram assim que ela viu os dois P1s estacionados na pista, não muito longe da linha de partida. Nasim a soltou. — Devemos?

Ela assentiu, sem ter certeza de que confiava em si mesma para falar. Entre tentar banir a sensação dos braços dele ao redor dela e sua preocupação com a corrida que se aproximava, sentiu a garganta apertada, o estômago retorcido.

Afaste-se, ela disse a si mesma. Você consegue fazer isso.

Quando pararam ao lado dos carros, Nasim perguntou: — Qual deles você gostaria?

— O preto, — ela respondeu imediatamente. Ela nunca tinha sido fã de amarelo.

— Muito bem.— Ele estendeu a mão estendida para ela. Na palma da mão repousava um chaveiro

eletrônico. — Olha você aqui. Teremos que dirigir até a linha de partida, já que não oriento exatamente os veículos.

— Tudo bem, — disse Bailey. — Isso nos dará um pouco de tempo para nos acostumarmos com os carros.

— É verdade. Devemos?

— Certo.

Eles caminharam lado a lado até chegarem aos carros, e Nasim foi em frente e subiu no veículo preto e amarelo. Bailey foi até o próprio carro e entrou, tentando se assegurar de que aquele era apenas outro carro esportivo, e não havia nada com que ela precisasse se preocupar, embora todos os músculos de seu corpo estivessem tensos como uma corda de harpa e suor nervoso. escorria pelas costas dela.

Nada para se preocupar. Certo.

Um momento para ajustar seu arnês e espelhos, outro para deixar seus olhos passarem pelos controles, fazendo o possível para fazer um curso intensivo no interior da McLaren. Fibra de carbono

exposta no painel de instrumentos e na porta, uma tela totalmente eletrônica que mostrava um esboço do veículo, destacando a pressão dos pneus e os níveis de combustível e uma série de coisas que ela provavelmente não teria tempo de ler quando a corrida chegasse em andamento. O volante parecia grosso sob os dedos, embora ela esperasse se acostumar com isso rápido o suficiente. E havia o interruptor que ativava o — modo de corrida, — permitindo que ela abaixasse a carroceria do carro e aumentasse a rigidez da mola, algo projetado exatamente para o tipo de condução que ela faria nos próximos minutos.

Ela ligou o motor e respirou fundo com o rosnado profundo do motor, a sensação de que essa coisa poderia lançá-la em órbita se ela não tomasse cuidado. Era estranho, porque tanto a Ferrari como a Porsche que ele dirigia recentemente também tinham enormes quantidades de torque, e ainda assim ela não tinha tido a mesma impressão de força bruta absoluta que possuía no P1.

Está tudo bem, querida, ela pensou no carro. Você cuida de mim, e eu cuido de você.

Nasim já havia começado a guiar seu veículo até a linha de partida. Prendendo a respiração, Bailey colocou o pé no acelerador. Para sua surpresa, a McLaren se moveu com bastante tranquilidade do local onde estava estacionado, mas isso provavelmente ocorreu porque ela aplicou muito pouca pressão no pedal do acelerador. O poder ainda estava lá, apenas enrolado, esperando.

Em breve.

A linha de partida estava a apenas cinquenta metros ou mais. Não demorou muito tempo para chegar lá. Quando ela estacionou o P1, Nasim saiu do carro e foi até ela. — Gostaria de começar às 12:15?

— Isso é bom.— *Apenas quatro minutos a partir de agora*

— Quantas voltas?

Bailey desviou o olhar dele e examinou a pista que se estendia diante dela. As corridas da NASCAR realizadas aqui no Auto Club Speedway levaram

duzentos voltas, mas não havia como ela propor uma corrida desse tamanho. — Um ... dez?

Ele franziu a testa e pareceu inspecionar a pista também. — Isso parece ser muito.

— Não vai parecer muito quando você estiver percorrendo cento e oitenta quilômetros por hora.

Algo que pode ter sido o começo de um sorriso tocou os lábios de Nasim. Bailey não podia dizer com certeza, porque sabia que encarar a boca dele só a colocaria em problemas. — Você já correu aqui antes?

Ela balançou a cabeça. — Apenas assisti e ajudei nos boxes várias vezes. Mas essas coisas vão rápido. Confie em mim.

Uma pausa enquanto ele a olhava. O elevador no canto da boca se foi, e por um segundo ele pareceu mortalmente sério. — Eu confio em você, Bailey. Eu gostaria que você confiasse em mim. —

Oh inferno. Eles certamente não precisam entrar nisso agora. Pelo que ela sabia, Nasim estava apenas brincando com ela, tentando entrar em sua mente e jogá-la para a direita quando a corrida estava prestes

a começar. Parecia o tipo de truque que um djinn faria. Bem, ela não estava prestes a deixá-lo se safar.

— Eu confio em você, — disse ela, seu tom leve. — A maior parte do tempo.

Ele franziu a testa e se endireitou. — Bom saber. Vejo você na linha de chegada. —

Depois de dar o tiro de despedida, ele voltou para o carro em tons de vespa e entrou. Um momento depois, Bailey ouviu algumas rotações do motor. Apenas outra maneira de ele mexer com ela, ou ele estava tentando sentir mais o carro do que aquilo que ele havia conseguido durante sua curta viagem até a linha de partida?

Provavelmente um pouco de ambos.

Ela respirou fundo, o olhar deslizando na direção do relógio no painel. Falta um minuto. Quanto tempo levaria para correr dez voltas? Supondo que uma velocidade média de 160 quilômetros por hora, ela imaginou que eles pudessem embrulhar isso em cerca de quinze minutos, mais ou menos. Não leva muito

tempo para determinar o curso que o resto de sua vida pode seguir.

Vinte segundos.

Seu ritmo cardíaco começou a acelerar, mas ela ignorou, manteve os dedos em volta do volante, o corpo preparado para a aceleração que viria em breve. Estava abafado aqui, com o sol quente batendo nela, e ainda assim ela sabia que não devia ligar o ar condicionado. Ela não podia se dar ao menor dreno no motor do P1.

Cinco segundos

Nasim estava tão tenso quanto ela, ou ele considerou todo esse arranjo como apenas algum tipo de jogo, uma maneira de se divertir por um tempo até que algo melhor surgisse? Ela supôs que os djinn tinham que trabalhar bastante para se manterem ocupados por todos os longos dias de suas vidas, e assim poderia inventar algumas atividades bastante novas para não se enlouquecer de tédio.

Mas isso não era da sua conta.

Um segundo.

Seu pé desceu no acelerador e, embora Bailey tivesse se preparado para isso, sabia que o monstro de um powerplan do P1 produzia uma aceleração violenta, ela ainda não conseguia acreditar na força que a empurrava de volta para o motorista. assento, como se a mão de algum gigante invisível a estivesse segurando no lugar, impedindo-a de respirar. A McLaren saltou para longe da linha de partida, movendo-se tão rápido que as arquibancadas e as palmeiras e tudo mais que a cercava se transformaram em um borrão.

Zero a sessenta em 2,1 segundos passou por sua mente. Ela parecia se lembrar de ter lido isso em algum lugar.

A única coisa que não foi um borrão foi o veículo amarelo e preto de Nasim. Era quase nariz e nariz com ela, talvez uma polegada ou mais atrás de sua liderança. As janelas escuras do carro não lhe permitiam vê-lo, exceto um vago borrão de contorno, mas ela teve a impressão de que ele estava curvado

um pouco para a frente, como se desejasse que o P1 fosse mais rápido.

Bem, ela não permitiria que isso acontecesse.

Eles já estavam chegando na curva, e ela soltou o acelerador apenas um pouco, mas não o suficiente para exigir que o carro reduzisse a marcha. Isso resultou em mais um aumento, a traseira deslizando um pouco, mas não foi suficiente para puxá-la para fora da pista e, assim que ela alcançou a reta, seu pé voltou a pisar no acelerador.

A manobra a ajudou a se afastar alguns metros à frente de Nasim. Exatamente o que ela esperava que acontecesse, mas ela sabia que não podia se permitir relaxar nem um pouquinho. Esta corrida seria muito mais curta do que as competições que costumavam atrair grandes multidões para a pista, é verdade, e ainda havia muito tempo para ela estragar tudo se não prestasse atenção.

Uma rápida olhada no velocímetro. Cento e vinte e duas milhas por hora, e a próxima curva estava chegando rapidamente. Mais uma vez, ela reduziu a

pressão no pedal do acelerador, diminuindo mais do que na curva anterior, pois não queria voltar a ultrapassar os limites, queria sair da curva com força e rapidez.

Essa estratégia provou ser um erro, porque Nasim passou por ela, puxando quase um comprimento de carro à frente. Bailey soltou uma maldição e imediatamente bateu o pé no acelerador. O P1 disparou para frente como se tivesse sido expelido de uma catapulta, permitindo que ela empatasse quase com ele.

Melhor, mas não o suficiente.

Seu veículo já estava no modo de corrida, então havia muito o que ela podia fazer para obter qualquer desempenho adicional. Uma vantagem muito pequena que ela tinha trabalhado para ela era que ela pesava um pouco menos que Nasim. A diferença foi suficiente para lhe dar a vitória?

Ela tinha que esperar que sim, mas sabia que não se atrevia a tomar nada como garantido.

Na próxima volta, ela se concentrou mais em manter a velocidade consistente, mesmo que isso significasse sair da pista ao fazer a curva. Fazer isso custa menos tempo do que diminuir a velocidade, mas ter mais cuidado ao permanecer nas entrelinhas. Em um campo lotado, isso pode ter sido perigoso, pode ter precipitado um acidente. Aqui, com Nasim como seu único concorrente, Bailey decidiu que valia o risco.

A estratégia pareceu funcionar, porque durante toda a terceira e quartas voltas, ela conseguiu manter uma vantagem de quase um comprimento de carro. Sua respiração desacelerou um pouco, e ela deixou seu aperto mortal no volante relaxar levemente, mesmo sabendo que não devia acreditar que sua liderança atual duraria para sempre. Com certeza, quando entraram na quinta volta, Nasim viu o médico vir do nada, provocando uma explosão extra de velocidade em seu veículo, que o fez gritar por ela quando entraram na reta.

Droga.

Naquele momento, ela desejou que seu carro tivesse nitroso para que pudesse aniquilar a liderança que ele acabara de assumir, mas esses P1s eram um material ósseo, sem modificações. Enquanto a sanidade prevalecia, ela percebeu que provavelmente era uma coisa boa; a McLaren era rápida o suficiente por si só. Uma explosão de nitroso faria esse carro andar tão rápido que ela tinha certeza de que nunca seria capaz de controlá-lo.

Bem, ela teria que fazer isso da maneira antiga.

Quando eles entraram na curva final da quinta volta, Bailey mal diminuiu o ritmo, permitindo que o carro passasse pela curva, pneus gritando, fumaça subindo ao redor dela. Nem um segundo de hesitação, e seu pé estava empurrando o acelerador para o chão assim que ela bateu na linha reta.

Em menos de um segundo, Nasim estava mais uma vez atrás dela.

Sim, isso foi melhor.

Como a estratégia já havia funcionado, ela a empregou novamente no próximo turno. Pelo espelho

retrovisor, ela podia ver Nasim tentando a mesma coisa. No entanto, ela estava — deriva— de carros desde os dezessete anos, enquanto os djinn provavelmente nem sabiam que essa manobra era possível.

Agora sua liderança tinha mais do que um comprimento de carro e ela começara a se sentir muito melhor em relação ao mundo. Sim, eles ainda tinham três voltas e meia pela frente, mas até agora Nasim não havia demonstrado nenhuma evidência de conseguir diminuir a distância entre eles. Seus carros eram iguais e, portanto, tudo se resumia às suas habilidades individuais como pilotos.

Ela não relaxaria até cruzar a linha de chegada, no entanto.

Isso foi bom, porque depois de manter a liderança dela na sétima e oitavas voltas, ele começou a se aproximar dela. Como exatamente ele estava conseguindo fazer uma coisa dessas, quando ela não podia ver nada diferente sobre a técnica dele, ela não sabia.

Foi por isso que você nunca deveria ficar convencida.

Eles estavam nariz e nariz novamente quando entraram no turno final. Bailey não conseguia olhar para Nasim ou para o carro amarelo abelha, não podia fazer nada, exceto manter os olhos à frente e os dedos cerrados no volante. A essa altura, o pescoço e os ombros começaram a doer devido à tensão de impedir que esse animal de carro rugisse fora de controle, mas ela ignorou o desconforto. Quase lá....

Impossivelmente, Nasim seguiu em frente ao sair da curva. Não muito, mas ele não deveria ter conseguido nenhum tipo de vantagem, não quando os dois estavam se dando bem.

Ou quase plana. Eles estavam navegando pelas retas a pouco mais de 160 quilômetros por hora, mas Bailey sabia que os carros podiam fazer mais. Já estava dirigindo mais rápido do que nunca, e ainda assim....

O pé dela pressionou o acelerador. 165... 178... 184....

O mundo estava um borrão. Nada existia, exceto essa cabine e o trecho de estrada diante dela. Seus braços tremiam, mas ela os fez segurar o volante com firmeza. Apenas o menor desvio a essa velocidade, e ela poderia enviar o P1 tombando, girando de ponta a ponta até bater contra a parede que separava a pista das arquibancadas vazias do outro lado.

Nasim tinha conseguido recuperá-la após seu último acidente, mas ela duvidava que ele pudesse salvá-la de um acidente assim, apesar das pesadas gaiolas da McLaren.

Ela não sabia por que precisava desesperadamente vencer. Seria realmente tão terrível se tornar amante de Nasim? Valeu a pena arriscar sua vida, apenas para provar que ela era a melhor motorista?

Bailey não tinha certeza da primeira pergunta, mas sabia a resposta para a segunda. Sim, valeu a pena. Se nada mais, ela teria provado que um humano poderia vencer um djinn, que eles não eram invencíveis. Ela poderia levar essas informações aos

sobreviventes de Los Alamos, para que eles nunca desistissem da esperança.

Algo amarelo no espelho retrovisor se aproximava e rápido. Mas não rápido o suficiente.

Seu veículo preto noturno navegou pela linha de chegada quase a um comprimento de carro à frente do de Nasim. Imediatamente, ela desceu do acelerador, diminuindo a velocidade gradualmente, parando antes que a pista começasse a se curvar novamente. Seu coração estava batendo forte e, pela primeira vez, ela percebeu o suor escorrendo pelas têmporas e descendo pelas costas, fazendo sua camiseta grudá-la sob o peso úmido da jaqueta de couro que ela usava.

Não importava, no entanto. Nada disso importava. Ela ganhou.

Por que, então, ela se sentia tão estranhamente vazia?

Afastando sua repentina onda de apreensões, ela desligou o motor, bateu na tampa do painel como uma maneira de agradecer ao P1 por seu desempenho

surpreendente e, em seguida, saiu do carro. Suas pernas tremiam, mas ela se colocou calmamente onde estava quando Nasim parou ao lado dela e saiu do próprio veículo.

Seu rosto estava completamente vazio. Nesse momento, Bailey não sabia dizer se estava zangado consigo mesmo por perder ou com raiva dela por vencer. Talvez um pouco de ambos.

Por um segundo, ele ficou onde estava, próximo à porta aberta do veículo. Então ele fechou a porta com muito cuidado e deu a volta na frente do carro de Bailey, parando mais ou menos um pé dela. Ele estendeu a mão. — Boa corrida.

Ela pegou, sentindo-se meio surreal. Ele apertou os dedos dela por um segundo ou dois, mas depois soltou, ajudando a aliviar o medo de que ele continuasse a segurar a mão dela para poder puxá-la para trás. — Obrigado, — disse ela, fazendo o possível para manter o tom completamente neutro. Porque tinha que ser dito, ela acrescentou: — Então ... e agora?

Nasim cruzou os braços. — Suponho que depende de como você deseja lidar com as coisas. Nunca estive em Los Alamos, mas posso colocá-la em um mapa. Quando eu souber onde fica, posso levá-la até lá diretamente. Ou você pode dirigir, e eu posso seguir, verifique se você está segura. —

O pensamento de aparecer em Los Alamos com um veículo de sua própria escolha parecia atraente a princípio. Mas, mesmo que ele não estivesse exatamente certo de onde o lugar estava localizado, ela sabia que devia estar a cerca de mil quilômetros de onde estava agora. Isso seria uma longa viagem. De qualquer forma, mesmo que houvesse sobreviventes morando na cidade, ainda havia muitos veículos abandonados disponíveis. Talvez não Porsches, Ferraris e McLaren, mas algo que ela pudesse dirigir.

Enfim, não era o ponto principal de se afastar de Nasim o mais rápido possível? Quão estranho seria para ele andar de espingarda durante um percurso de quinze horas? Além disso, quanto mais tempo

estivessem na estrada, maior a probabilidade de atrair atenção indesejada. Não, era melhor que ele a levasse para lá, no estilo djinn, ou pelo menos o mais perto possível.

— Você pode me levar, — disse ela. — Eu acho que seria mais simples.

— Então é melhor voltarmos aos lofts. Você pode arrumar algumas coisas e eu posso dar uma olhada no mapa. —

Bailey assentiu. Seria bom trazer algumas roupas e produtos de higiene pessoal, apenas o suficiente para caber em uma pequena bolsa. Achando difícil dizer diretamente para ele, ela perguntou: — Os carros?

— Vou mandá-los de volta para a garagem depois que chegarmos aos lofts.— Pela primeira vez, ele sorriu levemente, embora tenha sido um pesar. — Não se preocupe - eu não vou deixá-los sentados aqui.

Ela não pensou que ele mostraria a esses bons veículos esse tipo de desrespeito, mas a aliviou ao saber que ele já tinha um plano para eles. — Boa.

Era estranho dar um passo em sua direção, abraçá-lo. A camiseta dele estava levemente úmida sob as pontas dos dedos, então ela sabia que ele devia ter suado durante a corrida também. Por um momento, Bailey fechou os olhos, sentindo a força do corpo dele pressionada contra a dela, inalando o perfume limpo de seu suor. Apesar da desorientação de suas viagens, parecia certo que isso acontecesse.

Mas não, não estava certo. Ele era um djinn. O mundo havia acabado por causa de pessoas como ele.

E então acabou, e ele estava se afastando dela, a mesma expressão ferozmente vazia em seu rosto. Ele estava lutando contra sua atração por ela, dizendo a si mesmo que isso foi feito, ela vencera?

Bailey não sabia ao certo, e com certeza não ia perguntar.

— Vá em frente e faça as malas, — ele disse a ela, depois se virou.

Como não parecia haver nada que ela pudesse dizer, fez o que ele pediu e foi embora.

Ele perdeu. Como isso poderia ter acontecido?

Nasim não sabia. Ele a acompanhou, até passou por ela algumas vezes. Eles pareciam quase perfeitamente iguais. E então houve aquela onda de poder, aquela aceleração feroz, a que a fez disparar à sua frente como um cavalo que acabara de ser chutado.

Não havia mágica envolvida, nenhum truque. Só que Bailey conhecia os carros melhor do que ele, como lidar com eles, como eles funcionavam. Na verdade, ele provavelmente só venceu a segunda corrida porque estava mais familiarizado com o percurso que eles haviam dirigido. Dado esse mesmo conhecimento, ela provavelmente o teria vencido também.

Carrancudo, ele estalou os dedos e conjurou um mapa do Novo México, depois o espalhou sobre a mesa da sala de jantar. O local era Los Alamos, um pequeno ponto em um mapa que mostrava muito

espaço vazio. O estado não parecia terrivelmente povoado, especialmente quando comparado à Califórnia e à densa metrópole onde ele conhecera Bailey.

Ah, Deus, ela se sentiu tão bem em seus braços. Foi uma das coisas mais difíceis que ele fez, deixá-la quando ele só queria puxá-la para perto e beijá-la, mas ele fez uma promessa. Ele perdeu a aposta e também a perdeu.

Não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso, pelo menos nada que fosse honroso. Ele sabia que algum djinn que teria deixado de lado essa barganha teria mantido Bailey por conta própria, embora isso significasse quebrar seu acordo. No entanto, Nasim sabia que ele não era um djinn. Se ela deveria ir, que assim seja.

Ele retornou sua atenção ao mapa. Los Alamos não era grande, nem a cidade mais próxima, um lugar chamado Española. Seria fácil encontrar o destino de Bailey em toda aquela terra aberta. Mas como Los Alamos era guardado por dispositivos que anulavam

a magia de um djinn, ele não podia chegar muito perto. Ele não sabia o que aconteceria se atravessasse o campo de efeito dos dispositivos enquanto viajava para fora do tempo e do espaço, como ele e seu pessoal, mas imaginou que não seria agradável. Por isso, ele decidiu que seria melhor aparecer um pouco do lado de fora de Los Alamos, no que parecia ser um posto comercial de uma das rodovias que levavam à cidade. Ela andaria várias milhas, mas ele ficaria com ela até que chegassem à fronteira da zona segura. Então ele ficaria para trás, e ela poderia continuar em Los Alamos, segura de que os dispositivos a estavam protegendo e que ela não precisava ter medo de ataques djinn.

Parecia um plano bastante simples. O único problema era se ele teria forças para continuar com isso.

Ela não tinha muito o que levar - algumas camisetas, um par extra de jeans, várias mudas de roupa íntima. Bailey sabia que a bolsa preta de fim de

semana não estava em seu armário quando ela se vestira hoje de manhã, então supôs que Nasim a colocara lá quando voltaram para os lofts alguns minutos antes.

Tudo se encaixou bem, mesmo quando ela adicionou sua escova de dentes e pasta de dentes, hidratante e o resto de seus produtos de higiene pessoal. A sacola não estava pesada e, por isso, não deve desacelerar Nasim enquanto ele a transportava para Los Alamos.

Em alguns minutos, ela estaria deixando Los Angeles para sempre. Ela deveria estar feliz, feliz por fugir, aliviada por estar indo a algum lugar onde estaria cercada por humanos como ela.

O problema era que ela não se sentia muito feliz. Na verdade, ela praticamente se sentia uma porcaria.

São apenas nervos, ela disse a si mesma. *Você será a nova garota na escola, e isso sempre parece estranho.*

No entanto, ela não achou que fosse nervosismo. Ser atropelada de um lar adotivo para outro e sempre

ir para novas escolas a forçara a ser adaptável. Ela nunca teve um problema em conhecer pessoas, sempre se certificou de se apresentar a estranhos como alguém totalmente seguro de si, mesmo que por dentro ela estivesse tendo algo próximo a um ataque de pânico. Certamente os sobreviventes em Los Alamos ficariam felizes em ver outra pessoa que conseguiu se manter viva todos esses meses, por isso não era como se ela temesse a recepção que eles lhe dariam.

Boca pressionada em uma linha sombria, ele fechou a bolsa de fim de semana. A única coisa que ela absolutamente não se permitia fazer era considerar que o medo que começava a se agitar tinha muito mais a ver com o homem no sótão ao lado dela do que com qualquer preocupação sobre o que ela nova vida em Los Alamos pode ser assim.

Não é um homem, ela pensou automaticamente. Um djinn.

O problema era que esse argumento começara a parecer bastante obsoleto.

Ela levantou a bolsa de onde estava descansando aos pés da cama e se dirigiu para a porta. Não faz sentido checar se tudo foi recolhido; ela não tinha feito muita bagunça aqui em primeiro lugar, e supôs que Nasim afastaria quaisquer sinais de sua presença.

Pelo menos, ela sabia que faria o mesmo se estivesse no lugar dele.

Preparando-se, ela foi até a porta do apartamento e bateu uma vez. Um ou dois segundos se passaram e, em seguida, Nasim respondeu à batida, o rosto ainda tão ferozmente inexpressivo que era quase uma expressão em si.

— Pronta?— ele perguntou.

Naquele momento, ela tinha certeza de que não estava, não de verdade, mas não tinha intenção de dizer isso a ele. — Sim, — ela respondeu.

Ele não a convidou para entrar. Em vez disso, ele saiu para o corredor e estendeu a mão. — Deixe-me segurar a bolsa, — disse ele. — Será mais fácil para

você se apegar a mim enquanto viajamos, se você não tiver essa coisa no caminho.

Não faz sentido discutir. Ela deu a bolsa para ele, depois se aproximou, passando os braços em volta da cintura dele. Parecia que ele havia trocado de camisa; este parecia idêntico, uma camiseta preta simples de gola alta, mas estava seca, não úmida de suor. Um detalhe irrelevante, mas pelo menos ela podia se concentrar nisso, e não a sensação do peito musculoso dele pressionado contra o dela, ou o quão fortes eram seus braços.

Um piscar de olhos, e eles se foram.

Quando reapareceram, estavam em um lugar que não se parecia muito com Los Alamos. Não que Bailey tivesse uma ideia clara exata de como Los Alamos deveria ser, mas ela imaginou que o local onde eles construíram bombas atômicas não seria um edifício baixo, de aparência adobe, cercado por choupos.

— Onde estamos?— ela perguntou.

— Um posto comercial a alguns quilômetros de Los Alamos, — Nasim disse a ela. Com o rosto ainda

em branco, ele estendeu a mão que segurava sua bolsa e ela a pegou. — Eu não tinha certeza de quanto do país circundante estava protegido pelos dispositivos, então pensei que seria mais seguro vir aqui. Caminharemos até chegarmos à borda da área protegida, e então você poderá continuar sozinha. —

Sozinho. Aquela imagem não parecia muito atraente, mas foi ela quem decidiu esse curso de ação. Ela não podia muito bem voltar agora. — Isso faz sentido. Qual é o caminho?.

Ele apontou para uma pista de cascalho a alguns metros de onde eles estavam. — Essa estrada se conecta à estrada principal. Vamos para o oeste a partir daí. Vamos.

Sem esperar por ela, ele começou a andar na direção que havia indicado. Bailey seguiu em silêncio, a mala do fim de semana pendurada em uma mão. Talvez houvesse algo que ela pudesse ter dito, algo que poderia ter feito para impedir-se de ir a este lugar, mas agora parecia que a única coisa que ela poderia

fazer era seguir isso até o fim. Em algum momento, teria que parar de doer, certo?

A paisagem era árida, proibindo. Bailey viu uma única linha de árvores cortando a paisagem poeirenta. Provavelmente seguindo algum tipo de fonte de água, um rio ou riacho, mas ela não sabia o suficiente sobre esse tipo de coisa para ter certeza. Toda a sua vida havia sido gasta nas infinitas milhas do sul da Califórnia, de casas comerciais, shoppings e árvores superlotadas, e o que ela sabia sobre o ar livre cabia na palma da mão.

Mas pelo menos olhar em volta ajudou a distraí-la um pouco e a impediu de refletir sobre o tenso silêncio que os cercava enquanto caminhavam pela estrada deserta. Ao contrário das estradas e rodovias de Los Angeles, este era completamente limpo, os veículos que uma vez foram abandonados ali foram removidos por completo ou empurrados para o acostamento ou mediana. Isso significava que Bailey e Nasim foram capazes de andar em um ritmo acelerado. Talvez isso fosse uma coisa boa. Ela

poderia acabar logo com isso, deixar o djinn para trás, seguir para sua nova vida.

Chegaram a um lugar onde a estrada se dividia em uma bifurcação, uma seção subindo uma colina íngreme em direção a Los Alamos, a outra serpenteando em direção a Espanha. Aqui, Nasim parou abruptamente, seu rosto ficando branco. Seus passos tropeçaram, e por um momento Bailey pensou que ele iria cair.

— O que é isso?— ela perguntou. Se ele desmaiasse aqui no meio da estrada, o que no mundo ela seria capaz de fazer por ele?

Ele deu um passo apressado para trás. Quase imediatamente, sua cor voltou e ele parecia mais alto de alguma forma, embora ela achasse que isso era impossível. — É aqui que os efeitos dos dispositivos começam. Tudo o que você precisa fazer é cruzar a linha aqui e estará protegida. —

Estava quase nos lábios de Bailey dizer que ela não precisava ser protegida dele, mas ela percebeu o que ele queria dizer. Tudo além desse ponto, naquela

longa e solitária estrada que levava a Los Alamos, era cercado pelos estranhos dispositivos que as pessoas daquela cidade montanhosa haviam construído. Tudo o que ela precisava fazer era dar um passo.

Por que, então, ela sentiu como se estivesse congelada no lugar, incapaz de se mover? Sua respiração ficou presa na garganta e ela sabia que não era por causa do ar seco da montanha.

— Bailey?— Nasim disse. Seu tom não parecia particularmente preocupado - mais impaciente do que qualquer coisa - quando ele perguntou: — Você está bem?

Não, ela não estava bem. Ela percebeu isso agora. Eles ainda estavam em terreno sólido o suficiente, aqui na interseção de duas rodovias com penhascos de pedra pálida ao redor deles, mas ela poderia muito bem estar em pé em um precipício o mais seguro que ela sentia naquele momento. O mundo parecia se inclinar ao seu redor quando ela finalmente entendeu.

Ela não podia deixá-lo. Ela não podia dar as costas, caminhar por aquela estrada íngreme, porque, se o fizesse, nunca mais o veria, e a própria ideia de fazer uma coisa dessas, dar um passo tão final, fazia com que as lágrimas lhe ardessem. olhos.

Dedos amarraram as alças da bolsa de fim de semana que ela encontrou, ela disse: — Eu - eu não sei se estou bem. Só sei que não posso te deixar. —

Por um momento, ele apenas ficou lá, olhando para ela. Ele provavelmente pensou que ela enlouqueceu. Bailey realmente não podia culpá-lo por isso, porque sabia que sua inversão agora deveria parecer uma loucura total para alguém olhando de fora. Afinal, ela passou os últimos dias protestando que não o queria, não queria estar com ele, só queria ir para que ela pudesse encontrar seu destino com os demais sobreviventes do mundo.

Agora, porém, ela reconheceu uma verdade que não queria reconhecer. Não foi só que ela reagiu fisicamente a ele. Havia muito mais em sua conexão do que simples desejo. Se fosse esse o caso, ela

poderia ter se permitido dormir com ele, sabendo que poderia ir embora a qualquer hora que quisesse.

Infelizmente, ela percebeu que teria que admitir que estava apaixonada por ele.

Quando ele falou, sua voz era áspera. Muito provavelmente, ele pensou que ela estava brincando com ele. — O que você está falando, Bailey?. —

Ela deixou cair a bolsa de final de semana na calçada e depois se aproximou dele. Embora ele não se mexesse, ela estendeu a mão e entrelaçou os dedos nos dele. — Eu acho — Ela poderia dizer as palavras? Ela nunca as havia pronunciado a Diego, e ele seria seu único relacionamento que durou mais de algumas semanas. — Acho que posso cuidar de você, Nasim.

Um clarão naqueles brilhantes olhos azuis, um lampejo de uma esperança impossível. Quase imediatamente, porém, sua boca se apertou. — Então o que você está dizendo? Isso foi apenas um jogo?

— Não, — ela respondeu imediatamente. — Nada como isso. Eu não - acho que estava tentando me

enganar. Eu queria acreditar que não me importava com você, porque parecia errado admitir que tinha sentimentos por um djinn. Foi só quando chegamos aqui, e eu percebi que teria que ir embora e deixar você para trás, que eu descobri. Eu estava sendo uma idiota sem noção, me desculpe.

Ainda assim, ele não se mexeu, e uma preocupação fria a percorreu. Muito provavelmente, isso era muito pouco, muito tarde. Talvez uma vez ele a quisesse, mas depois que ela brincou com suas emoções, fez parecer que ela o abandonaria para sempre -

— Você estava sendo uma idiota, — disse Nasim finalmente. No entanto, a nota dura sumiu de sua voz e ele quase sorriu. — Acho que entendo o porquê.— Ele se aproximou dela, apertando os dedos nos dela. — Você realmente não quer ir para Los Alamos?

Bailey balançou a cabeça. Essa era a última coisa que ela queria agora. A primeira coisa -

Ela subiu na ponta dos pés, pressionando sua boca na dele. Eles se beijaram, saboreando um ao

outro, corpos pressionados juntos, e à medida que o desejo crescia nela, ela se perguntou por que diabos ela tentara se afastar dele em primeiro lugar.

Abruptamente, porém, ele se afastou dela, uma carranca puxando suas sobrancelhas retas. — Alguém está vindo.

A princípio, ela não conseguiu entender do que ele estava falando. Então ela ouviu o barulho baixo de um motor - um caminhão grande, provavelmente um Ford F-250 ou um Dodge Ram. Com certeza, descendo a estrada sinuosa de Los Alamos, havia um veículo branco com luzes off-road montadas na linha do telhado. Estava muito longe para ela distinguir o modelo, mas seu palpite de que era um caminhão grande de meia tonelada parecia estar correto.

— Você acha que eles nos viram?

— Eu não sei, — respondeu Nasim, estreitando os olhos enquanto olhava para o caminhão. — Mas não pretendo ficar por aqui para descobrir. Pegue sua bolsa. —

Assustada, Bailey se abaixou e pegou a bolsa de fim de semana que deixara cair na calçada. No instante em que passava o braço, Nasim a agarrou pela cintura e a piscou.

As paredes de seu loft emprestado apareceram ao redor deles. Ela soltou um suspiro, ainda um pouco abalada pela mudança abrupta de cenário - ou talvez isso fosse apenas o efeito posterior do beijo deles.

— Muito melhor, — disse ele, e segurou o rosto dela em suas mãos, dedos quentes e fortes contra suas bochechas. — Eu presumo que está tudo bem em te beijar de novo?

— Sim, eu acho que sim, — disse ela timidamente, o sangue já correndo ao pensar em outro abraço dele.

A boca dele desceu sobre a dela, dura, faminta, a língua dele tocando a dela enquanto as mãos dele se moviam do rosto dela para segurá-la pelos ombros, segurando-a com força, como se ele temesse que ela tentasse fugir.

Não há chance disso. Ela queria isso, queria muito mais que isso. Como ela poderia ter sido tão estúpida em tentar deixá-lo?

Porque tanto quanto ela precisava dele, esse desejo a assustou. Isso significava que ela estava disposta a reconhecer sua conexão com alguém que nem era humano, que parecia um homem, mas era algo completamente diferente.

Quando ele se agarrou a ela, a beijou, ele pensou que ela poderia estar bem com isso.

Eventualmente, os dois vieram buscar ar. Bailey olhou para Nasim, imaginando se alguém já a havia feito tão animada, tão viva.

Não, ela tinha certeza de que ninguém mais havia chegado perto.

— Você quer me falar sobre essa mudança de coração?— ele perguntou, erguendo a sobrancelha naquele ângulo irônico que a irritou e a fez querer empurrá-lo no sofá mais próximo e prosseguir para o evento principal.

— O que há para contar?

A sobrelanceira permaneceu arqueada. — De onde eu estou, quase tudo.

Ah, não, ela não contaria tudo para ele. Embora ela agora percebesse o quanto se importava com ele, havia algumas coisas que ela precisava guardar para si mesma. — Acho que, quando cheguei em casa, eu teria que deixar você lá e seguir sozinha para Los Alamos. Apenas ... *doeu*. Eu não queria fazer isso. —

Um aceno de cabeça, e então ele a puxou para ele novamente - não para beijá-la desta vez, mas apenas para abraçá-la, seus braços a envolveram em um abraço feroz. — Estou feliz que você ouviu seu coração.

Com a cabeça apoiada no peito musculoso, Bailey também podia estar muito, muito feliz. — Gostaria de ter ouvido mais cedo. Eu não sou tão boa nisso às vezes. —

— Eu não tinha notado, — comentou Nasim secamente. — Então... você vai ficar comigo?

Ela quase respondeu: *Por enquanto*, mas percebeu que isso era uma desculpa. Embora tivesse

confessado seus sentimentos a ele, ainda não tinha uma ideia clara de onde tudo isso estava acontecendo. E isso importa tanto? Todo dia que ela poderia passar com ele era um presente. Ela seria estúpida em desperdiçá-lo.

— Sim, — ela disse.

— Bom, — ele disse. — Porque eu tenho um lugar que eu gostaria de levá-la.

Assim que seus pés tocaram a passarela de concreto estampada, Bailey olhou em volta para os arredores com alguma admiração. — Onde estamos?— ela perguntou. — É tão verde.

Nasim supôs que, depois de passar seis meses se escondendo entre os cânions de vidro e aço do centro de Los Angeles, o terreno da Vinícola Montelena ficaria especialmente verdejante. — Esta é a minha casa.

— A vinícola?

— Sim.

Ela se afastou alguns passos dele e examinou a lagoa com seu gramado exuberante, os carvalhos altos e os pinheiros ao longe, os salgueiros graciosos que cresciam à beira da água. — Acho que nunca pensei que ficaria assim. Havia a vinícola San Antônio em LA, mas era em uma área industrial.

Ele não sabia sobre essa vinícola em particular. Que pena, porque poderia valer a pena uma visita. — Bem, definitivamente não é industrial aqui. Venha, deixe-me mostrar-lhe o apartamento.

— Apartamento?

— Sim - o castelo tinha uma área de estar no mesmo nível da sala de degustação de vinhos.

A expressão de Bailey se tornou um tanto duvidosa, como se ela não tivesse certeza de que esse apartamento seria uma grande melhoria em relação aos lofts do centro da cidade. Nasim teve que reprimir um sorriso, porque é claro que sabia o que os esperava.

Sua boca se abriu um pouco quando eles fizeram uma curva e o edifício principal da vinícola apareceu.

Tinha sido construído para parecer um verdadeiro castelo francês, toda pedra quente com hera velha e velha crescendo na fachada. Pilhas de barris de vinho ficavam em frente, aumentando a atmosfera do velho mundo.

— Não acredito que havia um lugar como esse na Califórnia, — disse Bailey, enquanto eles iam pela entrada da frente para a sala de degustação de vinhos. Ele não tinha feito nada para alterá-lo, e ainda parecia pronto para os negócios, garrafas empoeiradas empilhadas nas prateleiras atrás do balcão comprido, as paredes de pedra lembrando aos visitantes que eles realmente estavam dentro de um castelo.

— Ah, esse seu estado escondeu muitos tesouros, — respondeu Nasim. — Você só tinha que procurá-los.

A boca dela se contraiu quando ela pareceu considerar o comentário dele. — Bem, tudo bem, eu fui à Biblioteca Huntington em uma excursão escolar uma vez, mas isso não era realmente a mesma coisa.

— Não, porque não haveria vinho. Falando nisso— - - ele apontou para as garrafas atrás do bar - — você gostaria de uma bebida?

— Parece uma ótima ideia.

Ele sorriu para ela e foi buscar uma garrafa de petite sirah. Depois de tirá-lo da prateleira e pegar alguns copos - e discretamente soprando o pó de cada um deles - ele abriu o vinho. — Você deveria gostar disso, — disse ele, enquanto despejava petite sirah nos copos. — Eu teria começado com algo branco, mas, como não estou em residência, receio que os refrigeradores não estejam funcionando.

— De alguma forma, eu vou sobreviver — comentou Bailey, seus olhos azuis brilhando para ele.

Eles provavelmente deveriam brindar, mas para quê? O seu futuro subitamente recuperado? Que ela finalmente tinha recuperado os sentidos? Nasim não tinha certeza de que ela apreciaria isso. — Para carros velozes, — disse ele, enquanto tilintavam nos copos.

— Definitivamente vou beber por isso, — ela respondeu antes de engolir o vinho. — Mm ... isso é bom. Eu acho que poderia me acostumar com isso.

— Estou feliz em ouvi-lo.

Ela se aproximou e o beijou - não um beijo persistente como os que haviam compartilhado antes, mas um rápido toque de boca contra boca, como se ela só quisesse mostrar que não se arrependia da intimidade anterior e queria tranquilizá-lo, ele que haveria mais muito em breve.

O calor o inundou, o desejo por ela, mas ele fez o possível para afastá-lo. Hora disso depois. — Deixe-me mostrar-lhe o apartamento.

Dirigiu-se para uma porta que estava quase escondida dentro dos painéis e a abriu, revelando um longo corredor cujas paredes estavam alinhadas com paisagens da paisagem ondulante de Napa. Do outro lado do corredor, havia uma grande sala com janelas altas que davam para a entrada da vinícola e os gramados verdes além.

Quem decorou o espaço levou a sério a inspiração francesa da cozinha, pois o interior lembrava Nasim dos vários palácios que ele visitara no Vale do Loire, com suas antiguidades incompatíveis, mas de alguma forma harmoniosas, e cores suaves. Uma luz suave encheu a sala, e uma certa tensão que ocupou seu corpo quase o tempo todo em Los Angeles começou a se afastar silenciosamente.

— Isso é lindo, — disse Bailey. — As pessoas realmente moravam aqui?

— Creio que os proprietários da vinícola ficavam aqui de tempos em tempos, embora não fosse sua principal residência. Há uma grande sala de jantar que foi usada para eventos de clubes de vinho, acredito. Mas agora é todo meu. —

— É tão diferente de ...— Ela começou, depois pareceu se conter. Nasim teve a sensação de que falava das casas de grupo que formaram grande parte de sua experiência de infância, e não dos lofts que haviam deixado para trás no centro de Los Angeles.

— Parece um mundo à parte, — ele concordou. —

Mas vamos nos sentar, não é?

— Certo.

Eles foram até um dos sofás e sentaram um ao lado do outro. Mesmo que ele já a tivesse beijado, havia algo intoxicante em estar tão perto quando ela levou a taça de vinho aos lábios e bebeu, em assistir os músculos delicados de sua garganta se moverem enquanto engolia. Algo nela ainda parecia um pouco tenso, como um pássaro pronto para voar a qualquer movimento repentino.

Bem, ele teria que garantir que não fizesse nada para assustá-la.

— Você acha que eles estavam vindo atrás de nós?— Bailey perguntou de repente. — As pessoas no caminhão de Los Alamos, quero dizer.

— Eu não sei, — respondeu Nasim. Ele tinha a sensação de que ela havia abordado o assunto simplesmente porque era um assunto um tanto neutro, nada tão preocupante quanto ter que discutir a súbita mudança no relacionamento deles. — É

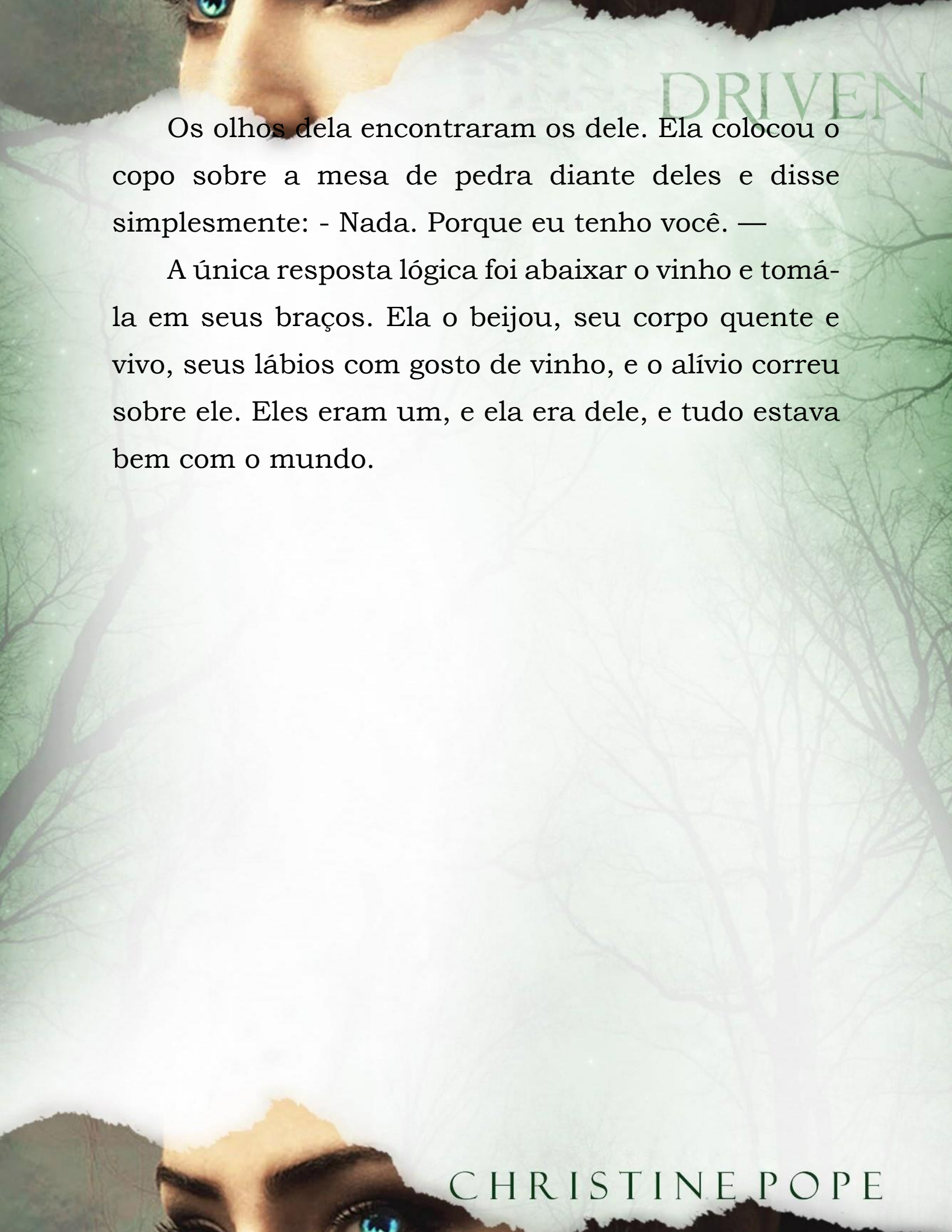
possível que eles tenham instalado algum tipo de vigilância de perímetro. Nós djinn não sabemos muito sobre o que está acontecendo naquela cidade, obviamente, porque não podemos chegar perto o suficiente para ver qualquer coisa por nós mesmos.

— Mas eles saberão que você era um djinn por causa do jeito que você desapareceu.

— Provavelmente.

Ela ficou em silêncio por um momento, bebendo um gole de vinho, o olhar fixo na vista do lado de fora das janelas altas, embora Nasim adivinhasse que estava pensando em algum lugar muito mais distante que o lago e as árvores que o cercavam. — E se eu hesitasse por muito mais tempo -

— Mas você não fez, — Nasim interrompeu. A última coisa que ele queria era que ela se perdesse em autorrecreações por algo que teve um resultado feliz, afinal. — Você olhou dentro do seu coração e viu a verdade lá. Do que mais você precisa?. —



DRIVEN

Os olhos dela encontraram os dele. Ela colocou o copo sobre a mesa de pedra diante deles e disse simplesmente: - Nada. Porque eu tenho você. —

A única resposta lógica foi abaixar o vinho e tomá-la em seus braços. Ela o beijou, seu corpo quente e vivo, seus lábios com gosto de vinho, e o alívio correu sobre ele. Eles eram um, e ela era dele, e tudo estava bem com o mundo.

CHRISTINE POPE

Este lugar era como algo saído de um sonho, ou pelo menos um filme ou alguma revista de estilo de vida brilhante, do tipo que Bailey nunca sonharia em descobrir porque sabia que não podia pagar nada nele. Depois de uma sessão de beijos bastante pesada no sofá - que ela pensou que poderia se transformar em algo mais, mas não o fez - Nasim a pegou pela mão e mostrou o resto do apartamento. Havia dois quartos, ambos decorados com as mesmas antiguidades interessantes e tons suaves de creme, verde e rosa, um banheiro enorme com bancadas de mármore, paredes e pisos, e a sala de jantar que ele mencionara anteriormente, uma com uma mesa grande o suficiente para acomodar vinte pessoas.

O maior dos dois quartos tinha um closet, e Bailey supôs que não deveria ter ficado surpresa ao encontrar suas roupas penduradas ali, junto com algumas adições que ela tinha certeza de que nunca tinha visto antes. Um deles era um vestido justo em

um azul Royal profundo, o tipo de coisa que ela poderia ter notado na prateleira, mas nunca teria pensado em levar para casa. Era extravagante demais para sua vida cotidiana, mas não o bastante para seus shows de modelo na pista.

— Você usaria para jantar hoje à noite?— Nasim perguntou enquanto se afastava do vestido e voltava para ele.

— Vestir-se para o jantar?— ela respondeu, sabendo que seu tom era muito inconstante, mas não sabia o que deveria fazer sobre isso. — Quão elegante.

Ele não parecia ofendido. Um pequeno sorriso tocando em seus lábios, ele disse: — Eu pensei que o local merecia algo mais do que uma camiseta e jeans.

Bem, ela não discutia com ele sobre isso. Já se sentia intimidada pela elegância do lugar, tão distante de sua experiência, que poderia muito bem estar no Palácio de Buckingham em vez de apenas uma vinícola no norte da Califórnia. Além disso, ela realmente gostava de se vestir, mesmo que quase

nunca tivesse chance de fazer isso - e nunca teria admitido isso em um milhão de anos.

— Suponho que sim. Mas vai parecer estranho comer naquela mesa com todas aquelas cadeiras vazias. —

A boca de Nasim se torceu ainda mais. — Oh, eu tenho algo melhor em mente que isso.

E acabou que ele fez. Uma vez que ela mudou - e ele trocou seu próprio jeans e camiseta por roupas djinn, uma túnica de seda azul-celeste quase da cor de seus olhos, com calças em um tom mais escuro do mesmo azul e largo punhos de prata nos dois pulsos - ele a guiou para fora do prédio da vinícola e ao longo do caminho que margeava a lagoa, claramente concentrada em um destino específico. Acabou sendo um pagode, de todas as coisas, empoleirado em sua própria pequena ilha a uma distância da margem do lago. Chegaram ao pagode atravessando uma pequena ponte de madeira pintada de vermelho, com os saltos altos de Bailey estalando por todo o caminho. Graças a Deus ela aprendeu a andar

naquelas coisas durante seus dias de modelo, embora não fossem exatamente o calçado escolhido por ela para uma expedição ao ar livre.

No entanto, uma vez que eles se sentaram à pequena mesa colocada no centro do pagode, já com um pano branco fino, porcelana chique e taças de vinho de cristal, ela conseguiu relaxar um pouco, apreciar a beleza de seus arredores. A luz do início da noite brilhava na água, e algumas nuvens flutuando acima das colinas distantes refletiam cores descontroladas de cobre e coral.

Era difícil acreditar que apenas um pouco mais de seis horas antes, ela estava pilotando um McLaren P1 na pista do Auto Club Speedway. A corrida - e seus meses de caça no centro de LA já estavam começando a parecer algo que havia acontecido em um sonho.

— Os anciãos devem gostar muito de você, para ter lhe proporcionado um lugar como este, — comentou ela, enquanto Nasim desenvolveu uma garrafa de chardonnay e serviu um pouco para os dois.

— Eu não tenho certeza se era uma questão de 'gostar' de mim, — ele respondeu enquanto se sentava em frente a ela. — Para ser perfeitamente honesto, nenhum de nós conseguiu descobrir por que eles doaram terras como estas. Suponho que deve ter havido algum tipo de rima ou razão para isso, mesmo que isso iluda o resto de nós, djinn.

— Onde os anciãos moram?

Nasim olhou para ela por um momento, como se percebesse que nunca se perguntara a mesma coisa, depois balançou a cabeça. — Acho que nenhum de nós sabe. Pelo menos eu não. Eles tinham seu palácio no outro mundo.... —

— O mundo onde você djinn morava.

— Sim, — disse ele, reconhecendo sua interrupção antes de continuar. — Eles tinham um belo palácio lá, mas é claro que devem finalmente chegar à Terra, o mesmo que todos nós. Não ouvi nada sobre onde eles planejam se instalar aqui, no entanto. Possivelmente, eles não querem que o resto de nós, djinn, saiba. Eles vêm e vão como bem

entendem, e acho que é plausível acreditar que eles prefeririam que não tivéssemos ideia de onde está localizado o seu próprio santuário.

— Eles vivem juntos?— Bailey perguntou, intrigada. — Quantos deles existem?

— Três. Ibram, Istar e Idris.

— Eles são irmãos e irmãs?

— Não.— Nasim ergueu o copo de chardonnay e tomou um gole.

Um momento depois, um par de saladas se materializou na frente deles. Bailey pulou um pouco com a aparição repentina do primeiro curso, mas deu de ombros. Mais cedo ou mais tarde ela se acostumaria com esse tipo de coisa. — O que os anciãos têm algum tipo de djinn *ménage à troá*?

Seu companheiro parecia engasgar um pouco com a boca de chardonnay que ele acabara de engolir. Recuperando-se, ele respondeu: — Não, acho que não. Ou seja, ouvi rumores de que Ibram e Istar têm algum tipo de relacionamento íntimo, mas é claro que eles nunca se dignariam a confirmar uma coisa

dessas. Fofocar sobre os mais velhos não é tolerado.

—

— Desculpe, — disse Bailey, embora realmente não sentisse tanto. Era difícil para ela entender o conceito desses idosos, cuja palavra parecia lei. — Quando você disse que todos eles moravam juntos no mesmo palácio, eu meio que presumi que algo mais estivesse acontecendo.

Os lábios de Nasim se curvaram. — Era um palácio muito grande. Eles provavelmente poderiam ter passado uma semana sem se ver, se assim o desejassem. —

— Ah. — Ela pegou o garfo e deu uma mordida na salada. Assim como tudo o que Nasim havia providenciado para ela comer até agora, estava delicioso, alface e verduras com algum tipo de ressecamento balsâmico e pequenos tomates de uva. Normalmente, ela não diria que era uma pessoa de salada, mas fazia tanto tempo desde que ela tinha comido algo assim, a combinação simples tinha um sabor absolutamente paradisíaco. Depois que ela

terminou de mastigar, ela disse: — Mas você não precisa mais se preocupar com os idosos, certo? Quero dizer, agora que você voltou para onde eles te mandaram morar. —

Aparentemente, algo sobre esse comentário chegou a Nasim, porque ele franziu a testa enquanto pegava seu copo de chardonnay. — Bem, sobre isso ...

Um toque de alarme a deixou tensa, mas ela se forçou a sentar-se calmamente, observando-o. — Há algo que você não está me dizendo, Nasim?

Seu peito subiu e desceu quando ele respirou. — Na verdade, existe. É bom para mim estar de volta às terras que me foram dadas, mas não deveria ter trazido você aqui comigo. —

— Por que não?— Essa sensação de alarme estava se intensificando. Parecia que o melhor remédio naquele momento era tomar um gole constante de vinho. Sim, isso ajudou ... um pouco.

— Porque não é permitido que um djinn e um humano fiquem juntos assim.

— Como o quê?— ela perguntou, depois acrescentou com um cacho de lábios: — Quero dizer, ainda nem batemos as botas. — Ele levantou uma sobrancelha e depois pareceu concordar, como se tivesse acabado de entender o significado da expressão humana. — Além disso, você disse que djinn e humanos se reuniram no passado.

— Sim, mas isso era o passado. As coisas estão diferentes agora. — Ele bebeu um pouco de seu vinho e recolocou o copo na mesa. — A única maneira de tais relacionamentos serem permitidos é se o djinn tomar o humano como seu parceiro escolhido por toda a eternidade.

Parceiro para a eternidade? Nasim mencionou algo sobre isso depois que os dois encontraram a djinn Fatima e seu Escolhido na Mulholland Drive, mas ele não entrou em muitos detalhes sobre como tudo isso deveria funcionar. Bailey sentou-se na cadeira, pela primeira vez sentindo um pouco de frio no revelador vestido de cocktail que usava. Uma brisa

fresca atravessou o lago, tocando seus ombros e braços nus, fazendo-a tremer um pouco.

Ou talvez esse arrepio não tenha nada a ver com a temperatura.

— Explique isso para mim. Como um ser humano pode ser o parceiro de um djinn pela eternidade, quando djinn vive muito mais do que nós?.

Os dedos de Nasim brincaram com a haste do copo de vinho. — Porque quando um djinn faz de um humano seu escolhido, ele empresta um pouco de sua magia para ela - aqueles que são escolhidos nunca envelhecem, nunca adoecem, curam quase tão rapidamente quanto nós.

Juventude e saúde eternas em troca de estarem ligadas a um único djinn pela eternidade. Parecia uma pechincha bastante decente, embora Bailey achasse difícil acreditar que esses casais não começariam a se cansar um do outro depois de um século ou dois de se envolverem. Afinal, enquanto cuidava de Nasim, estava pronta demais para tornar seu relacionamento mais físico, ela não achava que

poderia aguentar passar séculos com ele. E se ela se sentia assim, certamente ele deve sentir o mesmo por ela.

Era estranho contemplar, mas ela já tinha visto um desses casais, em Fátima e em sua Escolhida. E ela fez um comentário sobre Bailey e Nasim virem se juntar à comunidade em Bel-Air. Na verdade, ela ficou surpresa que ele corresse o risco de ter uma corrida que os levaria tão perto do subúrbio onde vivem todos os djinn e seus humanos, mas talvez ele não tivesse.

— Então você está dizendo que se os anciãos descobrirem que estou aqui com você, eles vão ... o que? Punir você de alguma forma?.

Nasim balançou a cabeça. — Não exatamente. Ou melhor, eles vão me dizer para fazer de você meu escolhido ou mandá-la de volta para Los Angeles. —

Presumidamente sem a sua proteção, o que significa que ela seria presa mais uma vez. Não seria o fim do mundo - ela já havia sobrevivido a essa provação e poderia fazê-lo novamente, se necessário - , mas tinha que admitir para si mesma que voltar

àquele estilo de vida caçado seria como cair em um pesadelo. pensei que ela escapou.

Pior ainda era a perspectiva de ficar sozinho de novo, de se separar de Nasim ... embora ela não tivesse certeza se queria reconhecer esse ponto em particular ainda.

Cruzando os braços, recostou-se na cadeira e sentiu as ripas estreitas apertarem sua pele. Por apenas um segundo, ela estremeceu. Sim, era bonito por aqui, mas de repente ela se sentiu tão exposta como se tivesse um alvo pintado nas costas. Talvez fosse melhor jantar dentro, onde ficariam longe de olhares indiscretos.

— Isso te chateia, — disse Nasim em voz baixa.

— Não, — ela disse imediatamente. — Eu não estou chateada. Quero dizer, eu gosto muito de você, Nasim, mas não tenho certeza se quero passar uma eternidade com você. Ou qualquer outra pessoa— - acrescentou ela às pressas, caso ele entendesse errado. — Eu nunca me vi como o tipo de acomodação.

Ele não respondeu imediatamente, embora ela pudesse ver algo relaxar sobre o conjunto de seus ombros. Claramente, ele não estava mais animado por estar amarrado por, bem, para sempre do que ela. — Fico feliz que você não esteja com raiva de mim, mas também não quero contemplar o que aconteceria se os anciões a mandassem de volta para LA

— Eu sobreviveria, — disse ela com um encolher de ombros. — Fiz isso por sete meses. Ou realmente— - continuou ela quando um pensamento a atingiu -, — por que eu teria que ir para Los Angeles, desde que não estivesse abalada aqui com você? Se você me levasse a Los Alamos, eu estaria em segurança, e você também estaria fazendo o que os anciãos lhe disseram para fazer. Ganha-ganha. —

— Suponho que sim— - Nasim permitiu, embora não parecesse tão entusiasmado com a ideia dela. Com uma carranca em um canto da boca, ele acrescentou: — Eu pretendia isso como um jantar romântico. Não achei que acabaríamos discutindo como esse ... idílio ... terminaria. —

— Ainda pode ser romântico, — disse Bailey. —
Eu não acho que você me trouxe aqui para poder
colocar um anel no meu dedo e podermos nos prender
formalmente. Eu só ... quero estar com você. —

Essa segurança o fez dar um sorriso aliviado. —
E eu quero estar com você. Fico feliz que possamos
conversar assim, que não há segredos entre nós. —

Ela estava contente com isso também. Ela sempre
foi o tipo de pessoa que preferia ouvir o pior e acabar
logo com isso. E o que Nasim acabara de dizer a ela -
realmente não era tão ruim assim. Ela nunca
esperava nada além de algumas semanas ou meses
divertidos com ele. Eles podiam desfrutar um do outro
e seguir caminhos separados assim que a emoção
começou a desaparecer.

Mas se esse era realmente o caso, por que parecia
tão difícil fixar um sorriso nos lábios quando ela olhou
para ele do outro lado da mesa?

Nasim ficou feliz ao ver com que calma Bailey
havia recebido as notícias sobre escolhidos e djinn,

não como ela tecnicamente nem deveria estar aqui com ele. Embora ele soubesse que ela era forte, não facilmente comovida, esperava que ela estivesse pelo menos um pouco nervosa por ter ocultado um fato tão importante. No entanto, parecia que ela não se importava tanto assim, porque ela nunca esperava que seu tempo com ele fosse algo além de uma aventura. Ah, ele sabia que ela se importava com ele, ou ela nunca voltaria a ficar com ele enquanto estavam na estrada em Los Alamos. Sendo uma alma prática, ela também reconheceu que eles tinham muito pouco para amarrá-los, exceto sua óbvia atração física ... e talvez um amor por carros velozes.

Depois de terminarem de comer a salada, seguiram para um prato de piccata de vitela e risoto de parmesão, acompanhado de aspargos grelhados. Mais vinho com a vitela, desta vez uma garrafa de rose seco das vinhas da propriedade. Eles deixaram os tópicos de Escolhidos e anciãos de lado, conversando sobre sua corrida naquela manhã e as possíveis oportunidades para dirigir aqui em Napa. Nasim

havia passado bastante tempo aqui que sabia que havia alguns passeios encantadores pelo campo - talvez não adequados para corridas, mas definitivamente algo a ser experimentado em um conversível com o vento quente soprando nos cabelos.

— Então vamos fazer isso amanhã, — disse Bailey. Ela parecia mais relaxada agora, embora possivelmente isso fosse apenas por causa de todo o vinho que ela bebeu. — Para dar uma volta com a capota para baixo e não ter que se preocupar com o mergulho de djinn sobre você? Parece perfeito para mim.

— Não, não haverá necessidade de se preocupar com djinn, — ele concordou. — Essas terras estão vazias. Meu vizinho mais próximo fica a pelo menos oitenta quilômetros de distância.

— Legal.— Ela tomou um gole de rose, seguida de uma mordida de vitela. — Você sabe, esta é a primeira vez na minha vida que eu tenho vitela.

— Você gosta disso?— Nasim perguntou, imaginando se deveria ter escolhido algo diferente

para a refeição. — Eu sei que alguns mortais não acreditavam em comer vitela, mas -

— Oh, não é como se eu fosse algum tipo de vegano ou algo assim, — interrompeu Bailey. — É apenas que vitela é cara, sabe? Eu sempre fui uma garota de hambúrgueres e pizzas ... bem, quando eu não estava tentando sobreviver no Top Ramen enquanto esperava o próximo cheque do condado aparecer.

Ele odiava o pensamento dos problemas que ela suportara, das privações que sofrera. Mais do que tudo, ele queria ter certeza de que ela nunca mais experimentaria algo assim. Com uma voz gentil, ele perguntou: — Foi muito difícil para você, não foi?

Ela encolheu os ombros. — Não foi divertido. Mas então, eu conhecia outras pessoas que eram piores que eu. Tudo é relativo. —

Ele supôs que ela estava certa, e ainda assim não gostava de pensar nas privações que ela sofrera em crescimento, na pobreza que parecia tê-la seguido até a idade adulta. De fato, parecia que o único golpe de

sorte que ela já teve foi estar imune ao calor, e ele se perguntou se ela consideraria essa qualidade singular como um benefício. Talvez aqueles que morreram tenham tido mais facilidade, em vez de ter que fugir dos ceifadores, para continuar em um mundo que não tinha mais lugar para eles.

Não, ele não podia acreditar nisso. Certamente ele não queria pensar em Bailey sucumbindo à febre mortal, tudo o que era vibração e beleza reduzido a uma pequena pilha de cinzas. Ela teve suas lutas, mas saiu do outro lado deles, e ele sabia que faria o que fosse necessário para garantir que ela permanecesse segura.

— Ainda....— ele começou, e ela sorriu um pouco, enquanto balançava a cabeça.

História antiga, Nasim. Isso foi naquela época. — O mundo é um lugar diferente agora. *Eu sou* diferente agora. —

— Você está?— ele perguntou, genuinamente curioso. — Parece que você era uma sobrevivente então, assim como você é uma sobrevivente agora.

A pergunta pareceu surpreendê-la. Ele sabia que ela estava um pouco embriagada; suas pupilas estavam um pouco dilatadas e ela parecia muito mais relaxada do que o habitual. Apesar de tudo isso, ele sabia que seus reflexos e sua mente ainda eram dela, se talvez um pouco turva.

— Talvez, — ela disse depois de uma longa pausa. Acho que nunca pensei dessa maneira. — Mas não tenho certeza se a velha Bailey viria aqui com você. —

— Por que não?

— Porque ela não teria confiado em você. Parte de mim pensa que sou burra por confiar em você, mesmo agora. — Ela inclinou a cabeça para um lado enquanto o observava cuidadosamente. — Mas você manteve seu lado da barganha. Eu sabia que você não precisava. Você é um djinn - você poderia ter dito não, dito que faria o que quisesse comigo. Você não fez, no entanto. Você ficou com o nosso acordo. —

— Eu nunca pensei em fazer o contrário.

— Eu sei. E é por isso que estou aqui. Porque é assim que você é. Você é ... honrado. —

Sem dúvida, os anciãos teriam uma opinião diferente sobre esse assunto, pensariam que ele agiu de maneira desonrosa ao trazer Bailey para cá quando soube que isso era contrário às regras que eles estabeleceram. No entanto, ele não estava tentando impressionar os mais velhos. Bailey sabia o que estava em seu coração, e isso era importante. — Estou feliz que você pense assim, — Nasim disse calmamente.

Os olhos azuis dela brilharam para ele. A noite inteira caiu e o pagode foi iluminado por uma tigela de velas flutuantes no centro da mesa, bem como pequenas luzes brancas que traçavam as bordas do telhado. A iluminação emprestou calor à sua pele clara e cabelos claros, fez seus olhos quase verdes.

— Acho que sim, — respondeu ela. — Eu também acho que terminei de comer. E você?

— Sem sobremesa?— ele perguntou, mais para o benefício dela do que o dele. Ele nunca se importou muito com doces.

Os cantos da boca dela apareceram em um sorriso malicioso. — Você é toda a sobremesa que eu quero, Nasim.

Bem então.

Ele se levantou e ela se levantou também. Parecia bobagem abrir caminho pelos jardins escuros enquanto ela oscilava naqueles sapatos de salto alto, e então ele a puxou contra ele, piscando-os de volta para o apartamento no castelo.

Para o quarto, na verdade. Quando as paredes se materializaram ao redor deles, ela enviou a ele outro daqueles sorrisos travessos. — Ainda bem que eu já sabia que você era do tipo— direto ao ponto . —

— Você, não é?— ele respondeu.

— Obviamente.

Parecia o suficiente para falar. Ele já a segurava, então era a coisa mais fácil do mundo puxá-la para mais perto, bater a boca na dela. Em vez de tentar brincar de tímida, ela se apoiou contra ele, deixou que ele provasse o vinho em seus lábios. Os dedos dele

prenderam seus cabelos loiros, que caíam em torno de seus ombros nus como novelos de seda dourada.

Eles já haviam se beijado antes, mas ele sabia que desta vez era diferente, que dessa vez não tinham motivos para parar. Ele parou quando eles se abraçaram no sofá no início do dia, simplesmente porque ele já tinha uma noite prevista para eles, e ele não queria comprometer a experiência, levando-a ao sofá como alguém inexperiente, jovens que não conseguiam exercer autocontrole suficiente para esperar por coisas melhores.

Bem, não é preciso esperar mais.

Os dedos dele encontraram o nó de tecido na parte de trás do pescoço dela que segurava o vestido no lugar. Ele puxou-o, afrouxando-o para que o corpete de seu vestido de cocktail deslizesse por sua cintura.

Um pequeno suspiro escapou de seus lábios, mas ela não tentou se afastar. Não, ela continuou a beijá-lo, sua boca faminta, carente, quando as mãos dele se fecharam na perfeição de seus seios nus. A pele

sob as pontas dos dedos era macia e suave, enquanto os mamilos dela ficavam duros com o toque dele.

Quando ele se abaixou para tomar um de seu mamilos no entanto, ela murmurou. — Deixe-me tirar esses malditos sapatos. —

Rindo um pouco, ele se endireitou, depois a observou se abaixar para desapertar as tiras do tornozelo das sandálias de salto alto que usava. O primeiro foi iniciado, depois o outro - e então ela deu de ombros e voltou a abrir o zíper do vestido para poder removê-lo também.

Ela ficou na frente dele com apenas uma calcinha branca lisa. Os olhos que encontraram os dele eram quase desafiadores, como se o desafiassem a encontrar algo errado com ela, algo para provar que ela nunca poderia estar à altura de uma mulher djinn.

Nasim não conseguiu encontrar nada, porque ela era perfeita, desde aquelas longas pernas até a cintura fina e os seios altos e cheios. Quando ele

começou a se mover em sua direção, no entanto, ela levantou a mão.

— Não é tão rápido, — ele disse. — Eu mostrei o meu - agora eu posso ver o seu.

Tudo o que ele podia fazer era sorrir para ela. — Se você insiste.

Fora veio o longo roupão de seda, as botas, os punhos de prata do pulso. Por fim, afrouxou o cordão da calça, achando que poderia fazer um melhor para ela ... pois é claro que os homens djinn não usavam nenhum tipo de roupa de baixo por baixo de suas calças largas e sedosas.

Os grandes olhos azuis de Bailey se arregalaram. — Sorrateiro.

Ela foi até ele e pegou-o na mão, acariciando devagar o comprimento dele. Ah, Deus, era com isso que ele sonharia, que ela seria tão ousada quando íntima quanto em todos os outros momentos.

Aparentemente sim, porque ela continuou a acariciar seu eixo com uma mão, enquanto a outra se moveu para baixo, arrastando a pele em um sussurro,

as unhas fazendo um frisson de prazer percorrer sua espinha. A parte mais difícil seria se conter até que ele estivesse pronto para se enterrar nela.

De fato -

Sem falar, ele se afastou dela um pouco, o suficiente para que ele pudesse pegá-la do chão e jogá-la na cama. Um resmungo chocado foi sua resposta - uma que se transformou em outro suspiro quando ele agarrou sua calcinha e a jogou para o lado.

Lá estava ela, pronta para ele. Ele seguiu uma linha de beijos ao longo de uma coxa e depois da outra, enquanto ela tremia em suas mãos. Por fim, ele a provou, toda sua doçura e calor, enterrando seu rosto em sua feminilidade.

Ela gritou alto então, um som gutural que ecoou no teto alto, os dedos cerrados nos cabelos dele. E ele sentiu quando o clímax se moveu através dela, calafrios e arrepios se apoderaram de seu corpo até que ela só pudesse recostar-se nos travesseiros, ofegando.

No entanto, não era hora de descansar.

Ele a pegou pelos quadris, empurrou-a sobre as mãos e os joelhos. Parte dele se perguntava se ela protestaria, preferiria ter seu primeiro encontro cara a cara, por assim dizer. Mas assim que ele começou a empurrá-la, sentir toda a sua doce umidade, ela ofegou. — Sim, Nasim. Deus *sim*.

E ele empurrou mais fundo, sentindo o quão pronta estava, o quanto ela precisava disso. Ele segurou os quadris dela quando encontraram o ritmo, movendo-se mais rápido, com mais força. Então ele pôde sentir o clímax subindo nele, emoções de êxtase se movendo por todo o corpo, puxando-o em direção ao precipício, cada vez mais perto ...

Ele gemeu e deixou o orgasmo levá-lo. Bailey estremeceu também, atingindo apenas alguns segundos depois dele, seu corpo apertando seu eixo. Então ... caramba ... bom.

Por um momento, ele foi capaz de segurá-la, manter-se firme enquanto o último clímax a percorria. Por fim, ele desabou na cama, enquanto ela

o fazia, cabelos compridos e claros espalhados sobre o travesseiro. Ela se aproximou dele, e ele passou o braço por baixo dela para que ele pudesse puxá-la para mais perto, para que pudessem compartilhar juntos o brilho da tarde. A testa dela estava levemente manchada de suor, e ele pensou que nunca tinha visto alguém tão bonito em toda a sua vida.

Os lábios dela se separaram. Por um segundo, ele se perguntou se ela iria fazer algum tipo de brincadeira sobre o desempenho dele, apenas para aliviar a tensão.

Mas então ela sorriu e disse suavemente: — Obrigado, — e ele a puxou ainda mais contra seu corpo.

Deus o ajude, mas ele pensou que poderia estar apaixonado por ela.

Bailey acordou e começou a se esticar ... depois congelou, percebendo exatamente onde estava. As cortinas de damasco nas janelas altas bloqueavam a maior parte do sol da manhã, mas ainda estava brilhante o suficiente para ela fazer um balanço dos arredores.

O quarto de Nasim ... e Nasim bem ali na cama ao lado dela, aparentemente ainda dormindo. Seus cabelos na altura dos ombros estavam espetados em todo o travesseiro, e sua mandíbula e queixo fino eram levemente bagunçados. Seus olhos estavam bem fechados, e seu peito subia e descia com respirações profundas e regulares.

Quanto a si mesma, ela estava bem acordada ... e agradavelmente dolorida em todos os lugares que indicavam que ela acabara de ter uma noite selvagem de sexo. Aquela primeira vez foi difícil, quase primitiva; ela não sabia como Nasim adivinhou que o estilo cachorrinho era sua posição favorita, mas ele a

empurrou para baixo e a tomou como se ela tivesse transmitido aquela imagem em sua mente. Mais tarde, depois que eles descansaram e se abraçaram, ela usou os lábios e a língua para prepará-lo novamente, depois o montou como um cavalo que ela queria domar. Eles caíram no sono depois disso, mas haviam acordado no meio da noite, ambos tão excitados como se já não tivessem feito sexo duas vezes. Naquele momento, eles o fizeram deitado de lado, devagar, quase sonhadoramente, e depois adormeceram quase imediatamente depois.

Movendo-se devagar, ela saiu de debaixo das cobertas e foi até o banheiro, depois entrou e silenciosamente fechou a porta atrás dela. Depois que seus negócios foram atendidos, ela lavou as mãos e o rosto e passou os dedos pelos cabelos emaranhados, fazendo o possível para alisá-los. No espelho, seu reflexo parecia quase o de uma mulher que tinha uma noite selvagem com a boca inchada e rosada por causa de todos os beijos e sombras tênues sob seus olhos. O pescoço dela tinha algumas marcas que

teriam anunciado ao mundo exatamente o que ela e Nasim estavam fazendo ... se alguém estivesse por perto para vê-los.

Felizmente, havia um pesado roupão felpudo branco pendurado em um gancho na parte de trás da porta. Bailey o colocou e amarrou a faixa em volta de si mesma, sentindo-se um pouco melhor agora que não estava andando nua. Era bom para Nasim vê-la em toda a sua glória arrepiante quando eles estavam prestes a cair e se sujar, mas ela preferiria não ter que andar pela casa em seu traje de aniversário.

Ajudou a pensar sobre esses aspectos práticos, porque dessa maneira ela não precisou pensar no que havia acontecido entre eles na noite anterior. Claro que ela queria fazer sexo com ele, mas havia sexo, e havia sexo. O que eles compartilharam não tinha sido uma ginástica sem sentido. Quando ela olhou para ele enquanto ele dormia apenas um momento antes, ela experimentou uma onda de ternura diferente de tudo que já havia sentido antes. Sim, ela teve que reconhecer para si mesma que tinha sentimentos por

esse homem - esse djinn - mas o que ela acabara de experimentar era diferente e mais do que um pouco assustador. Como ela podia se permitir se sentir assim e ainda conseguir sair depois que eles decidissem que seu pequeno encontro havia terminado?

Bailey não sabia. Felizmente, ela foi salva de qualquer outro autoexame por Nasim rolando de costas, depois se levantando para uma posição sentada.

— Quando você acordou?— ele perguntou, estendendo a mão para empurrar os cabelos despenteados da testa.

— Agora, — ela respondeu, depois se aproximou da cama para poder se sentar na beira ao lado dele.

— Eu precisava usar o banheiro.

— Estou surpreso que você não me acordou.

— Você parecia muito demitido

Uma sobrancelha se levantou. — 'Demitido'?

— Cansado.

— Suponho que sim, mas, mesmo assim, geralmente não durmo muito.

Sorrindo, ela o cutucou no braço. — Acho que te desgastou.

Ele não se ofendeu, mas sorriu de volta para ela. — Sim, eu suponho que você fez.— Como se para provar seu argumento, ele deu um bocejo de quebrar o queixo. — Acho que está na hora de tomar um café.

O café parecia divino. Ela tinha a sensação de que ele também inventaria algo incrível para o café da manhã, porque isso parecia ser o que djinn fazia. Eles estalaram os dedos e convocaram a comida, poupando tempo para coisas mais importantes.

Ela já tinha tomado o roupão, mas é claro que isso não significava muito. Dessa vez, Bailey nem viu Nasim estalar os dedos, mas quando ele deslizou para fora da cama, estava usando uma calça de moletom que ela tinha certeza de que não estava lá há um minuto atrás.

Eles entraram na cozinha, onde um par de canecas cheias de café os esperava. — Você quer

creme ou açúcar ou qualquer outra coisa?— ele perguntou enquanto entregava uma das canecas para ela.

— Creme de baunilha, se você puder me dar um pouco, — ela respondeu. Normalmente ela tomava o café preto, mas de vez em quando ficava um pouco mais doce. O desnatador foi uma indulgência, mas que diabos. Ela poderia muito bem comemorar sua nova intimidade com Nasim e seguir em frente.

As palavras mal haviam deixado sua boca antes que um pequeno recipiente da nata que ela havia pedido aparecesse na bancada. — Esse é o tipo certo?

— Sim. Obrigado.— Bailey pegou a desnatadeira, soltou a tampa e despejou um pouco na caneca. Esperando na bancada havia uma colher, e ela aceitou e mexeu o creme no café, certificando-se de que tudo estava bem misturado.

Seu primeiro gole foi tão celestial quanto ela esperava. Um certo cansaço não desagradável no dia seguinte pesou em seus membros, mas assim que a cafeína começou a correr pela corrente sanguínea, ela

começou a se sentir mais alerta. Nasim tomou um gole de seu próprio café, que parecia não ser utilizado.

Bem, ele parecia o tipo de pessoa que iria beber preto.

— Em que problemas vamos entrar hoje?— ela perguntou depois de outro gole.

Seus olhos azuis brilhando, brilhando sob a iluminação de halogênio no teto. — O que, nós não tivemos problemas suficientes ontem à noite?

Um certo calor já se acumulando entre as pernas dela disse que ela estaria pronta para outra rodada, sem problemas. No entanto, isso não era realmente o que ela tinha em mente quando fez sua pergunta. — Eu não tenho certeza, — ela respondeu. — Eu posso estar em uma revanche.

Ele riu. — Eu vou ter isso em mente. Caso contrário, preciso dar uma olhada nas videiras, ver como tudo está indo. Parece que choveu aqui há algumas noites, o que é bom. Mas eu ainda deveria ver como a vinha se saiu comigo por mais de uma semana.

Se foi por causa dela - ou pelo menos se foi porque ele viajou para Los Angeles em busca de algum esporte. Ele não podia saber como esse pequeno empreendimento iria acabar.

— Eu posso fazer isso com você, — disse ela. — Embora eu não tenha certeza do que estaria procurando.

— Principalmente você pode me fazer companhia. Não deve demorar muito - eu não vou andar cada centímetro do lugar. Mas analisar algumas variedades diferentes deve me dizer se alguma delas precisa de alguma atenção particular.

Ela bebeu mais café. — E depois disso?

— Pensei em dar uma volta, encontrar um lugar para almoçar tarde. Talvez um piquenique. Parece bom?

Os piqueniques nunca estiveram no topo de sua lista de atividades de lazer, mas Bailey não teve exatamente muitas oportunidades para fazer esse tipo de coisa. A paisagem ao seu redor estava linda, e

ela tinha certeza de que Nasim lhes faria algo divertido para o almoço.

— E uma garrafa de vinho?— ela perguntou. Vinho parecia o tipo de coisa que você levaria para esse tipo de passeio, mesmo que ela sempre fosse mais uma garota de cerveja ou coquetel.

Ele sorriu. — Naturalmente. Você não pode fazer um piquenique na região vinícola sem tomar um pouco de vinho, pode?

— Absolutamente não.

— Então é um plano.

Depois de resolvido o assunto, eles foram para uma pequena área de copa, onde se sentaram à mesa redonda e Nasim criou um café da manhã maravilhoso para eles, um com ovos, bacon e muffins de mirtilos, o tipo de comida que Bailey não tinha comido por mais tempo do que ela conseguia se lembrar. Mesmo antes do Heat virar o mundo de cabeça para baixo, ela não era do tipo que saía para tomar café da manhã - isso não estava no seu

orçamento - e ela com certeza não teria se esforçado para fazer tudo isso coisas em casa para si mesma.

Mas não foi um esforço para Nasim, e ela estava morrendo de fome depois dos esforços da noite anterior. Ela consumiu um prato cheio de ovos, quatro pedaços de bacon e dois bolos antes de começar a sentir-se um pouco mais cheia. Ainda bem que ela estaria caminhando pelas vinhas ainda esta manhã, ou ela poderia ter se preocupado com a quantidade de calorias que acabara de comer.

Depois do café da manhã, os dois tomaram banho - separadamente, porque, depois de toda aquela comida, Bailey não tinha certeza de que queria participar do tipo de contorção exigida pelo sexo. Nasim não parecia tão decepcionado, por sorte; talvez ele estivesse um pouco cansado também. Ou talvez ele apenas preferisse uma sessão de amor mais prazerosa, uma vez que ambos estavam dispostos a fazê-lo novamente.

De qualquer maneira, foi ótimo tomar banho e lavar o suor e o estresse do dia anterior e sentir a água

quente batendo em seus músculos cansados. Deve ter havido outro banheiro no apartamento, porque Nasim reapareceu quando ela estava se vestindo, com os cabelos molhados, uma toalha enrolada na cintura.

À luz brilhante da manhã, ela era mais capaz de ver os contornos surpreendentes de seu corpo, o estômago achatado com músculos, a largura de seus sapatos e peito. Ainda não parecia muito real que ela tivesse compartilhado uma cama com alguém que era daquele jeito, que era tão incrivelmente perfeito na aparência.

Perfeito de várias maneiras, na verdade. Bailey nunca teria dito que dormia muito, mas também não era exatamente inexperiente. E ela nunca esteve com alguém que pudesse fazê-la vir como Nasim.

Ele lançou um olhar malicioso para ela enquanto tirava a toalha da cintura. Ela olhou para ele com toda a sua glória e sorriu.

— Você vai se arrepender de tomar banho tão cedo.

Quase assim que ela falou, porém, ele estava coberto de novo, desta vez em jeans e uma camiseta cor de vinho escura. — Não, é melhor esperar. Afinal, temos coisas a fazer. —

Bailey quase disse que queria fazê-lo, depois decidiu que era melhor apenas dar de ombros. Sem dúvida, ela estaria pulando nos ossos dele assim que chegassem em casa hoje à noite.

Ou talvez eles pudessem terminar seu piquenique com um pouco de amor ao ar livre. No passado, ela não era tão grande fã, porque os lugares que os homens com quem ela namorara queriam fazer sexo lá fora eram muito expostos - parques públicos, na maioria das vezes. Mas certamente não havia ninguém por aqui para pegá-los.

Sim, essa ideia definitivamente teve algum mérito.

Agora que estavam ambos banhados e vestidos, eles foram para as vinhas. Bailey ficou um pouco surpreso que Nasim não apenas os piscou, mas

parecia que ele queria fazer isso da maneira antiga, queria se familiarizar novamente com sua terra.

Ela não podia culpá-lo por isso. O sol estava quente e brilhante no céu, a brisa fresca, mas não muito selvagem, apenas o suficiente para bagunçar os cabelos e impedir que fiquem quentes demais, enquanto caminhavam para o grupo mais próximo de videiras, que Nasim disse que eram uvas chardonnay.

No início da estação, ainda não havia frutas, apenas folhas verdes luxuriantes e pequenas constelações de flores brancas que pareciam brilhar sob a sombra da folhagem protetora das videiras. Nasim curvou-se perto de várias videiras, passando a mão acariciando as folhas, mas tomando cuidado para não tocar nas flores.

— Eles parecem bons, — disse ele. — Não vejo sinais de danos causados por insetos ou fungos. —

— Isso geralmente é um problema?— Perguntou Bailey. Talvez fosse estúpido. Ela não sabia a primeira coisa sobre o cultivo de uvas - ou qualquer outra coisa, nesse caso.

— Pode ser, se houver muita chuva. Mas acho que houve apenas o suficiente para manter as coisas molhadas sem torná-las muito úmidas.

Ah. Ela parou por um momento, observando enquanto ele se movia mais abaixo na fila, inspecionando uma planta diferente. — Nasim, você realmente sabe fazer vinho?

A pergunta pareceu diverti-lo, porque ele se voltou para ela, um sorriso puxando seus lábios. — Na verdade, não, — ele admitiu. — Suponho que pensei em descobrir de alguma forma. Mas acontece que eu não preciso descobrir o caminho, porque quando eu estava examinando a propriedade, encontrei todas as anotações do enólogo em uma pasta no escritório aqui. Não sei por que ele não guardou essas informações em um computador, mas é definitivamente melhor que elas tenham sido anotadas em papel. Nós, djinns, temos muitos poderes, mas invadir as senhas de alguém não está entre elas. —

Isso fazia algum sentido, apesar de sua admissão surpreender um pouco Bailey. Ela pensaria que djinn acharia fácil invadir um computador - mas então, por que eles? Alguns comentários feitos por Nasim pareciam indicar que os djinn não tinham muito interesse em tecnologia humana, exceto quando se tratava de carros velozes, e talvez aviões e barcos também. Mas eles certamente não parecem precisar de computadores.

Por um momento, ela não respondeu, apenas olhou além desse campo em particular para os outros que cercavam o castelo. Tanto quanto ela podia dizer, eram todas as videiras quase até onde os olhos podiam ver. — Parece muito para lidar com uma pessoa - mesmo se ela for djinn.

— Eu me viro. Ou melhor— - acrescentou ele, ainda sorrindo para ela -, — nós conseguiremos. Eu posso trabalhar muito rápido quando preciso.

— Suponho que sim, — respondeu ela, sem se preocupar em esconder seu ceticismo. Era possível que Nasim pudesse transformar-se em algum tipo de

apanhador de uvas djinn sobrecarregado, mas não era como se ela pudesse lidar com a mesma coisa.

De qualquer forma, ela pensou, há uma boa chance de você nem estar aqui quando a colheita chegar. Deve demorar pelo menos quatro meses a partir de agora, talvez mais.

Ela descobriu que não queria pensar muito nisso. Poderia ter sido apenas o brilho posterior do ato sexual na noite anterior, mas ela achou difícil imaginar um mundo sem Nasim.

— Vai ficar tudo bem, — disse ele. — Venha - vamos dar uma olhada na petite sirah.

E ela o seguiu para fora deste campo e para o próximo, e se perguntou se algum dia teria forças para sair quando chegasse a hora.

Bailey parecia um pouco moderada, mas Nasim se perguntou se ela ainda estava cansada das atividades da noite anterior. Ou, possivelmente, a realidade física de todas essas videiras provou ser mais avassaladora do que ele pensara.

Seja qual for o caso, ela se animou quando terminaram de andar pelos campos e voltou para o castelo, para a garagem escondida nos fundos. Dentro havia um conversível vermelho reluzente, que ele pensou que seria perfeito para o passeio da tarde.

— É lindo, — disse Bailey, inclinando-se para inspecionar o emblema. — Eu nem sabia que a Fiat havia começado a fabricar conversíveis novamente.

— Eles eram relativamente novos, eu acho, — respondeu Nasim. Não, esse carro que ele escolhera não tinha a força bruta de nenhum dos veículos que eles dirigiam em suas corridas, mas ele preferia assim. Não era uma tarde de corridas, mas um passeio tranquilo pelo interior, e as linhas do Fiat Spider pareciam perfeitas para isso.

Ela se endireitou e olhou para ele, uma sobrancelha levantada levemente. — Posso dirigir?

— Claro.— Ele puxou a chave do bolso e entregou a ela. — Contanto que você não se importe se eu estiver voltando.

— É um acordo.

Os dois entraram. O topo já estava abaixado, então havia pouco a fazer para se preparar para a viagem - embora ele conjurasse um par de óculos de sol e um lenço de seda estampado em tons de vermelho, preto e castanho para Bailey cobrir a cabeça e evitar que o cabelo fique muito enrolado.

Ela pegou os itens com uma expressão séria, embora ele pudesse ver como os lábios dela se curvaram um pouco ao ver o lenço. Ainda assim, ela colocou os óculos escuros no nariz sem comentar e, em seguida, habilmente amarrou o lenço no cabelo, fazendo um pequeno nó na parte de trás para segurá-lo no lugar. — Eu gosto de como você coordenou o cachecol com o carro - e minha camisa, — disse ela enquanto apertava o botão para iniciar a ignição. — Você teria comprado um carro verde se eu estivesse vestindo verde?

— Naturalmente, — disse ele, recusando-se a ser provocado. — Se você puxar a pista que leva para fora da vinícola e depois virar à esquerda, chegaremos a

uma estrada rural que atravessa alguns lugares bonitos. —

— Soa perfeito.— Bailey saiu da garagem e seguiu suas instruções, levando-os para a estrada que ligava a vinícola à estrada. Uma vez lá, ela aumentou a velocidade, mas não muito, apenas o suficiente para sentir o carro e o que ele poderia fazer.

Nasim observou-a dirigir, em vez de prestar atenção à paisagem ao seu redor. Essa parte do mundo era encantadora, é claro, com suas colinas ondulantes que alternavam estandes de carvalho com os padrões retos e geométricos dos vários vinhedos , mas não se compara à mulher que pilotou seu conversível habilmente ao longo dos dois estreitos estradas de pista, um pequeno sorriso tocando sua boca enquanto ela os contornava a primeira curva e depois se endireitava novamente, ganhando velocidade.

— Bem, não é o Porsche 911, mas acho que gosto, — comentou. — É um bom carro de turismo.

— Foi exatamente por isso que eu o escolhi. A propósito, em cerca de oito quilômetros, chegaremos a uma pista particular. Você vai querer desligar lá. —

— Nosso local para piquenique?

— Sim.

Ela assentiu e continuou dirigindo, então as vezes acelerando, às vezes diminuindo a velocidade para fazer outra curva, o tempo todo fazendo o carro andar. Nasim se apoiou no encosto do banco, apreciando a sensação do vento soprando em seus cabelos soltos, observando, às vezes, o céu acima quase oculto pelas árvores que se estendiam acima, escondendo-as em um dossel verde.

Na verdade, ele estava tão perdido no prazer do passeio que quase não se despertou a tempo de gritar a sua saída. — Aqui, — disse ele a Bailey, e ela diminuiu a velocidade imediatamente e virou à direita, desacelerando novamente quando percebeu que a rota os levava por uma pista de cascalho. Torceu e virou por um tempo, terminando em uma

propriedade bonita, com uma casa baixa e ampla e vários anexos.

Bailey parou na frente de um deles, estacionou o carro e depois lançou um olhar interrogativo a Nasim por trás dos óculos escuros. — Uma casa?— ela perguntou. — Eu pensei que estávamos fazendo um piquenique.

— Estamos, — respondeu ele, imperturbável. — A casa é incidental. Estamos aqui por causa do amor. —

Ele apontou para o corpo de água em questão, que estava parcialmente bloqueado pela casa. No entanto, assim que saíssem do carro e seguissem o caminho, poderiam ver o lago com muita clareza - assim como o pequeno bosque de carvalhos que serviriam de cenário para o piquenique.

— Tudo bem, — disse Bailey. — Vamos, eu acho.

Ambos saíram do conversível baixo. Então Nasim assumiu a liderança, caminhando pelo caminho de laje, ignorando o ponto em que se ramificava em direção ao grande pátio nos fundos da casa. Bailey

estava logo atrás dele, olhando de um lado para o outro.

— Parece uma boa propagação, — comentou ela.
— Eu me pergunto por que os anciãos colocam você na vinícola em vez de aqui fora.

— Eu não sei, — ele respondeu, e realmente, ele não sabia. Esta casa era grande e bem equipada; ele sabia disso, porque o explorara depois de tropeçar na propriedade enquanto explorava o campo um dia. Talvez ele tivesse sido alojado na vinícola para poder se tornar seu zelador - e garantir que a comunidade djinn nunca ficasse sem vinho. Por que aquela vinícola em particular, ele não fazia ideia, embora supusesse que a presença do edifício do castelo tivesse algo a ver com isso.

Bailey sorriu. — Esses anciões misteriosos.

Tudo o que Nasim pôde fazer foi encolher os ombros. Suas mentes muitas vezes eram misteriosas, e foi por isso que ele tentou não perder muito tempo intrigando-as.

De qualquer forma, não era algo com que se preocupar agora, não quando o destino deles estava quase chegando. Havia o pequeno bosque de árvores e o cobertor que ele queria espalhar na grama, e a cesta de piquenique de vime esperando por eles.

— Bem, isso é conveniente, — disse ela.

— Parecia mais simples do que carregar todo o caminho do carro.

— Verdade.

Os dois foram se acomodar no cobertor e, em seguida, Nasim se ocupou em retirar toda a comida que ele pensava que seria um bom piquenique - uma bandeja de linguiça fatiada e presunto, outra bandeja de vários queijos, uvas, um longo pão. de pão duro. E, claro, uma garrafa de vinho, um pouco mais do rose seco da vinha, que combinaria bem com a comida e seria refrescante em um dia quente.

Bailey observou enquanto ele expunha tudo. — Você definitivamente planejou com antecedência, não foi? Isso parece ótimo.

— Espero que você goste.

Os olhos dela encontraram os dele, quentes, aprovando. — Até agora, gostei de tudo o que você fez por mim.

Ela estava tão perto, sua boca tão convidativa. Nasim inclinou-se para ela, beijou-a, provou-a. Eles se inclinaram um para o outro - mas então ela se afastou um pouco com um movimento da cabeça.

— Se continuarmos, vamos esmagar toda essa comida.

Isso era verdade. Bem, eles poderiam manter o pensamento e acompanhar mais tarde.

— Você está certo. Deveríamos comer, suponho.
—

A luz do sol dançava em seus olhos azuis enquanto ela sorria para ele. — É por isso que viemos aqui, certo?

— Certo, — disse ele, embora a palavra soasse um pouco estrangulada até para ele. Naquele momento em particular, ele estava questionando sua decisão de adiar mais intimidades até depois que eles comessem. Seu corpo palpitava com a necessidade dela e, de

repente, os vários momentos em que fizeram amor na noite anterior pareciam ter acontecido há muito tempo. Ele limpou a garganta. — Deixe-me servir um pouco de vinho.

Bailey apenas assentiu, permanecendo em silêncio enquanto desarrolhou o rose e encheu os dois copos. Depois que ele foi detido e colocou a garrafa de volta na cesta de piquenique, ela levantou o copo e disse: — Para um dia ensolarado. —

Ele definitivamente poderia beber com isso. E ele sabia que era tudo mais ensolarado porque ela estava nela.

Beberam e ficaram calados por um tempo, enquanto provavam o pão na bandeja. Quando voltaram a falar, o assunto era irrelevante - como ele encontrara essa propriedade enquanto se familiarizava com os arredores da vinícola, como começara a estudar a produção de vinho durante o inverno, quando pouco tinha a ver com o tempo. Bailey falou um pouco das estratégias que ela usou

durante o mesmo tempo, mantendo-se viva enquanto os djinn a caçavam no centro de Los Angeles.

— Receio que meu inverno tenha sido mais feliz do que o seu, — disse Nasim, enquanto servia mais vinho.

O comentário provocou um levantamento resignado de seus ombros. — Talvez. Mas ... foi meio emocionante ao mesmo tempo. Pelo menos eu não estava entediada com muita frequência. —

Não, ele supôs que ela não estava. Seria difícil ficar entediado quando a qualquer momento você pudesse se ver perseguido por inimigos implacáveis.

Ele a observou quando ela estendeu a mão e pegou um pequeno quadrado de queijo cheddar branco e o colocou na boca. Assim que eles saíram do carro, ela removeu o cachecol e os cabelos caíam sobre os ombros como uma glória de sóis dispersos.

Naquele momento, ele sentiu uma onda de carinho tão forte que quase o deixou sem fôlego. Ele queria que as coisas permanecessem como estavam agora - com ele e Bailey juntos, apreciando a beleza

desta terra que era sua nova casa. Ele queria que fosse sua casa também, agora e para sempre. Por que ele deveria lutar contra essa atração, uma que se tornara amor tão sutilmente, que ele nem sabia ao certo quando isso aconteceu?

Certamente, depois de fazer amor com ela na noite anterior, ele sabia que nunca queria segurar outra mulher em seus braços.

De alguma forma, sentindo o olhar dele, ela olhou para ele, a expressão subitamente confusa e talvez um pouco cautelosa. — O que é isso?

— Eu só estava pensando.

De boca aberta, ela disse: — Isso pode ser perigoso. —

Mais do que você imagina, ele pensou. Com a voz baixa, ele disse a ela: — Quero que você seja minha Escolhida. —

De repente, Bailey ficou imóvel, como um animal selvagem que de repente percebeu que havia sido avistado por um caçador. — Nós já conversamos sobre isso, — disse ela, com o tom calmo.

— Um pouco. Insuficiente.

Ela ficou em silêncio por um momento. — Não sei mais o que discutir. É uma loucura pensar que poderíamos nos comprometer com algo assim quando mal nos conhecemos.

— Passamos quase uma semana constantemente na companhia um do outro. Eu não diria que 'difícilmente nos conhecemos'.

Outra pausa. Seus dedos puxaram o pano pesado em que estavam sentados. — Nasim ... isso é pedir muito para mim.

— É isso?— Quando ela não respondeu de imediato, ele continuou. — Agora mesmo, quando tentei deixar você ir embora... não consegui. Não quero que esse dia chegue - e não precisa chegar. Não se você concordar em ser minha escolhida. Claro que não posso forçá-la a fazer uma coisa dessas. Mas, por favor, pense antes de dizer mais alguma coisa. —

Abruptamente, ela se levantou da manta de piquenique e afastou-se algumas páginas, ficou na beira da água e olhou para o outro lado do lago. O

vento atingiu seus cabelos, fazendo-os brilhar à luz do sol como fios do ouro mais puro.

De alguma forma, Nasim sabia que deveria permanecer onde estava. Ele precisava dar a ela o pouco espaço que pudesse, para que ela pensasse sobre sua proposta. Se ela dissesse não -

Ele ficou sem fôlego com o pensamento de perdê-la, mas ele sabia que se faria respeitar a decisão dela. Mais do que isso, ele a veria com segurança em Los Alamos, se era isso que ela desejava. Ele devia a ela que, pelo presente que ela lhe dera de sua afeição, mesmo que ela não visse essa afeição durando para sempre.

O tempo passou, talvez alguns minutos, talvez muitos mais. Ele estava tão tenso que não se permitiu olhar para o céu, para medir a passagem do sol. Por fim, ela se virou para ele. Suas feições estavam bastante imóveis, e então ele não podia começar a adivinhar o que poderia estar acontecendo em sua mente naquele momento.

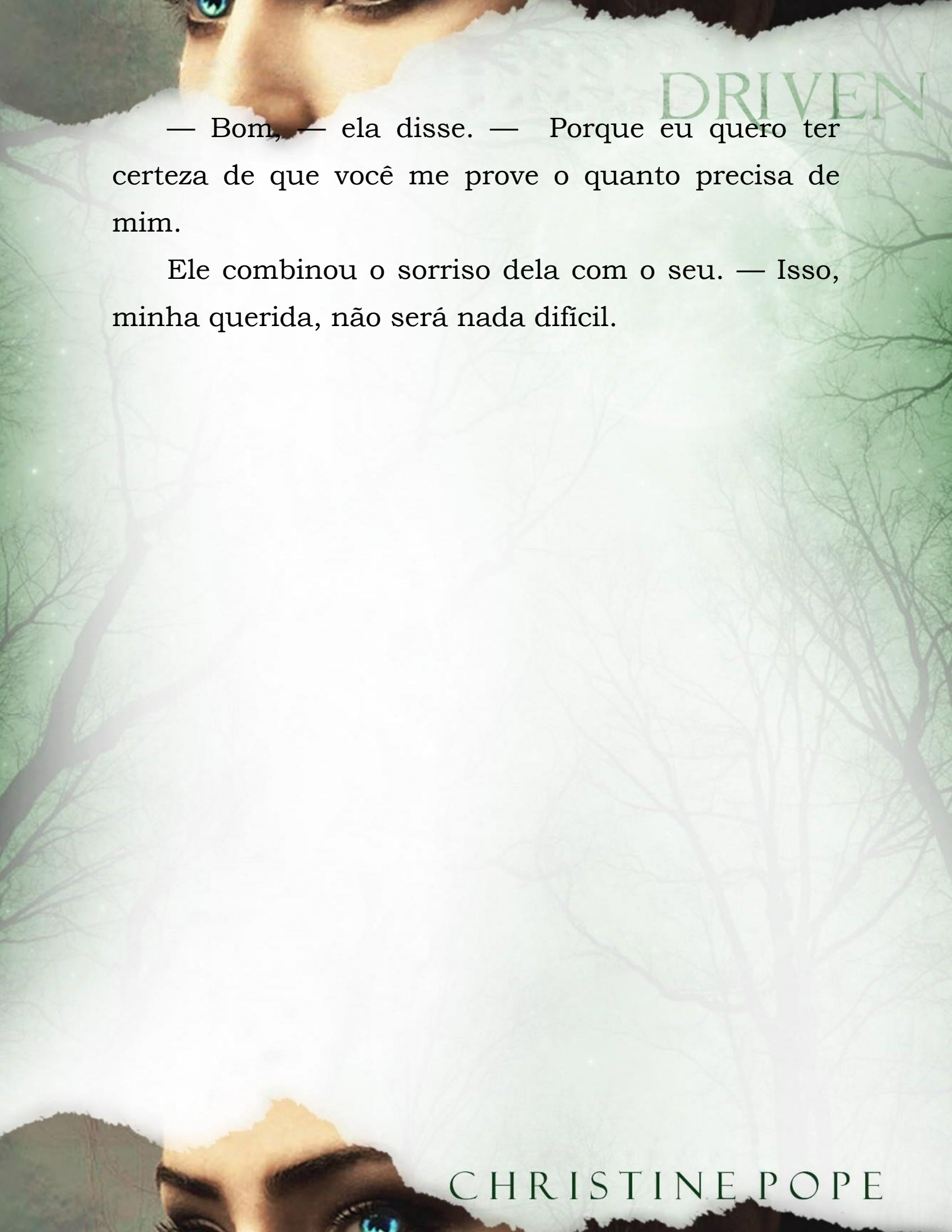
Então ela deu um passo à frente, e outro, e outro, e de repente ela estava nos braços dele, beijando-o, os dedos emaranhados nos cabelos dele. Quando finalmente eles se separaram, ela olhou nos olhos dele, o sorriso mais bonito que ele já viu tocando seus lábios.

— Sim, — ela disse. — Principalmente porque eu continuava tentando imaginar como seria minha vida sem você, e eu não podia. Eu não quero ir para o Novo México. A Califórnia é minha casa... e agora você também é minha casa. —

— Como você é minha, — respondeu Nasim. Ele respirou fundo, depois disse as palavras que a fariam dele para sempre. — Bailey O'Keefe, você é minha Escolhida, e minha proteção é dada a você.

— Tão formal, — comentou ela, os olhos dançando.

— Eu tive que declarar minha intenção ao universo, — ele disse a ela. — Mas agora, eu gostaria muito de levá-lo para nossa casa.



DRIVEN

— Bom, — ela disse. — Porque eu quero ter certeza de que você me prove o quanto precisa de mim.

Ele combinou o sorriso dela com o seu. — Isso, minha querida, não será nada difícil.

CHRISTINE POPE

Provavelmente isso foi loucura. Não, Bailey sabia que era *definitivamente* uma loucura e, no entanto, não conseguia evitar sentir-se delirantemente feliz com o que acabara de acontecer. Ela não teria que se despedir de Nasim. Eles poderiam ficar juntos para sempre.

Dito assim, toda a perspectiva parecia um pouco assustadora. Mas ela não precisava pensar em termos de química. Ela conseguia pensar em dias como o que eles compartilhavam agora, curtindo a companhia um do outro, planejando refeições, dirigindo, explorando e aprendendo o que significava cuidar da propriedade maravilhosa que lhe fora dada. Isso fez com que tudo parecesse muito mais gerenciável.

Eles terminaram a refeição do piquenique, brindando um ao outro com rose, trocando pedaços de queijo e carne do tamanho de uma mordida, colocando uvas na boca um do outro. Talvez eles estivessem sendo tolos, mas ninguém estava por

perto para ver, então por que não? Francamente, depois de tudo o que ela sofreu e viu desde que o Heat varreu o mundo, ela pensou que poderia usar um pouco de tolice.

Por fim, porém, eles terminaram e guardaram os restos do almoço tardio e voltaram para o carro. Como prometido, Bailey entregou a chave para Nasim.

— Aqui está, — disse ela. — É um passeio agradável.

— Mas você prefere o seu Porsche, — ele respondeu, os olhos enrugando um pouco nos cantos enquanto sorria.

— Eu faço. Você pode me culpar?

— Na verdade, não, exceto que não é um conversível.

Ela tinha que admitir que mesmo um teto solar não era um substituto para uma verdadeira capota conversível. — Bem, não é como se eu estivesse pedindo para você se livrar deste carro. Mas se você pudesse trazer meu Porsche aqui em cima.

— É claro, — disse Nasim, embora houvesse uma certa hesitação logo antes de sua reposição, uma que ela não conseguiu entender.

— Isso não será um problema, será?

— Não. Felizmente, há todo esse estacionamento coberto atrás do castelo, para que possamos ter uma frota, se assim o desejarmos.

Uma frota de carros. Bailey tinha lido sobre esse tipo de coisa, mas em um milhão de anos ela esperaria acabar com uma dúzia de carros exóticos de padeiro para brincar. Por outro lado, ela nunca teria esperado se apaixonar por um djinn também.

Às vezes a vida pode ser muito estranha.

Entraram no conversível vermelho e Bailey pegou o cachecol, que ela amarrava em volta do pulso por segurança, e o puxou por cima da cabeça, amarrando as pontas dos cabelos. Depois, recostou-se no banco e observou Nasim girar o carro e apontá-lo de volta para a propriedade de Montelena.

Foi divertido vê-lo dirigir, ver o vento bater em seus cabelos. Seu perfil era fino e afiado no cenário

de árvores que passavam. No momento, ele não estava dirigindo com nenhuma pressa em particular, deixando o carro ditar sua velocidade. Um estava no volante, o outro estava no câmbio de marchas, embora o Spider fosse automático e ele realmente não precisasse fazer nenhuma mudança. Tudo bem; ela ainda gostava de olhar aquelas mãos, a pele bronzeada e os dedos fortes. Ela lembrou como aqueles dedos a tocaram, acariciaram na noite anterior e uma onda de calor percorreu seu corpo. No momento, ela estava se sentindo agradavelmente excitada e não muito cheia, e achou que seria bom se eles voltassem e passassem o resto da tarde em momentos de lazer.

Ame. Tudo bem deixar essa palavra ecoar em sua mente, colorir todas as suas interações com o homem que dirigia o pequeno carro esportivo com tanta habilidade. Ela o amava. Chega de se esconder atrás de frases fracas, como — ter sentimentos por— ou — se preocupar com. — Bailey amava Nasim, ponto final. E isso foi um milagre em si.

Ele levantou a mão direita da alavanca de câmbio e a colocou em cima da esquerda dela, onde estava apoiada no assento. — Você está feliz com isso?

— Muito feliz, — ela respondeu. Na verdade, ele tinha certeza de que ela nunca fora tão feliz ou relaxada. Era como se ela reconhecesse o destino planejado para ela e estivesse disposta a segui-lo. Isso não era muito parecido com o velho Bailey, mas era possível que ela só tivesse chegado a esse lugar, atravessando todos os problemas e provas que a trouxeram aqui. — De fato, quando chegarmos em casa, vou mostrar exatamente o quão feliz isso me deixou.

Ele sorriu, apesar de manter os olhos na estrada, já que eles agora estavam viajando por uma seção particularmente sinuosa da estrada rural. — Acho que parece uma ideia maravilhosa.

É bom saber que eles estavam na mesma página. Ela ajustou o cachecol, que começara a deslizar para trás em sua cabeça, e observou as árvores passarem, em pequenas pistas e estradas secretas que levavam

a quem sabe onde. Em algum momento, ela descobriria, ela supunha; seria bom explorar a área ainda mais, embora parecesse uma boa ideia usar um veículo com tração nas quatro rodas em algumas dessas pistas.

Não que isso seria um problema. Nasim poderia convocá-los um jipe ou um Range Rover para adicionar ao seu — estábulo — planejado de veículos.

Eles viraram a pista que levava à vinícola. Quando eles contornaram a curva final e o chateau finalmente estava claramente visível, ela percebeu que alguém estava em pé na frente da grande porta em arco da entrada do andar inferior. Alguém alto, vestindo djinn, todo de preto.

Ao mesmo tempo, Nasim ficou tenso, e ela pensou ter ouvido ele murmurar: — Droga!, — sob sua respiração.

— Quem é aquele? — ela perguntou, o corpo já inundado de hormônios de luta ou fuga. Sua mão direita repousava sobre a maçaneta da porta, mesmo

que eles ainda não tivessem parado. — Os exterminadores nos encontraram?

— Não, — ele respondeu imediatamente. Ele diminuiu a velocidade e parou o carro. — Esse é Idris, um dos mais velhos.

Bem, isso não foi tão ruim. Ele provavelmente veio aqui para ler Nasim, o ato de revolta por ter sido abalado com um humano, mas desde que ela agora era sua Escolhida, esse Idris iria descobrir que ele veio até aqui por nada.

O ancião não foi ao carro, mas esperou que Nasim e Bailey saíssem e se aproximassem da porta da frente do castelo. Quando ela se aproximou, Bailey pôde ver que esse djinn poderia ser um ancião, mas ele não parecia tão velho, talvez com pouco mais de trinta anos. Ele era bonito como todos os djinn, com cabelos pretos que caíam sobre os ombros e olhos escuros para combinar.

Aqueles olhos se estreitaram levemente quando Bailey e Nasim ficaram a um pé de distância deles. No entanto, ele não teve a chance de falar primeiro,

porque Nasim apareceu, dizendo: — Bem, Idris. O que podemos fazer por você hoje?

A boca de Idris se comprimiu um pouco. Quando ele falou, sua voz era profunda e suave, embora Bailey pensasse que ela ainda podia detectar um sinal de irritação nela. — É mais o que você pode fazer por mim, Nasim al-Jibril. Você gostaria de explicar por que você trouxe essa mulher mortal para sua propriedade?.

— Claro, — respondeu Nasim. Ele estava sorrindo e parecia à vontade, apesar do visitante inesperado, mas Bailey estava perto o suficiente para saber que ele não estava tão relaxado quanto queria que aqueles ao seu redor acreditassem. Havia uma certa tensão em seu corpo que ela não conseguia explicar. Afinal, ela era sua Escolhida agora, então tudo deve ser kosher, certo? — Esta é Bailey O'Keefe, e ela acabou de concordar em se tornar minha Escolhida.

— Parabéns, — disse Idris. — Estou contente de ouvir isso.— Não havia nada em seu tom ou expressão para indicar que ele estava particularmente

feliz por eles. Ele continuou. — Estou certo de que não precisarei castigá-lo sobre esse assunto em particular, Nasim, mas você sabe que não pode ficar aqui com ela.

O que? Bailey olhou para Nasim, viu preocupação, mas nenhuma surpresa real em sua expressão. Cruzando os braços, ela disse: — Por que não podemos ficar aqui? Essas são suas terras, não são suas?

O olhar do ancião se voltou para ela por um segundo e depois voltou para Nasim. — Você não explicou isso para ela?

— Não, ainda não tive a oportunidade de contar a ela todas as implicações de se tornar minha parceira. Ela só concordou em se tornar minha escolhida esta tarde.

— O que você não explicou?— Exigiu Bailey, com as mãos nos quadris. Claramente, Nasim estava escondendo algo dela, e ela não estava muito feliz com isso no momento. No entanto, ela também sabia que provavelmente não era uma boa ideia começar a

discutir na frente de Idris. Por mais difícil que fosse, ela se fez esperar que ele explicasse seu raciocínio.

Foi Idris quem respondeu, no entanto. — Djinn e seus Escolhidos vivem separados do resto do nosso povo, em seus próprios assentamentos. A pessoa mais próxima dela é em Monterey, mas não é necessário que você vá até lá, apenas se junte a uma das comunidades da Califórnia

Ela olhou para ele, irritação surgindo através dela. Não que ela tivesse algo contra Monterey - ela nunca esteve lá -, mas o mero fato de que esse alto e poderoso ancião estivesse ditando onde ela e Nasim poderiam morar realmente rachavam a bunda. — Por quê?

Idris franziu a testa, mas foi Nasim quem respondeu. — Porque foi o que foi combinado. Muitos djinn queriam que toda a humanidade fosse exterminada, mas aqueles que selecionaram Escolhidos disseram que viveriam separados para que o resto dos djinn não tivesse nada a ver com eles.

— Foi muito gentil da sua parte me contar sobre isso, — ela retrucou, sabendo que já estava ignorando seu próprio conselho para manter a calma.

— Eu teria, — disse ele, seu tom apaziguador. — Eu simplesmente não tinha chegado a isso.

— Você sabe agora, — disse Idris. — E isso significa que você deve fazer planos para deixar este lugar.

— E se eu não quiser?

Nasim colocou a mão no braço dela. — Bailey -

Ela não soltou o braço dele, mas ignorou o pedido dele. — Não, Nasim. Quero que Idris me diga exatamente por que não podemos ficar em casa que ele e os outros dois anciãos lhe deram em primeiro lugar.

O ancião franziu o cenho para ela. Ele era muito alto, mais alto que Nasim. — Porque, como seu amante lhe disse, foi isso que foi combinado.

Não havia nada que ela odiasse mais do que lhe dissessem que algo sempre fora feito de uma maneira particular, como se o precedente fosse o tudo, o fim

de todo o universo. — Bem, *eu* não concordei com isso. Quem vai cuidar das videiras aqui?.

— Isso não é da sua conta.

— Na verdade é. Se você continuar bebendo vinho a um valor próximo ao que vi Nasim beber, o mundo estará enfrentando uma escassez real, não muito longe. E se ninguém está produzindo vinho novo, o que acontece?.

Poderia ter sido um truque da luz do sol, do jeito que dançava através das folhas das árvores que cercavam o castelo, mas Bailey quase pensou que viu a boca de Idris se torcer. — A sua não é a única vinha que foi entregue aos cuidados de um djinn.

— Ainda assim, — disse ela. — Qual é o mal em ficar aqui? E não diga que não é seguro ou alguma outra besteira - eu sei que Nasim pode nos proteger muito bem.

— Bailey — Agora a expressão de Nasim estava realmente tensa. Ele provavelmente não podia acreditar que ela estava conversando com um dos mais velhos dessa maneira, mas naquele momento

ela simplesmente não se importava. Ela se permitiu começar a pensar na vinha como lar, começar a se perguntar sobre como seria sua vida aqui, e estava condenada se algum maldito ancião djinn aparecesse do nada e começasse a ditar onde poderia viver.

— Isso é parte do motivo, — disse Idris. — Embora a punição por levantar a mão contra o escolhido de um djinn seja severa, não posso prometer que alguém não pode tentar, uma vez que eles sabem que vocês dois estão morando aqui sozinhos sem a proteção de uma comunidade. —

— Você também não pode prometer que alguém o fará, — ela respondeu. — Parece estúpido nos fazer deixar tudo isso, apenas por acaso que algum djinn desonesto levará uma abelha na bunda e virá aqui para causar problemas.

Sim, isso era definitivamente um sorriso na boca larga e de alguma forma sensual do ancião. Seu olhar se voltou para Nasim. — Seu Escolhido tem uma... virada de frase colorida.

O que ela supunha ser a maneira educada de dizer que não parecia dar a mínima para quem estava falando.

Nasim sorriu também, embora um pouco tristemente. — Ela é uma mulher que fala o que pensa, e eu a amo por isso.

Era justo um comentário tão simples fazê-la sentir como se estivesse derretendo por dentro? Sua irritação desapareceu, substituída por seu próprio amor por esse homem, esse djinn, que obviamente não sentia que havia necessidade de desculpar-se por ela, não importa como ela deveria estar falando com um ancião.

Ela estendeu a mão e pegou a mão de Nasim, sentindo os fortes dedos dele apertarem os dela. — Sim, estou falando o que penso. Você me deu desculpas, mas não muitas razões reais. Quem se importa se Nasim e eu moramos aqui juntos sozinhos? Não estamos machucando ninguém. Nós realmente estaremos fazendo algo de bom.

Mais uma vez, os lábios de Idris se contraíram. —

Existem vinhedos fora de Monterey, você sabe.

— Mas eles não são *este* vinhedo.

— Não, eles não são.— O ancião fez uma pausa e virou-se um pouco para poder examinar o impressionante edifício de pedra atrás dele. — É um lugar magnífico, eu garanto.

— Bem, então, — Nasim acrescentou. — Você sabe que Bailey tem o direito disso. Não vamos prejudicar aqui. O mundo é amplo, e este é apenas um pequeno canto dele. Ninguém virá nos procurar neste lugar.

— Você não pode saber disso com certeza.

— É um risco que estamos dispostos a correr.— Nasim olhou para ela, seus dedos dando-lhe um aperto tranquilizador. — Não estamos?

— Sim, — disse ela com firmeza, olhando diretamente para Idris. — Não que eu ache muito arriscado.

O ancião encolheu os ombros, a seda preta de suas vestes brilhando ao sol brilhante. — Muito bem.

Suponho que pensarei em alguma maneira de explicar isso a Ibram e Istar.

As sobrancelhas de Nasim se juntaram. Parecia bastante óbvio que ele não estava muito emocionado com o comentário de Idris. — Eles não vão tentar anular sua decisão, vão?

Um dardo de medo passou por Bailey. Ela nem tinha pensado nisso. Idris tinha autoridade para tomar uma decisão unilateral sobre o destino dela e de Nasim?

— Não— - respondeu Idris, e imediatamente Bailey relaxou um pouco. — Eles confiarão no meu julgamento sobre este assunto.— Seu olhar sombrio varreu os dois e acrescentou: — Não cometa esse erro.

Antes que eles pudessem responder, ele desapareceu, dando aquele *estalo* estranho que sempre parecia acompanhar a partida de um djinn. Por um segundo, Bailey só pôde olhar para o lugar onde Idris estivera. Ele realmente disse que estava tudo bem para ela e Nasim ficarem aqui?

— Sinto muito, Bailey, — disse Nasim. Para ser justo, ele realmente parecia contrito. — Eu ia explicar tudo isso para você. Eu apenas pensei que teríamos mais tempo.

— Está tudo bem, — ela respondeu. Ela se mexeu para encará-lo e então estendeu a mão para pegar a outra mão, agora segurando os dois, dedos entrelaçados. — Quero dizer, tudo deu certo no final.

— Suponho que sim.— Ele olhou para longe dela, seu olhar parecendo observar o ambiente deles. — E você não está preocupado em ficar aqui sem nenhum outro djinn por perto para nos proteger?

— Claro que não estou preocupada.— Essa era apenas a verdade; como ele dissera a Idris, o mundo era um grande lugar, e ela duvidava que qualquer outro djinn se esforçasse para localizá-los aqui, especialmente quando a punição por isso soasse como se fosse muito desagradável. — Você está?

— Nem um pouco, — disse ele, tão rapidamente que ela sabia que ele estava dizendo a verdade. — Tenho certeza de que seremos deixados aqui em paz.

— Boa. — Esse pequeno encontro com Idris apenas adiou o restante das atividades da tarde; agora que Bailey sabia que eles estariam a salvo, seriam deixados em paz, ela queria negociar todo esse acordo com Nasim. Sim, ele disse aquelas palavras formais de volta ao lago, disse que anunciar suas intenções era tudo o que ele precisava fazer, mas ela estava pensando em algo um pouco mais físico. — Isso significa que você pode nos piscar para o seu quarto, para que possamos trabalhar um pouco desse almoço.

Ele não respondeu, apenas a puxou para ele, beijando-a, a língua explorando sua boca. No instante seguinte, eles estavam no andar de cima da cama, peças de roupa sendo jogadas para um lado e para o outro, todas aquelas barreiras levantadas para que seus corpos pudessem encontrar mais uma vez uma onda de sexo rápido, furioso, duro e exatamente o que era necessário naquele momento. Ela se agarrou a ele, estremecendo com o clímax, o sentiu gozar também. Sim foi isso.

Eles realmente selaram o acordo.

Depois, ficaram deitados na cama, abraçados, os dedos brincando distraidamente com os cabelos soltos dela. De repente, porém, ele se sentou e a encarou enquanto um sorriso perverso brincava nos cantos da boca.

— Isso foi incrível, meu amor, — disse ele. — Mas eu estava pensando em outra coisa que poderíamos fazer.

— O que?— Bailey perguntou, levantando-se dos travesseiros. Quando Nasim sorriu assim, você sabia que ele estava tramando algo.

Do nada, um par de porta-chaves apareceu em sua mão estendida. Ainda sorrindo, ele perguntou:

— Não quer correr?

Fim